



# UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

AS ESCOLHAS, MOTIVAÇÕES E REPRESENTAÇÕES DOS ALUNOS  
DA LICENCIATURA EM SERVIÇO SOCIAL

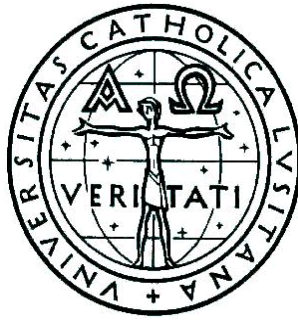
Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa  
para obtenção do grau de mestre em Serviço Social,  
na especialização de Acompanhamento Social e Inserção

Por

Patrícia Isabel Ferreira Leitão

Faculdade de Ciências Humanas

Setembro de 2013



# UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

AS ESCOLHAS, MOTIVAÇÕES E REPRESENTAÇÕES DOS ALUNOS  
DA LICENCIATURA EM SERVIÇO SOCIAL

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa  
para obtenção do grau de mestre em Serviço Social,  
na especialização de Acompanhamento Social e Inserção

Por

Patrícia Isabel Ferreira Leitão

Faculdade de Ciências Humanas

Sob orientação de  
Professora Doutora Isabel de Freitas Vieira

Setembro de 2013

Aos que optaram por Serviços Social e aos estudantes de Serviço Social  
desejo uma boa viagem, pelo Serviço Social, de conhecimento e  
descoberta.

## **Agradecimentos**

Quando escolhi a Licenciatura em Serviço Social, na FCH-UCP, foi a minha única escolha de acesso ao ensino superior.

Esta investigação permitiu-me refletir sobre o que de facto me trouxe para este caminho. Durante o curso não tive dúvidas de que queria ser Assistente Social, o meu processo de orientação vocacional não teve este resultado, mas proporcionou-me a reflexão do que eu queria para a minha vida profissional.

Em primeiro lugar queria agradecer, aos professores de SS que conheci na Licenciatura e Mestrado. À professora Ana Oliveira que me ensinou que é necessário desconstruir os meus próprios preconceitos; à professora Inês Amaro pelo papel que desempenha na investigação na área do Serviço Social, tão importante para a nossa profissão; ao professor Francisco Branco pela mesma razão.

Aos meus pais por financiarem o meu sonho, que apesar de não concordarem com todas as minhas escolhas académicas, sempre respeitaram as minhas decisões e isso foi o mais importante que me ensinaram, o respeito pelo outro, a liberdade na escolha, uma mente livre e sem preconceitos.

Aos participantes nesta investigação, pelas conversas que tivemos, tão enriquecedoras, pela descoberta de outros temas interessantes para refletir e discutir; professores e colegas de Serviço Social, Técnicos de Orientação Vocacional e ainda um agradecimento à Professora Margarida Abreu.

A João Lacerda Costa, em inglês.

A A. Branco, o meu melhor amigo, por toda ajuda que me deu, mas principalmente por estar sempre ao meu lado.

À Divisão de Intervenção Social de Torres Novas por acolher uma colega em processo final de conclusão da dissertação de mestrado.

À professora Isabel Vieira pelos momentos cruciais em que estive presente na minha vida académico, por mais este momento de partilha e dedicação em assumir o compromisso de orientação, que acredito nem sempre ter sido fácil e por me fazer acreditar em utopias, naqueles momentos em que precisamos de nos agarrar às coisas mais puras para enfrentar adversidades que podem ser verdadeiramente reais.

Tudo de bom! (aprendi consigo Professora)

## **Resumo**

A presente dissertação de mestrado pretende reabrir uma discussão em torno das motivações que marcam a escolha da Licenciatura em Serviço Social, identificando-as através de valores éticos, políticos, sociais, profissionais, ou de outra natureza. Questiona-se assim, a existência de uma vocação para a profissão de Assistente Social.

O quadro teórico fundamenta-se em três eixos de investigação: as culturas juvenis; as motivações e representações dos jovens que optam por Serviço Social e a existência, ou não, de uma vocação; as especificidades da identidade profissional do Assistente Social.

Constituiu-se um universo de análise correspondente a 83 alunos inscritos, no 1.º, 2.º, 3.º e 4.º ano, do curso de Licenciatura em Serviço Social, da Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Católica Portuguesa – Lisboa, no ano letivo de 2012-2013. Como informantes privilegiados, que forneceram dados cruciais para este estudo, temos os professores de Serviço Social da FCH-UCP Lisboa, por considerarmos que estes têm um contacto de maior proximidade com os alunos, podendo assim identificar as suas motivações e o seu perfil. Pareceu-nos também importante ouvir a opinião e aprender sobre a experiência de Orientação Vocacional, entrevistando os psicólogos que exercem esta atividade no ensino secundário. Tendo tido acesso a dois questionários de caracterização diagnóstica, com informação relevante sobre os alunos do 1.º ano da Licenciatura em SS, da FCH-UCP, no ano letivo de 2000-2001, trataram-se estes dados para uma análise comparativa das escolhas dos jovens.

As motivações que levam os jovens a escolher o curso de Serviço Social estão ligadas a uma experiência anterior associada à profissão ou ao seu campo de atuação, o contacto com situações sociais de pobreza e sofrimento, a vontade de ajudar outros e poder intervir na sociedade, a identificação da assistência e da intervenção social como projeto de vida e modo de realização pessoal. As representações que os alunos têm do Serviço Social estão associadas a, um saber disciplinar (conhecimentos científicos teóricos e práticos); prestação de serviços de assistência e ação social; realização da ajuda a outros (concretização de princípios e valores morais e éticos); um corpo profissional que realiza a mediação entre Estado e cidadãos; uma ação política de intervenção na sociedade para promoção do bem-estar individual e coletivo.

**Palavras-chave:** Serviço Social, Culturas Juvenis, Vocação, Representações e Motivações, Identidade do Assistente Social

## **Abstract**

The following master's degree dissertation has the purpose of reopening a discussion about the motivations that lead to the choice of the Social Work undergraduate degree, identifying them through ethic, political, social and professional values, or from other sources. The topic at hand is therefore, if there is a vocation towards being a Social Worker.

The theoretical framework is based on three main topics of investigation: the juvenile cultures; the motivations and representations of young people who opt for Social Work and the existence, or nonexistence, of a vocation; the specificities of the professional identity of the Social Worker.

A sampling was created in order to found this analysis, which is composed of 83 students that are enrolled in the 1st, 2nd, 3rd and 4th years of the undergraduate degree in Social Work, in the Faculty of Social Sciences and Humanities, of the *Universidade Católica Portuguesa – Lisboa*, in the academic year of 2012-2013. As privileged informants, we have our professors of Social Work in the *FCH-UCP Lisboa* that have provided us with pivotal data for this study case, because we consider them to be close to their students, which makes them able to better identify their motivations and their profile. It also seemed important to interview some psychologists that practice their profession in high schools, in order to take into account their opinions and learn from their experience regarding Vocational Orientation. The processing of the data enabled us to compare the choices of the young students. This data was gathered from two surveys with relevant information regarding the 1st year students of the undergraduate degree of Social Work, in the academic year of 2000-2001.

The motivations that lead young people into choosing to take the Social Work course are tied to a previous experience that is related to the profession or its field of professional action, the contact with social issues like poverty and suffering, the will to help other people and to intervene in the society, the realization of social assistance and intervention as a life project and a way of personal fulfillment. The representations that students have of Social Work are tied to a disciplinary knowledge (scientific theoretical and practical knowledge); the provision of services of social assistance and action; helping others); that enables the mediation between the Government and the citizens; a political action that intervenes in the society in order to promote the individual and general welfare.

**Keywords:** Social Work, Juvenile Cultures, Vocation, Representations and Motivations, Social Worker Identity

## Índice

Introdução.....	17
<b>PARTE I – ESTUDO EMPÍRICO O CURSO DE LICENCIATURA EM SERVIÇO SOCIAL NA FCH-UCP .....</b>	<b>21</b>
<b>CAPÍTULO 1 O curso de Licenciatura em Serviço Social em Portugal – Escolas e Percursos de Formação .....</b>	<b>21</b>
1.1 Escolas e Percursos de formação .....	22
1.2 O Serviço Social como área disciplinar – teoria e prática, enquanto conhecimento e ação.....	34
<b>CAPÍTULO 2 A Licenciatura em Serviço Social na FCH-UCP.....</b>	<b>37</b>
2.1 A Universidade Católica Portuguesa de Lisboa.....	37
2.2 O Curso de Serviço Social na FCH –UCP.....	38
2.3 O processo de Bolonha e as alterações curriculares .....	42
2.4 Evolução do Plano Curricular do curso de Licenciatura em SS na FCH- UCP .....	44
<b>CAPÍTULO 3 Os alunos da Licenciatura em Serviço Social na FCH-UCP.....</b>	<b>46</b>
3.1 Perfil dos Novos alunos da FCH .....	46
<b>PARTE II – ENQUADRAMENTO TEÓRICO – REPRESENTAÇÕES E MOTIVAÇÕES DOS JOVENS PARA A ESCOLHA DA PROFISSÃO.....</b>	<b>48</b>
<b>CAPÍTULO 4 Culturas Juvenis, estratégias de inserção na vida ativa .....</b>	<b>48</b>
4.1 O conceito de Juventude e os marcadores de passagem .....	48
4.2 A Relação que os jovens têm com a escola .....	51
4.3 Jovens Universitários – Novos públicos do Ensino Superior em Portugal.....	55
4.4 Identidade, escolhas académicas e profissionais .....	55
4.5 Juventude a condição atual para a inserção na vida ativa.....	56

CAPÍTULO 5 Orientação Vocacional e expectativas dos jovens face à Profissão.....	60
5.1 Escolhas e Opções vocacionais.....	60
5.2 A Vocação: como um mito ou uma condição? .....	63
5.3 Motivações e Representações que influenciam as escolhas profissionais .....	65
CAPÍTULO 6 Profissão, Profissionalização e Identidade Profissional dos	
Assistentes Sociais.....	69
6.1 Quando falamos de profissão: como a definimos?.....	69
6.2 Trajetória e percurso de uma profissão, como o Serviço Social em	
Portugal.....	73
6.3 A Identidade Profissional, do Assistente Social .....	79
6.4 Novos desafios para o Serviço Social .....	81
PARTE III – ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO.....	84
CAPÍTULO 7 Desenho do Percurso de Pesquisa – escolhas metodológicas e	
construção duma amostra seletiva ou universo de análise .....	84
7.1 Justificação.....	84
7.2 Escolhas metodológicas .....	85
7.3 Formulação das questões de pesquisa.....	87
7.4 Construção e Caraterização do universo de análise .....	88
CAPÍTULO 8 Informantes privilegiados .....	94
8.1 Caracterização de outros informantes-chaves.....	95
8.2 A ética na investigação .....	102
8.3 Estudo de caso e triangulação .....	103
PARTE IV – PRINCIPAIS RESULTADOS DA PESQUISA.....	105
CAPÍTULO 9 Caracterização dos discentes da Licenciatura em Serviço Social,	
do ano letivo de 2000-2001 e 2012-2013 .....	107
9.1 Caracterização Demográfica dos alunos, do ano letivo de 2000-2001 e	
2012-2013.....	107

9.1.1 Caracterização dos alunos de 2000-2001, por género .....	107
9.1.2 Caracterização dos alunos de 2012-2013 por género e idade .....	108
9.1.3 Caracterização dos alunos de 2000-2001 por habilitações literárias .....	110
9.1.4 Caracterização dos alunos de 2012-2013 por habilitações literárias .....	112
9.1.5 Caracterização dos alunos de 2000-2001 por zona de residência.....	115
9.1.6 Caracterização dos alunos de 2012-2013 por zona de residência.....	115
9.2 Práticas Sociais e Grupos de Pertença dos alunos de 2000-2001 e 2012- 20013 .....	117
9.2.1 Autoimagem dos alunos de Serviço Social de 2000-2001.....	118
9.2.2 Atividades Sociais e Grupos de Pertença dos alunos de 2000-2001 .....	121
9.2.3 Práticas Sociais e Grupos de Pertença do grupo de alunos de 2012- 2013 .....	123
<b>CAPÍTULO 10 As escolhas, motivações e representações dos discentes da Licenciatura em Serviço Social, do ano letivo de 2000-2001 e 2012-2013 .....</b>	<b>127</b>
10.1 A representação sobre a UCP, dos discentes da Licenciatura em Serviço Social, no ano letivo de 2000-2001 e de 2012-2013 .....	127
10.1.1 A representação sobre a UCP dos discentes de 2000-2001 .....	127
10.2 A representação sobre o Serviço Social, dos discentes da Licenciatura em Serviço Social, no ano letivo de 2000-2001 e de 2012-2013 .....	135
10.2.1 A representação sobre o Serviço Social, discentes do ano letivo de 2000-2001 .....	135
10.2.2 A representação sobre o Serviço Social, discentes do ano letivo de 2012-2013.....	143
10.3 O que os alunos pensam sobre o que é Serviço Social no início e no final do primeiro ano da Licenciatura em Serviço Social, no ano letivo de 2000- 2001 .....	146
10.3.1 O que os alunos de 2000-2001 pensam sobre o que é Serviço Social, no início do ano lectivo .....	164
10.3.2 O que os alunos de 2000-2001 pensam sobre o que é Serviço Social, no final do ano lectivo .....	149
10.3.3 Expectativas dos alunos sobre o curso de Licenciatura em Serviço Social, no ano letivo de 2000-2001 .....	154

10.3.4 O que os alunos de 2000-2001 adquiriram com o curso de Serviço Social .....	159
10.4 Identificação quantitativa das motivações impulsionadoras para a opção da Licenciatura em SS, dos alunos do ano letivo de 2012-2013 .....	160
CAPÍTULO 11 Perfil dos alunos de serviço social através do olhar dos docentes de SS da FCH-UCP .....	163
11.1 Motivações pessoais dos docentes, para a sua própria escolha da Licenciatura em Serviço Social .....	163
11.2 Perfil dos alunos da Licenciatura em Serviço Social, na opinião dos docentes .....	166
11.3 A Vocação em SS e os alunos da Licenciatura da FCH-UCP .....	171
CAPÍTULO 12 O lugar do serviço social no processo de orientação vocacional.....	176
12.1 O Processo de Orientação Vocacional dos Jovens .....	176
12.2 Perfil de um jovem que escolhe Serviço Social, pelo olhar dos TOV .....	182
12.3 A existência de vocação para o Serviço Social, na visão dos TOV.....	183
12.3 Orientação vocacional como experiência pessoal dos docentes, enquanto antigos alunos, no processo de escolha de um curso/profissão .....	184
12.4 O processo de Orientação vocacional dos alunos da Licenciatura em Serviço Social, no ano letivo de 2012-2013 .....	186
PARTE V – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E RECOMENDAÇÕES .....	192
CAPITULO 13 Resultados Esperados/ Resultados obtidos .....	192
13.1 Que representações e motivações os alunos têm para a escolha da Licenciatura de Serviço Social? .....	192
13.2 Que expectativas têm os alunos da licenciatura de Serviço Social, em relação ao curso e à profissão de Serviço Social e de que modo estas são correspondidas ou não no final do curso? .....	193
13.3. Que tipos de abordagem, estes jovens tiveram sobre o que é o curso de Serviço Social, em que consiste e que saídas profissionais faculta? .....	194
Especificidades duma escolha por Serviço Social.....	195
13.4 As limitações da investigação .....	195

Conclusão.....	197
Bibliografia .....	201
Anexos (CD-ROM)	

## Índice de Quadros

### **Quadro n.º 1**

Plano de estudos de Serviço Social por dimensões programáticas, do ano de formação de 1935 25

### **Quadro n.º 2**

Representação da evolução do percurso formativo do curso de Serviço Social, nomeadamente no grau académico de Licenciatura, nos estabelecimentos superiores de ensino superior – 1996-1997 30

### **Quadro n.º 3**

Representação da evolução do percurso formativo do curso de Serviço Social, nomeadamente no grau académico de Licenciatura, nos estabelecimentos superiores de ensino superior – 2012-2013 31

### **Quadro n.º 4**

Representação da evolução do percurso formativo do curso de Serviço Social, nomeadamente no grau académico de Licenciatura (1.º Ciclo), nos estabelecimentos de ensino superior 32

### **Quadro n.º 5**

Síntese dos *Curricula* – 1996-1997 44

### **Quadro n.º 6**

Síntese dos *Curricula* – 2012-2013 44

### **Quadro n.º 7**

Principais indicadores da população desempregada e inativa - Portugal 54

### **Quadro n.º 8**

Caracterização do conceito de representação individual e coletiva, 66

### **Quadro n.º 9**

Representação de Motivações extrínsecas e Motivações intrínsecas 67

### **Quadro n.º 10**

Caraterização dos conceitos de profissão, profissionalismo e profissionalização 72

### **Quadro n.º 11**

Tipos de identidades associadas aos Assistentes Sociais 81

### **Quadro n.º 12**

Caraterização do género e idade dos alunos da Licenciatura em Serviço Social, 2012-2013	89
<b>Quadro n.º 13</b>	
Caraterização por ano curricular dos alunos da Licenciatura em Serviço Social, inscritos entre fevereiro a abril, em 2013	90
<b>Quadro n.º 14</b>	
Caracterização dos inquiridos género e idade dos alunos da Licenciatura em Serviço Social, 2012/2013	91
<b>Quadro n.º 15</b>	
Caracterização dos docentes de Serviço Social, entrevistados. Género, idade, formação e decência	95
<b>Quadro n.º 16</b>	
Caracterização dos Técnicos de Orientação Vocacional, por género, idade, formação e experiência profissional.	97
<b>Quadro n.º 17</b>	
Caraterização dos Discentes inscritos em SS, no ano letivo de 2000-2001, na FCH-UCP	99
<b>Quadro n.º 18</b>	
Caraterização dos Discentes por género e idade; questionário – 1.º semestre	99
<b>Quadro n.º 19</b>	
Caracterização dos Discentes por género e idade; questionário – 2.º semestre	100

## Índice de Gráficos

<b>Gráfico n.º 1</b>	101
Caracterização dos alunos por atividade profissional	
<b>Gráfico n.º 2</b>	108
Distribuição dos alunos por género	
<b>Gráfico n.º 3</b>	109
Distribuição dos alunos por grupos e classes de idades	
<b>Gráfico n.º 4</b>	110
Distribuição dos alunos segundo as habilitações literárias (2000-2001)	
<b>Gráfico n.º 5</b>	112
Distribuição dos alunos segundo as habilitações literárias (2012-2013)	
<b>Gráfico circular n.º 6</b>	113
Distribuição dos alunos que vieram de uma licenciatura anterior (2012-2013)	
<b>Gráfico n.º 7</b>	114
Distribuição dos alunos relativamente ao exame de candidatura (2012-2013)	
<b>Gráfico n.º 8</b>	115
Distribuição dos alunos relativamente à zona de residência (2000-2001)	
<b>Gráfico n.º 9</b>	116
Distribuição dos alunos relativamente à zona de residência (2012-2013)	
<b>Gráfico n.º 10</b>	117
Distribuição dos alunos relativamente à localidade de residência (2012-2013)	
<b>Gráfico n.º 11</b>	123
Distribuição dos alunos relativamente à participação em atividades sociais (2012-2013)	
<b>Gráfico n.º 12</b>	124
Distribuição dos alunos relativamente ao tipo de grupos de pertença (2012-2013)	
<b>Gráfico n.º 13</b>	125
Distribuição dos alunos relativamente à pertença a grupos de jovens (2012-2013)	

<b>Gráfico n.º 14</b>	
Distribuição dos alunos relativamente à escolha da UCP, 1.ª opção (2012-2013)	135
<b>Gráfico n.º 15</b>	
Distribuição dos alunos relativamente às motivações para a escolha do curso de Serviço Social (2012-2013)	160
<b>Gráfico circular n.º 16</b>	
Distribuição dos alunos relativamente à escolha de Serviço Social como 1.ª opção (2012-2013)	161
<b>Gráfico circular n.º 17</b>	
Distribuição dos alunos relativamente à escolha de outras áreas (2012-2013)	162
<b>Gráfico n.º 18</b>	
Distribuição dos alunos relativamente à realização de testes de orientação vocacional (2012-2013)	187
<b>Gráfico n.º 19</b>	
Distribuição dos alunos relativamente à participação em sessões de orientação vocacional (2012-2013)	187
<b>Gráfico n.º 20</b>	
Distribuição dos alunos relativamente ao ciclo de escolaridade em que tiveram orientação vocacional (dos alunos de 2012-2013)	188
<b>Gráfico n.º 21</b>	
Distribuição dos alunos relativamente ao acesso à orientação vocacional (2012-2013)	189
<b>Gráfico n.º 22</b>	
Distribuição dos alunos ao conhecimento do SS no seu processo de orientação vocacional (2012-2013)	190
<b>Gráfico n.º 23</b>	
Distribuição dos alunos relativamente ao surgimento de outra opção a par do SS (2012-2013)	191

## **Índice de Figuras**

### **Figura n.º 1**

Construção de um grupo profissional 72

### **Figura n.º 2**

Os critérios de escolha do curso e da profissão (Hipóteses identificadas) 87

## Índice de Siglas

<b>AS</b>	Assistente Social
<b>CESOP</b>	Centro de Estudos e Sondagens de Opinião
<b>ESCS</b>	Escola Superior de Comunicação Social
<b>FCH</b>	Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
<b>FCH</b>	Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
<b>FIAS</b>	Federação Internacional dos Assistente Sociais
<b>GADEP</b>	Gabinete de Avaliação e Desenvolvimento Profissional
<b>GPEARI</b>	Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação, Relações Internacionais
<b>IPSS</b>	Instituições Particulares de Solidariedade Social
<b>INE</b>	Instituto Nacional de Estatística
<b>IS</b>	Instituto Superior
<b>ISCTE</b>	Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa
<b>ISCSP</b>	Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas
<b>ISSSL</b>	Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa
<b>IFSW</b>	International Federation of Social Workers
<b>ISSS</b>	Instituto Superior de Serviço Social
<b>ISPA</b>	Instituto Superior de Psicologia Aplicada
<b>MCTES</b>	Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior
<b>ONG</b>	Organizações Não-governamentais
<b>PSS</b>	Professores de Serviço Social
<b>SS</b>	Serviço Social
<b>TOV</b>	Técnicos de Orientação Vocacional
<b>UCP</b>	Universidade Católica Portuguesa

## **Introdução**

O objeto deste estudo consiste na identificação das motivações que fundamentam as escolhas dos alunos da licenciatura em Serviço Social e tem como campo empírico o curso da Licenciatura de Serviço Social da FCH-UCP, correspondente ao ano letivo de 2012-2013. O universo de análise corresponde a 83 alunos inscritos.

A escolha do tema debruça-se sobre a discussão em volta da existência de uma vocação para ser Assistente Social. Este tema surgiu do culminar de diversos interesses, emergidos através de experiências vivenciadas pela investigadora. Caso exista uma vocação, importa saber se esta é relevante para a escolha do curso de Serviço Social, que tipos de vocação podem ser formulados de acordo com as diferentes motivações que levam os alunos a escolher a Licenciatura de Serviço Social. Pensamos poder, desta forma, identificar os diversos perfis de alunos através das suas escolhas. Colocamos como propostas: 1.º saber que motivações podem fundamentar uma vocação para o Serviço Social; 2.º Não havendo vocação, que outro tipo de interesses motiva esta escolha.

Pretende reabrir-se uma discussão em torno das motivações que marcam a escolha desta Licenciatura, identificando-as através de valores éticos, políticos, sociais, profissionais, ou de outra natureza. Esta discussão levou a investigadora a formular o respetivo tema a estudar na investigação, sendo este definido como, *As escolhas, motivações e representações dos alunos da Licenciatura em Serviço Social*.

O facto de não existirem muitos estudos académicos, divulgados, sobre esta temática, contribuiu também para a decisão sobre o estudo deste tema de investigação.

Este estudo suscitou interesse a nível pessoal, pois esta área académica é um grande desafio, pela oportunidade de desenvolver um trabalho com jovens estudantes sendo estes indivíduos que ainda se encontram numa fase de desenvolvimento, tornando a intervenção mais inovadora e mais produtiva. É relevante mencionar a importância do tema da investigação para o futuro profissional da investigadora. Espera-se que se abram portas para ampliar a atuação do Assistente Social na área de orientação vocacional nas escolas, sabendo o positivo contributo que o Serviço Social pode prestar no crescimento dos jovens, na sua orientação para a vida adulta, enquanto vida ativa.

Tendo como, principal objetivo contribuir para um maior conhecimento sobre o tema, ao nível dos seus fundamentos teóricos, referenciais metodológicos e campos de desenvolvimento da prática profissional, supomos que esta investigação pode proporcionar

novas formas de abordagem e uma maior abertura desta área aos alunos do secundário, nomeadamente na sua orientação vocacional. Pretende abrir-se uma reflexão sobre novas metodologias para o recrutamento de novos alunos, visto ser uma etapa de grande importância, relativamente aos seus percursos sociais e às suas escolhas académicas.

As nossas escolhas metodológicas recaem sobre uma abordagem compreensiva de acordo com as metodologias qualitativas. Realiza-se um tratamento holístico dos fenómenos, para encontrar particularidades, padrões e consistências. A investigação qualitativa é centrada na interpretação; não pretende explicar, mas sim compreender os factos observados e identificar as razões das escolhas dos atores.

Como universo de análise temos os alunos, do 1.º,2.º,3.º e 4.º ano, que frequentam o curso de Serviço Social, no ano letivo de 2012-2013 da Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Católica Portuguesa – Lisboa. Como informantes privilegiados, que poderão também fornecer dados cruciais para este estudo, temos os professores de Serviço Social da Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Católica Portuguesa – Lisboa, nomeadamente das cadeiras de Serviço Social, Observatório e Laboratório e Seminário de Estágio de 3.º ano de Licenciatura, por estes terem um contacto de maior proximidade com os alunos. Dentro da área das escolhas vocacionais, pareceu-nos importante ouvir a opinião e aprender sobre a experiência de Orientação Vocacional, entrevistando os psicólogos que exercem orientação vocacional no ensino secundário.

A recolha de dados junto dos discentes de Serviço Social realizou-se através de inquéritos por questionário (com perguntas mistas, abertas e fechadas), colocados online, em que o tratamento dos dados foi efetuado na aplicação *Google docs*. Constitui-se um universo de análise dos 83 alunos de Serviço Social, distribuídos pelos quatro anos de Licenciatura do curso. Apesar, da técnica de recolha primordial ser quantitativa, pretendeu-se utilizar algumas das respostas ao questionário e proceder posteriormente a uma análise qualitativa, para uma maior compreensão do objeto de estudo, a partir das opiniões e pontos de vista dos próprios participantes. No tratamento dos questionários utilizou-se a análise estatística cruzando com a análise de conteúdo, para uma maior aproximação ao objeto de estudo, cruzando os conceitos trazidos do quadro teórico com os sentidos e significados atribuídos pelos participantes.

Para os informantes privilegiados, realizaram-se as entrevistas com um carácter exploratório, com uma «...interpretação dos dados como cerne da investigação qualitativa

– embora a sua importância varie, consoante as diversas perspetivas.» (Flick, 2005:179). Desta forma foram realizadas entrevistas a quatro docentes do curso de Licenciatura em Serviço Social e a três profissionais de Orientação Vocacional. No tratamento de dados utilizou-se a análise de conteúdo, temática e categorial.

Pensamos desta forma ter atingido os principais objetivos do treino de competências pretendidas ao nível do Mestrado.

O mestrado em Serviço Social tem como propósito o desenvolvimento de um pensamento reflexivo dos profissionais de Serviço Social. Os assistentes sociais e todos os trabalhadores sociais são hoje obrigados constantemente a estarem envolvidos de uma reflexão sistemática sobre as transformações e dinâmicas societárias. Assim, com a frequência no Mestrado pretende-se conferir ferramentas aos alunos na sua construção profissional. Para estes, alcancarem uma,

*«...apropriação de uma visão compreensiva e perspetiva, das principais problemáticas e dimensões estruturantes da realidade portuguesa contemporânea quer ao nível sistémico quer compreensivo; o desenvolvimento de aptidões e métodos de investigação e análise científica das práticas profissionais específicas ao Serviço Social; a teorização dos métodos de intervenção, em termos da sua eficácia e eficiência; a capacidade de analisar criticamente ideias novas e complexas e de as comunicar à diversidade de públicos desta área de conhecimento.»* (in: Programa de Mestrado em Serviço Social, do VII Curso de Mestrado em Serviço Social)

### **Questões de Investigação, Objetivos Gerais e Objetivos Específicos**

Com estas inquietações foram surgindo diversas questões que reformuladas e concebidas tornaram-se questões de investigação, às quais a investigadora pretende responder.

As questões de investigação pretendem colocar o olhar do leitor face à problemática. As questões de investigação traduzem as questões que o investigador pretende ver respondidas; surgem da revisão da literatura e colocam em relação as variáveis a observar. Num estudo qualitativo as perguntas de investigação são alteradas à medida que o investigador se aproxima do conhecimento da problemática e coloca questões relativas à interpretação dos fenómenos por si observados, (cf. Stake, 2012).

Abordou-se a investigação em três questões (anexo A): Que representações e motivações os alunos têm para a escolha da Licenciatura de Serviço Social?; Que expectativas têm os alunos da licenciatura de Serviço Social, em relação ao curso e à profissão de Serviço Social e de que modo estas são correspondidas ou não no final do

curso?; Que tipos de abordagem, estes jovens tiveram sobre o que é o curso de Serviço Social, em que consiste e que saídas profissionais faculta?

Como **objetivos gerais** a investigadora pretendeu: proceder ao levantamento das representações e motivações, dos alunos da licenciatura de Serviço Social, que conduzem à escolha deste curso; perceber quais as expectativas dos jovens sobre o Serviço Social, e se estas são ou não correspondidas pelos currícula; iimplementar novas estratégias, e apresentar recomendações de abordagem aos jovens, que sejam mais eficazes para o conhecimento e captação de novos alunos ao Serviço Social

Como objetivos específicos gostaria de identificar representações sobre o Serviço Social, o conhecimento prévio sobre o mesmo, as expectativas face, ao percurso académico se estes são correspondidos. Com o objetivo final de adqvar estratégias de divulgação do curso e profissão, através de processos facilitadores de transmição de informação, dos conteúdos programáticos, tendo em conta o perfil destes jovens.

## **PARTE I – ESTUDO EMPÍRICO O CURSO DE LICENCIATURA EM SERVIÇO SOCIAL NA FCH-UCP**

### **Capítulo 1 O curso de Licenciatura em Serviço Social em Portugal – Escolas e Percursos de Formação**

O tema deste trabalho define-se pelas *escolhas, motivações e representações dos alunos da Licenciatura em Serviço Social*. O problema formulado consiste na implicação que as motivações condicionam ou interferem nas escolhas das e dos jovens no processo de decisão de um curso superior, para o exercício de uma profissão. A construção da problemática surgiu de uma preocupação da investigadora, sobre a existência de uma vocação necessária à partida, para o ingresso em SS, que pode ser avaliada através da avaliação das aptidões, da avaliação dos valores e interesses, no desenvolvimento de carreira, no processo de orientação vocacional.

Por isso, tornou-se importante iniciar este trabalho com o desenvolvimento do que é o Serviço Social, através do percurso deste na formação académica, de forma a conhecer as suas especificidades, através de uma trajetória desde o passado até ao presente, reforçando a formação do curso de Licenciatura Serviço Social na FCH-UCP, visto esse ser o nosso campo empírico.

A Federação Internacional de Assistentes Sociais – FIAS (IFSW, 2005) define Serviço Social como

*«o exercício da profissão de assistente social ou trabalhador social promove a mudança social, a resolução de problemas no contexto das relações humanas e a capacidade e empenhamento das pessoas na melhoria do "bem-estar". Aplicando teorias de comportamento humano e dos sistemas sociais, o trabalho social focaliza a sua intervenção no relacionamento das pessoas com o meio que as rodeia. Os princípios de direitos humanos e justiça social são elementos fundamentais para o trabalho social.»*

De acordo com Branco e Fernandes (2005), a partir do século XIX também se verificou o Serviço Social como «disciplina profissional», institucionalização desse conceito, numa sociedade que se revelou de transição, adaptando um capitalismo monopolista e de emergência do Estado Social, distanciando-se do que outrora era o capitalismo liberal. Com esta transformação notou-se uma mudança e alteração no campo das políticas sociais de acordo com a questão social que demarcou a época e obrigou a redefinição de respostas. Assim, demarca-se a intervenção através da «caridade fundada na ciência» ou numa «filantropia científica.», (idem, 2005:1).

Segundo, o artigo realizado pelos autores, Guimarães et al (2006), o estudo revela que o Serviço Social, inicialmente foi considerado apenas como um agregado de instrumentos e técnicas, na procura da sua definição enquanto prática profissional, foi assim, até finais do século XIX.

De acordo com Gleny Guimarães et al. (2006), o agir profissional, surge envolto de uma reflexão em torno do saber e do fazer, em que de um lado se encontra o saber e do outro o fazer. Isto leva a um agir profissional diferenciado, através das diferentes práticas do Serviço Social, pelos respetivos técnicos, em consequência desta dicotomia, mas também pressupõem o Serviço Social como uma disciplina profissional, tal como referem Branco e Fernandes (2005).

Segundo, Isabel Santos (2009), a emergência do Serviço Social encontra-se lado a lado com alterações que provocam transformações em estruturas inerentes à sociedade, nas dimensões políticas, económicas, sociais e ideológicas (ocorridas no início do século XIX), tendo em conta a industrialização, a urbanização e a individualização, que conseqüentemente suscitaram uma série de problemas e desafios novos, no âmbito da educação, da família e de formas de socialização comunitárias, também recentes.

Estas evidências relatadas demarcaram uma ambigüidade, que tem vindo a caracterizar e a acompanhar o Serviço Social, no seu caminho e no seu campo profissional, que trouxe para este diversas discussões com ausências de consenso. Este facto tem vindo a dificultar uma definição de Serviço Social, aumentando também as interrogações dentro das diversas profissões sociais, em que a questão central fica-se na distinção entre o Serviço Social e as restantes profissões existentes na área social, dificultando assim a constituição de um «corpus teórico-metodológico», como explica Isabel Santos (2009).

Torna-se pertinente fazer um breve percurso histórico da formação em Serviço Social, tentando refazer uma trajetória, da sua origem formativa à sua profissionalização, em Portugal.

### **1.1 Escolas e Percursos de formação**

A interiorização do Serviço Social na sociedade tem crescido e tem-se desenvolvido através do percurso deste no ensino superior; a construção dessa relação tem sido longa, e com diversos acontecimentos.

Em Portugal podemos começar a redesenhar esta trajetória a partir de 1928, altura em que o Instituto de Orientação Profissional começa os primeiros desenvolvimentos para uma formação contínua nas possíveis áreas de intervenção como, serviços de justiça de menores, e mais tarde, em 1934, na área da psicologia juvenil, através de observadores sociais. Estas preocupações tiveram como atores sociais, os movimentos higienistas, a medicina social e de proteção da infância, numa Era marcada pelo contexto de Ditadura Nacional, pelo Estado Novo, (Martins cit *in* Branco, 2009:62).

Desta forma surgiu uma emergência para uma formação em Serviço Social, sentida e revelado por indivíduos, profissionais na sociedade da altura com preocupações reais,

*«(...) é evidenciada a necessidade de uma formação específica para atendimento das graves questões, sobretudo as que se articulam com a saúde. Uma dessas vozes é a da médica Branca Rumina, ligada ao movimento higienista que vinha pugnando desde a década de vinte por uma formação social, e, a nível político, a da Condessa de Rilvas, que considera não ser suficiente a boa vontade e a ação caritativa para enfrentar os problemas sociais existentes no país. Torna-se indispensável, escreverá, atuar por meio de uma “formação técnica” que permita transformar a simples visita social num momento no qual a profissional utiliza “o seu método, a sua técnica” o que afirma, se consegue já em escolas sociais existentes em países mais progressivos.*

*Surgem assim na linha de algumas formações já existentes (enfermeiras sanitárias e visitadoras) os primeiros cursos de Serviço Social no Instituto de Serviço Social em Lisboa em 1935, com direção da Condessa de Rilvas e orientação especializada da assistente social francesa Marie Thérèse Leveque. O curso inicia-se sob a tutela da Igreja. O Cardeal D. Manuel Cerejeira, nas palavras inaugurais do curso em Lisboa, dirá que a formação deverá permitir aos novos profissionais «aprender a fazer bem o Bem» realizando uma ação de verdadeiro “apostolado social”.», (Ferreira, 2009:177).*

Perante os alertas, de uma necessidade sentida e expressada, Branco (2009) informa-nos que em 1934 são apresentadas as primeiras propostas, para a criação de um Instituto de Serviço Social de Lisboa<sup>1</sup> surgiu, então 1.ª Escola de Serviço Social, em 1935, atualmente integrada pela Universidade Lusíada. A Escola Normal Social de Coimbra<sup>2</sup>, atualmente

---

<sup>1</sup> «A graduação em Serviço Social da Universidade Lusíada de Lisboa integra-se no Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa.» in: <http://www.lis.ulusiada.pt>, consultado a 28 de agosto de 2013, pelas 21h41.

<sup>2</sup> «Em maio de 1936 vieram para Coimbra, a convite do Senhor Professor Doutor Fernando Bissaya Barreto um grupo de religiosas francesas para se ocuparem do Ninho dos Pequenitos e obras anexas ou da mesma índole – dispensário, maternidade e mais tarde, Creche Jardim de Infância e Casa da Criança. Foi então que nasceu a ideia de se criar uma Escola baseada fundamentalmente em conhecimentos médico-sociais, que proporcionasse uma ação educativa e assistencial persistente e esclarecedora. Em 1937 é criada em Coimbra a Escola Normal Social “A Saúde”, por iniciativa das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria, com o apoio do Professor Bissaya Barreto, Presidente da Junta da Província da Beira Litoral. (...) O Despacho ministerial de 12 de junho de 1969 autorizou a alteração da denominação para Instituto Superior de Serviço Social de Coimbra. A Portaria n.º 15/90 de 9 de janeiro estabelece no art. 1.º “é reconhecido o ISSSC, de que é titular a Assembleia Distrital de Coimbra” e a Portaria n.º 1144/90 de 20 de novembro veio determinar o reconhecimento do grau de licenciatura dos cursos de Serviço Social ministrados pelos Institutos Superiores

conhecido pela designação de Instituto Superior Miguel Torga, surgiu no ano 1937. Mas só mais tarde são regulados pelo Estado, em 1939, pelo Decreto de Lei n.º 30135<sup>3</sup>. Posteriormente em 1956 foi criado o Instituto de Serviço Social do Porto, formado pela Associação de Cultura e Serviço Social.

A institucionalização do Serviço Social, em Portugal, enquanto formação académica e consequentemente reconhecimento da profissão tem como contexto sociopolítico o Estado Novo (1933-1974), sendo importante referir que nestes 41 anos podemos defini-lo como um regime autoritário, conservador e nacionalista. O regime criou a sua própria estrutura de Estado, sendo este um repressor de quaisquer hipóteses de constituições que fossem possíveis de demonstrações públicas de intervenção. É nesta época que nasce a necessidade de formação e exercício da profissão, (Branco, 2009: 62).

«Num quadro generalizado de analfabetismo literal e cívico e de uma política que subvalorizava a educação, o regime perseguiu e expulsou do ensino as ciências sociais, mas consentiu e até desejou o Serviço Social», (Branco e Fernandes, 2005: 2).

Branco e Fernandes (2005) referem o reconhecimento dos dois Institutos, atrás referidos, como duas entidades, com um Plano de Estudos, estruturado entre aulas e estágios, entre a teoria e a prática, com a duração de três anos, e tendo como requisito de entrada, habilitações secundárias.

Portas, Marinho e Fernandes (1998) referem que o curso nasceu da necessidade da formação de um grupo especializado, não só na área da saúde social, mas com vista a uma perspetiva para a evangelização e repressão das classes operárias, de acordo com a Doutrina Social da Igreja, quer do corporativismo, tendo em conta o contexto político e social da época (ideologia fascista).

De acordo com os autores citados, este plano de estudos dividiu-se entre quatro dimensões/áreas programáticas, a médico-sanitária; a jurídica; a filosófica, moral e religiosa e a do Serviço Social; conforme apresentado no seguinte quadro:

---

de Serviço Social de Lisboa, Porto e Coimbra. O Decreto-Lei n.º 12/98 de 24 de janeiro veio alterar a denominação do Instituto para Instituto Superior Miguel Torga. In: <http://www.ismt.pt>, consultado dia 28 de agosto, pelas 21h30.»

<sup>3</sup>In: <http://www.dre.pt>, consultado a 28 de agosto de 2013, pelas 21h21.

## Caracterização do Pano de estudos de Serviço Social em 1935

Dimensão médico-sanitária	Dimensão Jurídica	Dimensão filosófica, moral e religiosa	Dimensão do Serviço Social
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Anatomia</li> <li>• Fisiologia</li> <li>• Microbiologia</li> <li>• Doenças Infeciosas</li> <li>• Higiene Geral e Alimentar</li> <li>• Puericultura</li> <li>• Higiene e Urbanismo</li> <li>• Legislação sanitária</li> <li>• (...)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Direito constitucional</li> <li>• Direito civil</li> <li>• Direito e legislação do trabalho e previdência</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Filosofia (ideias gerais, psicologia)</li> <li>• Noções de psicologia infantil</li> <li>• Pedagogia e educação</li> <li>• Moral filosófica</li> <li>• Cultura Religiosa</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Formação técnica (contabilidade e datilografia)</li> <li>• Ação Social e corporativismo-Sindicatos Nacionais)</li> <li>• Organização social da indústria e higiene industrial</li> <li>• Organização social agrícola: casas do povo</li> </ul>

**Quadro n.º 1** Plano de estudos de Serviço Social por dimensões programáticas, do ano de formação de 1935, construído a partir do artigo de Branco e Fernandes (2005)

Estes conteúdos programáticos veem ao encontro dos objetivos que pretendem formar os profissionais de Serviço Social através da,

*«(...) criação de escolas de formação social onde habilitam raparigas, até de melhor condição para exercerem junto de fábricas, organizações profissionais, instituições de assistência e de educação coletiva e de obras similares uma ação (...) só poderá trabalhar com eficiência dentro desse imenso campo da ação quem possua, a par de vocação natural, mentalidade especialmente formada e firme de sentido social (...) às obreiras do Serviço Social incumbem nos diversos meios em que hão de trabalhar designadamente entre as famílias humildes de restrita cultura (...)»* (Decreto-Lei, n.º 30135, de 14 de dezembro de 1939)<sup>4</sup>

De acordo com Branco e Fernandes (2005), em 1960, houve uma alteração no plano de formação, havendo um alargamento de mais um ano, no plano de estudos na formação do Serviço Social. Este 4.º ano consistia na realização de uma monografia social, esboço de

<sup>4</sup> In: <http://www.dre.pt> no dia 25 de maio pelas 22h56

um trabalho sociológico, contemplada na Portaria n.º 15972, de 18 de 1956 do Ministério da Educação Nacional.<sup>5</sup>

É importante referir que o Estado tem um papel ativo neste processo como, Maria Ferreira (2009) ilustra. Esta diz-nos que o Estado tem funções de regulador e empregador. Este tem o papel de regulamentação através da credenciação, apesar de não ter responsabilidade direta pelas Escolas recomenda pressupostos orientadores para as Escolas formularem os seus planos de Estudo.

Torna-se pertinente relembrar que no início do seu projeto académico o SS apresentava estratégias que reforçavam uma tendência da profissão numa base mais doutrinária e ideológica, do que propriamente uma formação com conceções teórico-metodológicas (Ferreira, 2009: 166).

Em 1961, surge o reconhecimento da formação em Serviço Social, como curso superior, que posteriormente permite a admissão de candidatos do género masculino, no Instituto de Serviço Social de Lisboa, (Branco, 2009: 63).

Existe também uma mudança e conseqüentemente um reajustamento na formação de Serviço Social, com a crescente introdução das disciplinas das ciências sociais, como a Sociologia, Antropologia, Psicologia Social, Psicopatologia, Demografia, Política Social, entre outras. Permitiu uma intervenção inovadora na área, através do alargamento da perspectiva social de caso, para perspectivas de intervenção grupal e comunitária, constituindo assim, os métodos em Serviço Social, «*case work, group work, community work*», (Branco e Fernandes, 2005; Branco, 2009).

Por conseguinte Branco e Fernandes (2005) expõem o processo histórico do Serviço Social, informando-nos que anteriormente ao 25 de Abril (1974) cresce uma discussão em volta do serviço social, como interveniente na sociedade marcada pela ditadura. Sentiu-se a necessidade, com a revolução de abril, de também ocorrer uma rutura com o Serviço Social, que muitas vezes se identificava com a proximidade com o antigo regime. Assim devido a essa necessidade, ocorreram transformações de «práticas inovadoras» e de «novos campos de intervenção», numa forma de agir integrada, considerando um contexto local, nacional e mundial, desde de uma intervenção interinstitucional, com cooperação a níveis internacionais. Não esquecendo a globalização, a partir da participação de todos como um

---

<sup>5</sup> In: <http://www.dre.pt> no dia 25 de maio pelas 23h00

«direito de cidadania», assiste-se a uma evolução nas expectativas de compromisso do profissional, uma preocupação para os interesses das classes vulneráveis, e à criação dos profissionais como agentes mobilizadores de uma mudança, contrariando a visão de mero executor de políticas sociais. O profissional deixa de se ver sozinho num campo de trabalho, que tem sofrido alterações e, com essa mudança, tem-se o surgimento de outros parceiros profissionais de intervenção social. Acresce ainda, o alargamento a novas áreas de intervenção (áreas sectoriais), como a Segurança Social, as Câmaras Municipais, Juntas de Freguesia, Justiça, IPSS, ONG, Cooperativas, entre outras.

Em 1987, iniciou-se a formação dos primeiros mestres em Serviço Social, através de um acordo entre duas instituições de ensino superior, o Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa e a Pontifícia Universidade de São Paulo, Brasil, 1991, (Martins e Tomé, 2008: 1). Surgindo-se um processo pela obtenção do reconhecimento do grau de Licenciatura, culminado na sua atribuição, em 1989.

Posteriormente verificou-se o aumento do número de estabelecimentos de ensino superior, com a oferta do curso de Serviço Social, e assim um crescimento no número de alunos de Serviço Social. Em consequência aumentam os profissionais a integrarem o mercado de trabalho e a conquista da carreira técnica superior de serviço social, conseguida em 1991, (ibidem).

Mais tarde, em 1995, é atribuído a consecção de grau de mestre aos Institutos Superiores de Serviço Social do Porto e de Lisboa. Decorridos dois anos, surge novamente a relação de parceria entre o Instituto de Serviço Social de Lisboa e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, conferindo a atribuição dos primeiros cursos de doutoramento. Mas só, em 2003 se concretiza, em Universidades Portuguesas, o doutoramento em Ciências do Serviço Social, o doutoramento em Serviço Social, pela Universidade Católica Portuguesa, de Lisboa, Faculdade de Ciências Humanas. E ainda o doutoramento configurado, entre um protocolo de cooperação, com a Universidade do Porto, Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar e o Instituto Superior de Serviço Social do Porto. Com o decorrer de um ano, o Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa e o Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa, em conjunto, iniciaram um novo curso de doutoramento, (idem).

*«Desta forma investiram na formação do seu corpo docente, qualificando-o de acordo com as exigências do sistema Universitário. Ao mesmo tempo estabeleceram acordos de cooperação científica com universidades estrangeiras quer na Europa, quer fora da*

*Europa, de forma a qualificarem a formação em Serviço Social e a responder atempadamente e com eficácia, aos problemas sociais emergentes numa sociedade cada vez mais globalizada, democrática e participativa, cujo enquadramento técnico-científico passa por teorias fundamentais no pensamento dos direitos Humanos e mais recentemente nos enfoques da Cidadania Ativa, do Social Advocacy e do Empowerment.»*, (Ferreira, 2009: 38).

Jorge Ferreira (2008) reafirma ainda que na trajetória da formação do Serviço Social, a 1.ª Escola com a oferta do curso de Serviço Social nasceu em Lisboa, em 1935, já referido por Francisco Branco (2009), e que até 2000, esta oferta teve a particularidade de apenas estar em funcionamento no ensino superior privado, e só nesse mesmo ano (2000) passou também a ser oferecido no ensino superior público, pela Universidade dos Açores, reforçando o importante papel do ISSSL, relativamente à formação em Serviço Social em Portugal.

Em suma, como já referiram os autores, Jorge Ferreira (2008) e Francisco Branco (2009), podemos enunciar as diferentes etapas conquistadas pelo ISSS de Serviço Social de Lisboa, como primeiro estabelecimento do ensino superior a oferecer aos alunos, o curso de Serviço Social, desde a criação ao reconhecimento do curso de serviço social de nível superior. Mais tarde, no enquadramento no subsistema de ensino superior particular e cooperativo de nível universitário, há a destacar a realização e edição do primeiro número da revista *Intervenção Social*, o 1.º curso de mestrado, em colaboração com a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1987), o reconhecimento e validação do grau de licenciatura do curso pelo Ministério de Educação (1989) já ministrado pelo Instituto, avaliação internacional do curso, e ainda o reconhecimento do grau de mestre (1995/1996), neste caso já sem a colaboração da universidade de São Paulo, chegando a administrar o doutoramento, novamente com a colaboração da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e mais tarde com o ISCTE, e ainda fazendo parte da Rede Nacional de Escolas de Serviço social, (cf. Jorge Ferreira, 2008 e Francisco Branco, 2009).

A nível dos estabelecimentos de ensino, nomeadamente nos cursos de Serviço Social, Portugal teve um percurso diferente, em que esta oferta partiu exclusivamente de escolas privadas, comparativamente a outros Países, tanto europeus, como fora da Europa, em que a oferta das escolas públicas não excluía o curso de Serviço Social, (cf. Francisco Branco, 2009).

O processo de construção de conhecimento em Serviço Social, como enunciam Branco e Fernandes (2005), em Portugal, tem uma trajetória tardia e complexa, que se identifica pela trajetória académica das etapas de reconhecimento do curso de Serviço Social, da sua credenciação em questões de formação e no seu exercício profissional.

De modo a facilitar a visualização deste percurso de formação em Serviço Social e dos marcos posteriores a este, até à atualidade, a autora construiu um quadro para consulta, da evolução da oferta, da Licenciatura (1.º Ciclo), nos diversos estabelecimentos de ensino superior, em Portugal, incluindo Politécnicos, Institutos e Universidades.

## Curso de Licenciatura em Serviço Social por estabelecimento de ensino

### 1.º 1935-1990

Grau/Anos		1. Início (1935 a 1990)		
Estabelecimentos de Ensino Superior	Públicos			
		Privados		
				Universidade Católica Portuguesa de Lisboa – FCH (1996/1997)
				Universidade Fernando Pessoa- Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
				Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
				ISSS de Beja
				IS Bissaya Barreto
			ISSS de Coimbra 1956	IS Miguel Torga (antigo ISSS de Coimbra)
			ISSS de Lisboa 1935	ISSS de Lisboa
			ISSS do Porto 1935	ISSS do Porto

**Quadro nº 2** Representação da evolução do percurso formativo do curso de Serviço Social, nomeadamente no grau académico de Licenciatura (1.º Ciclo), nos estabelecimentos superiores de ensino superior, Branco e Fernandes (2005); Martins e Tomé (2008), completado pela autora com dados incluídos nos sítios da Internet das instituições citadas nas colunas da direita, dos respetivos anos, de 1935-1990

## Curso de Licenciatura em Serviço Social por estabelecimento de ensino

### 2.º 1991-2010

Grau/Anos		2.º Posteriores (1991 a 2010)
Estabelecimentos de Ensino Superior	Públicos	Politécnico de Castelo Branco
		Politécnico de Leiria – Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (6 Semestres)
		Politécnico de Portalegre
		Politécnico de Viseu – Escola Superior de Educação
		Universidade da Madeira
		Universidade de Coimbra – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
		Universidade de Trás os Montes e Alto Douro – Escola de Ciências Humanas e Sociais
		Universidade dos Açores
		Universidade Técnica de Lisboa – ISCSP
	Privados	Universidade Católica Portuguesa de Lisboa – FCH UCP de Braga e Viseu
		Universidade Fernando Pessoa - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
		Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
		Extingue-se (2006/07)
		Extingue-se (2006/07)
		IS Miguel Torga
		Universidade Lusíada (ISSS de Lisboa)
		ISSS do Porto
		Instituto Superior Politécnico de Gaya

**Quadro nº 3** Representação da evolução do percurso formativo do curso de Serviço Social, nomeadamente no grau académico de Licenciatura (1.º Ciclo), nos estabelecimentos superiores de ensino superior, Branco e Fernandes (2005); Martins e Tomé (2008), completado pela autora com dados incluídos nos sítios da Internet das instituições citadas nas colunas da direita, dos respetivos anos, de 1991-2010

## Curso de Licenciatura em Serviço Social por estabelecimento de ensino

3.º 2012-2013

Grau/Anos		3. Atuais 2012-2013
		Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (início em 2010/2011) (6 Semestres)
Estabelecimentos de Ensino Superior	Públicos	Politécnico de Castelo Branco (6 Semestres)
		Politécnico de Leiria – Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (6 Semestres)
		Politécnico de Portalegre (6 Semestres)
		Universidade da Madeira (7 Semestres)
		Universidade de Coimbra – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação (7 Semestres)
		Universidade de Trás os Montes e Alto Douro – Escola de Ciências Humanas e Sociais (7 Semestres)
		Universidade dos Açores (7 Semestres)
		Universidade Técnica de Lisboa – ISCSP (7 Semestres)
	Privados	Universidade Católica Portuguesa de Lisboa e Braga – FCH (7 Semestres) UCP Viseu extinguiu-se
		Universidade Fernando Pessoa - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (atualmente com 6 Semestres)
		Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (atualmente com 6 Semestres)
		IS Miguel Torga (atualmente com 7 Semestres)
		Universidade Lusíada (6 Semestre)
ISSS do Porto (atualmente com 7 Semestres)		
Instituto Superior Politécnico de Gaya (atualmente com 7 Semestres)		

**Quadro nº 4** Representação da evolução do percurso formativo do curso de Serviço Social, nomeadamente no grau académico de Licenciatura (1.º Ciclo), nos estabelecimentos superiores de ensino superior, Branco e Fernandes (2005); Martins e Tomé (2008), completado pela autora com dados incluídos nos sítios da Internet das instituições citadas nas colunas da direita, dos respetivos anos, de 2012-2013

Evidenciado, neste três quadros que,

*«Em Portugal a formação existe nos dois subsistemas de ensino superior, politécnico e universitário, não tem um corpo disciplinar comum obrigatório, o que significa que os planos curriculares são decididos com autonomia pelas instituições de ensino sem controlo por parte dos pares ou sem que resulte de acordo entre as diferentes instituições.» (Granja, 2008: 122)*

Com o aumento das escolas e da oferta da licenciatura em Serviço Social, o número de vagas no acesso ao curso tem verificado um aumento progressivo desde 1993/1994 até aos dias de hoje, (Martins e Tomé, 2008: 5). Apesar do aumento de vagas pela oferta formativa ser crescente, o número de inscritos tem sofrido um decréscimo relativamente a anos anteriores, (idem: 5).

O ensino superior tem sido um direito cada vez mais conseguido ao longo da evolução dos tempos com um aumento dos licenciados em Portugal, apesar de comparativamente estar longe das taxas de licenciados nos Países da União Europeia mais desenvolvidos. Contudo, denota-se um crescente aumento do desemprego, problema que tem afetado cada vez mais, as camadas jovens recém-licenciadas em Portugal. Outro problema relacionado com a profissão, é o emprego precário, que muita vezes influencia o mercado de trabalho e a nossa classe, referido por Martins e Tomé (2008), através dos dados obtidos do Relatório, *A procura de emprego dos diplomados com habilitação superior*, realizado pelo GPEARI.

*«Atualmente, o desemprego entre os Assistentes Sociais é elevado, segundo dados apurados pelo GPEARI-MCITES, em junho de 2008 existiam 978 licenciados desempregados e no período homólogo em 2010, 1088 o que deve consequentemente a uma taxa estimada de 10 a 12% dos licenciados.» (Branco, 2009:68)*

De acordo com Ana Silva (2003) e Francisco Branco (2009) que destacam a importância da profissão de Serviço Social associada ao percurso pelo reconhecimento e luta pela profissão. O passo de grande relevância, no Serviço Social, esteve na conquista do título universitário, ou seja, a chegada do Serviço Social ao ensino superior. Trajetória que não foi só relevante em Portugal, mas em outros Países, como França e Espanha, que viram o reconhecimento, do Serviço Social, à atribuição de um grau superior à sua formação inicial.

Mas, é de todo pertinente referir que «O saber transmitido na formação profissional integra um conjunto de conhecimento, valores, modelos e símbolos que se acumulam no

própria fazer e que e traduzem naquilo que se conhece como prática.» (Guimarães et al 2006: 2)

## **1.2 O Serviço Social como área disciplinar – teoria e prática, enquanto conhecimento e ação**

A existência de um estigma, em relação ao Serviço Social, é bastante visível na sociedade profissional ou até no exterior desta, por diversas razões. Ander-Egg (1995) refere no livro, Introdução ao Trabalho Social, que existe um desconhecimento geral do que é o Trabalho Social associando, muitas vezes, a um trabalho no domínio do social, o que simplifica esta prática tornando-a redutora e simplista, ao que já é estranho e incógnito, para muitos. Este autor, ainda afirma que muitos profissionais relativizam o Serviço Social, ao declarar que se trata de uma Ciência, como forma ilusória de conferir *status* à profissão, relacionando este ato como ignorante, pois só reforça o desconhecimento enquanto ciência pelos profissionais.

Portas, Marinho e Fernandes (1998) referem,

*«(...) dada a natureza de disciplina profissional do Serviço Social, a este compete também, quando as fronteiras se esbatem entre técnicos e cientistas, ser produtor de saber (a urgência da investigação a partir da ação), para ultrapassar a tradicional dicotomia anglo-saxónica entre “disciplina científicas” e “disciplinas profissionais”, na convicção de que quanto mais se alarga o espaço de mobilidade profissional mais se torna necessário encontrar, num território comum, o sentido específico de cada profissional.»*

O que suscita as seguintes inquietações: Será que a Ciência e o Serviço Social nunca estarão de mãos dadas? Será mesmo irreal ou até incorreto e ofensivo pensar o Serviço Social como uma ciência? Será essa afirmação apenas a procura de um *status* profissional?

Pode-se argumentar que o Serviço Social se construiu ou existe com base num empréstimo de saberes de algumas ciências sociais e que nunca será ciência porque não tem a sua própria teoria. Ander-Egg, (1995:157), faz uma afirmação dizendo que «(...) o trabalho social não produz teoria, nem produz conhecimentos, no sentido de constituir um corpo teórico ou formular generalizações empíricas». Logo, podemos aproximar o Serviço Social de um referencial verdadeiramente eclético, comprometendo-se na manutenção da ordem social, ou na construção de um saber socialmente útil, como expõe Isabel Passarinho (2008).

Edgar Morin (2001) reforça esta certeza de Ander-Egg (1995), um estado de condenação do fechamento das disciplinas sobre si próprias, sendo esse isolamento

indispensável mas, ao mesmo tempo, questiona como é possível isso acontecer quando, hoje em dia, se pode comprovar que existe um encadeamento lógico disciplinar entre os vários campos de saber e as diferentes disciplinas para criar a interdisciplinaridade e tornar inteligível a realidade complexa.

Também, Boaventura Sousa Santos (2001) menciona que o conhecimento disciplinar tende a policiar as fronteiras do seu saber, reprimindo os que a quiserem transpor. Assim, será exequível assegurar que o Serviço Social sofre uma repressão do que considera o seu próprio conhecimento?

E não será este um desafio que se propõe ao Serviço Social, «(...) a necessidade de um pensamento apto a responder, ao desafio da complexidade do real, isto é, a captar ligações, interações e implicações mútuas, os fenómenos multidimensionais, as realidades que são ao mesmo tempo solidárias e conflituais.» (Edgar Morin, 2001: 201)

De acordo com Boaventura (2001), o Serviço Social tenta distanciar-se do senso comum pois, este é indisciplinar e metódico, e não precisa de ser sustentado numa prática, que evidencia o oposto do Serviço Social e do que se pretende que este seja.

Estas dualidades, existentes no Serviço Social, fizeram com que a própria profissionalização se transformasse num processo longo, que começou por existir como uma *ocupação* tornando-se então, por sua vez, uma *profissão*, alcançando reconhecimento por uma prática posta em ação por um grupo de indivíduos credenciados e organizados, como refere Isabel Passarinho (2008), conceitos estes que se abordam mais adiante neste trabalho.

Tal como referimos anteriormente, Branco e Fernandes (2005) confirmam isso mesmo através do próprio percurso académico da implementação do curso de Serviço Social, que teve um reconhecimento longo, tanto ao nível da licenciatura, como de mestrado e doutoramento. A criação de doutoramento em Serviço Social veio trazer a hipótese da amplificação e consolidação da identificação de um campo científico em Serviço Social.

Estes autores ainda enunciam inúmeras inquietações que dizem respeito à jurisdição do mesmo; esta tem apresentado um difícil caminho de avanços e recuos, que tem causado ausências bastante visíveis na regulação da formação em Serviço Social; consideram ainda que é necessário analisar as consequências do aumento, a nível da oferta do ensino secundário e superior, a diversidade de formações/profissões da área social, que intervêm

no mesmo campo de intervenção (animação sociocultural, apoio psicossocial, ação social, intervenção comunitária, educação social, entre outros), (cf. Branco e Fernandes, 2005).

No que diz respeito ao plano de estudos, das formações existentes em Serviço Social, é visível a incongruência numa matriz base do que é, e pretende ser a formação em Serviço Social, o que causa uma ausência da regulação desta formação, que faz com que os próprios estabelecimentos de ensino (autonomia total das escolas) formem profissionais com perfis completamente dispersos, numa classe que se pretende ser unificada nesta luta pelo reconhecimento do Serviço Social na sociedade, com a sua qualidade de profissionais, (cf. Branco e Fernandes, 2005 e Granja, 2008).

A formação em SS deve preparar os seus futuros profissionais para os novos desafios da atualidade, que afetam a profissão, assim:

*«o exercício da profissão prevê competências teórico-práticas, ético-políticas, técnicos-operativos para defender o seu campo de trabalho, suas qualificações e funções profissionais. É ir além das rotinas institucionais e buscar apreender o movimento da realidade para detetar tendências e possibilidades nela presentes, passíveis de serem executadas.»*, (Guimarães et al, 2006:4).

Ângelo Silva et al. (2006) diz-nos que o Assistente Social no seu agir profissional tem de conseguir dinamizar a relação entre a prática do SS e o contexto social, económico, político do país. Atualmente, o exigido ao profissional, baseia-se em competências a nível do empreendedorismo, criatividade, inovação, autocontrolo, empatia, e ainda ter capacidade para lidar com situações-problema adversas. Estes autores referem que no contexto Português, o Assistente Social, no seu exercício profissional, tem de ter em conta, a relação entre o domínio teórico e o domínio prático (instrumental e técnico), por forma a conjugarem-se três vertentes: os fundamentos teóricos; a análise da realidade e a aplicação da instrumentação técnica e teórica.

## Capítulo 2 A Licenciatura em Serviço Social na FCH-UCP

### 2.1 A Universidade Católica Portuguesa de Lisboa

*«A Universidade Católica Portuguesa, reconhecida oficialmente pelo Decreto-Lei n.º 307/71, de 15 de julho, é uma instituição criada ao abrigo do artigo XX da Concordata entre Portugal e a Santa Sé, de 7 de maio de 1940. A sua liberdade e autonomia resultam deste diploma. São patentes os serviços valiosos que a Universidade Católica tem já prestado ao sistema universitário nacional, mantendo com ele sólidas e enriquecedoras relações de intercâmbio. Convém, todavia, precisar o quadro em que a mesma se insere, ao lado das universidades públicas e das universidades privadas, com absoluto respeito pelo princípio da liberdade de ensino, consagrado na Constituição da República Portuguesa e desenvolvido pelo Estatuto do Ensino Particular e Cooperativo. (...) Artigo 1.º A Universidade Católica Portuguesa é uma instituição da Igreja Católica, canonicamente ereta ao abrigo do artigo XX da Concordata entre Portugal e a Santa Sé, de 7 de maio de 1940, e é reconhecida pelo Estado como instituição universitária livre, autónoma e de utilidade pública (...).»<sup>6</sup>*

A Universidade Católica Portuguesa de Lisboa tem a sua sede situada no Campus de Palma de Cima, com cerca de 37 000 m<sup>2</sup> edificado, e outra zona com 12 000 m<sup>2</sup>, que atualmente não se encontra edificada.

*«Artigo 2.º – 1. A Universidade Católica Portuguesa é uma instituição de carácter federativo, com sede em Lisboa, que tem como elementos integrantes: a) A Faculdade de Teologia, com sede em Lisboa, a Faculdade de Filosofia de Braga e a escola de Direito Canónico que porventura nela venha a ser criada; b) Os estabelecimentos de ensino superior análogos aos das restantes Universidades portuguesas cuja criação, dentro dela, venha a ser autorizada; c) Os centros de investigação e institutos culturais anexos a qualquer dos estabelecimentos de ensino mencionados nas alíneas anteriores, Decreto-Lei n.º 307/71, de 15 de julho»<sup>7</sup>*

A área edificada do Campus Palma de Cima é composta por três edifícios, constituídos por salas de aulas, para diversos cursos dos respetivos graus académicos: licenciatura, mestrado e doutoramento; ainda são utilizadas para outras atividades como, aulas extra, e por atividades extracurriculares, ou grupos pertencentes à Universidade, como o coro, o grupo de Teatro, entre outros; auditórios; espaços de estudo; salas equipadas com sistema informático; a Biblioteca João Paulo II; Reitoria; um Centro de Congressos; espaços de lazer e convívio, constituído por bares e cantinas; e outros diversos serviços, como livraria, papelaria e reprografia.<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> In: <http://www.igf.min-financas.pt>, consultado a 26 de maio, pelas 01h13.

<sup>7</sup> In: <http://www.igf.min-financas.pt>, consultado dia 26 de maio de 2013, pelas 01h20.

<sup>8</sup> in: <http://www.ucp.pt>, consultado dia 26 de maio de 2013, pelas 12h40.

## **Faculdade de Ciências Humanas**

A Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Católica de Lisboa foi fundada em 1972. Esta está organizada por cinco áreas científicas: Ciências da Comunicação, Estudos de Cultura, Filosofia, Ciências Sociais e Ciências Psico-Pedagógicas, organizadas nos diversos graus académicos, Licenciatura, Mestrado e Doutoramento. E ainda quatro Centros de Estudos, com a possibilidade dos alunos da instituição poderem participar nos projetos de investigação em curso.<sup>9</sup>

### **2.2 O Curso de Serviço Social na FCH -UCP**

A UCP foi pioneira na implementação da Licenciatura em Serviço Social a ser lecionada numa Universidade, pela primeira vez, em 1996.

Já anteriormente narrado e posteriormente exposto em anexo e analisado no corpo do trabalho, o *curricula* da Universidade Católica de Lisboa, do curso de Serviço Social, no início até à data presente, do curso, tem facultado aos futuros profissionais preparação adequada para uma intervenção através das relações humanas e contribuindo para o desenvolvimento e aprofundamento de competências necessárias para o exercício da profissão.

A Licenciatura em Serviço Social tem como dinâmica ajustar-se às inquietações atuais, de uma sociedade acompanhada de sistemáticas mutações. Esta tem como objetivos:

*«(...) a formação científica que habilite para a compreensão das grandes mudanças sociais contemporâneas e seus reflexos na vida das famílias e das populações; o desenvolvimento de competências teóricas e técnicas para a ação social em contextos familiares, institucionais e comunitários; vo conhecimento aprofundado das metodologias específicas do Serviço Social; o desenvolvimento de atitudes que possibilitem a resolução dos problemas humanos e sociais, que favoreçam a promoção das pessoas no respeito pelas suas opções e que contribuam para a elaboração e efetivação de políticas sociais renovadas e humanistas e a dimensão laboratorial da formação.»<sup>10</sup>*

Esta licenciatura na sua matriz foi sofrendo alterações não só com a evolução da sociedade e da complexidade das suas estruturas, mas também alterações devido às transformações nas conceções dos cursos de nível superior que com a implementação do Processo de Bolonha, tiveram uma redução, primeiramente para quatro anos, e

---

<sup>9</sup> in: <http://www.fch.lisboa.ucp.pt>, consultado dia 26 de maio de 2013, pelas 12h45.

<sup>10</sup> in: <http://www.fch.lisboa.ucp.pt>, consultado dia 26 de maio de 2013, pelas 01h26.

posteriormente para três anos e meio, ou seja, de 8 para 7 semestre. A sua primeira conceção era de cinco anos, 10 semestres, conferindo o grau de licenciatura.

A nível pedagógico, esta licenciatura reflete-se:

*«(...) pelo regime presencial e a exigência controlada da assiduidade; pelo regime de tutoria de apoio aos estudantes; pelas práticas pedagógicas que conciliam trabalho individual e de grupo, pesquisa intelectual e estágios em instituições sociais; pela forte aposta na autoaprendizagem e na aprendizagem partilhada; pelo desenvolvimento das capacidades reflexivas e crítica; pelo estímulo da autonomia, da criatividade e da iniciativa; pela progressão, ao longo do curso, de formas de contacto no terreno com problemas sociais e com as práticas profissionais; pela inclusão dos alunos na avaliação permanente do processo de ensino - aprendizagem; pelo papel dado aos alunos na organização e gestão de ações e projetos de valorização pessoal e profissional.»<sup>11</sup>*

O Serviço Social na UCP FCH tem como princípios orientadores na sua formação, o «paradigma da complexidade» entendendo a realidade como sistémica; a análise sócio-económica na identificação das dinâmicas de mudança; o desenvolvimento de uma democracia participativa e igualitária; a análise científica sobre o objeto/sujeito de trabalho e sobre os resultados da intervenção; o reconhecimento da diversidade de modelos de intervenção em serviço social; a crítica a uma intervenção institucional, burocrática e funcionalista; a capacidade de promover dimensões dinâmicas e inovadoras de trabalho com indivíduos, grupos, comunidades e organizações<sup>12</sup>, (cf. Isabel Guerra).

As cadeiras do plano curricular contam com diferentes áreas científicas, não só com o Serviço Social, todas as áreas são lecionadas por professores formados nessas mesmas áreas, então as disciplinas que dizem respeito ao Serviço Social são lecionadas por Assistentes Sociais, de acordo com os seus ramos de especialização tanto académica, como profissional.<sup>13</sup>

Isabel Guerra (1996) defende pressupostos que orientam a «fileira em Serviço Social» da Licenciatura em SS na FCH- UCP, assim estes dividem-se por seis pontos:

- «O “paradigma da complexidade” entendendo a realidade como sistémica, analisando-a nas suas múltiplas dimensões recusando análises de causalidades lineares;

---

<sup>11</sup> in: <http://www.fch.lisboa.ucp.pt>, consultado dia 26 de maio de 2013 pelas 01h26

<sup>12</sup> Retirado do Power Point, do encontro de orientadores de estágio e docentes de serviço social decorrido na UCP— FCH, da Licenciatura em SS, em junho de 2006, tendo em análise o processo de Bolonha de excelência

<sup>13</sup> In: <http://www.fch.lisboa.ucp.pt>, consultado dia 27 de maio de 2013 pelas 00h06

- Defesa da capacidade de análise socioeconómica na identificação das dinâmicas de mudança;
- Reconhecimento do carácter conflitual da sociedade atual, na defesa do desenvolvimento de uma democracia participativa e igualitária;
- Capacidade de ter uma análise científica sobre o objeto/sujeito de trabalho e sobre os resultados da intervenção e na recusa de dualismo entre teoria-prática;
- Reconhecimento da diversidade de modelos de intervenção em serviço social e a capacidade de encontrar um posicionamento crítico por parte de cada profissional;
- Crítica a uma intervenção institucional, centralizadora, burocrática e funcionalista e a capacidade de promover dimensões dinâmicas e inovadoras de trabalho com indivíduos e populações.»

A Universidade implementou uma fileira prática no curso com, a atribuição dos estágios aos alunos. A atribuição dos estágios tem em conta as preferências dos alunos, o seu perfil e as ofertas das instituições, processo analisado pelo corpo docente responsável pela componente prática do curso. Os alunos têm um acompanhamento tanto a nível grupal como individual, sistemático em que são criadas condições de partilha de dúvidas, inquietações e espaços de reflexão. No âmbito do local de estágio, o estagiário tem um orientador, que enquadra o aluno no local de estágio.<sup>14</sup>

Os alunos são considerados no seu percurso académico, numa relação próxima entre alunos e professores, no seu caminho, pelo acompanhamento individualizado a cada aluno, tendo em conta o seu perfil, as suas características e as suas potencialidades.

A nível das saídas profissionais os Assistentes Sociais têm diferentes populações-alvo: infância; juventude; população ativa; população idosa, com diversos grupos de intervenção; indivíduos e famílias; grupos e comunidades; organizações e redes sociais locais, nas variadas áreas sectoriais das instituições; saúde; segurança social; educação; emprego; justiça; habitação e comunidade.

---

<sup>14</sup> In: <http://www.fch.lisboa.ucp.pt>, consultado dia 27 de maio de 2013 pelas 00h00

## **Processo de Garantia da Qualidade pela Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Católica de Lisboa<sup>15</sup>**

A FCH-UCP possui um processo que garante a qualidade através de mecanismos e estruturas próprias. Este processo organiza-se por três áreas fundamentais:

- **Investigação:**  
Realização de um "Plano Estratégico de Desenvolvimento, Avaliação da FCH, Melhoria Contínua e Monitorização das Atividades", com a formulação de objetivos e iniciativas de ação;
- **Ensino:**  
Realização de um "Plano Estratégico de Desenvolvimento, Avaliação da FCH, Melhoria Contínua e Monitorização das Atividades", com a formulação de objetivos e iniciativas de ação;
- **Relação com o Mercado:**  
Realização de um "Plano Estratégico de Desenvolvimento, Avaliação da FCH, Melhoria Contínua e Monitorização das Atividades", com a formulação de objetivos e iniciativas de ação.

No que diz respeito, aos mecanismos necessários para o garante do equilíbrio destas três áreas estruturantes são compostos por:

- Atualização de dados recolhidos através de avaliação interna periódica.
- Existência de um painel de indicadores permite análises específicas – satisfação dos *stakeholders* através de uma gestão ativa e de uma informação atempada.

Pretende-se uma articulação entre as estruturas e os mecanismos, para o sucesso deste processo, de garantia da qualidade.

A FCH encontrou outra forma de proceder ao processo de avaliação ou de acreditação, referentes aos últimos cinco anos, divididas em:

- Recurso ao *benchmarking* como meio de validar e melhorar o potencial e o modelo pedagógico em funcionamento.
- Auscultações às entidades empregadoras sobre,

---

<sup>15</sup> Retirado do relatório de autoavaliação para a Agência de Avaliação e Acreditação, para o ensino superior, com a designação de ACEF/1112/06602 — Guião para a autoavaliação, referente aos pontos n.º 2.2, n.º 2.2.1 e n.º 2.2.6, na página 23 e 24

- O nível de desempenho dos alunos, diplomados ou em estágio,
- Recolha de opiniões e de sugestões emitidas pelo Conselho Consultivo (órgão onde têm assento personalidades de reconhecida competência em matérias relacionadas com o conteúdo científicos dos diferentes cursos) e ainda representantes do tecido empregador.

### **2.3 O processo de Bolonha e as alterações curriculares**

Sérgio Grácio (1998), no seu artigo *Ensino privado em Portugal – contributos para uma discussão*, defende que o papel do Estado, no ensino privado é apenas visível na sua ação para a regulação das condições de criação e financiamento destas instituições e dos cursos que administram. A nível financeiro, estes na sua maioria são autofinanciados, tendo a liberdade para contratar e pagar os docentes escolhidos, assim a sobrevivência através da relação existente entre a procura e a oferta, a nível do ensino privado.

*«Pode mesmo dizer-se que o universo do ensino superior privado se aproxima do que é definido nos manuais de economia como um universo de concorrência perfeita, com intensa circulação de informação cruzada entre os seus participantes, utilizadores e dirigentes das instituições sobre as características da oferta.»*, (Grácio, 1998:130-131).

Em conformidade com o Acordo de Bolonha (1999)<sup>16</sup>, o Ensino Superior é organizado em três ciclos: Licenciatura, Mestrado e Doutoramento, respetivamente. Embora, hoje seja possível a realização de pós-doutoramento, não encerrando a formação no terceiro ciclo.

Ocorreram diferentes transformações nos sistema de ensino com o processo de Bolonha,

*«Numa perspetiva de política educativa, o chamado Processo de Bolonha iniciou-se informalmente em maio 1998, com a declaração de Sorbonne, e arrancou oficialmente com a Declaração de Bolonha em junho de 1999, a qual define um conjunto de etapas e de passos a dar pelos sistemas de ensino superior europeus no sentido de construir, até ao final da presente década, um espaço europeu de ensino superior globalmente harmonizado.»*<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> «Numa perspetiva de política educativa, o chamado Processo de Bolonha iniciou-se informalmente em maio 1998, com a declaração de Sorbonne, e arrancou oficialmente com a Declaração de Bolonha em junho de 1999, a qual define um conjunto de etapas e de passos a dar pelos sistemas de ensino superior europeus no sentido de construir, até ao final da presente década, um espaço europeu de ensino superior globalmente harmonizado.» in: <http://www.dges.mctes.pt>, consultado a 28 de agosto, pelas 22h16

<sup>17</sup> In: <http://www.dges.mctes.pt>, consultado dia 27 de maio de 2013, pelas 00:27

Com o processo de Bolonha, Instituições do ensino superior, como Universidades, Politécnicos, Institutos Superiores, tanto instituições públicas como privadas tiveram de implementar este processo na sua oferta formativa, para uniformizar a creditação do ensino superior a nível dos países da União Europeia, tal como refere Alcina Martins (2007).

O processo de Bolonha entrou em funcionamento no ano letivo de 2006/2007. Este novo modelo de conceção organizativa das formações tem por base o sistema de créditos (ECTS – European Credit and Transfer System) distribuídos por semestres letivos.<sup>18</sup>

Com esta alteração, com as propostas nos *curricula*, houve instituições que ficaram com 6 semestres e outras com 7 semestres. (Martins, 2007: 5). Na FCH-UCP a Licenciatura em Serviço Social tem 7 semestres.

Em termos práticos, o processo de Bolonha veio encurtar a maioria dos cursos de Licenciatura, de 10 semestres para 6 semestres, o que provocou alterações na estrutura dos *curricula*, assim a autora realizou quadros, em que evidencia essa evolução, desde a abertura do curso de Serviço Social, e dos seus primeiros anos, até ao ano letivo a decorrer, 2012/2013 (anexo B e anexo B.1).

Uma das consequências deste processo foi a uniformização da designação do curso, passando para Serviço Social, deixando para trás, a nomenclatura de Trabalho Social e Política Social, (Martins, 2007: 6).

---

<sup>18</sup> <http://www.ucp.pt>, consultado dia 9 de julho de 2013, pelas 17h05

## 2.4 Evolução do Plano Curricular do curso de Licenciatura em SS na FCH-UCP

**Síntese dos *Curricula* – 1996-1997**

Descrição	Distribuição por Semestres
<b>Fileira Teórica</b>	
MITCS	2
Antropologia	1
Administração Pública	1
Ética	1
Direito para SS	1
Política Social	2
Economia	2
Serviço Social	7
Sociologia	3
Psicologia	3
<b>Fileira Prática</b>	
Laboratório	1
Observatório	1
Investigação	2
Estágio	6

**Quadro n.º 5** Síntese dos *Curricula* – 1996-1997

**Síntese dos *Curricula* – 2012-2013**

Descrição	Distribuição por Semestres
<b>Fileira Teórica</b>	
MITCS	2
Antropologia	1
Ética	1
Direito para SS	1
Política Social	2
Economia	2
Serviço Social	6
Sociologia	2
Psicologia	3
<b>Fileira Prática</b>	
Laboratório	1
Observatório	1
Investigação	2
Estágio	5

**Quadro n.º 6** Síntese dos *Curricula* – 2012-2013

Relativamente aos programas curriculares da Licenciatura em Serviço Social na UCP, pretendemos ilustrar com os quadros síntese apresentados, e respetivo anexo x. Mantém-se a estruturação de uma Fileira Teórica e de uma Fileira Prática. Na Fileira Teórica distinguem-se as áreas do Serviço Social como estruturante, complementada pela cadeira de Política, ciência Económica, Direito, Ética e Sociologia. Na Fileira Prática que decorre no 4.º ano de Licenciatura destacam-se as cadeiras de Observatório, Laboratório, Seminário de Estágio e Práticas de Estágio, em contexto real.

Como é verificável, as cadeiras têm sofrido alterações, ao longo dos anos letivos. Comparando o 1.º ano, de lecionação do curso de Serviço Social na FCH-UCP (96/97), as diferenças iniciam-se no desaparecimento de cadeiras, como Espaço e População, que atualmente não é administrada, estando incluída em outras disciplinas, nos seus conteúdos programáticos. Problemas Sociais e Contemporâneos, também como cadeira extinta, agrupada também nos conteúdos programáticos de outras cadeiras. Ainda temos o Direito do Trabalho, Direito da Família e dos Menores que viram-se compactadas nos conteúdos programáticos, principalmente da cadeira de Fundamentos de Direitos para o Serviço Social. É notável uma mudança na nomenclatura, da disciplina de Sociologia Gera I, II e III, da família e urbana, que atualmente só é lecionada, em dois semestres. A cadeira de Segurança Social atualmente está incluída como conteúdo programático da cadeira de Política Social. Antropologia anteriormente era uma cadeira de continuação, voltando no 3.º ano como Antropologia Cultural, uma especialização da antropologia. Outra das cadeiras extintas é Administração Pública, que atualmente está incluída também numa das cadeiras mais recentes implementadas, nos *curricula*, como a Administração e Gestão de Serviços Sociais. Ainda de destacar a junção da cadeira de ético-políticas e deontologia, numa só, passando a se designar de Ética e Deontologia do Serviço Social. É transversal nos diversos anos letivos, dos 1.ºs anos (do 1.º ao 5.º ano), as mudanças na forma de identificação das cadeiras de Serviço Social.

A licenciatura em Serviço Social é bastante valorizada na UCP pela sua componente prática, proporcionada pelas experiências de estágio, nos diferentes anos de curso, em concordância com aulas teóricas. Para isto, conta com um leque variado de instituições nas diversas áreas de intervenção. O contacto com instituições começa logo no primeiro ano, ou seja, é um curso bastante equilibrado, nas suas duas componentes, teórico e prática, mantendo uma boa relação, valorizando assim a importância das duas, mas mais do que isso, que uma não pode existir sem a outra, prevalecendo assim a qualidade da intervenção em Serviço Social.

Em suma, conclui-se que a diferença mais evidente é o rearranjo das disciplinas face à redução dos semestres, conseqüente do Processo de Bolonha, já anteriormente caracterizado, que teve implicações na FCH-UCP, nomeadamente, no curso de Serviço Social, através da passagem de 10 semestres para apenas 7 semestres.

## **Capítulo 3 Os alunos da Licenciatura em Serviço Social na FCH-UCP**

### **3.1 Perfil dos Novos alunos da FCH<sup>19</sup>**

De acordo com a caracterização do GADEP, no que diz respeito, à faixa etária da população estudantil existe uma predominância, na faixa etária, dos 18 anos, sendo o género feminino mais predominante. A escolha do curso tem uma taxa de 86%, como sendo a 1.<sup>a</sup> escolha dos alunos. A opção pela UCP deve-se a três pilares principais sendo esses: a questão do prestígio da mesma a nível académico, a empregabilidade e ainda as opções a nível das saídas profissionais que os cursos da FCH proporcionam. As expectativas dos alunos centram-se na preocupação, com a qualidade, através dos seus planos curriculares, que fornecem a aquisição de competências relativamente à vida profissional à entrada no mercado de trabalho.

### **3.2 Os Alunos da Licenciatura de Serviço Social na UCP, no ano letivo de 2012-2013**

Atualmente são 83 os alunos que frequentam o curso de licenciatura em Serviço Social, no ano letivo de 2012/2013, nos 7 semestres. Em relação ao género, 7 indivíduos são do género masculino e os restantes 76 são do género feminino.

No que diz respeito, à distribuição dos alunos por ano curricular: 19 discentes no 1.<sup>o</sup> ano curricular: 17 discentes do género feminino e 2 discentes do género masculino. 15 Discentes do 2.<sup>o</sup> ano curricular: 14 Discentes do género feminino e 1 do género masculino. 49 Discentes do 3.<sup>o</sup> ano curricular: 45 Discentes do género feminino e 4 discentes do género masculino.

Relativamente às idades dos discentes por género: no género feminino, 5 indivíduos com 18 anos; 11 indivíduos com 19 anos; 8 indivíduos com 20 anos; 16 indivíduos com 21 anos; 11 indivíduos com 22 anos; 6 indivíduos com 23 anos e 19 indivíduos com idade superior a 23 anos. Quanto ao género masculino, temos, 1 indivíduo com 20 anos; 2 indivíduos com 21 anos; 2 indivíduo com 22 anos; 1 indivíduos com 23 anos e 1 indivíduo com mais de 23 anos.

---

<sup>19</sup> Dados recolhidos através do relatório do GADEP, de 2009, sobre o perfil dos novos alunos da FCH, da UCP

O atual plano curricular da Licenciatura em Serviço Social na UCP permite que cada aluno inscrito possa obter para a conclusão do 1.º Ciclo, o correspondente a 210 créditos.<sup>20</sup>

A investigadora considerou pertinente começar a segunda Parte, do trabalho por definir as culturas juvenis para conhecer melhor os jovens que fazem parte do nosso objeto de estudo, para uma compreensão mais eficaz, das escolhas, motivações e representações que levam os jovens a optar a Licenciatura em SS.

### **Síntese Parte I**

O tema deste trabalho define-se pelas escolhas, motivações e representações dos alunos da Licenciatura em Serviço Social. Por isso, sentiu-se a necessidade de construir uma primeira parte sobre o percurso académico de SS em Portugal, descrever o seu percurso histórico a nível académico, em geral. Em particular o surgimento do percurso da Licenciatura em SS na FCH-UCP, a evolução dos *curricula* desde o seu início em 1996-1997 até 2012-2013, tendo em conta o processo de Bolonha. Referindo ainda, o perfil dos novos alunos da FCH-UCP, afunilando para o perfil dos alunos da Licenciatura em SS, da FCH-UCP, tendo em conta a caracterização dos mesmos, do ano letivo de 2012-2013.

---

<sup>20</sup> in: <http://www.fch.lisboa.ucp.pt>, consultado dia 26 de maio de 2013, pelas 12h56

## **PARTE II – ENQUADRAMENTO TEÓRICO – REPRESENTAÇÕES E MOTIVAÇÕES DOS JOVENS PARA A ESCOLHA DA PROFISSÃO**

### **CAPÍTULO 4 Culturas Juvenis, estratégias de inserção na vida ativa**

Tendo em atenção o objeto de estudo: as motivações, dos jovens para a escolha da licenciatura em Serviço Social, na FCH-UCP. O enquadramento teórico organiza-se com fundamento em três eixos de pesquisa, abordados nos capítulos que se seguem: 1.º as culturas juvenis e as estratégias de inserção na vida ativa; 2.º a orientação vocacional e as expectativas dos jovens face à profissão e a 3.º a profissionalização e a identidade profissional dos Assistentes Sociais.

#### **4.1 O conceito de Juventude e os marcadores de passagem**

A expressão ‘culturas juvenis’ refere os processos das transições, estilos juvenis, contextos em que os jovens se tornam os protagonistas, em processos de escolhas e consequentemente as limitações dessas experiências, (cf. Sofia Silva, 2010).

De acordo, com Laura Fonseca (1993) contextualiza uma mudança da conceção e vivência da juventude. Contextualizando a partir dos anos 60 e 70, a representação da juventude define-se por um grupo «radical, rebelde e conflituosa», com uma ânsia de afirmação, na conquista de um papel mais ativo na sociedade. Acrescentando que era uma representação generalizada, que muitas vezes não caracterizava a totalidade dos jovens.

Deste modo, Sofia Silva (2010) afirma que culturas juvenis representa o processo de experienciação das/os jovens, em que personificam a sua biografia e identidade, inseridos em determinada sociedade, em que supostamente têm conhecimento sobre este. As culturas juvenis tornaram-se um objeto de estudo instigante pelas suas conceções ao longo dos tempos, em que assumem papéis isentos de vida num contexto social.

Deste modo, Juanez Dayrell (2003) começa por definir juventude pode-se tornar uma tarefa árdua, pois os critérios da análise desse conceito são históricos e culturais, dimensões que sofrem alterações ao longo dos tempos e diversidade nas suas vivências.

Segundo Lia Pappámikail (2010) a conceção da juventude tem hoje uma abordagem diferente, do que anteriormente, por isso pode considerar-se como um «produto de modernidade». Este marcador de vida era antigamente quase tido como um estatuto, pois era a passagem até ao matrimónio, situação que não era universal, visto ter condicionantes

através de condições socioeconómica. A juventude também passou a ser vivenciada de outra forma com o sistema educativo alterado, com o acesso deste a todos, com a escola obrigatória, com mais jovens a frequentar a escola e o ensino superior, originou-se um ator territorial, para esta condição, juventude.

Também será importante referir esta etapa, como uma sucessão de etapas, no alcance para a vida adulta, é a passagem, também pelo processo de construção da identidade e da autonomia, (idem).

Pais (1993) afirma que a juventude é um conjunto social, formado por indivíduos que pertencem a uma mesma fase da vida, que têm em comum todas as características e vivências desta mesma faixa etária, formulando a cultura juvenil. Apesar de se considerar uma cultura juvenil, não significa que não existam diferentes culturas juvenis, devido à cultura em que os jovens se encontram inseridos, ou até mesmo à classe social a que pertencem ou por outras diversas maneiras.

Muitos autores consideram que a juventude é uma fase demarcada por uma certa instabilidade, associada muitas vezes a problemas sociais e preocupações, como a nível da habitação, do emprego e da vida afetivo-sexual, (Pais, 1993: 24).

Cristina Silva (1999) foca uma identidade sexual estabelecida pela cultura, ou seja, que a sociedade em que se está determina o que se espera do próprio indivíduo consoante seja ele um rapaz ou rapariga. Assim verificam-se representações bem diferentes para ambos os sexos onde cada um tem um papel, como a própria autora exemplifica.

«A juventude constitui-se, de certa maneira, como um laboratório ou cenário de mudança das estruturas sociais (...) os jovens têm tido, designadamente ao longo das últimas décadas, um papel importante no que respeita à mudança social, por se revelarem um elo importante na cadeia da reprodução cultural e social», (Pais, 1993: 35).

De acordo com Cristina Silva (1999), o conceito de juventude não é um conceito que possa ser delimitado por uma idade, pois este não é unificador por si só, este grupo de população não é homogéneo; trata-se de um processo de passagem do indivíduo, experienciado de forma diferente por cada pessoa singular. Mas, podemos associar este conceito a um outro, como a escolarização, considerando assim que esta se encontra diretamente associada.

Contudo, ao referir este conceito descobrimos que a juventude também é sentida de maneira diferente pelos jovens. Por exemplo, ser um jovem é diferente de ser uma jovem,

vivido de modo diferente consoante a origem social; assim a condição de género e a caracterização social dos indivíduos jovens não são apenas particularidades mas condicionantes da sua condição de juventude, como afirma Cristina Silva (1999).

O conceito de juventude abarca diferentes grupos de jovens; jovens que estão ligados pela sua dimensão e coesão social, ou seja, pelas condições que os fazem pertencerem a um grupo mais restrito de jovens, pelas características idênticas que os unificam; assim um jovem estudante urbano em nada tem a ver com a realidade de um jovem trabalhador de meio rural, sendo diferente ainda a condição de género, (ibidem).

Esta passagem é tida como uma passagem da vida representada pela expectativa, pela dependência e pela incerteza. Trata-se de uma passagem que abarca uma condição dependente, em que surge uma relação entre a escolarização e o seu prolongamento associado com o maior vínculo ou não ao estado de juventude. Assim sendo, a passagem de juventude à vida adulta é tida como realizada através da entrada no mercado de trabalho, (ibidem).

Cristina Silva (1999) refere que a juventude é marcada pelo prolongamento mais ou menos moroso, no que diz respeito à escolarização, é tida por uns como uma forma desejada da sua condição de juventude, é tida como insustentável para outros. Esta situação está relacionada com a origem social de cada jovem que o reporta para a situação que se adequa à condição social em que se encontra.

Ferreira & Nunes (2010) mencionam a expressão «curso de vida» para definir, uma trajetória social que o indivíduo atravessa, ao longo da sua vida, que pode ser coordenada através da idade. Apesar, de ser um processo individual este é fortemente marcado pela cultura em que o sujeito está integrado, bem como pelos contextos sociais de que faz parte, ou seja, onde a vida é vivida. Como exemplos disso mesmo temos: a família, a escola, o mercado de trabalho e ainda o Estado Social.

O contexto cultural em que o indivíduo se encontra influencia a forma como vive e experiencia a sua trajetória de conquista da idade adulta e o modo como este processo evolui. Nas sociedades ocidentais industrializadas, existe um sistema de idades estruturado de acordo com o ciclo de vida: *Infância, Juventude, Idade Adulta, Velhice*, em que estas respetivas transições são identificadas com um conjunto de marcadores de passagem; mas admite-se que não se alcançou o consenso quanto às fronteiras de idade dessas mesmas passagens, (ibidem).

No seu estudo de caso, Dayell (2003) relata a importância da família, na relação que esta estabelece com o jovem, a valorização pelas suas escolhas e apoio prestado a este para a concretização da mesma.

#### **4.2 A Relação que os jovens têm com a escola**

De acordo com António Magalhães (2003) a instituição escolar tem um papel fulcral naquilo que designamos por ‘educação’, formando os cidadãos. Esse papel iniciou-se no momento da concretização da instituição escolar através da fundação dos sistemas educativos nacionais, que remonta ao final do século XVII.

O autor ainda refere a escola como um projeto do Iluminismo com o Estado-nação, em que juntos, cruzados com o capitalismo de produção contribuem para o processo de conceção da instituição escolar que temos atualmente. Esta troca de sinergias torna a escola também numa nova conceção de formação. Criando, uma atmosfera, constituída pela língua, território, cultura, entre outras características. Esta representação do Homem, enquanto cidadão, continha uma ideia de socialização através de aspetos comuns entre esses indivíduos. Nascendo um processo de escolarização do ensino a partir do século XIX e posteriormente no século XX, surgiu uma relação de necessidade entre a estrutura produtiva, sentir a necessidade de aumentar a qualificação dos seus trabalhadores através do processo de escolarização, obtendo assim certificação escolar.

É pertinente descrever as trajetórias escolares dos jovens e verificar como a condição social e o género<sup>21</sup> influenciam as vivências e preponderam no trajeto, e conseqüentemente, nas escolhas de cada um(a). Interessa pois relacionar estas duas condições que influenciam, e que também descrevem, o processo de vivência da juventude, em cada indivíduo tendo em conta o seu género.

É notório que os jovens têm consciência que o prolongamento da vida escolar lhes proporcionará um futuro mais seguro. Esta fase, até à inserção no mercado de trabalho, é caracterizada por um longo período de indeterminação de estatuto, delimitado por uma relação de dúvida entre aqueles que possuem diplomas e os que não possuem, aqueles com diplomas desvalorizados e os qualificados, questionamento que se situa entre a passagem da escola para o emprego, (Pais, 1993: 247).

---

<sup>21</sup> Género, «(...) elemento constitutivo das relações sociais fabricadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e constitui um modo de dar sentido às relações de poder. (Stooh, 1990 cit in Sofia Silva, 2010)

Ao relacionar o conceito de juventude com o conceito de escolarização é evidente que as questões de gênero são importantes e conclui-se, que por muitos anos as mulheres estiveram afastadas desse processo por isso, da sua condição de jovem, (Silva, 1999: 20).

Apesar das conquistas feitas pelas mulheres ao longo dos tempos, e de estas se assumirem com um papel importante na escola e no mercado de trabalho, ainda hoje é visível uma tendência expressiva de determinadas áreas serem ocupadas, quase exclusivamente, por homens e outras só por mulheres. Há áreas tidas como só de homens e outras só de mulheres, isto acontece por questões culturais, em que valores e normas estão demasiado enraizados, sendo notória esta discrepância que afeta também as escolhas dos jovens. Atualmente, as mulheres estão em maioria na escola, onde têm percursos mais prolongados de escolarização e maior sucesso, mas ocupam lugares e profissões de menor prestígio; prestígio esse ligado a profissões mais bem remuneradas e de maior visibilidade, pois estas dizem respeito a profissões nas áreas das ciências, tecnologias e engenharias, (ibidem).

As mulheres «(...) trabalham pouco em empregos considerados masculinos e ocupam os considerados femininos, são secretárias, enfermeiras, professoras, (...) trabalhadoras sociais (...)», (Laura Fonseca, 1993: 16).

É necessário refletir sobre questões em que existe uma orientação no contexto educativo para a condução de determinadas escolhas escolares, profissionais, ou de outra natureza (cf. Laura Fonseca, 1993), visto o curso de Serviço Social ser maioritariamente frequentado pelo gênero feminino.

Talvez a explicação esteja, na ausência ou desfasamento, do processo educativo desempenhado pela escola, que apesar de ser para o gênero feminino como para o masculino, é verificável a desigualdade na preparação de alunos, em que induzem para determinadas profissões, cursos, formações, etc. (Baudelot e Establet, 1992 cit in Laura Fonseca).

As mulheres e os homens estão equiparados na escolarização, a distribuição que Laura Fonseca, (1993) refere para esta temática é a desigualdade entre ambos, na escolha. Talvez uma das discussões a reabrir possa ser a temática da predominância do gênero feminino no curso de Serviço Social, ou até na área das ciências sociais e humanas. Talvez, no início do curso, a sua construção ter sido direcionado, para ‘raparigas de bem’, mencionado na Parte I deste trabalho, possa ter condicionado uma geração de profissionais do gênero feminino,

que repercutiram condutas e ainda representaram, e representam, uma classe profissional ligada a questões humanísticas associadas a características vulgarmente associadas ao feminino.

Cristina Silva (1999) menciona que existe uma relação de causa/efeito, no que relaciona o processo de escolarização à origem social, ou seja, ser rico ou pobre pode determinar o percurso escolar de cada indivíduo, não querendo com isto dizer que não possam advir casos considerados de «triunfo escolar».

A relação dos percursos escolares com a família é descrita como uma relação ativa através dos percursos escolares dos próprios pais. Se estes possuírem uma escolaridade mais elevada, a ajuda prestada por estes existirá de forma mais contínua, assim pode-se afirmar-se que o capital escolar dos pais influencia a relação de ajuda dos pais para com os filhos nas suas aprendizagens escolares, bem como o acesso diferenciado a recursos e a oportunidades, (ibidem).

Assim, Machado Pais (1993) identifica uma principal preocupação, a dificuldade de entrada dos jovens no mercado de trabalho.

*«Em Portugal, de acordo com o XII Recenseamento Geral da População, 62% da população desempregada portuguesa diz respeito a jovens de 15 aos 24 anos. As dificuldades de acesso a um emprego refletem-se nas dificuldades de acesso à habitação. Alguns jovens recém-casados veem-se forçados a coabitar com os pais, o que pode também constituir fonte de «problemas», para já não falar dos que retardam a idade de casamento e continuam a viver com os pais, por dificuldades de obtenção de emprego e casa própria», (Pais, 1993: 25).*

Tendo em conta, dados atualizados relativos ao 3.º trimestre de 2012, em que o INE, realizou em relatório verificamos que:

*«A população desempregada, estimada em 870,9 mil pessoas, aumentou 26,3% em relação ao trimestre homólogo de 2011 (abrangendo 181,3 mil pessoas) e 5,3% em relação ao trimestre anterior (44,0 mil). Para o aumento homólogo referido contribuíram os seguintes resultados: O aumento de 113,5 mil homens desempregados e de 67,8 mil mulheres desempregadas. O aumento de 55,8 mil pessoas desempregadas dos 25 aos 34 anos e de 46,9 mil com 45 e mais anos. O aumento de 69,7 mil pessoas desempregadas com um nível de escolaridade completo correspondente, no máximo, ao 3º ciclo do ensino básico e de 68,3 mil pessoas desempregadas com ensino secundário e pós-secundário.»<sup>22</sup>*

---

<sup>22</sup> Retirado do relatório dos dados referentes ao 3.º Trimestre de 2012 elaborados pelo INE, in: <http://www.ine.pt>, consultado no dia 8 de setembro de 2013, pelas 19h10

## Caraterização do desemprego

	Valores trimestrais			Variação	
	3ºT-2011	2ºT-2012	3ºT-2012	Homóloga	Trimestral
	Milhares de pessoas			%	
<b>População desempregada</b>	<b>689,6</b>	<b>826,9</b>	<b>870,9</b>	<b>26,3</b>	<b>5,3</b>
Homens	355,0	438,1	468,5	32,0	6,9
Mulheres	334,7	388,8	402,5	20,3	3,5
Dos 15 aos 24 anos	138,3	149,7	175,1	26,6	17,0
Dos 25 aos 34 anos	181,3	234,9	237,1	30,8	0,9
Dos 35 aos 44 anos	156,7	180,5	198,5	26,7	10,0
Com 45 e mais anos	213,3	261,8	260,2	22,0	-0,6
Até ao Básico - 3º ciclo	448,2	521,6	517,9	15,6	-0,7
Secundário e pós-secundário	147,2	197,7	215,5	46,4	9,0
Superior	94,3	107,6	137,5	45,8	27,8
À procura de primeiro emprego	75,6	81,9	98,8	30,7	20,6
À procura de novo emprego	614,0	745,0	772,2	25,8	3,7
Agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca (a) (b)	14,8	17,3	15,7	6,1	-9,2
Indústria, construção, energia e água (a) (b)	219,0	270,7	272,2	24,3	0,6
Serviços (a) (b)	355,7	423,2	456,6	28,4	7,9
Desempregados por duração da procura					
Até 11 meses	333,2	383,6	387,0	16,1	0,9
12 e mais meses (longa duração)	356,4	443,3	483,9	35,8	9,2
<b>Taxa de desemprego (%)</b>	<b>12,4</b>	<b>15,0</b>	<b>15,8</b>		
Homens	12,0	15,1	16,0		
Mulheres	12,9	14,9	15,4		
Jovens (15-24 anos)	30,0	35,5	39,0		
Taxa de desemprego de longa duração (%)	6,4	8,0	8,8		

**Quadro n.º 7** Principais indicadores da população desempregada e inativa - Portugal<sup>23</sup>

Com esta tabela verifica-se que a taxa de desemprego nos jovens ainda é elevada, podendo comprometer o percurso regular do processo de juventude, Taxa de desemprego dos jovens entre os 15 e os 24 anos entre os 39,0%, ocorrendo uma aumento sucessivo entre os trimestres.

Machado Pais (1993) refere que nos anos entre 1950 a 1960 surgiu um problema bastante preocupante para alguns grupos da sociedade Portuguesa. Este problema diz respeito aos jovens universitários, designando a esta fase como uma crise generalizada, de uma invasão de alunos. Com este excesso de procura foi claro que a oferta não correspondia a tamanha procura obrigando a uma reforma geral do ensino superior. Esta situação

<sup>23</sup> In: <http://www.ine.pt>, consultado dia 8 de setembro de 2013, pelas 20h00

inquietou a Igreja, a nível económico, social, cultural e político, visto que estas seriam as possíveis elites de dirigentes do país.

#### **4.3 Jovens Universitários – Novos públicos do Ensino Superior em Portugal**

Com a evolução dos processos educativos, ou seja, com a democratização da educação e com a democratização da educação e com a implementação de políticas públicas educativas. O alargamento do acesso à educação de uma forma igualitária culminou no aumento de alunos e da transformação de perfis, originando novos públicos em contexto universitário, a par de uma sociedade de conhecimento. Este fenómeno não é só verificável em Portugal, apesar de não ser um País que tenha níveis dessa participação elevados, (cf. Liliana Pascueiro, 2009).

Maria de Lurdes Rodrigues diz que, «Em Portugal, o número de ativos que completou o ensino superior ultrapassou em 2011 os 900.000, tendo quase duplicado nos últimos 10 anos e representando hoje cerca de 19% da população economicamente ativa», (Rodrigues, 2012: 41). Prevendo-se um aumento «Nos próximos anos, do número de diplomados de ensino superior a chegar ao mercado de trabalho (...) e conseqüentemente o surgimento elevado, de diferentes formações.» A autora informa-nos assim que «Atualmente, em Portugal, a população estudantil no ensino superior é da ordem dos 400 mil indivíduos, sendo o número médio anual de diplomados de cerca de 80 mil, tendo-se multiplicado os cursos, o nível e o tipo de formações», (Rodrigues, 2012: 41).

#### **4.4 Identidade, escolhas académicas e profissionais**

Podemos identificar dois tipos de identidade, a *identidade social* e a *identidade pessoal*, em que a identidade social se traduz pelas características com que os outros classificam determinado indivíduo e identidade pessoal diz respeito ao desenvolvimento do sujeito e à forma como este se visualiza a si próprio diferente dos demais. Giddens (2007) afirma que ambas as identidades sofreram, ao longo dos tempos modificações nas suas conceções, em que uma condicionou a outra, (Giddens, 2007).

É importante referir que ao falar de identidade esta é composta por duas estruturas que não podem ser fragmentadas, uma da outra. Estas compõem-se pela atividade instrumental e pela atividade comunicacional, a primeira diz respeito a processos de trabalho e a

finalidades económicas) e a segunda pela interação entre os indivíduos, (cf. Habermas, 1981, cit in Clara Cruz Santos, 2011).

«Quer se trate do grupo de origem, no seio do qual se desenrolou a primeira infância e ao qual pertence “objetivamente”, ou de um grupo exterior no qual quer integrar-se e ao qual se refere “subjetivamente”, o indivíduo socializa-se, interiorizando valores, normas, disposições que o tornam um ser socialmente identificável», (Claude Dubar, 1997: 79). De acordo com o autor, estas «representações ativas» estruturam os discursos dos indivíduos nas suas práticas sociais, graças ao domínio de um vocabulário e à interiorização de um saber específico, que organiza as suas estratégias de relação e representação, (Dubar, 1997: 100).

Na obra, *Culturas Juvenis*, de Machado Pais (1993) é referido um contraste entre a juventude de outrora que lutou pela participação dos jovens a nível institucional, no regime político e formas de associativismo e ativismo contrapondo como uma juventude, «(...) cética, pragmática e individualista».

Os jovens tendem a se aproximar de modelos de referência, que podem ser os seus companheiros, assumindo algumas normas e padrões de comportamento, (Pais, 1993: 43).

O facto de haver jovens com projetos de vida futuros ou a ausência desses mesmos projetos é delimitado pelas práticas quotidianas, ou seja, nas atividades que estes tomam na sua vida, e no seu ambiente de socialização, «(...) múltipla inter-reciprocidade que está na base das múltiplas estruturações de princípios elementares de identificação e reconhecimento que formam as bússolas cognitivas dos indivíduos». Assim, pode-se afirmar que as escolhas dos jovens se encontram, muitas vezes, associadas a contextos, princípios e valores implícitos na sua rede familiar, (Pais, 1993: 196).

#### **4.5 Juventude a condição atual para a inserção na vida ativa**

Smithson; Lewis & Guerreiro (1998) realizam uma investigação sobre a perspetiva dos jovens face ao emprego, como isso condiciona as interações entre a gestão do trabalho advindo do emprego e da vida familiar. Este estudo ainda aborda as inquietações de um mundo que evolui desde a revolução industrial até aos dias de hoje, com características próprias que cada País e a Europa enfrentam.

Atualmente a insegurança da situação laboral é uma das preocupações dos jovens, logo ocorre uma adaptação das suas perspetivas e expectativas futuras, sendo necessário uma

procura de estratégias para lidar com as incertezas face ao mercado de trabalho e à vida adulta, (Smithson; Lewis & Guerreiro, 1998).

Estas alterações no mercado de trabalho, acentuadas também pela crise económica, são crescentes numa atmosfera de inquietações que alteram também a forma de experienciar a juventude.

*«Os jovens dos 14 aos 29 anos de idade representam, por si sós, 61,3% da totalidade do trabalho não permanente, e se a estes valores se acrescentar a parte do volume de trabalho por conta própria realizado por pessoas jovens e que efetivamente corresponde a formas menos regulares de contratação, será certamente relevante a proporção de pessoas com menos 30 anos em situação de emprego precário, muitas das vezes sem direito a segurança social ou a quaisquer outros benefícios sociais. Por outro lado, é entre os jovens que se registam as mais altas taxas de desemprego (quase 14%, comparativamente com 6,5% do conjunto da população ativa, em 1997), (...) coloca este grupo etário numa situação particularmente difícil e a depender, em muitos casos, de apoio da família», (cf.Plano Nacional de Emprego, Ministério do Trabalho e da Solidariedade (1998) cit Smithson; Lewis & Guerreiro (1998): 100).*

Estes dados são relativos a 1998, mas atualmente o cenário é bastante mais preocupante, entre toda a população residente em Portugal atingindo a taxa de desemprego 17,1%, a nível nacional (em março de 2011).

No período de referência dos dados, 4.º trimestre de 2012, em Portugal, a taxa de desemprego total<sup>24</sup> é de 16,9%, nos homens atinge os 16,8% e nas mulheres 17,1%.

Tendo noção ainda, que a taxa de desemprego é mais notória na camada jovem, atingindo altos valores, «a taxa de desemprego entre os jovens em Portugal continua a subir e chegou no quarto trimestre de 2012 aos 40%, afetando 165 mil pessoas entre os 15 e os 24 anos, segundo o INE.»<sup>25</sup>

Ainda, com a agravante de serem os jovens licenciados que mais sofrem com o desemprego. Segundo o jornal Público «os jovens licenciados portugueses com menos de 25 anos são os mais atingidos pela quebra das taxas de emprego registadas na última década, enquanto na média europeia os mais lesados neste grupo foram os que tinham qualificações mais baixas»<sup>26</sup>.

---

<sup>24</sup> Leitura de tabela: Taxa de desemprego (Série 2011 - %) por Sexo, Grupo etário e Nível de escolaridade mais elevado completo; Trimestral - INE, Inquérito ao Emprego, Última atualização destes dados: 13 de fevereiro de 2013, extraído em 06 de maio de 2013 (12:00:03) da página web: <http://www.ine.pt>

<sup>25</sup> in: <http://www.dn.pt>, por Lusa a 13 de fevereiro de 2013, consultado a 6 de maio de 2013 pelas 12:08:00

<sup>26</sup> In: <http://www.publico.pt>, por Clara Viana a 21 de dezembro de 2011, consultado a 6 de maio pelas 12:23

O que tem como consequência, a tardia dependência dos jovens que se veem nesta situação, «a depender das famílias se não encontram empregos, por isso o problema é particularmente difícil», (Smithson; Lewis & Guerreiro, 1998: 105).

É importante lembrar um direito fundamental da nossa constituição,

*«1. Todos têm direito ao trabalho; 2. Para assegurar o direito ao trabalho, incumbe ao Estado promover: a) A execução de políticas de pleno emprego; b) A igualdade de oportunidades na escolha da profissão ou género de trabalho e condições para que não seja vedado ou limitado, em função do sexo, o acesso a quaisquer cargos, trabalho ou categorias profissionais; c) A formação cultural e técnica e a valorização profissional dos trabalhadores.»<sup>27</sup>*

Assim, face a este panorama os jovens são levados numa autorreflexão que os leva a encontrar estratégias para lidar com os sentimentos de incerteza, que condicionam a sua consulta enquanto cidadãos ativos numa sociedade com direitos e deveres. Então, Smithson; Lewis & Guerreiro (1998) falam de seis estratégias referidas pelos jovens, na sua investigação, sendo estas: gerir o curto prazo, redescobrir oportunidades, autogestão da carreira, enfrentar desafios, adiar compromissos, redefinir a segurança, como a seguir se explana.

1. O processo profissional, nos jovens provoque, estados de incerteza originando sentimentos de incerteza, como estratégia de minimização deste acontecimento, passa pelo não pensamento a longo prazo, (ibidem).
2. Redefinir várias direções e não focar-se somente numa só, mesmo que já se tenha programado, refletido e orientado, assim espera-se encontrar nos obstáculos oportunidade de encontrar outros caminhos alternativos, (ibidem).
3. Autogestão da própria carreira refletindo sobre potencialidades intrínsecas e os recursos ao seu redor possíveis de obter. O conhecimento de capital humano é valorizado no acesso a um emprego, (ibidem).
4. Preparação das dificuldades que podem advir, consoante as adversidades que possam surgir, (ibidem).
5. Hipotecação do futuro dos jovens, um futuro comprometido pelo adiamento de compromissos, (ibidem).

---

<sup>27</sup> Constituição da república Portuguesa, VII REVISÃO CONSTITUCIONAL (2005) - Título III, direitos e deveres económicos, sociais e culturais, do capítulo I, direitos e deveres económicos, no artigo 58.º, direito ao trabalho, consultado in <http://www.parlamento.pt>, a 6 de maio de 2013, às 13:55

6. Será necessário redefinir concepções e certezas que se criaram, para novas percepções de significados de estados de como caracterizamos a vida, (ibidem).

## CAPÍTULO 5 Orientação Vocacional e expectativas dos jovens face à Profissão

### 5.1 Escolhas e Opções vocacionais

Como, Orison Swett Marden (1943) afirma que a maior parte dos jovens que seguem uma determinada profissão, e conseguem emprego imediato, ou seja, que prosseguem uma carreira universitária ou aprendem um ofício, continuam nela toda a sua vida, sem que para isso tenham determinado a uma escolha consciente da mesma, cedendo apenas a circunstâncias acidentais do seu percurso de vida.

A fase da vida em que o jovem necessita mais de orientação define-se pelo momento em que tem de escolher a carreira e optar, (Marden, 1943: 23)

*«O futuro do indivíduo está já indicado e resolvido pela escolha da profissão antes dele chegar à virilidade; e nesta altura é já demasiado tempo e o esforço que tem gasto no mister encetado na juventude para pensar em trocá-lo por outro, principalmente quando pode mais a vocação do que a vontade», (Marden, 1943: 24).*

Então, torna-se importante que os jovens não escolham uma profissão para cujo exercício não tenham aptidões e onde encontrarão diversidades constantes, mas que também não escolham o caminho dos outros, por ser o mais óbvio, como por exemplo, o caminho das escolhas profissionais dos pais, (Marden, 1943: 24).

De acordo, com Marden, 1943 a necessidade de um processo de orientação a nível das escolhas e opções ou a preferência pelo prolongamento da vida escolar. Por isso, vimos refletir sobre a importância do processo de orientação vocacional, que atualmente encontra-se legislado, como um direito do indivíduo inserido em contexto educativo.

Em relação ao enquadramento legislativo sobre a orientação vocacional, temos o artigo que nos informa que se trata do,

*«(...) apoio no desenvolvimento psicológico dos alunos e à sua orientação escolar e profissional, bem como o apoio psicopedagógico às atividades educativas e ao sistema de relações da comunidade escolar, são realizados por serviços de psicologia e orientação escolar profissional inseridos em estruturas regionais escolares.» Lei de bases do sistema educativo – Versão nova Consolidada – 30/08/2005, Lei n.º 49/2005 de 30 de agosto, Capítulo I, Âmbito e princípios, Artigo 29.º – Apoio psicológico e orientação escolar e profissional.*

É importante referir a importância do processo vocacional na vida dos indivíduos, o conhecimento das individualidades de cada um. Sendo a combinação deste tema com os profissionais de terreno e aqueles que beneficiam, e posteriormente aqueles que o investigam, assim este momento proporciona a abertura à previsão dos resultados e de

acontecimentos relacionados com o futuro profissional – a carreira. (cf. Armstrong & Rounds, 2008 cit in Saavedra, Luísa Maria e tal, 2008).

Como Alexandra Barros (2010) menciona que fazemos parte de uma época marcada, pela incerteza e instabilidade, numa imprevisão do futuro, sobre uma carreira individual, que outrora tinha sido um caminho linear, com novas transições ao longo da vida.

A autora ainda refere que as questões vocacionais têm de ter em conta uma perspetiva holística do Ser Humano, considerando as variáveis, individuais relacionais e contextuais, individuais relacionais e contextuais que se relacionam, (ibidem).

A importância dentro da Psicologia Vocacional no processo de desenvolvimento pessoal que vai moldando o indivíduo face às alterações a mudanças ocorridas no trajeto pessoal, em vez do conteúdo das escolhas, (ibidem).

*«Caminhamos hoje para uma sociedade de oportunidades. Cada vez mais os sujeitos constroem a sua identidade a partir de referentes mais globais. Na verdade, a nossa sociedade põe-nos à disposição um vasto leque de oportunidades. Mas também, e simultaneamente, se torna mais exigente, pelo que é importante que as crianças e jovens tenham consciência da importância de conhecer os seus interesses, capacidades e aptidões; do valor da escola e da aprendizagem ao longo da vida; das tomadas de decisão e de planeamento do futuro»*, (Chantal da Fonte Belo & Márcio Oliveira, 2007:1).

Cristina Silva (1999) refere que, em primeira instância, é importante esclarecer que existe uma relação direta e indireta entre a orientação para aquela ou outra vocação e a oferta existente no momento da escolha e tomada de decisão face à profissão.

É interessante analisar esta relação entre a vocação e a oferta de lugares para exercício das profissões. Os aspetos a ter em conta pelos jovens, considera a realização pessoal em primeiro lugar, relacionada com uma remuneração tida como boa ou uma profissão/cargo/função tida como inovadora, ou seja, os jovens não vêm o trabalho como instrumental mas como algo de valor final, um futuro associado à realização, (ibidem).

Numa perspetiva psicológica a orientação vocacional está ligada à avaliação psicológica, ou seja, ao estudo da personalidade através de uma análise estrutural (estruturas da personalidade), como Wagner estudou, identificando dois campos fundamentais como o comportamento vocacional e a construção da carreira. Assim, torna-se necessário evocar o *eu-vocacional* e o *eu de carreira*, analisando a relação que estabelecem entre si e com o mercado de trabalho, tendo como enfoque a avaliação de

carreira através da «Pessoa» e do «Problema», relação orientada entre os «EU» (de carreira e vocacional) e o mundo do trabalho, (Leitão, 2004: 11).

As questões de exploração da carreira vivenciada pelos jovens, durante o percurso do jovem, no decurso da escolarização, depara-se com, processos de decisão, com base na «realização de escolhas vocacionais», (Taveira, 2008 cit in Saavedra, Luísa Maria et al, 2008: 18)

Segundo, Luísa Maria Seabra (2008), estas tomas de decisão são mais preponderantes, na mudança de ciclo de escolaridade, em que estes processos preveem escolhas de impacto maior.

No que diz respeito, a esta temática tendo em conta as questões de género, diferença entre rapazes e raparigas evidenciam-se pela preferência no interesse da Matemática, Ciências e Engenharia, (cf. Harding, 1996; Lubinski & Benbow, 2006; McLaren & Gaskell, 1995, cit in Saavedra, 2008), enquanto as mulheres tendem mais que os homens, para uma orientação de carreira que visa o desenvolvimento de ações e atividades para e com as pessoas, (cf. Afonso, 2000; Lippa, 2005; Neiva, 2003; Saavedra, 2004 cit in Saavedra, 2008).

Deste modo, Jordaan, 1963, cit in Taveira & Königstedt, 2010, revela-nos que a «exploração vocacional» estimula uma relação recíproca do EU e do mundo, permitindo o conhecimento de si próprio, permitindo um espaço de consciência da realidade, de como a experiência e uma autorreflexão do sujeito, que promove o desenvolvimento do que quer e do que faz.

De acordo com o autor, ainda neste mesmo processo de avaliação, os psicólogos têm uma panóplia de ferramentas que auxiliam na recolha de dados, como inventários psicométricos. A orientação vocacional vai ao encontro da autoavaliação, ou seja, das capacidades e inclinação do indivíduo para determinado papel de trabalho, proveniente da relação da informação ocupacional e ajustamento entre as mesmas. As capacidades traduzem-se naquilo que o indivíduo «pode fazer» e a inclinação do mesmo traduzem os seus interesses debruçando-se pelo que este «gosta de fazer». (ibidem)

Nesta perspetiva, é importante abordar duas vertentes gerais, em que se avaliam os interesses ou preferências vocacionais dos indivíduos. A primeira elabora-se através dos interesses em papéis genéricos de trabalho, como mecânica, ciência, literatura, serviço social, entre outras. A segunda foca-se na correspondência entre traços do eu vocacional

com os papéis específicos ocupacionais, através da avaliação do grau de características semelhantes com os trabalhadores empregados em questão, (ibidem).

Segundo Silva e Taveira (2009), os programas educativos orientados para valores e competências sociais têm ficado negligenciado, o que origina um *deficit* nos conhecimentos, na capacitação e no desenvolvimento de aptidões laborais e adquirem uma visão positiva sobre a realidade social do mundo laboral e da economia envolvente.

Os autores também referem que a construção da identidade de trabalho, de uma identidade escolar e de uma identidade profissional são conseguidas e consolidadas através do contacto real (contacto direto com as funções e atividades e tarefas e com os atores do mundo laboral).

## **5.2 A Vocação: como um mito ou uma condição?**

A teoria da vocação científica pode ser referida como um estado pleno de ciência, em que se pressupõe uma especialização que outrora era inatingível e desconhecida, e assim se determina a vocação, ou seja, não podemos dissociar a vocação da ciência (Weber, 1968: 25). O autor salienta que só sentindo uma paixão em fazer, apenas isso demonstrará valor, ao indivíduo que a possuir.

Max Weber (1968) fala de uma ciência do social equiparada a uma ciência da realidade, negando a conceção do conhecimento absoluto, em que este estaria ligado a uma questão de valores, interesses ou objetivos, mas que isso não lhe retirava a objetividade, conferindo-lhe ainda um plano metodológico.

Portanto, com este autor surge a palavra vocação no seu todo, definida como destino ou tarefa, apesar da palavra estar associada a um lado espiritual e religioso.

Max Weber (1968) evidencia o facto de a ciência nem sempre dar resposta àquilo que procuramos, não sendo absoluta pois nem sempre o conhecimento do real é total. Isto, também nos faz suscitar a seguinte questão: Será que o conhecimento científico supera a vocação? Apesar, dessa incerteza estamos cientes que o dom ou vocação não são suficientes para abarcar, o que hoje em dia concebemos por Serviço Social, enquanto disciplina das ciências sociais, tendo uma intervenção processual e organizada, que necessita de especialização metodológica e técnica dos profissionais, que a executam.

Mas, ao pronunciar o tema *vocação* na profissionalização, ou melhor referindo as influências que a fazem surgir o que se apelida de vocação, esta traz subjacente algumas

competências, que transformam o que é primariamente vocação em uma identidade profissional dos Assistentes Sociais. Sendo, a maior capacidade do Assistente Social, a reflexão teórica sobre si próprio, bem como sobre o campo da atuação em que trabalha; factos estes que distanciam e diferenciam a classe profissional de uma vocação baseada apenas no senso comum, na conformação com o assistencialismo e a caridade.

É interessante analisar que a vocação aparece, muitas vezes, associada ao ensino através dos cursos profissionais, por serem as escolhas profissionais focadas para uma determinada prática que é demasiado específica. Mas, não basta crer na afirmação de possuir uma vocação, porque para tudo se requer determinados requisitos. A vocação também tem de ser trabalhada de forma a evoluir.

É importante referenciar a formulação da conceção do Serviço Social distinguindo entre as disciplinas direcionadas para uma prática e as disciplinas de produção do conhecimento, através da prática. Assim, é relevante mencionar o lugar de destaque do Serviço Social, onde este possui um papel central no campo da intervenção sobre a realidade, assumindo uma profissionalização ligada ao agir. Não obstante, este resulta de uma conjugação de conhecimentos técnicos e experienciais, num cruzamento destas duas dimensões, para o fundamento da sua própria ação. Isto diz-nos que o reconhecimento da própria profissão não teve um percurso dito comum, pela construção e solidificação de uma área de saber, mas antes por realizar uma abordagem específica na intervenção sobre os problemas, (cf. Amaro, 2009).

Contudo, é proeminente relatar que em Portugal, o caminho para a estruturação e solidificação do Serviço Social, como saber pertencente às ciências sociais, é caracterizada por um processo lento e moroso, o que se comprova pelo processo de reconhecimento do Serviço Social, enquanto curso do ensino superior, que teve várias etapas ao longo destes 20 anos, com a concretização tardia de mestrados e posteriormente doutoramentos, nesta área, (cf. Branco & Fernandes, 2001).

É facto que o Serviço Social se tem debatido com diversos problemas para a obtenção do reconhecimento como campo de saber e poder da profissão, através da jurisdição profissional. Em primeiro lugar, é de salientar a importância do Estado para a regulação das profissões, através do controlo da diversidade da formação que se oferece em determinada área, da creditação valorização e reconhecimento do sistema de carreiras, para um futuro recrutamento dos profissionais da área exercerem e identificarem o seu papel no

mercado de trabalho. Outro fator de impedimento do reconhecimento do campo profissional, é a não existência de uma Ordem de profissionais de Serviço Social, «(...) à criação das condições sociais e políticas de reconhecimento social da jurisdição das profissões a qual se trava também noutros campos para além da relação com o Estado, como o da opinião pública e do desempenho no mercado de trabalho», (Branco, 2009: 9). Para além desta situação, ainda podemos apontar a ausência de autorregulação ética, talvez pela fraca mobilização dos grupos profissionais de Serviço Social, e de criação de figuras associativas, (Branco, 2009: 10).

### **5.3 Motivações e Representações que influenciam as escolhas profissionais**

#### **Representações que influenciam as escolhas profissionais**

A representação social e representação coletiva são conceitos que se encontram intercalados. Durkheim começou por defini-los em simultâneo, iniciando uma dimensão dentro da sociologia do conhecimento, (cf. Ivana Marková, 2006)

Podemos explicar a representação através de um conjunto de ideias, formuladas tanto pelo indivíduo ou por um mundo externo. Posteriormente construí-se representações para designar uma realidade refletida, bem como, para a definição de factos sociais, (cf. Ivana Marková, 2006).

«As representações sociais são fenómenos dinâmicos e abertos e o conceito da representação social é formado e retransformado juntamente, com a transformação da sua teoria.», (Ivana Marková, 2006: 173).

As representações são concebidas coletivamente através da vida social. O conceito de representação pressupõem que existe uma compreensão ‘de algo/de alguma coisa’, pois podemos, vê-las, imaginá-las e posteriormente senti-las. Portanto, ao longo da vida, ela experiencia a vida social. Assim, adquirimos diversas representações no percurso dessa vivência. Representações não concebidas *a priori* de mentes, mas através da vivência numa realidade social com características e particularidades próprias, (cf. Ivana Marková, 2006).

Para explicar e diferenciar melhor estes conceitos construiu-se este quadro, que pretende caracterizar a representação individual e representação coletiva.

### Caracterização do conceito de representação

Representação	
Representação Individual	Representação Coletiva
<ul style="list-style-type: none"><li>• Não está ligada ao conhecimento</li><li>• Resultado da:<ul style="list-style-type: none"><li>- Natureza física</li><li>- Natureza Biológica</li></ul></li></ul>	<p>Estruturas Sociais:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Imagens</li><li>• Crenças</li><li>• Símbolos</li><li>• Conceitos</li></ul> <p>Factos sociais – formam uma realidade social</p>
Internas ao indivíduo	Externas ao indivíduo

**Quadro n.º 8** Caracterização do conceito de representação individual e coletiva, (cf. Ivan Marková, 2006)

São duas concepções diferentes de representação, uma supostamente intrínseca ao indivíduo e outra construída a partir de imagens, crenças, símbolos e conceitos, de factos sociais com influências do exterior. As representações coletivas possuem uma força de reprodução podendo gerar novas representações, (cf. Marková, 2006).

Segundo Denise Jodelet (2001) criamos representações, pois sentimos necessidade de ter um conhecimento sobre o contexto social, no qual estamos inseridos. Verificamos uma postura para nos moldarmos a este. Para isso aprendemos a comportar e identificar os problemas surgidos, como forma de os resolver. É necessário conhecer a realidade social, bem como, os aspetos da vida quotidiana, interpretá-la e refletir sobre a mesma para tomar posições e consequentemente efetivar escolhas.

Jodelet (2001) refere a definição de representação social mais consensual entre a maioria dos investigadores. Esta definição informa-nos que a representação social é tida como fonte de conhecimento, construído e estruturado a partir da realidade social que é formulada e consequentemente partilhada, culminando numa concepção de uma realidade comum, através de um conjunto social.

Segundo Vala e Monteiro (2006) é possível definir representação social a partir de diferentes critérios explicativos, assim referimos:

- Critério quantitativo – Este critério não nos informa do modo como a representação social é construída, mas refere que esta pode ser concebida de acordo com o conjunto de indivíduos que a partilha, (Jodelet, 1984 cit in Vala e Monteiro, 2006).
- Critério genético – Este critério menciona a reprodução da representação social coletivamente, sendo concebida por interações e fenómenos, através da comunicação nesse coletivo, o grupo social, (idem).
- Critério da funcionalidade – Este critério revela que o conceito de representação social se traduz em teorias sociais práticas – realidade social. Essas teorias sociais práticas podem considerar-se como um saber prático, (idem).

### **Motivações que influenciam as escolhas profissionais**

*«Motivar será estimular, através de uma grande diversidade de meios, uns dos elementos de motivação, ou seja, um princípio de referência ou uma orientação geral do ser ou um comportamento ou ainda uma significação. A ação d estimulação de um destes níveis agirá também sobre todos os outros níveis, desencadeando o fenómeno social total que é a conduta humana cuja parte externa mais fácil de observar é comportamento», (Mucchielli, 1980: 110).*

### **Motivações extrínsecas e Motivações intrínsecas**

Motivações	
Extrínsecas	Intrínsecas
Traduz-se na realização de alguma coisa com o intuito de conseguir alguma coisa diferente.	Traduz-se na realização de algo em si mesmo através da motivação interna.

**Quadro n.º 9** Representação de Motivações extrínsecas e intrínsecas com fundamento em Santrock (2009)

### **Conceção das motivações**

- Conceção situacionista – Ao falar-se da Motivação, torna-se pertinente referir-se também o comportamento do indivíduo. O comportamento do indivíduo que teve a

sua formação através de influências do exterior. Em que o Ser Humano age de forma condicionada com o seu contexto social inerente, divide-se em duas frentes, coações de nível material e coações de nível social, (cf. Mucchielli, 1980)

- Conceção empirista – Nesta conceção, pode afirmar-se que o indivíduo é moldado pelo meio, tanto nas suas necessidades como nas suas tendências. É a vivência e experienciação da vida que o torna um indivíduo diferente de quando nasce, (idem).
- Conceção inatista – Esta diz respeito a condicionantes internos do indivíduo, inerentes a este desde o seu nascimento. Como motivações inatas temos: a admiração, o amor, ódio, a alegria e a tristeza, (idem).
- Conceção interacionista - Esta não depende apenas de condicionantes internas e externas. A ligação entre o sujeito (indivíduo) e o objeto, uma relação de interação entre as características de cada um, (idem).

O processo de motivar «(...) é dar algumas opções de escolha e oportunidade de assumir responsabilidade pessoal (...)» (Santrock, 2009: 484)

## **CAPÍTULO 6 Profissão, Profissionalização e Identidade Profissional dos Assistentes Sociais**

### **6.1 Quando falamos de profissão: como a definimos?**

Maria de Lurdes Rodrigues (2012) refere como profissão, uma forma organizada de funções estipuladas que se conclui serem definidas como trabalho, em que está subjacente um controlo desse mesmo trabalho. Assim, encontramos profissionalismo num grupo específico que se ocupa de determinadas funções, em que o poder deste grupo ocupacional determina quem está qualificado para executar as diversas atividades que definem essa profissão e destitui outros de o fazerem, quando estes não têm qualificações para exercê-la. Tratando-se assim, de uma «regulação do trabalho» e «regulação do emprego».

A profissão pressupõe uma «(...) qualidade de serviço que exige um controlo científico da formação e um controlo ético da prática profissional, os quais são assegurados pelo coletivo de pares, uma vez que apenas os pares, através de associações que reúnem todos os membros, podem constituir-se como garante da qualidade da formação e do valor das prestações profissionais», (ibidem: 14).

Mundialmente existem várias interpretações sobre o que é profissão, tendo em conta a cultura e a história desses países. Como afirma Maria de Lurdes Rodrigues (2012), tomando como exemplo os EUA, o estatuto de profissão é só reconhecido a um grupo restrito, atribuído juridicamente por um conselho que submete estas a uma avaliação. Sendo consideradas como «verdadeiras profissões» as que estão associadas a um poder da regulamentação e controlo sobre o trabalho exercido pelos que se encontram reconhecidos para a exercer, através de entidades próprias, tais como: instituições de formação, as suas associações ou ordens, os seus códigos deontológicos, entre outras. É importante referir que a escolha das profissões está associada a valores orientadores de altruísmo, elevados rendimentos, estatuto e poder.

Por outro lado, Maria de Lurdes Rodrigues (2012) ainda nos informa que, no mundo anglo-saxónico, temos associado ao conceito de profissão três dimensões ou categoriais como, o elevado poder e prestígio, o estatuto e o rendimento. A autora acrescenta que o profissionalismo é percebido como uma forma organizativa do trabalho, colocando em contraste formas hierárquicas e burocráticas de controlo das organizações industriais.

Em Portugal, o estudo das profissões, das suas dinâmicas ocupacionais e cooperativas tem tido uma importância cada vez maior. Ao longo dos tempos, ocorrem várias situações

com diferentes grupos ocupacionais, por diversos motivos, «(...) no sentido do alargamento e consolidação do poder de prescrição dos médicos no mercado dos serviços profissionais de saúde (...) quebra do monopólio dos notários sobre alguns atos jurídico-administrativos, (...) condições de acesso à profissão e do reconhecimento dos seus diplomados, (...) estabelecer condições de acesso dos licenciados em Direito à carreira de inspetores de trabalho, (...) em torno da aprovação do estatuto dos jornalistas (...)», que envolveram a expressão quotidiana de profissões sociais de alguns grupos profissionais, (ibidem: 39).

Tem-se verificado o crescente número de profissões regulamentadas, tanto como o crescimento do número de grupos ocupacionais que buscam o estatuto de profissão, como o afirma Maria de Lurdes Rodrigues (2012). Assim, o crescente número de profissões, relaciona-se também com o aumento substancial da oferta no ensino superior, em que atualmente, em Portugal, a população estudantil no ensino superior é da ordem dos 400 mil indivíduos, ainda se verificando a multiplicação e a diversificação de cursos, bem como do nível e do tipo de formações, (ibidem).

«É provável que se continue a assistir ao crescimento e complexificação das dinâmicas do profissionalismo, tendo em conta desenvolvimentos recentes na sociedade portuguesa, como o crescimento do sistema de ensino, o aumento do número de diplomados do ensino superior e a crescente especialização e diversificação das áreas de formação, por um lado, e as alterações no mundo do trabalho no que respeita às condições técnico-organizacionais de exercício da atividade em alguns setores económicos, por outro», (ibidem: 42).

Maria de Lurdes Rodrigues (2012), coloca uma questão-alvo, em torno do que é tido como profissão e quais as suas características, do seu perfil e das razões que a levam a se constituir como tal. E diz-nos como nasce e se constitui uma profissão, sendo a constituição de uma profissão construída através do passar do tempo, com a especialização da sua organização e do seu funcionamento e a progressiva satisfação dos clientes.

A existência do «ideal tipo de profissão», para Maria de Lurdes Rodrigues (2012), tem em conta as características que fazem parte da profissão, os seus atributos ou traços, bem como o seu modo operativo, ou seja, esta culmina na relação entre as competências técnicas e científicas, articuladas, com um código de conduta. Não esquecendo os profissionais como atores do seu poder, a sua autonomia e prestígio é consequência do exercício profissional que lhes é confiado e ao qual eles acrescentam a qualidade nos serviços prestados.

A este conceito estão subjacentes diferentes abordagens teóricas, onde se distinguem: a) a abordagem funcionalista, b) a abordagem económica, c) a abordagem interacionista e d) a abordagem etno-metodológica, (ibidem).

a) Para Dubar e Rodrigues (2000; 2002 cit in Clara Cruz, 2011), a abordagem funcionalista a profissão é caracterizada por uma comunidade homogénea, devido à identidade, valores, aos papéis que assumem e interesses que são transversais aos membros constituintes da mesma. Assim, ao analisar o funcionalismo é importante referir três âmbitos: como a formalização de determinados serviços que respondem à necessidade de determinados grupos de destinatários; a elaboração de códigos éticos e deontológicos de proteção e regulação da conduta profissional e ainda, a constituição de uma formação específica, com teorias que contribuem para uma cultura profissional.

De acordo com Ana Silva (2003), esta perspetiva tem como foco principal, a identificação do estatuto de profissão, com a origem de um grupo reconhecido pela sua postura, em torno de uma sociedade, ou seja, em que são avaliados o contexto social, o seu grau de organização com elevado nível, bem como o percurso histórico de formação, que deve ser considerado longo. A autora ainda nos informa da existência de uma separação entre as verdadeiras profissões e as que não são consideradas como tal, perante a perspetiva funcionalista.

b) A abordagem económica dá ênfase aos efeitos económicos provenientes da formação das associações profissionais, ou seja, surge de uma motivação económica. Para, Maria de Lurdes Rodrigues (1997), a profissionalização consiste na diferenciação dos atributos de cada profissão, o que pressupõe um conjunto de factos naturais, em que a profissão nasce de um agregado de atividades e passa a ter uma especialização, de técnicas no procedimento para dar resposta a carências acrescidas dentro da sociedade. Esta aborda as práticas de uma profissão diferenciando a sua estrutura social da sua estrutura cognitiva.

c) Quanto à abordagem interacionista, a autora diz que «(...) as profissões são encaradas como objetos da prática quotidiana, produto da vida social, não podendo, portanto, ser confundidas com um conceito construído segundo as regras do raciocínio científico.» Esta abordagem evidencia mais a prática que compete a cada profissão, do que propriamente a sua teoria inerente às ciências sociais, (Rodrigues, 1997: 6).

Nesta perspetiva, Ana Silva (2003) fala-nos de uma relação próxima entre *profissionalismo* e *profissionalização*, dois conceitos que se cruzam com o conceito de profissão. Então podemos referir uma relação triangular entre eles, deduzindo que o conceito profissão originou os dois outros conceitos, sendo estes derivados do primeiro conceito.

### Construção de um grupo profissional



**Fig. n.º 1** Construção de um grupo profissional, de um esquema elaborado através de Ana Silva (2003)

Podemos ainda, agrupar numa tabela sistematizada a definição, dos respetivos conceitos derivados do conceito de profissão, descritos por Ana Silva (2003).

### Caraterização dos conceitos de profissão, profissionalismo e profissionalização

<b>Profissão</b>	
Grupo reconhecido pela sua postura, grau de organização e formação	
<b>Profissionalismo</b>	<b>Profissionalização</b>
Estratégias criadas com vista à proteção de determinado grupo. Solidificação do mesmo com o melhoramento nas suas atividades.	Caminho a percorrer para atingir o necessário para chegar ao patamar de ascensão de um estatuto de profissão.

**Quadro n.º 10** Caraterização dos conceitos de profissão, profissionalismo e profissionalização, elaborado através de Araújo e Bourdoncle (1985; 1991 cit in Silva, A, 2003)

d) Por último, a abordagem etno-metodológica, centra-se nas representações, ou seja, nas imagens que estas têm de si mesmas, através dos profissionais, e das interpretações que fazem do trabalho que desenvolvem e dos trabalhos realizados por outros, como refere Maria de Lurdes Rodrigues (2012).

O processo de profissionalização engloba toda uma exposição de sucessivas etapas, tais como:

*« (...) passagem de atividade amadora a ocupação a tempo inteiro; estabelecimento do controlo sobre a formação; criação de associação profissional, cujas principais funções são a definição das tarefas essenciais, a gestão dos conflitos internos entre membros com diferentes recursos de formação e a gestão dos conflitos com outros grupos que desenvolvem atividades semelhantes; proteção legal e a definição do código de ética.»*, (Rodrigues, 1997: 37).

Estas etapas mostram-se essenciais na conquista e reconhecimento de uma profissão perante a sociedade em que está inserida. Os grupos profissionais são tidos como escolas ou instituições que lhes servem de formação superior, que lhes serão úteis para a prática profissional.

Assim, Rodrigues (2012) diz-nos que a educação superior vocacional é um impulsionador para a construção de identidades ocupacionais, que dão origem ao surgimento e posterior solidificação de solidariedades ocupacionais, dentro da mesma área de especialização que proporciona uma capacidade de resiliência e de resistência.

## **6.2 Trajetória e percurso de uma profissão, como o Serviço Social em Portugal**

Helena Nunes (2010) diz-nos que a profissão de Serviço Social possui uma prática metódica, com uma intervenção com indivíduos, grupos e organizações, que interfere em diferentes dimensões, mobilizando-as numa dimensão política, científica e técnica, com uma perspetiva reflexiva, baseada no conhecimento da prática, conseguida através da experiência, e do conhecimento científico, através da teoria.

A autora ainda refere a existência da desprofissionalização que também menciona como a instrumentalização do Serviço Social, descrevendo o processo como,

*« (...) a tendência para uma redução das oportunidades do profissional trabalhar e escolher objetivos mais amplos para as intervenções, colocando-as em questão a sua autonomia, redução da possibilidade de descrição no seguimento dos casos, por vezes executando atividades que são contrárias à sua opinião profissional ou aos interesses dos clientes, atribuição de tarefas a trabalhadores a quem não se requer qualificação profissional própria»*, (Nunes, 2010: 70-71).

Deste processo advém diversas consequências na prática da profissão, condicionando a ação dos profissionais do social. É importante referir que o Serviço Social teve um longo percurso, no que diz respeito ao seu reconhecimento, devido principalmente à discussão deste enquanto disciplina das ciências sociais ou como ciência social.

Tal como descrevemos anteriormente, a identidade duma profissão é algo que se constitui na profissão, torna-se uma representação de um grupo que se tem como unificado, mas que se constitui para criar uma marca, algo que o diferencie dos demais, como refere Clara Cruz Santos (2011).

Clara Cruz Santos (2011) invoca esta discussão que abala a construção da identidade profissional dos assistentes sociais, pois esta também surge muitas vezes da discussão dentro da própria classe profissional. A autora clarifica que a relação entre a teoria e a prática fundamentada, torna possível a produção de conhecimento específicos, contribuindo para uma ação reflexiva e para um agir profissional cada vez mais articulados, sendo ainda de ressaltar a necessidade destas interações para a intervenção.

Podemos dizer que este assunto não só tem afetado a identidade da profissão, como também a própria conceptualização da profissão, (idem).

Clara Cruz Santos (2011) informa que até meados dos anos 1960 foram dirigidas críticas à cientificidade do Serviço Social que tinha uma base no pensamento positivista, que elaborava o conhecimento científico a partir da objetividade e da separação entre sujeito e objeto. Com isto, é extremamente pertinente verificar que, ao longo dos tempos, o Serviço Social tem um longo processo, no que diz respeito à sua identidade epistemológica, ou seja, às diversas conceções da profissão, que se estruturam com uma construção singular de conhecimento crítico. Portanto, o Serviço Social tem passado por um processo contínuo de atualização, estruturação e readaptação de novas abordagens e métodos para a prática profissional, ou seja, por exigir um repensar contínuo sobre os aspetos de intervenção do profissional, (Mouro, 2004: 104). Os Assistentes Sociais procuram a profissionalização num desenvolvimento de formas de agir especializadas e rigorosas, rejeitando o senso comum, e afirmando o seu saber na procura da «cientifização» como prática e disciplina, (Amaro, 2009: 181). O reconhecimento da necessidade de existir um campo de especialização e formação credenciado a nível superior tornou-se um marco significativo para a prática profissional.

Amaro (2009) afirma que a intervenção em Serviço Social é específica e própria, pautada por instrumentos de pesquisa específicos, orientados para a finalidade de obter resultados. Logo, podemos convir que o facto de o Serviço Social estar mais ligado com o fazer do que com o saber deixa a comunidade profissional confusa, mas parece difícil que todos percebam que apenas uma não chega para obter a finalidade a que se propõe, pois, só refletindo sobre o que fazemos poderemos produzir conhecimento para fazer melhor.

Inês Amaro (2009) certifica, o que parece ser bastante visível quando se está numa conversa informal e se discute sobre esta temática, a existência da dificuldade em assumir a importância da componente teórica para o Serviço Social, diferenciando-se, muitas vezes, a prática da teoria, prevalecendo a prática. E cair nesse erro, pode conduzir a uma abstração sobre os contextos de atuação do Serviço Social como disciplina científica.

Apesar de se notar uma crescente alteração nesta discussão, talvez explicável pela acumulação da formação em Serviço Social, transformação dos planos curriculares, na diversidade de cursos de pós-graduação, mestrados e doutoramentos, nesta área. Contudo, é importar salientar que a prática do serviço social é bastante específica mas, com diferentes áreas de intervenção (justiça, saúde, educação, habitação, segurança social, empresa, ambiente, etc.).

Assim, cabe ao Assistente Social a sucessiva profissionalização da disciplina de Serviço Social, com a conquista dos seus utentes, através de uma prática especializada em conhecimentos e métodos teóricos, com o intuito de realizar uma prática eficaz, que proporcione a resolução ou o atenuar de problemas inseridos nas sociedades atuais. Isto coloca ao Assistente Social um desafio, de tornar o Serviço Social, além de uma ciência com reconhecimento, numa ciência insubstituível. Só assim se alcançará o tão aclamado reconhecimento e a garantia da necessidade de um campo de saber autónomo, que se construiu através de inúmeras outras ciências existentes, formulando assim o nascimento do Serviço Social, possuidor de teorias, metodologias e métodos próprios. Em que a diferenciação dos outros conhecimentos se estabelece na relação que se efetua entre o técnico e o utente.

Isabel Passarinho (2008) diz-nos que esta luta pode, por vezes, ser difícil, tendo altos e baixos, pois a profissão de Assistente Social pode ser muito permeável e camaleónica, com intervenções diversas, com diferentes e complexas problemáticas. Em que, as

transformações e mudanças por que passa esta disciplina de saber, obriga a um ajuste e reajuste dos seus próprios valores e domínios.

«(...) Para as profissões, a função dos conhecimentos é desenvolver uma prática eficiente, orientada por motivos e para alvos específicos. (...) O que torna, em parte, uma profissão diferente de outra é a natureza do agir ou a prática que surge da colocação dos conhecimentos dentro de um quadro de referência original (...)», (Kamerman, 1984: 1).

Atualmente, e talvez mais do que nunca se deveria «(...) perceber o potencial do Serviço Social, não só em aproveitar os conhecimentos das ciências sociais, como também em contribuir para o seu desenvolvimento.» (Kamerman, 1984: 1)

É altura de os profissionais de Serviço Social assumirem o desafio e a responsabilidade de exercer uma profissão que produza conhecimento, deixando o preconceito ou o medo em reconhecer que o Serviço Social é uma profissão voltada para prática, mas ao mesmo tempo estar ciente que essa prática em nada se parece com o senso comum, pois é aplicada através de metodologias específicas, (Rodrigues, 1995: 154).

Identidade profissional «(...) Uma realidade cada vez mais aclarada, que se faz sentir também ao nível da intervenção social», (Amaro, 2009: 41). Portanto, quando falamos de profissionalização surge de imediato a urgência de relacionar uma identidade profissional. Inês Amaro (2009) define esta identidade com a procura da defesa dos atributos específicos da profissão, referindo a temática da jurisdição, sendo a implementação da Ordem dos Assistentes Sociais importante para a construção de uma identidade solidificada, com a conquista do poder e legitimação.

Além da relação com os utentes regemo-nos por princípios dos direitos humanos e justiça social, que se tornaram fundamentais para o Serviço Social e cabe-nos direcionar todo o nosso agir, tendo por base esses princípios. Seria desejável, não sermos vistos apenas como mediadores ou facilitares entre os diferentes contextos, indivíduos, grupos e comunidades, como Inês Amaro relata. Com a possibilidade de um consenso, um autorreconhecimento e conhecimento do nosso saber, poderia ser atingível a construção de um futuro baseado na consciencialização do nosso domínio e da lutar por este. O risco da espera que outros o forneçam pode gerar e alastrar uma incerteza que cause um provável desconforto, dentro da classe profissional. Com isto, não se pretende que exista consenso, ou que todos tenham de agir da mesma forma. Mas sim, que esta discussão envolva destes temas e problemáticas contribua de alguma forma para o avanço de patamares acima e não

potencie recuos. E que futuramente este assunto seja abordado em vários trabalhos, com um final, cada vez mais certo do que pode parecer incerto.

Inês Amaro (2009) ao falar da identidade profissional menciona a dificuldade em constituir-se uma unificação da mesma pelas diferentes práticas profissionais que desagregam a mesma devido a uma baixa autoestima da classe profissional que não reconhece, nem identifica figuras de referência, que não consegue encaixar a pluralidade presente na prática profissional como uma característica positiva.

É de realçar que o conhecimento é mais rigoroso quanto mais o objeto for restrito, como afirma Boaventura (2001), o campo do Serviço Social é «(...) constituído por um objeto teórico e um objeto de intervenção (...), em que ambos não se encontram consolidados nem aprofundados.»

Isabel Passarinho (2008), defende que «uma das visões atuais sobre o Serviço Social considera necessário redefinir a profissão, conjugando aspetos dos modelos mais presentes, numa lógica de compreensão antropológica do homem.» Com isto, Granja (2008) ressalva que esta crise identitária tende a estender-se aos indivíduos que se tornam objeto e sujeito da intervenção pelo Assistente Social. Estes que, muitas vezes, se encontram em rutura com os próprios contextos, onde estão inseridos.

Faleiros (2002) define o campo da prática profissional dos Assistentes Sociais, através de uma envolvimento, a que chama: «suprir carências», «controlar perturbações» ou «legitimar o poder». Estas abordagens incluem uma correlação de forças entre as mediações económicas, políticas e ideológicas, em que se articulam entre si com o objetivo de originar efeitos, como pressionar os poderes instituídos e as políticas vigentes.

Faleiros (2001) menciona que o objeto de intervenção do Assistente Social se constrói em duas fases, uma baseada na relação entre sujeito e as estruturas, e outra na relação entre o usuário e as instituições, fortalecendo neste processo as relações de fragilidade entre as diferentes estruturas. Este paradigma entra em rompimento com determinadas intervenções que o Assistente Social experiencia, como a intervenção clínica, tecnocrática e mecanicista. Faleiros (2002) também acautela para a neutralidade que alguns Assistentes Sociais, por vezes, assumem e que futuramente poderá ser perigosa, chamada a atenção para o Assistente Social assumirem o seu lugar ao lado dos mais prejudicados pelo sistema.

Mas, o Assistente Social terá de ter sempre em conta, um ideal tipo, que se baseia na prestação de ajuda ao utente, num contexto de interações e relações entre organizações

burocráticas, tendo em conta a defesa dos seus interesses, sabendo qual a instituição que lhe poderá providenciar as condições necessárias para cessar as suas necessidades, encorajando a autonomia e autodefesa do indivíduo.

Assim, o que se pretende ressaltar é a o interesse na construção sólida da relação que o Assistente tem com o utente, que diferencia o nosso trabalho dos restantes profissionais e faz da nossa identidade, uma constante mudança e reajuste face as sucessivas alterações das nossas sociedades ao longo dos anos. Mas isso não faz da nossa identidade menos consistente, apenas esta nunca será transversal no tempo. Logo, compete ao Assistente Social que faça estes reajustes sem perder a sua essência.

De acordo com Amaro (2009) a identidade profissional ainda é caracterizada por duas visões, a visão científica e a visão humanística. Ainda podemos identificar o técnico de Serviço Social que identifica a carreira profissional do Assistente Social. E a designação de Assistente Social, como profissional, indicando aquele que pratica o Serviço Social. Este primeiro está, muitas vezes ligado a perfil científico-burocrático exigido pelas instituições e as vias de socialização assim, o conduzem. Enquanto, a visão de Assistente Social tem um lado mais relacional. Estas distinções surgem com as alterações na sociedade que alteram os sistemas que conhecemos com realidades distintas que provocam mutações no Serviço Social; o que coloca outro desafio, na identidade profissional, que provoca um aumento de risco de desprofissionalização, obrigando a uma reconfiguração identitária da profissão, (Amaro, 2009: 40)

A profissão de Assistente Social não possui um referente unificado, pois o que existe é um conjunto de saberes separados, como a Psicologia, a Sociologia, Economia, a Antropologia, Psicanálise, é neste aglomerado de diferentes saberes que podemos situar o saber fazer profissional, tendo em conta que esta profissão é uma profissão de relação. (cf. Ion e Tricar, 1984 cit in Ana Silva, 2003)

O conceito de profissão aplica-se ao Assistente Social visto a profissão ter uma «ética do desapego de interesse, do serviço ao outro e no gosto pelo apostolado, sendo o ideal de serviço e de orientação para o outro como uma das características essenciais (...) que se corporizava mais numa vocação que numa situação.» (Silva, 2003: 105).

De acordo, com Helena Mouro (2004) surgiu uma preocupação de uma inferiorização do Serviço Social em relação com as recentes profissões, assim ajustou-se o que podemos categorizar de trabalho intelectual e prático que os profissionais de Serviço Social

exercem, reorientando para uma interação ativa entre «(...) o conhecimento sobre a sociedade desenvolvido nas ciências sociais e os conhecimentos empíricos adquiridos através da experimentação e da observação postos em prática no campo da prática profissional dos assistentes sociais historicamente sedimentada», (ibidem: 105), originando alterações na cultura de Serviço Social, intensificando os setores de atuação profissional, desde a saúde à justiça.

### **6.3 A Identidade Profissional, do Assistente Social**

*«Os estudos sobre a identidade profissional do Serviço Social têm vivido a caracterizá-lo como uma profissão socialmente construída, multidimensional nas suas práticas e nos objetos da sua prática e ainda, segmentada. Segmentada em termos de saberes teóricos e segmentada em termo das suas práticas quotidianas. Práticas profissionais que se encontram, por vezes, enraizadas nas particularidades do seu campo de intervenção e nas características da organização onde o profissional se encontra legal e juridicamente enquadrado, sem se construir num todo organizado do foro metodológico e operativo», (Clara Cruz Santos, 2011: 1).*

Para trabalharmos, a identidade profissional, Berta Granja (2008), diz que se torna relevante analisar em separado, diferenciando indivíduo e identidade, pois o indivíduo não pode ser um ser livre para se constituir e inventar, de acordo com a sua vontade própria, pois é necessário verificar que o indivíduo se constitui e é influenciado pelo contexto histórico de trocas sociais, no meio em que se encontra inserido. A identidade profissional também pode ter influências da identidade individual e pessoal, pois a identidade pessoal tem a ver com a própria construção de identidade por parte do indivíduo. E a identidade social constrói-se através de atribuições de características por outros, que fazem parte do contexto social que nos rodeia, (cf. Giddens, 2007). É relevante ter isso em conta, visto que o indivíduo fez parte de uma sociedade, com características específicas que, muitas vezes, o moldam, como se ele se construiu como uma parte da «matéria-prima social», (cf. Granja, 2008).

A autora afirma que este conceito, identidade, tem importância, devido à pressão existente para o indivíduo formar a sua própria identidade, em que abarca, efetuar determinadas opções, identificar algo e determinar significados, as imagens que pela interação interpessoal necessitamos de comunicar, atribuir funções e organizar. (cf. Berta Granja, 2008)

Ainda existem duas identidades que se cruzam, a identidade individual e a identidade profissional, sendo importante mencionar, que o indivíduo é um sistema aberto, em que o

seu foco central é o ego, sendo parte de um sistema em que é frequente uma construção de valores, para uma construção da identidade profissional, mas que cabe ao indivíduo, ter sentido de fazer prática para «saber agir», (idem).

É normal qualquer grupo profissional sentir a necessidade de construir uma identidade profissional, com o intuito da sua ação ter um sentido, uma direção, na sua atividade profissional. Isto acontece nas atividades de origem social, sendo este processo bastante mais difícil nessas mesmas atividades, (idem).

Berta Granja (2008) faz uma breve passagem sobre a origem do Serviço Social, em determinados países, pois este reforça a ideia da construção de identidade com os contextos históricos. Assim, podemos enunciar, que em Portugal, Canadá e Brasil esta teve uma forte ligação religiosa à Igreja Católica, surgindo com o intuito de responder aos novos problemas sociais associados à industrialização.

O facto de não ter ocorrido mudança com implicações diretas no saber agir profissional, não alterou a sustentação teórica da profissão, (idem).

Clara Cruz Santos (2011) na sua pesquisa de investigação identifica dois tipos de identidades que se associam aos Assistentes Sociais, quando avaliado o seu desempenho comparado aos outros profissionais da área das ciências humanas.

Uma visão humanista assistencialista mais focalizada na visão micro dos problemas. Centralizada na relação com o utente e no apoio psicossocial e económico. Uma visão humanista/tecnicista mais focalizada na eficácia e eficiência das medidas de intervenção e na sua avaliação, com uma visão macro dos problemas sociais que utiliza metodologias de projeto e gestão de recursos.

## Tipos de identidades associadas aos Assistentes Sociais

Humanista/Assistencialista	Humanista/Tecnicista
Visa: <ul style="list-style-type: none"><li>• apoio social;</li><li>• apoio económico;</li><li>• dá valor a competências pessoais;</li><li>• dá valor à sustentabilidade;</li><li>• foca mais aspetos relacionais e pessoais.</li></ul>	Visa: <ul style="list-style-type: none"><li>• utilização de metodologias;</li><li>• avaliação de programas;</li><li>• avaliação de medidas de intervenção;</li><li>• visão macro dos problemas;</li><li>• gestão e planeamento de recursos e das sinergias locais.</li></ul>

**Quadro nº 11** Tipos de identidades associadas aos Assistentes Sociais, construída a partir de Clara Cruz Santos (2011)

Não sendo incompatíveis os dois tipos, pensamos que o perfil do Assistente Social associa tanto o mediador como o gestor.

### 6.4 Novos desafios para o Serviço Social

Ao apresentar esta temática, torna-se imprescindível explorar outros conceitos confinantes à sociologia das profissões, como o papel do profissional, sendo de referir a importância deste para a construção de uma profissão. Este em Serviço Social traduz-se numa relação empática entre o profissional e o cliente, considerando as normas sociais e valores culturais envolvidos na situação presente. As identidades pessoais e profissionais são dialecticamente construídas em interação com os campos profissionais e os contextos societários em que se integram.

Berta Granja (2008) adverte para as crises identitárias que o Serviço Social atravessa atualmente, como:

- a formação inicial em Serviço Social que além de diversificada encontra-se em contínua transformação/*curricula* completamente dispare e com durações diferentes (variação entre 6 a 7 semestres);

- o trabalho social encontra-se dividido, sendo incoerente, fazendo com que essa divisão origine fronteiras que se sobrepõem;
- desregulação/regulação e ruturas das interações dos sistemas sociais;
- crescente transformação dos problemas e avanço nas tecnologias que são utilizadas a nível profissional;
- trajetórias individuais e coletiva dos profissionais sujeitas a inquietações.

Os Assistentes Sociais são confrontados com constantes alterações dos campos de intervenção, devido aos avanços progressivos da vida em sociedade, com o surgimento de novos problemas sociais que exigem diferentes respostas, alterando a ação profissional e exigindo um leque de competências especializadas, (Berta Granja, 2008).

As mudanças societárias conferem a necessidade de surgimento de novas formas de trabalho social. Marcel Bolle de Ball (2000) apelida a esta fase a «terceira idade» do Serviço Social, que nada tem a ver com o poder do trabalho social mas, apenas a necessidade de uma renovação do que se entende por Serviço Social. Primeiramente, o profissional encarava como sujeito da intervenção, o pobre, numa visão caracterizada por um humanismo social, com orientação socioeconómica. Posteriormente, conjuga-se uma fase de ajuda, na qual se relacionam as relações humanas, num contexto psicossociológico. Por fim abarca indivíduos que se dizem estar excluídos de diversos sistemas, como o institucional, o de decisão e o de sistema de gestão. Esta intervenção alarga-se não só ao indivíduo, como ao coletivo, no intuito da resolução de problemas com diferentes patamares.

Os públicos-alvo do Serviço Social deixam de estar confinados aos pobres, excluídos e marginalizados pelo sistema e passam a ser transversais a toda a sociedade, incluindo todos os cidadãos que se encontram em situações de risco e necessitam de ajuda e apoio técnico para gerir e enquadrar as suas soluções possíveis, (cf. Helena Mouro, 2011).

Nesta nova Era, também cabe ao trabalho social novos desafios, que podem pôr em causa, ou em contradição, a identidade profissional, devido à desintegração comunitária. As relações entre indivíduos encontram-se menos constantes e as novas tecnologias acentuaram estes acontecimentos de forma gravosa, (cf. Ball, 2000).

Em Portugal não foram feitos estudos sobre o perfil dos alunos de Serviço Social, contudo no Brasil existe uma investigação que aborda estas questões, ou seja, questiona a escolha do curso, como isso os define enquanto alunos universitários, assim Pedro Simões

(2007) fala sobre a sua identidade, relacionando estes alunos, com diferentes ligações, desde a participação religiosa, participação cívico-política, preferência por partido político, participação voluntária-assistencial, participação social.

Segundo, Pedro Simões (2007), o perfil dos alunos de Serviço Social não têm tanto a ver com os restantes alunos de ciências sociais, mas mais com os alunos de educação e pedagogia. Outras características que estes apresentam identificam-se nos valores religiosos, sendo estes grandes motivadores para a escolha da profissão, em que estes indivíduos são conotados pelo sentimento de querer praticar o bem, de ajudar o próximo, através da justiça social, apresentando muitas vezes a figura do «bom samaritano».

Simões (2007), ainda refere a existência de uma relação entre a política e a religião, em que afirma que os alunos de Serviço Social reforçam esta ligação, com o estabelecimento da relação entre estes dois âmbitos. É importante referir que os alunos destacam-se dos restantes alunos das ciências sociais pela relação que estabelecem com a religião e como isso está na sua identidade.

Simões (2007) refere que a participação em voluntariado está muito mais relacionada com a participação religiosa do que propriamente a participação cívico-política. Ainda é de ressaltar que estes alunos têm na sua essência um espírito cooperativo.

## PARTE III – ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

### CAPÍTULO 7 Desenho do Percurso de Pesquisa – escolhas metodológicas e construção duma amostra seletiva ou universo de análise

A metodologia refere-se a um conjunto de técnicas ou procedimentos utilizados que o investigador verificou serem necessárias para conseguir reunir a informação, tendo em conta o objeto de estudo, (cf. Strauss & Corbin, 1997).

Este capítulo pretende descrever como se realizou a pesquisa, desde a escolha do tema; à construção da problemática, passando pela revisão da literatura, recolha, análise, até à obtenção dos resultados. Neste caminho foram feitas opções, no que diz respeito à **metodologia qualitativa**. As nossas escolhas traduzem o cruzamento entre o quadro teórico, a escolha dos métodos e técnicas e a sua adequação ao objeto de estudo e ao contexto da investigação, por forma a permitir uma reflexão da realidade social que se propõe investigar, (cf. Strauss & Corbin, 1997). Os métodos utilizados para a condução desta investigação foram dois: o método qualitativo e o quantitativo (com menor expressão). As técnicas selecionadas foram a entrevista e o inquérito por questionário. Tendo tido acesso a um acervo documental, foi ainda aplicada a técnica de análise documental, em que se tem acesso à informação, de forma indireta, a partir de um conjunto de dados já recolhidos; esta permite a recolha de dados de diversos materiais, como documentos antigos, entre outros. (cf. Silva; Elias & Abramowiz, 1987).

#### 7.1 Justificação

Este estudo tem como **tema** *As escolhas, motivações e representações dos alunos da Licenciatura em Serviço Social*, na Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Católica de Lisboa.

Este estudo nasceu da **experiência pessoal da investigadora**, «(...) o critério de experiência própria de alguém pode ser um indicador mais valioso de um esforço de pesquisa potencialmente bem-sucedido do que outra fonte mais abstrata» (Strauss & Corbin, 1997: 49), enquanto aluna da Licenciatura em Serviço Social, da mesma Universidade onde se realizou a investigação proposta. Surgindo da observação direta participante, com colegas de turma, em que a curiosidade sobre a trajetória da escolha do curso, difere em cada indivíduo, mas também com motivações convergentes, sendo que

cada motivação que nos levou à escolha da licenciatura definia muito o perfil enquanto aluno(a) de Serviço Social e o que se pretendia do curso. Essa experiência pessoal originou um interesse no aprofundamento e reflexão sobre estas próprias escolhas. A investigadora partiu para a proposta desta mesma investigação, através de hipóteses formuladas, através da realidade observável, constatada pela experiência pessoal enquanto aluna.

## **7.2 Escolhas metodológicas**

Esta investigação situa-se no paradigma emergente, pois os dados emergem da prática e da observação empírica; em que os conceitos, teorias, e instrumentos operativos permitem descrever, interpretar e explicar os fenómenos observados e as variações destes fenómenos. O paradigma emergente não concebe a teoria como ciência, apenas considera a teoria como um «quadro hipotético», formulado através de uma representação da realidade que necessita de verificação, através do confronto com a empírica, e daí surgirá a ciência fundamentada pela teoria e a prática, numa relação indissociável, como Isabel Guerra (2002) refere. Assim, trata-se de uma **abordagem indutiva**, sendo o conhecimento construído do concreto para o abstrato, do real para o conceptual, da experiência sensível para a teoria. «Não se procura verificar as hipóteses, desenvolvidas de forma genérica e fora do contexto, mas reconstruir do “interior” a lógica e as propriedades de uma ordem local – o que é um processo indutivo», (ibidem, 2002: 49). Pretende-se que exista uma lógica na construção desta investigação, num cruzamento da teoria com a empírica.

O **campo empírico de observação** traduz os territórios em que se observou a realidade e o fenómeno em estudo – neste caso, as representações dos jovens estudantes da licenciatura sobre a profissão; sendo o campo empírico de observação, a Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Católica de Lisboa, nomeadamente as alunas e alunos que frequentam os diversos anos do curso de Licenciatura em Serviço Social, no ano letivo 2012-2013.

A metodologia utilizada nesta investigação foi uma **metodologia qualitativa** que visa proporcionar uma forma de visão que permita uma análise metodológica, que o pesquisador social espera conseguir a par com a pesquisa, bem como a utilização de técnicas e instrumentos necessários, que transmitem as formas para a transformação dessa forma de visão, em realidade, (cf. Strauss & Corbin, 1997). Não esquecendo que a opção por esta metodologia não traz menos dignidade, ou causa a ausência da veracidade e

aprofundamento da investigação, pois o valor desta metodologia está presente na potencialidade de não só originar teoria como, corroborar essa teoria com os dados recolhidos, (idem).

De acordo, com a experiência da investigadora enquanto aluna de Serviço Social e tendo em conta a convivência com colegas de curso, surgiram curiosidades a que sentiu necessidade de ser respondidas. Portanto foi necessário construir um diagrama que representasse as hipóteses identificadas para a escolha de Licenciatura em Serviço Social. Assim, este diagrama seguinte pretende representar as hipóteses identificadas, influenciadas pela observação e percepção, enquanto antiga aluna da Licenciatura em Serviço Social.

## Os critérios de escolha do curso e da profissão



**Figura n.º 2** Os critérios de escolha do curso e da profissão (Hipóteses identificadas)

### 7.3 Formulação das questões de pesquisa

A aluna optou pela construção de **questões de investigação**, em vez de uma questão de pesquisa, pois é a opção que mais vai ao encontro com o que se pretendeu estudar, (cf. Strauss & Corbin, 1997: 49). Assim, a investigadora comprometeu-se ao longo da sua investigação responder às mesmas.

Como **objetivos gerais** a investigadora procedeu ao levantamento das representações e motivações dos alunos da Licenciatura em Serviço Social, que conduzem à escolha deste curso. Perceber ainda quais as expectativas dos jovens sobre o Serviço Social, se estas são ou não correspondidas pelos *curricula*, e por fim, implementar novas estratégias e

apresentar recomendações de abordagem aos jovens, sugerindo que logo na Orientação Vocacional, as abordagens do curso que sejam mais eficazes para o conhecimento e captação de novos alunos para o Serviço Social. A investigadora ainda se propõe a identificar os tipos de representações e imagens que condicionam a escolha do curso de Serviço Social; averiguar o conhecimento que os jovens tinham sobre o curso de Serviço Social, no momento da escolha por este curso; identificar as expectativas dos jovens, face ao seu percurso académico, nomeadamente à frequência do curso de Serviço Social; averiguar se estas expectativas são verificadas e correspondidas ao longo da licenciatura de Serviço Social; organizar um conjunto de estratégias adequadas à melhor e maior divulgação do curso e da profissão de Serviço Social; ajustar e facilitar a informação sobre os conteúdos programáticos do curso de Serviço Social ao perfil dos jovens, para o ingresso destes no ensino superior. Estes pressupostos são verificados como os **objetivos específicos** da investigação.

Este estudo tem como **finalidade** encontrar padrões e perfis, que traduzam as principais características e capacidades dos alunos de Serviço Social, sendo estas identificadas no início e no final da vida académica. Pensa-se que este estudo pode contribuir, de forma positiva, para um melhor conhecimento sobre estes atores e pode auxiliar os alunos na sua opção e integração na vida académica. De igual modo, pode clarificar quais são as motivações dos jovens para a frequência da licenciatura em Serviço Social.

#### **7.4 Construção e Caracterização do universo de análise**

- **O Público-alvo da investigação**

A população-alvo foi obtida a partir de uma amostra intencional e seletiva. Escolheram-se todos os alunos do atual curso da licenciatura em Serviço Social, perfazendo um total de 83 indivíduos, inscritos no ano letivo de 2012-13, nos sete semestres da licenciatura. Portanto, trata-se não de uma amostra representativa, mas de um **universo representativo** conforme nos informa Isabel Guerra (2006), pois as características do universo observado correspondem a um conjunto de propriedades que se atribuem ao objeto de estudo, tendo ainda a preocupação de responder às questões de pesquisa, propostas anteriormente. Ou seja, esta é uma amostra seletiva e de conveniência. A população foi constituída por todo o universo dos alunos inscritos na licenciatura de

Serviço social em 2012-2013, tendo em conta os objetivos deste estudo, o tempo de pesquisa e a viabilidade da sua concretização.

**Caraterização dos discentes da atual Licenciatura em Serviço Social, na Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Católica de Lisboa (ano letivo 2012/2013)<sup>28</sup>**

No ano letivo 2012/2013 encontravam-se inscritos 83 alunos na Licenciatura em Serviço Social, da Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Católica de Lisboa. Em relação ao género, 7 indivíduos são do género masculino e os restantes 76 são do género feminino. Não há alteração quanto à prevalência e dominância do público feminino em Serviço Social.

**Caraterização dos discentes da Licenciatura em Serviço Social, ano letivo 2012/2013**

Género/Idade	18	19	20	21	22	23	> 23	Total
<b>Masculino</b>	-	-	1	2	2	1	1	7
<b>Feminino</b>	5	11	8	16	11	6	19	76
								83

**Quadro n.º 12** Caraterização do género e idade dos alunos da Licenciatura em Serviço Social, 2012-2013

Relativamente às idades dos discentes por género: no género feminino, 5 indivíduos com 18 anos; 11 indivíduos com 19 anos; 8 indivíduos com 20 anos; 16 indivíduos com 21 anos; 11 indivíduos com 22 anos; 6 indivíduos com 23 anos e 19 indivíduos com idade superior a 23 anos. Quanto ao género masculino, temos, 1 indivíduo com 20 anos; 2 indivíduos com 21 anos; 2 indivíduo com 22 anos; 1 indivíduos com 23 anos e 1 indivíduo com mais de 23 anos. Não foi possível apurar a média de idades, pois existem 20 alunos, com idade superior a 23 anos, dos quais não dispomos a idade exata.

---

<sup>28</sup> Informação fornecida pelo secretariado escolar da Universidade Católica de Lisboa, após um pedido formal aos dirigentes responsáveis do curso de Licenciatura de Serviço Social. Todas as etapas deste processo foram realizadas através de correio eletrónico.

**Caraterização por ano curricular dos alunos da Licenciatura em Serviço Social, 2012/2013<sup>29</sup>**

<b>Ano Curricular</b>	<b>HM</b>	<b>H</b>	<b>M</b>
1.º Ano	19	2	17
2.º Ano	15	1	14
3.º Ano	49	4	45
<b>Total</b>	<b>83</b>	<b>7</b>	<b>76</b>

**Quadro n.º 13** Caraterização por ano curricular dos alunos da Licenciatura em Serviço Social, inscritos entre fevereiro a abril, em 2013

No que diz respeito à distribuição dos alunos por ano curricular: 19 discentes no 1.º ano curricular: 17 discentes do género feminino e 2 discentes do género masculino. 15 Discentes do 2.º ano curricular: 14 Discentes do género feminino e 1 do género masculino. 49 Discentes do 3.º ano curricular, correspondente aos três semestres: 45 Discentes do género feminino e 4 discentes do género masculino.

**Caracterização dos participantes no questionário da atual Licenciatura em Serviço Social, na Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Católica de Lisboa (ano letivo 2012/2013)**

O questionário aplicado pretendia abranger toda a população de alunos da Licenciatura em Serviço Social, do ano letivo de 20012-2013, do 1.º, 2.º, 3.º e 4.º ano, sendo o universo compreendido pelos 83 alunos inscritos. Após a sua aplicação, obtiveram-se 41 respostas, o que representa uma participação de 49, 4% dos inquiridos.

A identificação dos inquiridos, por ano curricular de frequência, diz-nos que a maioria pertencia ao 3.º ano, com 17 participantes (41%), de seguida o 4.º ano com 11 participantes (27%), o 1.º ano com 7 participantes (17 %) e 2.º ano com 6 participantes (15%).

---

<sup>29</sup> Informação fornecida pelo secretariado escolar da Universidade Católica de Lisboa, após um pedido formal aos dirigentes responsáveis do curso de Licenciatura de Serviço Social. Todas as etapas deste processo foram realizadas através de correio eletrónico. Os alunos ainda não tinham alcançado o n.º de ECTS para passagem para o 4º ano, para efeitos de contabilização a nível do secretariado, por isso não foi possível apurar os alunos apenas do 3.º semestre do 3.º ano, ou do 1.º semestre do 4.º ano.

## Caraterização por género e idade dos participantes no questionário

Género/Idade	18	19	20	21	22	23	24	[25-30]	[31-35]	[36-40]	Total
<b>Masculino</b>	-	-	1	-	2	-	-	1	-	-	4
<b>Feminino</b>	3	6	4	5	4	4	2	5	1	3	37
											41

**Quadro n.º 14** Caracterização dos inquiridos género e idade dos alunos da Licenciatura em Serviço Social, 2012/2013

Relativamente às idades dos discentes por género: no género feminino, 3 indivíduos com 18 anos; 6 indivíduos com 19 anos; 4 indivíduos com 20 anos; 5 indivíduos com 21 anos; 4 indivíduos com 22 anos; 4 indivíduos com 23 anos; 2 indivíduos com 24 anos; 5 indivíduos na faixa etária entre os 25 e os 30 anos; 1 indivíduo na faixa etária ente os 31 e 35 anos e 3 indivíduos na faixa etária entre os 36 e os 40 anos. Quanto ao género masculino, temos, 1 indivíduo com 20 anos; 2 indivíduos com 22 anos e 1 indivíduo na faixa etária entre os 25 e os 30 anos. A média aproximada de idades, no género feminino é de 23,4 anos e do género masculino 22,9 anos, relativamente ao total a média de idade aproximada é de 23,4 anos.

### Recolha de dados

De acordo com o objeto de estudo desta investigação, os alunos da atual Licenciatura em Serviço Social da Faculdade de Ciências Humanas da UCP, tornaram-se a população-alvo, que se pretendeu inquirir através da técnica de inquérito por questionário. «O inquérito, tal como as restantes, é uma técnica de perguntar que teve a sua génese fora do âmbito da prática sociológica de pesquisa.», (Pinto & Silva, 2007: 166). Posto isto, seguiu-se a construção do respetivo questionário (anexo J.1) utilizando, a ferramenta *Google Docs*, que se define como «(...) um processador de texto on-line que permite criar e formatar documentos de texto, além de colaborar com outras pessoas em tempo real»<sup>30</sup>

---

<sup>30</sup> <https://support.google.com>, consultado dia 24 de julho de 2013 pelas 23h08

Com a finalização do processo de construção do inquérito por questionário, obteve-se o formulário do mesmo, estruturado em três grandes áreas. O perfil de caracterização do inquirido enquanto aluno da Licenciatura em Serviço Social, da FCH-UCP, que comporta questões de respostas fechadas e de resposta abertas curtas, como: o ano curricular de frequência, a idade, o género, as habilitações literárias, o exame de candidatura, a zona e o local de residência, entre outras. Como segunda área apenas uma única pergunta de resposta fechada, de identificação das motivações que levaram à escolha pelo Serviço Social. A terceira área é a Orientação Vocacional, em que se pretende saber se os alunos da Licenciatura em Serviço Social beneficiaram deste recurso e em que moldes, finalizando com uma resposta aberta com o objetivo da descrição da razão, ou razões, da opção por Serviço Social.

Para aplicação do questionário solicitou-se formalmente a autorização da coordenação da licenciatura em Serviço Social. Para apelo à participação neste questionário a investigadora optou pelo contacto presencial com os alunos, deslocando-se a cada uma das turmas, como forma de sensibilizar sobre a importância da participação individual.

Para se tornar mais fácil o acesso dos participantes, e uma vez obtida a autorização para a sua aplicação, recorreu-se à plataforma informática da FCH-UCP. Este questionário chegou junto dos alunos através do secretariado do curso de Serviço Social que enviou para as caixas de correio eletrónico, dos respetivos alunos. Para aceder a esta ferramenta, criou-se um *link específico*, com vista a obtenção de dados, *online*. Os *outputs*, dos questionários foram acedidos, pela investigadora, através do *Google docs*. (anexo J.3)

### **Tratamento e análise de dados**

Por fim procedeu-se à construção da descrição dos dados estatísticos (anexo J.2) e análise qualitativa dos mesmos (anexo J.5).

Para o tratamento dos dados recorreu-se à análise de conteúdo, «a análise de conteúdo é uma técnica de tratamento de informação, não é um método (...)», (Silva & Pinto, 2007: 104) em que se escolheu uma codificação temática e categorial. Partindo dos significados e sentidos atribuídos pelos alunos às suas experiências e vivências, identificaram-se conceitos, de acordo com a revisão da literatura. Utilizou-se uma grelha de análise identificando os conceitos estruturantes, as dimensões, as categorias e as subcategorias, construídas a partir das unidades de sentido. Um conceito tem várias dimensões

(propriedades), uma dimensão tem várias categorias (qualidades e características que agregam as variáveis); as unidades de sentido são «falas» dos participantes, recortadas em «frases» que dão significado às ações que estão representadas nas subcategorias.

Construiu-se uma grelha analítica para cada uma das questões. Identificaram-se os conceitos, e para estes, as respetivas dimensões e categorias (anexo J.5). Os principais conceitos identificados foram: a representação sobre o Serviço Social; a representação da UCP que influenciou a escolha; as expectativas face ao curso; o significado e definição de SS; a representação sobre o SS, no final do 1.º semestre; a aquisição de competências e contributos da aprendizagem e da vida académica a nível dos conhecimentos, das relações interpessoais, compreensão da realidade social; a autoimagem – características e competências pessoais e a participação em atividades sociais.

## CAPÍTULO 8 Informantes privilegiados

Ao proceder à pesquisa bibliográfica foi necessário ter contacto com o terreno e ir ao encontro de **informantes-chave**, «capazes de fornecer informações em razão de algumas características que garantem que ele possui conhecimentos particulares, ou que permitem neutralizar os vieses introduzidos pela presença do pesquisador do meio» (Maye, Robert & Jaccoud, Myléne, 2010: 271). Consideramos estes informantes como participantes capazes de fornecer informações fundamentadas pela sua experiência e conhecimentos particulares sobre as dimensões aqui em análise. A presença destes na construção da investigação é também importante, não só pelos seus conhecimentos específicos sobre o tema a abordar, como configuram um papel pertinente na neutralização das possíveis tendências pré-concebidas da pesquisadora social. (ibidem: 270). É importante referir que o pesquisador fica com um papel de sujeito na investigação e cabe-lhe justificar a escolha da sua estratégia de pesquisa, com uma lógica de pureza e verdade sobre o objeto.

A investigadora delimitou, então, três grupos de informantes privilegiados, seguidamente apresentados:

- **Grupo A** – Docentes da Licenciatura em Serviço Social, da Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Católica de Lisboa. (PSS)
- **Grupo B** – Técnicos de Orientação Vocacional em Escolas Secundárias (TOV)
- **Grupo C** – Discentes da Licenciatura em Serviço Social, da Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Católica de Lisboa, do ano letivo 2000-2001 (AL 01)

A investigadora também tinha previsto a inclusão de outro grupo de participantes (Grupo D), os alunos da primeira Licenciatura em Serviço Social, da Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Católica de Lisboa, anos letivos de 1996-97. Tendo construindo um guião de entrevista para este fim (anexo C.5), percebeu que não era fácil localizar, na atualidade, um número significativo dos antigos alunos, dentro do tempo expectável para este estudo. Isso implicaria também a inclusão de uma entrevista a um docente da primeira licenciatura; também foi construído um guião de entrevista (anexo C.6). Este seria mais um elemento do grupo C. Mas, devido a um reajustamento na gestão de tempo, para a finalização da dissertação de mestrado, não foi possível a sua inclusão.

Torna-se pertinente a caracterização dos mesmos, bem como a justificação da escolha destes grupos de participantes, tidos como informantes privilegiados.

### 8.1 Caracterização de outros informantes-chaves

- **Grupo A** - Docentes da Licenciatura em Serviço Social, da Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Católica de Lisboa. (PSS)

Na seleção dos docentes de Serviço Social, da licenciatura em Serviço Social na Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Católica de Lisboa, estiveram presentes os seguintes critérios:

- ✓ Experiência de docência na FCH-UCP;
- ✓ Contacto privilegiado com o público-alvo da investigação;
- ✓ Olhar sobre estas questões, através da relação professor-aluno.

<b>Grupo A</b> - Caracterização dos docentes de Serviço Social, entrevistados. Licenciatura em Serviço Social na Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Católica de Lisboa, 2012.13					
	<b>Género</b>	<b>Idade</b>	<b>Formação</b>	<b>Grau Académico</b>	<b>Anos de Docência</b>
PSS1	M	42	Licenciatura, Mestrado e Doutoramento em SS	Doutorado	12
PSS2	F	35	Licenciatura, Mestrado e doutoranda em SS	Mestre	12
PSS3	F	62	Licenciada em SS e Filosofia	Licenciada	32
PSS4	F	38	Licenciatura, Doutoramento em SS e Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação	Doutorada	10

**Quadro n.º 15** Caracterização dos docentes de Serviço Social, entrevistados. Género, idade, formação e decência

Foram entrevistados quatro professores. Três do género feminino e o quarto do género masculino, com idades compreendidas entre os 35 e os 60 anos, todos formados em Serviço Social. Um dos elementos também é formado em Filosofia e outro em Comunicação.

## **Recolha de dados**

Relativamente aos docentes, da Licenciatura em Serviço Social na Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Católica de Lisboa, utilizou-se, para a recolha, a entrevista semiestruturada.

*«As entrevistas constituem uma porta de acesso às realidades sociais, apostando na capacidade de entrar em relação com as outras. Do outro, essas realidades sociais não se deixam facilmente apreender, sendo transmitidas através do jogo e das questões das interações sociais que a relação de entrevista necessariamente implica, assim como do jogo complexo das múltiplas interpretações produzidas pelo discurso», (Poupart, 2010:215).*

Segundo, Santos, Vanice & Candeloro (2006), a entrevista semiestruturada tem como apoio um guião de questões a serem colocadas, mas que permite ao entrevistador formular novas questões a colocar ao entrevistado consoante as respostas do entrevistado.

Foram realizadas quatro entrevistas: a uma docente que teve experiência enquanto aluna, tendo sido uma das primeiras discentes, aquando a abertura da Licenciatura em Serviço Social, na Faculdade (1996.97). A uma docente com uma vasta experiência em lecionação (32 anos). A uma docente que tem também a experiência de exercer as funções de coordenadora da Licenciatura. A um docente (masculino) que também já teve funções de coordenador.

Assim, contactaram-se os docentes para a marcação das entrevistas, tendo por base um guião de entrevista (anexo C.1). Instrumento facilitador utilizado como função de orientação no decurso da entrevista. No que diz respeito à construção do guião da entrevista, esta foi estruturada em cinco áreas: experiência profissional e pessoal do entrevistado; o processo anterior de seleção de candidatos, tendo em consideração a entrevista que era realizada; perfil dos alunos de serviço social; vocação e Serviço Social e considerações finais. De acordo com as especificidades, experiência e funções desempenhadas pelo docente entrevistado, foram incluídas ou supridas algumas questões no que diz respeito aos guiões de entrevista, de cada entrevistado.

## **Tratamento e análise de dados**

Seguiu-se a concretização e gravação das mesmas e após isso a sua transcrição integral (anexo C.2), que permitiu reconstruir as entrevistas. No tratamento da informação recolhida, utilizou-se a análise de conteúdo. Para a codificação, de cada entrevista (anexo

C.3) procedeu-se à construção de uma grelha de análise (anexo C.4), em que se obteve para cada conceito, as respetivas dimensões, sendo estas:

- **Grupo B** - Técnicos de Orientação Vocacional em Escolas Secundárias (TOV)

Escolhemos entrevistar os Técnicos de Orientação Vocacional em Escolas Secundárias por sabermos que estes desempenham um importante papel na orientação dos jovens do ensino secundário, podendo influenciar as suas escolhas

Na seleção deste grupo estiveram presentes diferentes objetivos:

- ✓ Compreender melhor a realidade escolar na etapa da orientação vocacional, nas escolas de hoje, visto que a nível teórico esta comporta diversas dimensões, não existindo uma fórmula exata de como é aplicada nas escolas;
- ✓ Construir também a trajetória do caminho que os alunos fazem até à chegada ao ensino superior. Relevância no campo empírico;
- ✓ Identificar diferentes experiências de orientação vocacional;
- ✓ Contacto privilegiado sobre as escolhas e motivações dos jovens;
- ✓ Olhar sobre estas questões através da relação orientador-aluno.

<b>Grupo B – Técnicos de Orientação Vocacional nas Escolas Secundárias</b>					
	<b>Género</b>	<b>Idade</b>	<b>Formação</b>	<b>Grau Académico</b>	<b>Anos de Orientação Vocacional</b>
TOV1	F	60	Licenciatura em Filosofia e Pós-Graduada em Orientação Vocacional	Licenciada	31
TOV2	F	40	Licenciatura em Psicologia do Desenvolvimento e Clínica	Licenciada	16
TOV3	F	47	Licenciatura em Psicologia Pós-graduação em Terapia familiar sistémica Mestrado em Comunicação em saúde	Mestre	

**Quadro n.º 16** Caracterização dos Técnicos de Orientação Vocacional, por género, idade, formação e experiência profissional.

Foram entrevistadas três técnicas de orientação vocacional: duas psicólogas de formação, a terceira Licenciada em Filosofia, com pós-graduação em Orientação

Vocacional. Duas destas exercem em escolas públicas e uma numa escola privada. As idades das entrevistadas estão compreendidas entre os 40 e os 60 anos.

### **Recolha de dados**

Foram contactadas cinco escolas<sup>31</sup>, apenas três se mostraram disponíveis, as outras duas mostraram Posteriormente construiu-se um guião de entrevista (anexo D.1) e de seguida procedeu-se transcrições, das mesmas. O tipo de entrevista utilizada foi a entrevista semiestruturada. Esta entrevista continha questões prévias tendo sido estruturada por áreas temáticas, como: Experiência Profissional do Entrevistado; Sobre a Orientação Vocacional e a Relação dos jovens com a Orientação Vocacional.

### **Tratamento e análise de dados**

Com a transcrição integral das entrevistas (anexo D.2) procedeu-se à codificação individual de cada entrevista (anexo D.3). Partiu-se de uma grelha de análise (anexo D.4), de carácter exploratório, para cruzar a pesquisa teórica com a realidade revelada pelos entrevistados. Com a grelha de análise encontraram-se as dimensões de análise e respetivas categorias, sendo estas compostas por:

- **Grupo C** - Discentes da Licenciatura em Serviço Social, na Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Católica de Lisboa, ano letivo de 2000-2001

Este grupo de informantes constituiu-se por se ter tido conhecimento de existir um acervo documental do curso de SS da FCH-UCP, de 2000-2001. Pudemos verificar que este acervo documental reunia informação sobre as variáveis em estudo nesta investigação. Este acervo consiste em dois questionários (anexo E.1), aplicados aos alunos do ano letivo de 2000-2001, em dois momentos, no 1.º e no 2.º Semestre, nas disciplinas, Serviço Social I e Serviço Social II, respetivamente. Consideramos estas fichas de caracterização diagnóstica um potencial instrumento para o fornecimentos de dados para o objeto de estudo proposto.

---

<sup>31</sup> As escolas pertencem todas ao concelho de Lisboa, sendo o território onde está inserida a Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Católica de Lisboa, local onde se encontra a população privilegiada desta investigação. Foram iniciadas pesquisas através de sítios da Internet de Escolas Secundárias, utilizando como critérios de pesquisa a existência de orientação vocacional. Procedeu-se às diligências necessárias para a marcação e realização de entrevistas aos técnicos de orientação vocacional.

Este acervo documental foi gentilmente facultado pela Sr.<sup>a</sup> Professora Margarida Abreu, atual coordenadora do Arquivo Histórico e Documental de Serviço Social.

**Caracterização dos Discentes da Licenciatura em Serviço Social, na Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Católica de Lisboa, inscritos ano letivo de 2000-2001<sup>32</sup>**

Género/Idade	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30-34	35-39	Total
<b>Masculino</b>	1	5	2	1	8	3	4	3	-	-	1	-	1	-	29
<b>Feminino</b>	24	51	54	56	46	27	13	8	3	1	3	1	2	3	292
															321

**Quadro n.º 17** Caracterização dos Discentes inscritos em SS, no ano letivo de 2000-2001, na FCH-UCP

No ano letivo de 2000-2001, do 1.º ano curricular da Licenciatura em Serviço Social da FCH-UCP, 60 alunos preencheram ao questionário de diagnóstico, no 1.º semestre na cadeira de Serviço Social I, aqui denominado por Ficha n.º1. Sendo 58 alunos do género feminino e 2 alunos do género masculino. Não foi possível apurar as idades dos alunos que responderam ao questionário por não haver registo destas no documento.

**Caracterização dos Discentes inscritos em Serviço Social I, ano letivo de 2000-2001**

Género		Total
<b>Masculino</b>	2	60
<b>Feminino</b>	58	

**Quadro n.º 18** Caracterização dos Discentes por género e idade; questionário – 1.º semestre

No ano letivo de 2000-2001, do 1.º ano curricular da Licenciatura em Serviço Social da FCH-UCP, 48 alunos preencheram o questionário de diagnóstico, no 2.º semestre, na cadeira de Serviço

<sup>32</sup> Informação fornecida pelo secretariado escolar da Universidade Católica de Lisboa, após um pedido formal aos dirigentes responsáveis do curso de Licenciatura de Serviço Social. Todas as etapas deste processo foram realizadas através de correio eletrónico.

Social II, aqui denominado por Ficha n.º2. Sendo 46 alunos do género feminino e 2 alunos do género masculino. Não foi possível apurar as idades dos alunos que responderam ao questionário.

Relativamente, ao segundo questionário, uma das questões dizia respeito à atividade profissional dos estudantes, assim realizou-se um gráfico representativo das respostas dos alunos, por não haver registo no documento.

### **Caracterização dos Discentes inscritos em Serviço Social II, em 2000-2001**

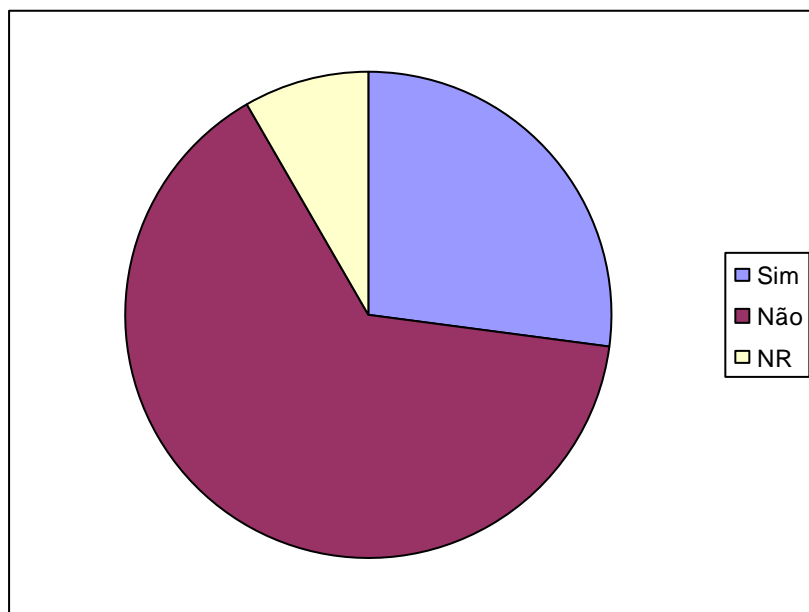
Género		Total
<b>Masculino</b>	2	48
<b>Feminino</b>	46	

**Quadro n.º19** Caracterização dos Discentes por género e idade; questionário – 2.º semestre

No ano letivo de 2000-2001, do 1.º ano curricular da Licenciatura em Serviço Social da FCH-UCP, preencheram ao questionário de diagnóstico, no 2.º semestre na cadeira de Serviço Social II, denominado por Ficha n.º2, 48 alunos, 46 alunos do género feminino e 2 alunos do género masculino. Não foi possível apurar as idades dos alunos que responderam ao questionário.

Relativamente, ao segundo questionário, uma das questões dizia respeito à atividade profissional dos estudantes, assim realizou-se um gráfico representativo das respostas dos alunos.

### a) Atividade Profissional dos Estudantes



**Gráfico n.º 1** Caracterização dos alunos por atividade profissional (alunos de 2000-2001)

Dos alunos que responderam ao questionário, num total de 48, 13 destes tinha uma atividade profissional. Destes 13 alunos, 1 é do género masculino, e 12 do género feminino. As horas de trabalho variam das 2 horas às 35 horas, ou seja, entre trabalho a tempo parcial e trabalho a tempo completo. O local de trabalho mais usual era na Universidade Católica, na realização de inquéritos/sondagens, pelo CESOP. As outras áreas do exercício profissional incidiam sobre a animação sociocultural com idosos, telefonista em empresa, trabalho com crianças, vendedora de loja, repositora em supermercado, explicadora particular, operadora chefe em supermercado. Os restantes 31 alunos, sendo 1 do género masculino e 30 do género feminino, não exerciam nenhuma atividade considerada profissional; 2 alunos não responderam à questão. Faltando dados de 4 alunos, que não se conseguiu apurar as respostas devido à ausência da segunda página do questionário, desses alunos.

#### **Recolha dos dados**

Para tratamento da informação contida nos questionários procedeu-se à análise documental e a uma análise de conteúdo.

Este acervo documental trouxe uma contribuição valiosa a este estudo, pois esta recolha de dados foi realizada a um grupo de alunos inscritos em Serviço Social I, que foi submetido a um questionário de caracterização diagnóstica. O questionário, consiste maioritariamente em questões abertas versando estas sobre as temáticas que a investigadora se tinha proposto investigar no início deste trabalho.

### **Tratamento e análise de dados**

Relativamente, à análise documental, como forma de contextualização, é importante referir que foram entregues dois questionários aos alunos da Licenciatura em SS, no ano letivo 2000-2001, no início do 1.º Semestre e do 2.º Semestre, então identificados por Ficha n.º 1 e Ficha n.º 2, pela investigadora.

Para tratamento dos dados, construiu-se uma primeira grelha de recolha (anexo E.2), procedendo-se assim à procura de «estabelecer relações de associação ou correlação entre variáveis. Poderá, por exemplo, no caso em que se recorreu à análise de conteúdo, estabelecer relações entre as diferentes características que considera relevantes a nível da fonte, do tempo histórico em que o material foi produzido, etc.», (Silva & Pinto, 2007: 105). Cruzando com o quadro teórico, após revisão da literatura, construiu-se seguidamente uma grelha de codificação dos dados obtidos (anexo E.3) e uma grelha de análise categorial e temática (anexo E.4), obtendo novos conceitos e suas dimensões. Assim tendo em conta a análise documental, da Ficha n.º 2 – pergunta 2, verificou-se cinco diferentes dimensões

### **8.2 A ética na investigação**

A ética na pesquisa social é um ponto essencial, pois as exigências éticas têm de ser necessariamente alcançadas, através de «um real voluntariado da parte de todas as pessoas engajadas em um processo de pesquisa, uma prática focada nos valores democráticos de autonomia, liberdade, igualdade, respeito mútuo e uma fé comum em uma verdade que se constrói pela cooperação e o diálogo», (Caron, 1993: 69, cit in 280).

A experiência pessoal académica da investigadora criou um envolvimento constante no processo de trabalho, obrigando a um distanciamento da postura pessoal enquanto aluna, pois este implicou a revivência das suas escolhas, motivações, expectativas e da razão da própria escolha do curso Serviço Social. Sendo, «difícil assumir inteiramente uma postura

científica e afastar o desejo (fé) de que as suas atividades de conhecimento lhes forneçam meios de revelação sobre o mundo», (Guerra, 2002: 47).

Toda a informação resultante do contacto com estes atores (grupos de participantes e o público-alvo da investigação) foi apenas usada para o fim pretendido, salvaguardando-se, assim, o anonimato dos mesmos e a **confidencialidade** da informação revelada, pois compete ao investigador «poder garantir o carácter confidencial e o anonimato», (Maye, Robert & Jaccoud, Myléne, 2010: 279). Salientando, ainda, que todos os registos gravados, das entrevistas, foram guardados, de forma a salvaguardar a informação mais fidedigna da fonte.

### **8.3 Estudo de caso e triangulação**

«Na sua maioria os casos de interesse em educação e no serviço social são as pessoas e os programas», (Stake, 2012: 17). Questionamos assim se este estudo poderia ser considerado um *case study* mas concluímos que esta técnica de pesquisa requer proximidade, observação direta dos factos e permanência no terreno, situação que não se verifica no nosso estudo.

A *triangulação* refere a necessidade do investigador validar os seus dados com recurso a diferentes critérios, como forma de creditar a sua interpretação e fornecer aos seus pares dados e instrumentos de aferição e comparação.

De acordo com Denzin, (1984, in Stake, 2012:126), utilizamos aqui a *triangulação da fonte de dados*, recorrendo aos questionários de 2000.01 que recolhem os mesmos elementos, junto de um público idêntico, mas num outro marco de tempo. Permitiu assim fazer comparações sobre as escolhas e representações dos alunos de serviço social de dois anos distintos. Utilizamos também a *triangulação do investigador*, que propõe o recurso a outros investigadores para analisarem a mesma cena ou fenómeno; realizámos entrevistas aos docentes de Serviço Social e aos Técnicos de Orientação Vocacional, para descentrar o olhar da investigadora e comprovar o enfoque teórico. Utilizámos também a *triangulação metodológica*, ao realizar uma observação direta sobre registos antigos, através da análise documental e recurso aos questionários de 2000-2001, bem como através do uso de diferentes técnicas de recolha de dados, realizando também as entrevistas aos profissionais de ensino e orientação, para validar os dados dos questionários e aumentar a confiança na nossa interpretação, (Stake, 2012: 126,7).

Síntese da Parte III

CIÊNCIAS SOCIAIS

METODOLOGIA EM SERVIÇO SOCIAL

Investigação: paradigma emergente, uma abordagem indutiva, estudo exploratório

Método qualitativo

Recolha de dados

Recolha direta

Recolha indireta

Técnica de pesquisa qualitativa

1. Inquérito por questionário

2. Entrevista semi-estruturada

Técnica de pesquisa qualitativa

3. Recolha documental dos inqueritos por questionário aplicados em 2000-01

Tratamento e Análise de dados

1.

Instrumento

- Inquerito por questionário aplicado no *google docs*

Instrumentos

- Folha em *excel* com resultados obtidos no questionário
- Interpretação dos dados obtidos no questionário

Instrumento

- Grelha de análise temática e categorial

Instrumentos

- Realização de entrevista diretiva e semi-diretiva
- Transcrição e codificação individual e cada entrevista

Instrumento

- Grelha de análise temática e categorial de entrevistas

Instrumentos

- Resultados das entrevistas

3.

Instrumentos

- Transcrição, sistematização e tratamento dos dados dos inqueritos por questionário
- Codificação individual dos inqueritos por questionários

Instrumento

- Grelha de análise temática e categorial dos inqueritos por questionário

Instrumento

- Resultados dos inqueritos por questionário

Ética Científica

## **PARTE IV – PRINCIPAIS RESULTADOS DA PESQUISA**

Este estudo teve como propósito identificar as representações e motivações que os alunos têm para a escolha do curso de Licenciatura em Serviço Social. De igual modo, pretendeu-se identificar as expectativas que os alunos têm em relação ao curso e à profissão; saber de que forma estas são correspondidas, ou não, ao final do curso e que tipos de abordagem, estes jovens, tiveram sobre o que é o curso de Serviço Social, em que consiste e que saídas profissionais faculta.

A população selecionada para este estudo constitui uma amostra não representativa e de conveniência. Apesar do universo corresponder aos alunos inscritos na Licenciatura de Serviço Social, da FCH-UCP, do ano letivo 20012-2013, perfazendo os 83 alunos, distribuídos pelos sete semestres curriculares, apenas 41 responderam ao questionário aplicado (49,4%). Identificaram-se, então, outros atores-chave, considerando-os informantes privilegiados desta pesquisa: 4 elementos do corpo docente da FCH-UCP. Para além destes, pareceu-nos importante recolher informação junto de 3 Técnicos de Orientação Vocacional, para identificarmos os perfis-tipo dos alunos do secundário indicados para frequentar o curso de Serviço Social. No decurso da pesquisa tivemos acesso a um acervo documental do Arquivo Histórico de Serviço Social, da FCH-UCP. O acesso a dois questionários aplicados a alunos, das disciplinas de Serviço Social I e II, da mesma faculdade, no ano letivo 2000-2001, de caracterização e diagnóstico dos alunos, foram considerados cruciais para o enriquecimento do trabalho, devido ao foco do questionário/entrevista ser direcionado para as mesmas questões abordadas, ao longo desta dissertação de mestrado.

Foram estas questões que levaram a uma pesquisa em três frentes, ou eixos de pesquisa: as culturas juvenis, gostos e preferências dos jovens; a vocação e as escolhas profissionais dos jovens; a identidade profissional dos Assistentes Sociais e a escolha do curso de Serviço Social. Utilizaram-se três técnicas distintas, de recolha de dados para diferentes públicos-alvo. Para a recolha de dados junto dos alunos da atual licenciatura, utilizou-se o inquérito por questionário, enviado por email através de uma aplicação informática; para recolher os contributos dos docentes de Serviços Social, bem como dos Técnicos de Orientação Vocacional utilizou-se a entrevista individual e semiestruturada. Para tratamento da informação contida nos questionários aplicados aos discentes de 2000-2001, utilizou-se a análise documental e análise de conteúdo.

Esta Parte IV pretende apresentar e refletir sobre o tratamento de dados. Os resultados obtidos derivam do cruzamento entre os conceitos sugeridos pelo quadro teórico e os significados e sentidos atribuídos pelos atores às suas experiências. Pretende-se desta forma dar resposta aos objetivos de pesquisa e responder às questões de investigação descritas inicialmente. De modo a facilitar a sua apresentação, dividiu-se a informação em três capítulos, um por cada grupo específico de informantes, segundo as três técnicas utilizadas, tendo em conta a metodologia utilizada, atrás enunciada, na Parte III.

## **CAPÍTULO 9 Caracterização dos discentes da Licenciatura em Serviço Social, do ano letivo de 2000-2001 e 2012-2013**

Tratando-se de uma pesquisa exploratória formularam-se temáticas desconstruídas através de dimensões estabelecidas. Estas foram obtidas com a aplicação de inquéritos por questionário aos 83 alunos da Licenciatura em Serviço Social, do ano letivo de 2012-2013, aos quais responderam 41 alunos. No decurso da pesquisa tivemos acesso a um acervo documental do Arquivo Histórico de Serviço Social. Deste seleccionámos dois questionários que foram respondidos nas cadeiras de Serviço Social I e II, do primeiro e segundo semestres do ano letivo de 2000-2001, sendo estes questionários de caracterização diagnóstica dos alunos do 1.º ano da Licenciatura. Responderam aos questionários 60 alunos e 48 alunos, respetivamente. Tendo em conta as perguntas formuladas, no questionário aplicado no início do primeiro semestre e no final do segundo semestre, que aqui chamamos de Ficha n.º 1 e Ficha n.º 2, e as questões formuladas, no inquérito por questionário aplicado pela investigadora aos alunos da Licenciatura em SS, no ano letivo 2012-2013, identificaram-se os conceitos estruturantes, de acordo com o quadro teórico construído após revisão da literatura. A cada pergunta fizemos corresponder um conceito, seguindo a técnica de análise de conteúdo, procedeu-se a uma análise temática e categorial. Para cada conceito identificaram-se diferentes dimensões, a que correspondem determinadas categorias, que agregam as “falas” dos alunos, por temas e suas características.

### **9.1 Caracterização Demográfica dos alunos, do ano letivo de 2000-2001 e 2012-2013**

Esta parte diz respeito à caracterização dos alunos, tanto do ano letivo 2000-2001, como do ano letivo de 2012-2013, relativamente ao género, idade, habilitações literárias, zona de residência.

#### **9.1.1 Caracterização dos alunos de 2000-2001, por género**

No ano letivo de 2000-2001, do 1.º ano curricular da Licenciatura em Serviço Social da FCH-UCP, preencheram o questionário de diagnóstico, no 1.º semestre, na cadeira de Serviço Social I, denominado por Ficha n.º 1, 60 alunos: 58 alunos do género feminino e 2

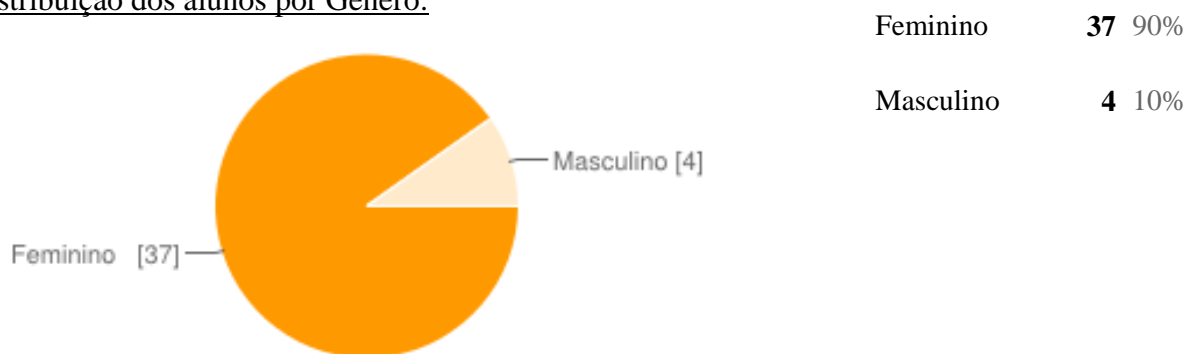
alunos do género masculino. Não foi possível apurar as idades dos alunos que responderam ao questionário por não haver registos.

No ano letivo de 2000-2001, preencheram o questionário de diagnóstico, no 2.º semestre na cadeira de Serviço Social II, aqui denominado por Ficha n.º 2, 48 alunos, do 1.º ano curricular da Licenciatura em Serviço Social. Sendo 46 alunos do género feminino e 2 alunos do género masculino. Não foi possível apurar as idades dos alunos que responderam ao questionário por não haver registos.

### 9.1.2 Caracterização dos alunos de 2012-2013 por género e idade

No que diz respeito aos inquiridos por questionário, aplicados aos alunos de 2012-2013, após a sua aplicação, obtiveram-se 41 respostas, o que representa uma participação de 49, 4% dos inquiridos. Relativamente, às idades dos discentes por género, há 37 indivíduos do género feminino e 4 do género masculino. Distribuindo por género e grupos de idades: no género feminino, 3 indivíduos com 18 anos; 6 indivíduos com 19 anos; 4 indivíduos com 20 anos; 5 indivíduos com 21 anos; 4 indivíduos com 22 anos; 4 indivíduos com 23 anos; 2 indivíduos com 24 anos; 5 indivíduos na faixa etária entre os 25 e os 30 anos; 1 indivíduo na faixa etária ente os 31 e 35 anos e 3 indivíduos na faixa etária entre os 36 e os 40 anos. Quanto ao género masculino, temos, 1 indivíduo com 20 anos; 2 indivíduos com 22 anos e 1 indivíduo na faixa etária entre os 25 e os 30 anos. A média aproximada de idades no género feminino é de 23,4 anos e no género masculino 22,9 anos, relativamente ao total a média aproximada de idades é 23,4 anos. Como verificável através do gráfico apresentado:

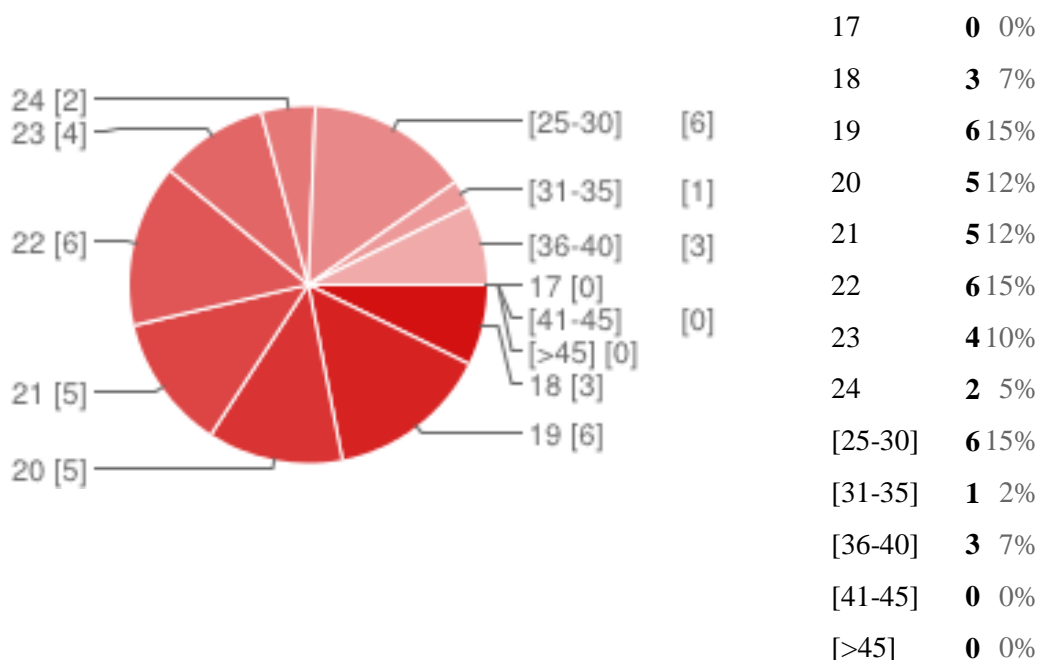
Distribuição dos alunos por Género:



**Gráfico n.º 2** Distribuição dos alunos por género (2012-2013)

Tal como seria de esperar, e de acordo com a composição da população-tipo do curso de Serviço Social, constatou-se um elevado número de respostas de alunos do género feminino, 37 alunas (90%), em relação a 4 (10%) respostas de alunos do género masculino. Mantém-se ao facto de a licenciatura em SS ser maioritariamente frequentada pelo género feminino, logo a existência de mais Assistentes Sociais mulheres na universidade e na intervenção social.

### Faixa Etária



**Gráfico circular n.º 3** Distribuição dos alunos por grupos e classes de idades (2012-2013)

Responderam ao questionário, 41 alunos. A idade dos inquiridos varia entre os 18 e os 40 anos de idade, inclusive. A média aproximada de idades corresponde a 23, 4 anos, no total. Entre os 18 e os 20 anos, temos 14 indivíduos; entre os 21 e 24 anos temos 17 indivíduos; entre os 25 e 30 anos temos 6 indivíduos; e entre os 30 e os 40 anos temos 4 indivíduos.

Denota-se que na distribuição por género, o género feminino tem uma representação bastante significativa, em ambos os grupos de discentes analisados, do ano letivo de 2000-2001 e do ano letivo de 2012-2013, verificado pelos dados expostos. Talvez a explicação

esteja, na ausência ou desfasamento no processo educativo, desempenhado pela escola, que apesar de ser para o género feminino e masculino, é visível a desigualdade na preparação de alunos, que induzem para determinadas profissões ou áreas, (Laura Fonseca, 1993).

### 9.1.3 Caracterização dos alunos de 2000-2001 por habilitações literárias

Em relação, às habilitações literárias, dos alunos de 2000-2001, estas são:

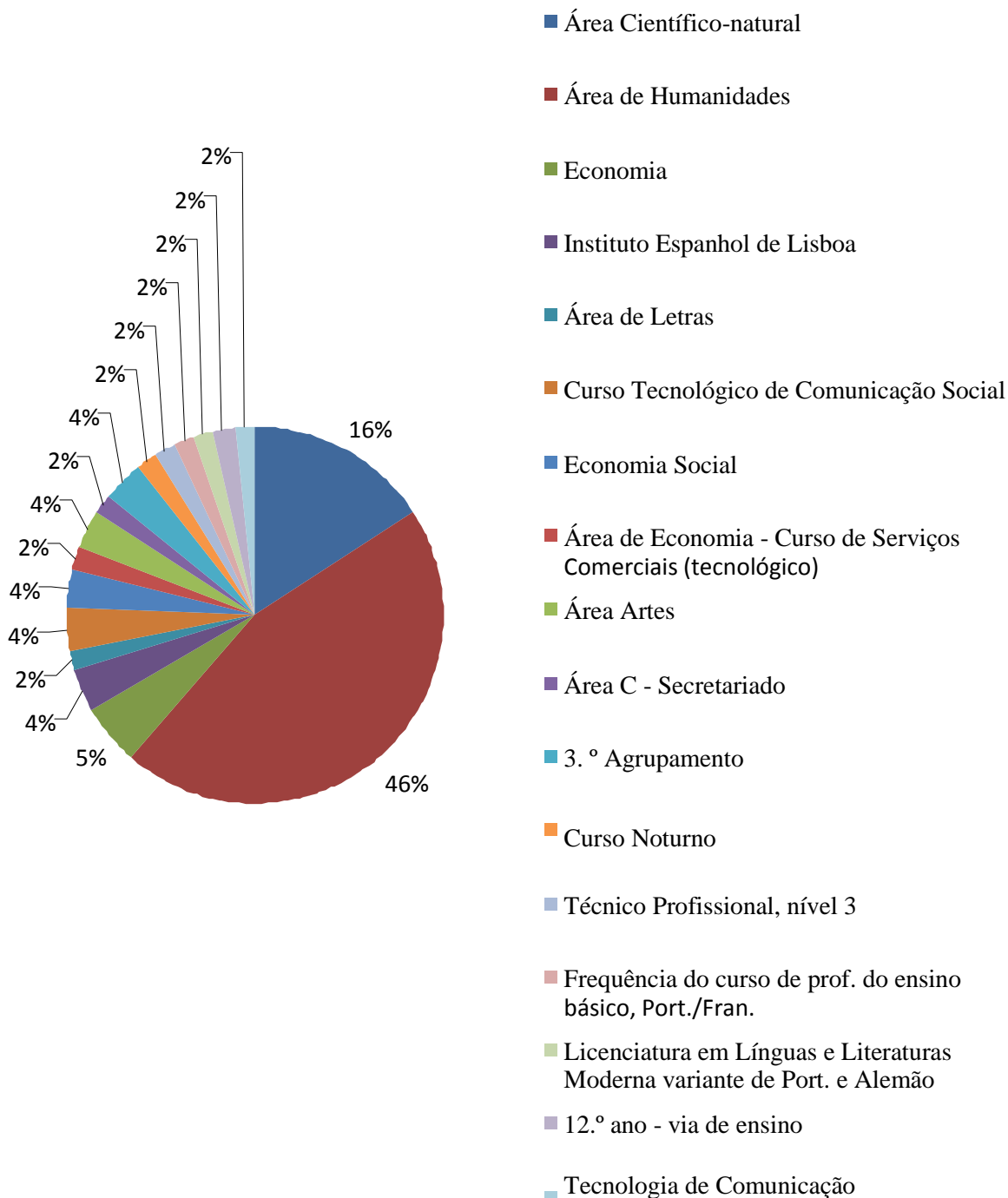


Gráfico n.º 4 Distribuição dos alunos segundo as habilitações literárias (2000-2001)

O curso anterior à experiência universitária dos inquiridos, na sua maioria, corresponde à área de Humanidades com 26 alunos (51%). Temos depois, com 9 alunos (16%) a área de científico-natural; com 3 alunos (5%) Economia; com apenas 2 alunos (4%) o secundário no Instituto Espanhol de Lisboa, o curso Tecnológico de Comunicação Social, Economia Social, área de Artes e o 3.º Agrupamento. A área de letras, a área de Economia - Curso de Serviços Comerciais (tecnológico), a área C – Secretariado, Curso Noturno, Técnico Profissional - nível 3, Frequência do curso de prof. Do ensino básico, Português/Francês Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas variante de Português e Alemão, o 12.º ano - via de ensino e o curso de Tecnologia de Comunicação tiveram apenas 1 aluno (2%). Sendo que 3 Alunos, não responderam à questão.

Tendo em conta, ainda este grupo de alunos do ano letivo de 2000-2001, existem ainda um outro dado de caracterização, o domínio de línguas.

Relativamente ao domínio das línguas, a nível da leitura, o espanhol obteve 6 “Bem”, 26 “Mal”, 20 “Suficiente” e 8 não responderam. O Francês obteve 5 “Bem”, 24 “Mal”, 1 “Suficiente” e 6 não responderam. O Inglês obteve 21 “Bem”, 4 “Mal”, 32 “Suficiente” e 1 não respondeu.

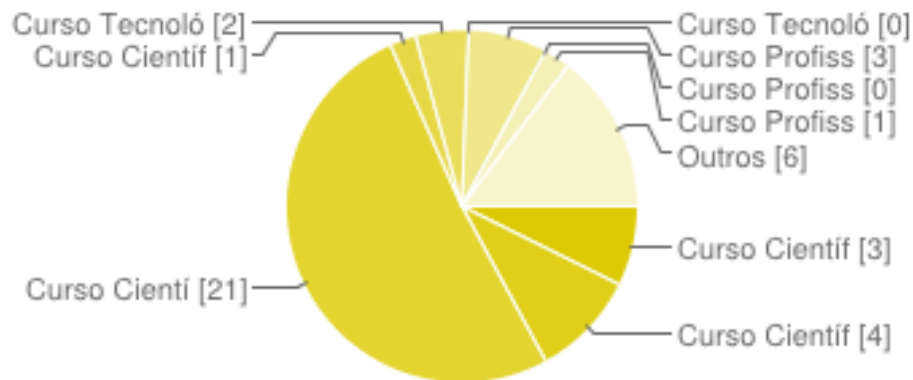
No que diz respeito ao nível da oralidade, o espanhol obteve 5 “Bem”, 37 “Mal”, 9 “Suficiente” e 7 não responderam. O Francês obteve 1 “Bem”, 33 “Mal”, 19 “Suficiente” e 6 não responderam. O Inglês obteve 17 “Bem”, 10 “Mal”, 28 “Suficiente” e 3 não responderam.

Pode-se analisar que quanto ao domínio das Línguas, existe uma percentagem evidente de alunos que classificou as suas competências como más, sendo o espanhol e o francês são as línguas que apresentam maior número de “Maus”. O Inglês é a língua que fica com um valor positivo tanto na leitura como na oralidade.

Esta dimensão, o domínio de línguas, não é observável para os alunos de 2012-2013 pois quando a investigadora realizou a recolha direta, pelo inquérito por questionário, não colocou esta questão.

### 9.1.4 Caracterização dos alunos de 2012-2013 por habilitações literárias

#### Habilitações Literárias

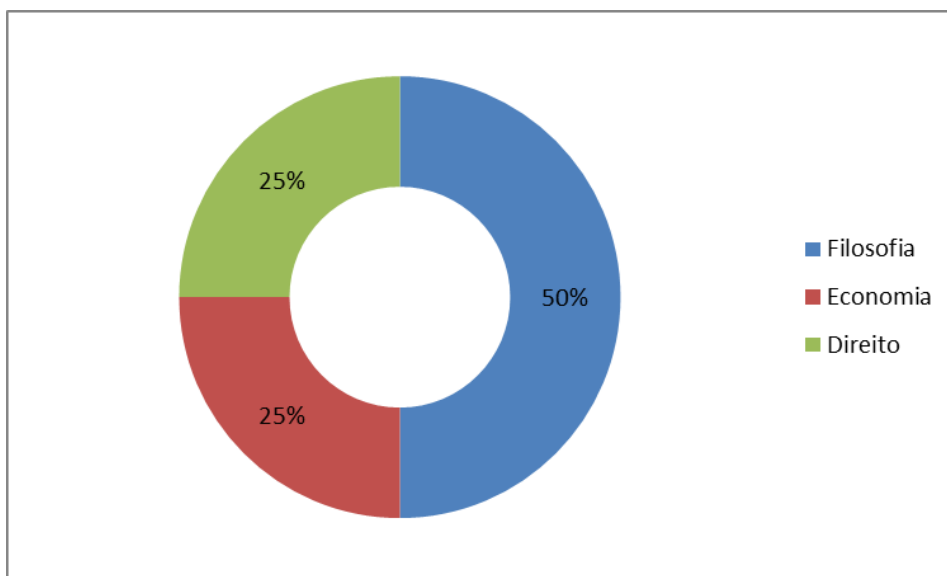


Curso Científico-Humanístico de Ciências Socioeconómicas	3	7%
Curso Científico-Humanístico de Línguas e Literaturas	4	10%
Curso Científico-Humanístico de Ciências Sociais e Humanas	21	51%
Curso Científico-Humanístico de Ciências e Tecnologias	1	2%
Curso Tecnológico de Ação Social	2	5%
Curso Tecnológico de Desporto	0	0%
Curso Profissional de Técnico de Apoio Psicossocial	3	7%
Curso Profissional de Técnico de Apoio à Infância	0	0%
Curso Profissional de Animador Sociocultural	1	2%
Outros	6	18%

**Gráfico n.º 5** Distribuição dos alunos segundo as habilitações literárias (2012-2013)

Para 21 alunos (51%), o curso anterior à inscrição universitária, foi o curso científico-humanístico de ciências sociais e humanas. As restantes áreas correspondem a: o curso científico humanístico de línguas e literaturas com 4 alunos (10%); com 3 alunos (7%) o curso científico-humanístico de ciências-socio económicas e ainda o curso profissional de técnico de apoio psicossocial; com 2 alunos (5%) o curso tecnológico de Ação Social; com apenas 1 aluno (2%) o curso profissional de Animador Sócio-cultural e o curso Científico-humanístico de Ciências e Tecnologias. Houve 6 alunos (18%) que escolheram outros, como opção, visto o seu curso não se encontrar descrito. Esses alunos colocaram como último curso, o curso profissional de Técnico de Comunicação, o curso Técnico de Gestão

de Equipa e 2 alunos tinham uma Licenciatura anterior. 1 aluno que colocou Humanidades, apesar de este curso estar descrito como opção, designado de curso Científico-humanístico de Ciências Sociais e Humanas.



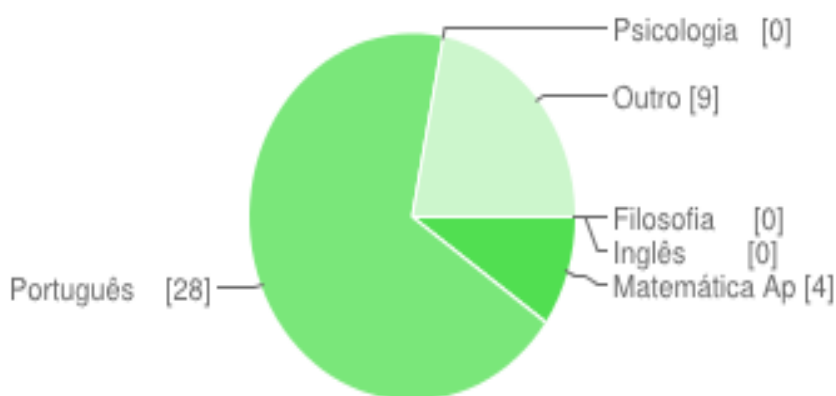
**Gráfico circular n.º 6** Distribuição dos alunos de SS com uma licenciatura anterior (2012-2013)

Os dados de caracterização revelam a existência de 4 alunos que frequentam a Licenciatura em Serviço Social que já tinham frequentado outra Licenciatura. Neste gráfico identificamos que 2 indivíduos vieram de uma Licenciatura em Filosofia; 1 indivíduo frequentou uma Licenciatura em Direito; e um indivíduo frequentou a Licenciatura em Economia 1.

Não houve nenhum aluno dos inquiridos que tivesse frequentado um mestrado, ou 2.º ciclo do ensino superior de qualquer outro curso universitário

Como curiosidade, encontra-se uma questão no questionário, aplicado pela investigadora, a identificação do exame de candidatura efetuado pelos alunos, para o ingresso da Licenciatura em Serviço Social, na FCH-UCP, passando a apresentar o gráfico do mesmo.

Distribuição dos alunos de 2012-2013 por exame de candidatura para o acesso à frequência da Licenciatura em Serviço Social



Filosofia	0	0%
Inglês	0	0%
Matemática Aplicada às Ciências Sociais	4	10%
Português	28	68%
Psicologia	0	0%
Outro	9	22%

**Gráfico n.º 7** Distribuição dos alunos relativamente ao exame de candidatura (2012-2013)

O exame de candidatura para o acesso à frequência da Licenciatura em Serviço Social, na sua maioria foi o exame de Português com 28 alunos (68%) a realizá-lo. Em seguida 9 alunos (22%) referiram a concretização de outro exame, que não estava apresentado como opção. Na opção outros, os alunos referem outros exames que não estão descritos, como o exame de História com 5 alunos, 2 alunos que fizeram transferência de curso no ensino superior, e mais 2 alunos que colocaram como a realização de nenhum exame. Existem 4 alunos (10%) que fizeram o exame de Matemática Aplicada às Ciências Sociais.

Nesta questão, não existem dados comparativos, com os alunos do ano letivo de 2000-2001.

### 9.1.5 Caracterização dos alunos de 2000-2001 por zona de residência

Na distribuição dos alunos por região de residência, no ano letivo 2000-2001, os dados sobre as localidades de residência dizem respeito à morada durante a frequência do ano letivo.

Os alunos de 2000-2001, no ano letivo de frequência da Licenciatura apresentam a seguinte distribuição, por áreas de residência

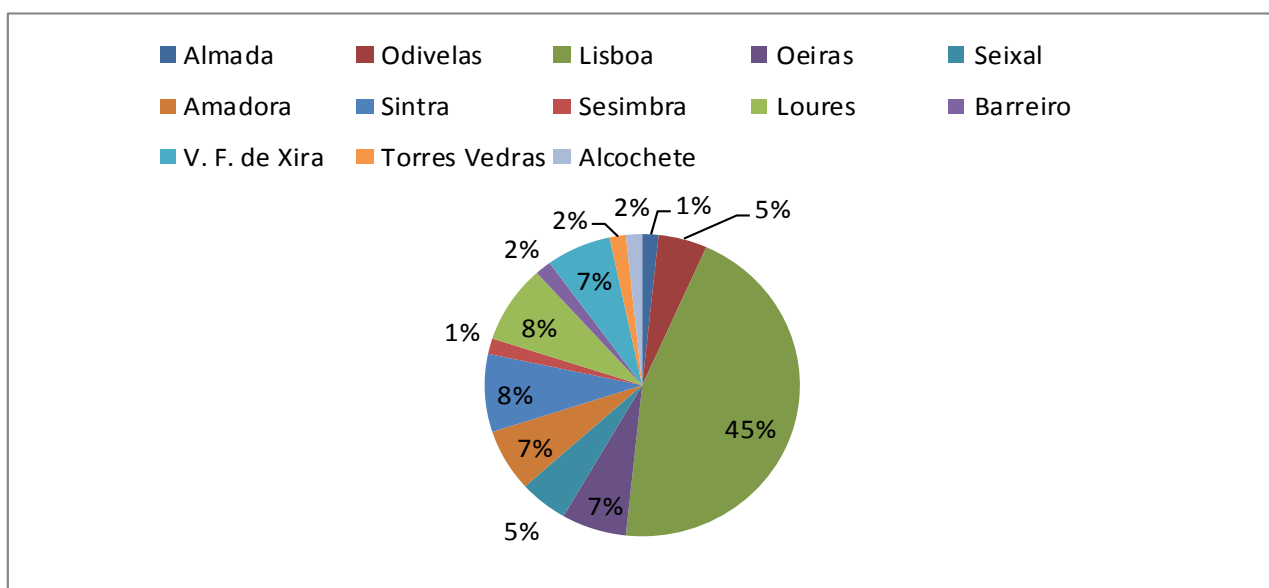


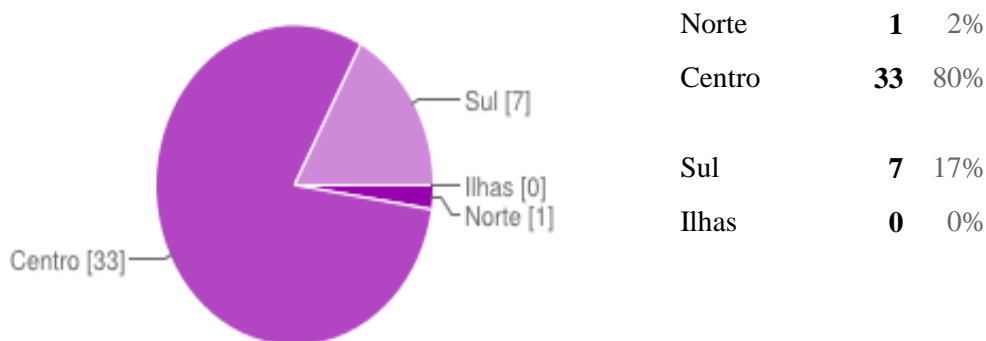
Gráfico n.º 8 Distribuição dos alunos relativamente à área de residência, durante o ano letivo (2000-2001)

Relativamente à distribuição por localidades, 27 alunos (45%) residem em Lisboa; em Loures e Barreiro moram 5 alunos (8%); 4 alunos (7%) residem em Amadora, Oeiras e Vila Franca de Xira; 3 alunos (5%) com morada em Seixal e Odivelas; com apenas 1 aluno (1/2%) situam-se Sesimbra, Barreiro, Torres Vedras, Almada e Alcochete.

### 9.1.6 Caracterização dos alunos de 2012-2013 por zona de residência

Os alunos do ano letivo de 2012-2013 distribuídos de acordo com a zona de residência anterior à vinda para a Universidade, em Lisboa.

## Zona de residência



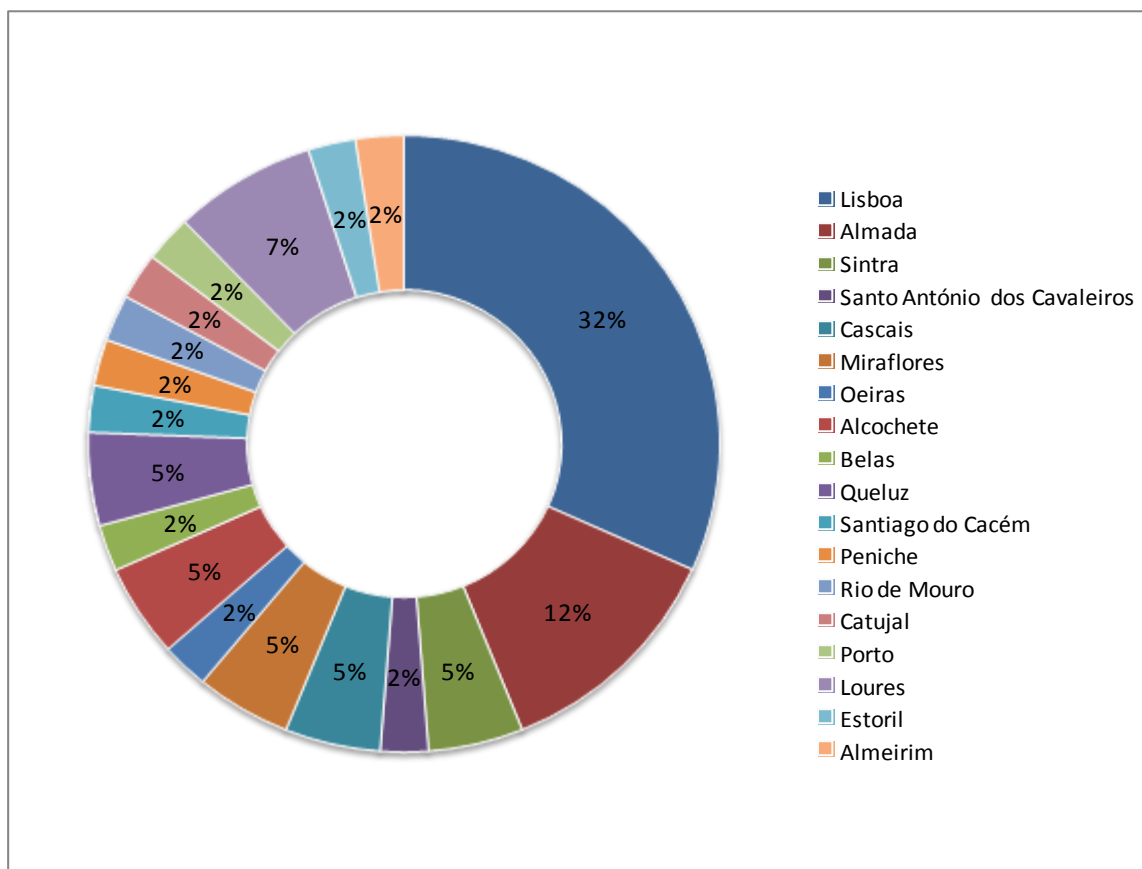
**Gráfico n.º 9** Distribuição dos alunos relativamente à zona de residência (2012-2013)

A zona de residência anterior à faculdade tem maior predominância na região centro do país, com 33 alunos (80%). Provenientes da região sul identificam-se 7 alunos (17%), Da região norte apenas 1 aluno (2%).

Uma apreciação mais localizada, apresenta a distribuição das áreas de residência por concelho e localidade.

No que diz respeito à localidade onde residem os alunos identificamos, por ordem decrescente de número de residentes, os seguintes concelhos: residem em Lisboa 13 alunos (32%); em Almada 5 alunos (12%); em Loures 3 (7%); residem em Sintra 2 alunos (5%); em Queluz 2 alunos, bem como em Cascais e Miraflores. Na margem sul, em Alcochete residem 2 alunos. Com apenas 1 aluno (2%) a residir, surgem as localidades de Santo António dos Cavaleiros, Catujal; tal como Estoril, Oeiras, Belas, Santiago do Cacém, Rio de Mouro. Em outras localidades da zona centro e norte, com 1 aluno residente temos: Almeirim, Peniche e Porto.

## Localidade



**Gráfico n.º 10** Distribuição dos alunos relativamente à localidade de residência (dos alunos de 2012-2013)

### **9.2 Práticas Sociais e Grupos de Pertença dos alunos de 2000-2001 e 2012-20013**

Podemos identificar dois tipos de identidade, a *identidade social* e a *identidade pessoal*, em que a identidade social se traduz pelas características com que os outros classificam determinado indivíduo e identidade pessoal diz respeito ao desenvolvimento do sujeito e à forma como este se visualiza a si próprio diferente dos demais. Giddens (2007) afirma que ambas as identidades sofreram, ao longo dos tempos modificações nas suas conceções, em que uma condicionou a outra, (Giddens, 2007).

É importante referir que ao falar de identidade esta é composta por duas estruturas que não podem ser fragmentadas, uma da outra. Estas compõem-se pela atividade instrumental e pela atividade comunicacional, a primeira diz respeito a processos de trabalho e a

finalidades económicas e a segunda à interação entre os indivíduos, (cf. Habernas, 1981, cit in Clara Cruz Santos, 2011).

### **9.2.1 Autoimagem dos alunos de Serviço Social de 2000-2001**

Uma das questões colocadas no questionário de 2000-2001, pedia aos estudantes de SS para se definirem a si próprios. A autoimagem é construída pela própria pessoa através de aspetos de carácter real e subjetivo. Ao referir o conceito de autoimagem é quase indissociável não refletir outros conceitos como a autoestima e a realização pessoal. Estes conceitos estão interligados, unidos por uma dinâmica que os pode tornar indissociáveis. A autoimagem é constituída através de um processo ao longo da vida do indivíduo, inserido numa estrutura na ação social, em que se pressupõe uma interação entre as pessoas e o grupo e vice-versa, (cf. Enricone, Délcia org., 2008).

Na ficha n.º 1, do grupo de alunos do ano letivo de 2000-2011, questionou-se na pergunta n.º 5 a autoimagem que os alunos concebem deles próprios. Por isso, encontramos um conceito que se divide por diversas dimensões, assim passamos a interpretar e analisar as respostas recolhidas.

Os elementos que os jovens associam à autoimagem são: capacidade de comunicação simpatia e empatia, que aqui agregamos como *competências relacionais*; simplicidade, sensibilidade e responsabilidade, que aqui consideramos como características de personalidade; sentir amor pelo próximo e inquietação pelos problemas existentes na sociedade, que identificamos como vocação para a relação de ajuda e prestação de cuidados associadas à sua representação de SS e ao que eles consideram como “ter vocação”.

#### Pergunta 5 , Ficha 1 – Quem é? Como se define e si próprio?

Conceito: *Autoimagem*<sup>33</sup> - características e competências pessoais

a) Competências relacionais – comunicação<sup>34</sup> simpatia e empatia

---

<sup>33</sup> Segundo Christian Scharfetter (2005) auto imagem é «o que cada um crê pessoalmente de si próprio, o que sabe de si próprio, o modo como sente, capta e compreende a sua posição entre os demais depende como experimenta, no momento atual e em corte longitudinal do seu percurso de vida, o modo como os outros o consideram e interpelam e o tomam em consideração, e o que, no processo de personificação daí advém. A imagem de si mesmo corresponde também ao sentimento sobre o seu próprio valor. (idem: 101-102)

*«Eu sou uma pessoa que gosta de estar com os outros e principalmente de fazer novos e bons amigos.»*

*«Se me perguntassem quem sou eu diria que sou uma pessoa que me integro muito bem num grupo, ou seja, faço amizades muito rapidamente, apesar de ser um pouco tímida.»*

Nesta dimensão, tendo em conta a autoimagem, ou seja a forma como o próprio indivíduo se revê (cf. Christian Scharfetter,2005) encontramos muitas competências a nível das relações humanas, em que é necessário uma comunicação verbal ou não, empatia e ainda outras competências relacionais, referida pelos alunos como simpatia e facilidade de comunicação (anexo E.4)

b) Características de personalidade e carácter – simplicidade, sensibilidade, responsabilidade

*«Sou uma pessoa simples e ao mesmo tempo muito complexa, sou sincera, amiga do amigo, teimosa e quando há algo em que acredito sou persistente.»*

*«Sou uma pessoa muito simples que gosta imenso de ajudar as pessoas.»*

*«Vivo demasiado os problemas dos outros. Sou emotiva, bastante sensível.»*

Os alunos descrevem como características da sua personalidade, a simplicidade, sensibilidade, responsabilidade, entre outras. Sendo necessário compreender o que é personalidade, percebemos que a personalidade pode ter várias associações como a habilidade ou perícia social, também se identifica pela característica mais saliente que provoca ao outro uma reação que desencadeia uma opinião, que pode classificar o outro com uma personalidade agressiva, personalidade manipuladora, personalidade submissa, entre outros. (cf. Calvin Springer Hall, Gardner Lindzey, John B. Campbell, 2000).

a) Ter vocação – sentir-se vocacionado para a profissão

---

<sup>34</sup> Segundo Giddens, a comunicação é «a transmissão de informação de um indivíduo ou grupo para outro. A comunicação é a base necessária de toda a interação social. Nos contextos face a face, a comunicação faz-se através da linguagem, mas também por meio de sinais corporais que os indivíduos interpretam para saber o que os outros dizem e fazem.», (idem, 2007: 687).

*«Identifica-me com o trabalho direto com os outros, sou animadora de um grupo de jovens, já fiz voluntariado com filhos de prostitutas e com sem-abrigos. Gosto de aprender mais sobre a realidade e o mundo que me rodeia e na qual me insira.»*

*«Gosto muito de brincar com crianças e falar com idosos e pessoas necessitadas, porque acho interessante este grupo de pessoas que mencionei.»*

*«Sou uma pessoa bastante calma, respeitosa, compreensiva, e que tem muito amor ao próximo.»*

*«Sou pessoa, católica, um dia senti a chamada de Jesus e optei por segui-lo, tímida preocupada com os problemas da nossa sociedade.»*

*«Sou uma mulher determinada, que ama, que ajuda e que quer servir a Deus e a sociedade.»*

Os alunos identificam várias apetências e aptidões para a profissão, como o voluntariado, com populações vulneráveis; o gosto da aprendizagem pela realidade social; o gosto por relações humanas; o amor ao próximo; a inquietação pelos problemas existentes na sociedade; questões religiosas, entre outras. Podemos enunciar, que em Portugal, Canadá e Brasil, o SS teve uma forte ligação à Igreja Católica, surgindo com o intuito de responder aos novos problemas sociais associados à industrialização, (cf. Berta Granja (2008). Comprovando o que o autor Marden (1943) refere quando se trata da escolha da profissão por parte dos jovens, afirmando que estes não escolham uma profissão para cujo exercício não tenham aptidões.

Este processo vocacional é uma descoberta que cabe ao indivíduo. A descoberta de si próprio uma autoavaliação da sua própria imagem, o conhecimento das individualidades, encontrando um caminho entre as suas aptidões e as suas escolhas profissionais, na busca de uma profissão, e que esse processo seja realizado da melhor forma para que o profissional de orientação possa fazer certas projeções possíveis de acordo com o perfil do orientando. (cf. Armstrong & Rounds, 2008 cit in Saavedra, Luísa Maria e tal, 2008).

As questões vocacionais têm de ter em conta uma perspetiva holística do Ser Humano, considerando as variáveis, individuais relacionais e contextuais, que se relacionam, (cf. Alexandra Barros, 2010), como verificamos nas falas dos alunos, em que a vocação ou apetências que identificam revelam variáveis de inúmeros níveis.

Posteriormente, na questão nº 6, os alunos identificaram os seus gostos e preferências, enquanto na questão n.º 7 enumeram os seus desinteresses e desagradados.

### Pergunta 6 – Ficha 1 - O que mais gosta de fazer?

**Conceitos:** *Gostos e preferências*

Na pergunta 6, os alunos enumeraram os seus gostos e preferência, relativamente às ocupações não escolares. Formularam diversas atividades representativas dos seus gostos que agregamos em quatro blocos: *Conhecer pessoas, criar relações e amizades; Ajudar outros e resolver problemas; Atividades culturais, desportivas, recreativas, de lazer e ar livre, e estar com a família.*

### Pergunta 7 – Ficha 1 - O que menos lhe interessa?

**Conceitos:** *Desinteresse e desagrado*

Em contrapartida na pergunta 7, os alunos são questionados quanto ao que menos gostam. Identificam várias atividades, construindo dimensões representativas das mesmas: *estudar, andar de transportes públicos, realizar trabalhos domésticos e ler ficção científica.* Uma resposta tipo reúne os que não identificam desinteresses e escrevem: “*desinteresse por nada*”, ou seja, sempre gostam de algo ou alguma coisa.

## **9.2.2 Atividades Sociais e Grupos de Pertença dos alunos de 2000-2001**

Relativamente à participação em atividades sociais ou à pertença em grupos de jovens, conseguimos relacionar os dois grupos de alunos. Então, no grupo de alunos de 2000-2001, na questão n.º 8 da Ficha 1, estes identificaram determinadas atividades sociais. Estas estão associadas ao voluntariado e ajuda a grupos vulneráveis, à participação em grupos e atividades de apostolado e ainda a atividades associadas à ação social e intervenção social

### Pergunta 8 – Ficha 1 -Se desenvolve atividades sociais, diga quais?

**Conceitos:** *a participação em atividades sociais*

- a) Atividades de Voluntariado /ajuda social a grupos vulneráveis

*«Já fui voluntária em visitas aos hospitais, bairros degradados e cuidar de crianças.»*

*«Trabalho por vezes, como voluntária, num centro de acolhimento para crianças abandonadas.»*

*«Agora não tenho desenvolvido, mas eu pertenço a um grupo de jovens e nós por vezes fazemos visitas a lares, recolhemos materiais, roupa, comida para as pessoas mais necessitadas.»*

*«Apoio aos jovens, crianças e idosos.»*

*«Vim da Madeira e lá na região pertencia a um grupo de Jovens Dehoniano, que estava integrada na “Juventude Hospitaleira” (visita a doentes e idosos).»*

Os alunos relatam experiências de voluntariado em bairros sociais, em hospitais, centros de dia e lares de idosos, entre outras. Simões (2007), refere que a participação em voluntariado está muito mais relacionada com a participação religiosa do que propriamente com a participação cívico-política. Ainda é de ressaltar que estes alunos têm na sua essência um espírito cooperativo, (cf. Simões, 2007).

b) Atividades de carácter religioso

*«Sou animadora de um grupo de jovens missionário na minha paróquia. Faço pontualmente voluntariado em atividades paroquiais ou missionárias, juntamente com campanhas.»*

*«Participo em campos de intervenção cultural para crianças carenciadas, ligados à Opus Dei.»*

*«Responsável pela área social da minha Igreja local.»*

Os estudantes relatam experiências com grupos de jovens, grupos de catequese, e escuteiros. Os alunos identificam-se com os valores religiosos, sendo estes grandes motivadores para a escolha da profissão, em que estes indivíduos são conotados pelo sentimento de querer praticar o bem, de ajudar o próximo através da justiça social, apresentando muitas vezes a figura do «bom samaritano», (cf. Simões, 2007) É importante referir que os alunos destacam-se dos restantes alunos das ciências sociais pela relação que estabelecem com a religião e como isso está na sua identidade, (idem).

c) Atividades ligadas à prática profissional (extensão comunitária)

«Trabalhei até ai dia 13 de outubro 2000, num lar da Terceira Idade; Trabalho com Toxicodependentes e famílias.»

«Atividades ligadas aos Jovens e Idosos. Aos Jovens na prevenção da toxicodependência, voluntariado na Associação de Jovens promotores da Amadora Saudável. Com Idosos na C.M. da amadora como Animadora Social/Assistente de Geriatria.»

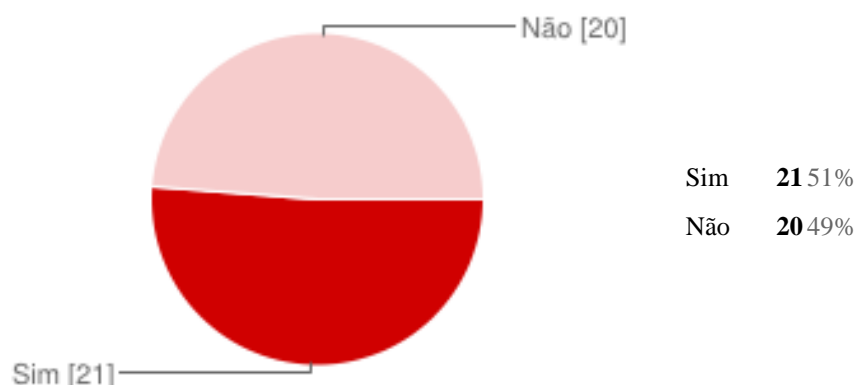
«Sou funcionária do C.N.P., por isso já desenvolvo atividades sociais no meu dia de trabalho.»

### 9.2.3 Práticas Sociais e Grupos de Pertença do grupo de alunos de 2012-2013

O grupo de alunos de 2012-2013, tendo em conta a pertença ou não em atividades sociais, apresentamos o seguinte gráfico:

Distribuição dos alunos, pertença a grupos e participação em atividades sociais

Pertença a grupos de jovens

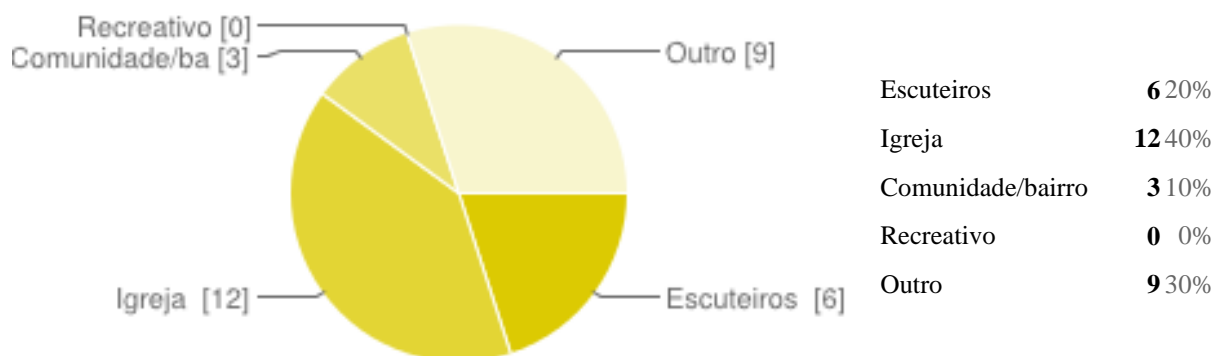


**Gráfico n.º 11** Distribuição dos alunos relativamente à participação em atividades sociais (2012-2013)

Metade dos alunos que responderam ao questionário, 21 indivíduos, diz estar ligada ou a participar em grupos de jovens ou em atividades sociais, durante a frequência universitária. Vinte jovens dizem que não têm esta experiência.

Nos tipos de grupos de jovens/grupos de pertença/atividades sociais obtivemos os seguintes resultados:

### Distribuição dos alunos por tipo de grupos de jovens



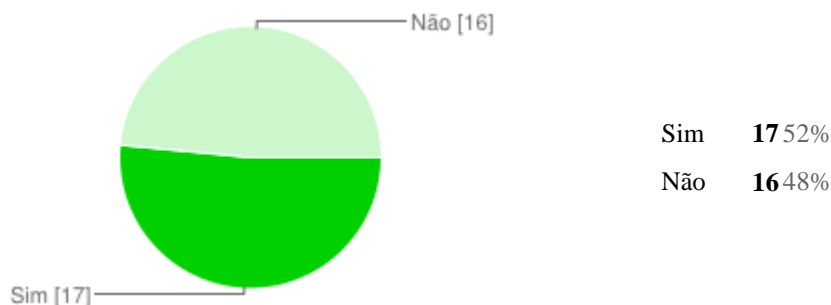
**Gráfico n.º 12** Distribuição dos alunos relativamente à pertença a grupos de jovens (2012-2013)

Vinte e um alunos, dos 41 que responderam ao questionário, diz estar a participar em grupos de jovens ou em atividades sociais, no período da frequência universitária. Relativamente à distribuição destes jovens por tipos de grupo, apuramos que: 12 alunos (40%) estão integrados em grupos relacionados com a Igreja; 6 alunos (20%) frequentam grupos de escuteiros; 3 alunos (10%) têm participação em grupos pertencentes a determinada comunidade ou bairro. Outros tipos de grupos de pertença apontados foram grupos de voluntariado da escola; um projeto em Cabo Verde e ainda um grupo de música. Os restantes 4 alunos dos 9 alunos que colocaram Outros como opção não especificaram de que tipo é a sua frequência em grupos de jovens.

As atividades de carácter religioso são comuns aos dois grupos, já tendo sido analisada, no primeiro grupo. Os alunos de 2012-2013 identificam os grupos comunitários e os grupos de escuteiros, em que evidenciam na sua essência um espírito cooperativo, relações de solidariedade e entreaajuda (cf. Simões, 2007).

Como curiosidade, ao analisar a pertença a grupos de jovens e a influência que pode ter na escolha por Serviço Social, os alunos de 2012-2013 não tiveram uma resposta com grande representatividade, nem pela positiva, nem pela negativa, concluindo que tanto pode ter influência, como não.

### Influência da pertença a grupos de jovens na escolha por Serviço Social



**Gráfico circular n.º 13** Distribuição dos alunos relativamente à pertença a grupos de jovens e sua influência para a escolha de Serviço Social (2012-2013)

Uma das questões do questionário perguntava aos jovens se a frequência em grupos de jovens influenciou a sua escolha por Serviço Social. Responderam a esta questão 33 inquiridos, apesar de apenas 21 jovens dizerem pertencer ou participar em uma atividade ou grupo. Dos 33 que respondem afirmativamente, 17 alunos (52%) dizem que esta vivência influencia a sua escolha por Serviço social. Há 16 alunos (48%) que responderam negativamente, ou seja, que não denotam nenhuma influência na frequência de grupos de jovens na escolha de Serviço Social.

#### **Síntese da dimensão de caracterização, relativamente aos dois grupos de inquiridos:**

Os alunos de 2000-2001 encontram-se em maior número, sendo no total, 60 e 48 alunos, os participantes no questionário de caracterização diagnóstica. Enquanto, que o grupo de alunos que respondeu ao questionário (on line) em 2012-2013 são 41 alunos. A média de idades apenas é possível obter nos alunos de 2012-2013, pois no outro grupo não foi possível obter esse dado de caracterização. É visível em ambos a predominância de alunos do género feminino. Sendo, que no grupo de 2012-2013 as alunas são mais velhas do que os alunos, tendo em conta a média aproximada de idade, por género. A média de idades aproximada do grupo de alunos de 2012-2013 é de 23,4 anos no total. Por género, a média de idade aproximada é 23,4 anos no género feminino e 22,9 no género masculino. O agrupamento escolar ou curso escolar, frequentado ao nível do secundário, é o curso de científico-humanístico de ciências sociais, anteriormente designado de Humanidades. Esta coincidência, da maioria dos alunos pelo curso do secundário, é verificável nos dois grupos

de alunos estudados. Ambos, os alunos do grupo provêm ou residem à data de frequência do curso de Licenciatura em SS, na FCH-UCP, na região centro, sendo a maioria na localidade de Lisboa.

Os alunos de 2000-2001 referem como elementos constitutivos da sua identidade, uma autoimagem associada a: capacidade de comunicação simpatia e empatia; simplicidade, sensibilidade e responsabilidade; sentir amor pelo próximo e inquietação pelos problemas existentes na sociedade; e vontade de prestar cuidados e ajudar, estando estas características associadas à sua representação de SS e ao que eles consideram como “ter uma vocação”.

Os dois grupos de alunos quando questionados sobre a prática de atividades sociais e a pertença a grupos de jovens, referem o voluntariado em atividades pastorais, culturais, recreativas e cívicas. O que se destaca pela referência de ambos os grupos, tratam-se das atividades ligadas às questões religiosas e atividade de espírito cooperativo.

## **CAPÍTULO 10 As escolhas, motivações e representações dos discentes da Licenciatura em Serviço Social, do ano letivo de 2000-2001 e 2012-2013**

### **10.1 A representação sobre a UCP, dos discentes da Licenciatura em Serviço Social, no ano letivo de 2000-2001 e de 2012-2013**

#### **10.1.1 A representação sobre a UCP dos discentes de 2000-2001**

Quanto ao questionamento aos alunos, do ano letivo 2000-2001, sobre as razões da escolha pela UCP, concluímos que as razões desta preferência cetera associada às seguintes dimensões: o apoio social dado aos alunos, a creditação da qualidade de ensino e imagem exterior do prestígio da Universidade, sua localização e facilidade de acessos.

#### Pergunta 2 – Ficha 1- Porque escolheu a Universidade Católica?

**Conceito:** *a representação da UCP*

a) O apoio dado aos alunos

O apoio socioeconómico e educativo, associado aos serviços que a UCP proporciona aos alunos, foram uma das razões que influenciaram a escolha pela Universidade. Foi mencionado que mesmo os alunos que não tenham possibilidades socioeconómicas para vir a frequentar uma Universidade não pública, têm acesso a apoios sociais e económicos. Assim a instituição, através do GAPA pretende garantir o acesso a todos os alunos, independentemente destes terem ou não condições económicas.

*«Em primeiro lugar por ser caracterizada como a melhor e mais bem conceituada do País. Em segundo, devido a uma colega já frequentar a Faculdade, por último, devido à inexistência do curso, serviço social, no público, uma vez de não dispor de condições financeiras boas.»*

*«No meu caso, porque tive conhecimento de que é possível dar apoio social aos alunos e porque é uma boa Universidade.»*

*«Porque é uma Universidade prestigiada que oferece boas saídas profissionais e, de entre as universidades privadas, é a que dispõe de apoio social aos alunos.»*

*«Não só pelo prestígio como a componente de formação muito humana.»*

O GAPA<sup>35</sup> tem como «missão favorecer um espaço e um percurso de tempo com a maior qualidade humana e ajustado a cada aluno. Acreditamos que o Apoio tem que ser transversal a todas as áreas do desenvolvimento pessoal e social.» As áreas de intervenção de apoio constituem-se pelo:

*«Apoio Económico Direto, Apoio Económico Direto em articulação com a Direção Geral do Ensino Superior (DGES), Apoio Económico Indireto, Apoio Psicossocial e Educativo. Queremos garantir que o contributo dado ao aluno é o seguro de qualidade humana do profissional de amanhã.»*

b) Imagem de referência da UCP

Outra das razões apontadas pelos alunos para fundamentar a sua escolha pela UCP, está associada à sua imagem pública e à referência sobre a qualidade do ambiente estudantil, dos serviços académicos, a qualidade de ensino, acesso ao mercado de trabalho, que lhe atribui o lugar de uma universidade com alta credibilidade e prestígio.

Nesta dimensão podemos relacionar o conceito de imagem com o conceito de representação, pois os alunos referem o que significa para eles a UCP. Qual a imagem que tem desta e a sua representação. Assim, torna-se pertinente falar de representação coletiva, pois verificamos que esta é concebida coletivamente através da vida social.

Esta representação referida pelos alunos, sobre a UCP, teve influência através da transmissão de terceiros, do próprio reconhecimento da instituição no meio académico e no mercado de trabalho. O conceito de representação pressupõe que existe uma compreensão “de algo/de alguma coisa”, que pode ser antevista ou imaginada, ainda antes de ser vivida e sentida. Portanto, ao longo da vida, estas imagens moldam a experiência e a vida social. As pessoas adquiriram diversas representações no percurso dessa vivência e transmitem-nas coletivamente. As representações não são concebidas *a priori* através de mentes, mas são experimentadas através da vivência numa realidade social com determinadas características e particularidades, (cf. Ivana Marková, 2006).

---

<sup>35</sup> Informação retirada do site: <http://www.ucp.pt>

*«Porque é uma Universidade bem conceituada a nível nacional»*

*«Porque tenho cá algumas pessoas conhecidas e falaram-me dos bons aspetos positivos desta universidade.»*

*«Escolhi-a por ter falado com um amigo meu, que cá estudava e achei um bom ambiente, com fáceis saídas de emprego.»*

*«Escolhi a Universidade Católica pela credibilidade que ela tem e pela sua qualidade de ensino.»*

*«Porque na minha opinião é uma universidade mais conceituada.»*

*«Para além de ser uma universidade de bastante renome, vejo a universidade como um “edifício” estável, responsável e espero que a “universidade” me possa passar a confiança e eficácia e profissionalismo que a caracteriza.»*

*«Por ser “credível” e por ficar situada em Lisboa.»*

*«Escolhi a Universidade Católica, porque pessoas que aqui tiraram o curso gostaram.»*

*«Eu escolhi a Universidade Católica, porque é muito conceituada no mercado de trabalho, embora tenha o Serviço Social apenas há cinco anos.»*

*«Escolhi esta Universidade, porque sempre ouvi comentários acerca da sua boa preparação dos alunos para a entrada na vida profissional e social.»*

*«Porque sabia que tinha este curso e, que tinha grande prestígio em outras áreas, pensando assim eu me poderia dar uma formação de qualidade.»*

*«Anteriormente já tinha estado inscrito para o 1.º ano do curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas na Universidade Católica Portuguesa, logo a escolha foi feita por minha escolha, por acreditar no ensino ministrado nesta Universidade.»*

c) Oferta curricular e qualidade da docência e dos docentes

A imagem exterior da universidade está também associada ao seu prestígio institucional, à qualidade dos professores e do ensino, bem como à divulgação sobre qualidade do curso de Serviço Social. As representações são concebidas coletivamente através da vida social, (cf. Ivana Marková, 2006).

*«Esta universidade tem bons professores e assim terei uma boa preparação para poder enfrentar o dia a dia como Assistente Social.»*

*«Escolhi a universidade católica, pois penso que é a universidade que melhor rege o curso de Serviço Social.»*

*«A universidade católica foi onde encontrei este curso. E é uma universidade que nos dá uma boa preparação para o futuro.»*

*«Por ser uma das mais conceituadas Universidades do nosso país, e porque as informações que tenho a nível de curso de Serviço Social da Universidade Católica são muito positivos.»*

*«Por ser uma universidade bastante conceituada, com um ótimo corpo docente, onde a nível de ensino é muito elevado e de excelente qualidade.»*

*«Por ser um sonho, que consegui concretizar e pelo prestígio, credibilidade e por ser uma boa universidade.»*

Na Parte I do trabalho encontra-se exposto o conteúdo programático, em que se pode analisar que desde o início da Licenciatura em Serviço Social, em 1996-1997, até ao ano letivo de 2012-2013, existe uma forte componente prática, materializada na frequência e finalização de uma componente letiva que privilegia a par das disciplinas das ciências sociais e humanas diversas cadeiras práticas e dois estágios curriculares, que conciliam o saber disciplinar e profissional do Serviço Social

As experiências gratificantes dos ex-alunos, podem ter transmitido representações positivas sobre a qualidade de ensino, bem como do corpo docente, associada à diversidade da oferta curricular, no curso de Licenciatura em Serviço Social.

#### d) Localização e acessibilidade

A questão da localização e facilidade de acesso ao campus da UCP, é de extrema importância para os alunos que referiram este facto como um critério de escolha, que valorizaram para escolher o ingresso nesta Universidade.

A Universidade situa-se na freguesia de São Domingos de Benfica, na Palma de Cima, junto do Hospital Santa Maria, entre a cidade universitária (Universidade clássica), a zona das Laranjeiras e Sete Rios (jardim zoológico). Tem boas acessibilidades sendo servida por estações próximas de Metro e diversas carreiras de autocarros.

*«Para além de ser recomendada por amigos, é a que fica mais próximo de casa.»*

*«Porque é uma das melhores Universidades que existe em Lisboa, que por acaso tem o curso de Serviço Social.»*

*«Porque tem o curso de Serviço Social, é muito conhecida, tem muito prestígio e porque é a que fica mais perto de onde mora.»*

As respostas ao questionário indicam que as razões que levaram à escolha da UCP, estão associadas a: apoio socioeconómico e educativo dado ao aluno; prestígio e imagem de referência da UCP e do curso de SS, oferta curricular e qualidade da docência do SS, a localização e facilidades de acesso à universidade, em Lisboa.

#### **10.1.2 A representação sobre a UCP dos discentes de 2012-20013**

Os alunos do ano letivo de 2012-2013, também identificaram as razões da escolha pela UCP, de acordo com as representações que os alunos possuem sobre a Universidade.

De acordo com as respostas dos 41 alunos, de 2012-2013, que responderam ao questionário, à questão sobre qual(ais) as razões que os levaram a optar por esta Universidade referem: a qualidade da oferta curricular e qualidade da docência; a imagem de referência e o prestígio da UCP no exterior; a existência de uma relação estreita entre a UCP e o mercado de trabalho. Relativamente à *qualidade do ensino*, os alunos aludem à diversidade dos *curricula*, a um ensino de excelência, um corpo docente especializado, e o ensino prático com realização de estágios. Quanto à *imagem de referência e prestígio* da UCP no exterior, referem ter ótimas referências sobre a Universidade e a sua qualidade, sendo que o curso de Serviço Social foi avaliado como “o melhor no país”. Quanto à *empregabilidade dos cursos da UCP*, referem um ótima relação entre a faculdade e as entidades empregadoras e uma alta taxa de empregabilidade em SS.

Duas das dimensões identificadas são idênticas em ambos os grupos de alunos, sendo a *oferta curricular e qualidade dos docentes*, bem como a *imagem de referência da UCP*. As outras duas dimensões, também são identificadas, dentro do grupo de alunos de 2000-

2001, embora nos alunos de 2012-2013<sup>36</sup>, tenham uma representativa maior, que justifica a presença destas, enquanto dimensões.

a) Oferta curricular e qualidade dos docentes

*«Trata-se de uma das melhores Universidades com profissionais exemplares a dar aulas.» (Q - 9 – F)*

*«Programa Curricular; Estágio 2º e 3º ano.» (Q - 3 – M)*

*«Qualidade do ensino e vertente prática (estágios).» (Q - 11 – F)*

*«Ter sido orientado, profissionais próximos afirmarem ser a melhor no curso de serviço social, com os melhores professores.» (Q - 10 – M)*

*«Cadeiras curriculares; Prestígio; Corpo docente.» (Q - 17 – M)*

*«Qualidade de ensino» (Q - 14 – F)*

*«Porque é a melhor faculdade para o curso de serviço social» (Q - 33 – F)*

O prestígio da universidade, devido à qualidade de ensino, à qualidade dos conteúdos programáticos e do corpo docente. Sobressaindo a componente prática, que o curso de Licenciatura de SS oferece, como uma mais-valia e identificado ainda pelos alunos as referências positivas da oferta da Licenciatura em SS da FCH-UCP, como sendo a melhor, comparativamente às outras ofertas do mesmo curso.

O que sobressai neste grupo de alunos, em comparação ao grupo anterior é a menção à oferta curricular na sua vertente prática, através dos estágios académicos previstos no programa da Licenciatura em Serviço Social da UCP, já exposto, na Parte I deste trabalho.

---

<sup>36</sup> Q - 9 – F: Código de referência das falas dos questionários. A letra Q corresponde ao questionado (inquirido); o número que lhe foi atribuído entre os 41 discentes; o F ou M, identifica o género feminino ou masculino.

b) Imagem de referência da UCP

*«Ter uma elevada taxa de empregabilidade; ser um curso bem conceituado na católica.» (Q - 12 - F)*

*«O prestígio e peso que a UCP apresenta no mercado de trabalho.» (Q - 13 - F)*

*«Devido a boas referências.» (Q - 18 - F)*

*«Prestígio da Instituição.» (Q - 19 - F)*

*«Aconselhamento por parte de profissionais de Serviço Social que frequentaram a mesma instituição. Aconselhado por pessoas que trabalham na área social; Aconselhado por antigos alunos.» (Q - 35 - F)*

*«Ser uma faculdade prestigiada.» (Q - 29)*

*«Pelo prestígio que o curso de licenciatura em Serviço Social tem na Faculdade.»*

*(O - 32 - F)*

Os inquiridos referem o prestígio da UCP, bem como da Licenciatura em SS, destacando a visibilidade destas no mercado de trabalho, obtendo bons níveis de empregabilidade.

Nesta dimensão, não ressalta nada de novo, apenas existe concordância nas representações de ambos os grupos de alunos, 2001 e 20013.

c) Relação estreita entre a UCP e o mercado de trabalho

*«Dados estatísticos fornecidos pela UCP relativamente à empregabilidade após finalização do curso.» Q - 21 - F*

*«Facilita empregabilidade.» Q - 5 - F*

*«Por ser considerada uma faculdade com muito prestígio e com grandes probabilidades de integração no mercado de trabalho.» Q - 6 - F*

*«Maior prestígio e taxas de desemprego mais baixas.» Q - 26 - F*

*«Prestígio da universidade e qualidade do curso sendo reconhecido pelas instituições empregadoras.» Q - 34 - F*

O facto das taxas de empregabilidade serem altas, após a conclusão da licenciatura em SS, pressupõe uma relação estreita da UCP com o mercado de trabalho, sendo esta estabelecida através dos estágios ou através do GAPA.

Os alunos de 2000.-2001, também referem as questões de empregabilidade como importantes para a escolha da UCP. Contribuindo, para isso as classificações positivas na avaliação do curso, mencionado na Parte I do trabalho e conseqüentemente da própria Universidade.

d) A escolha das Universidades Privada

*«No ano que me inscrevi não havia universidade pública analisei o mercado e constei que esta era uma boa faculdade.» (Q - 8 – F)*

*«Não entrei no ensino público.» (Q - 39 – F)*

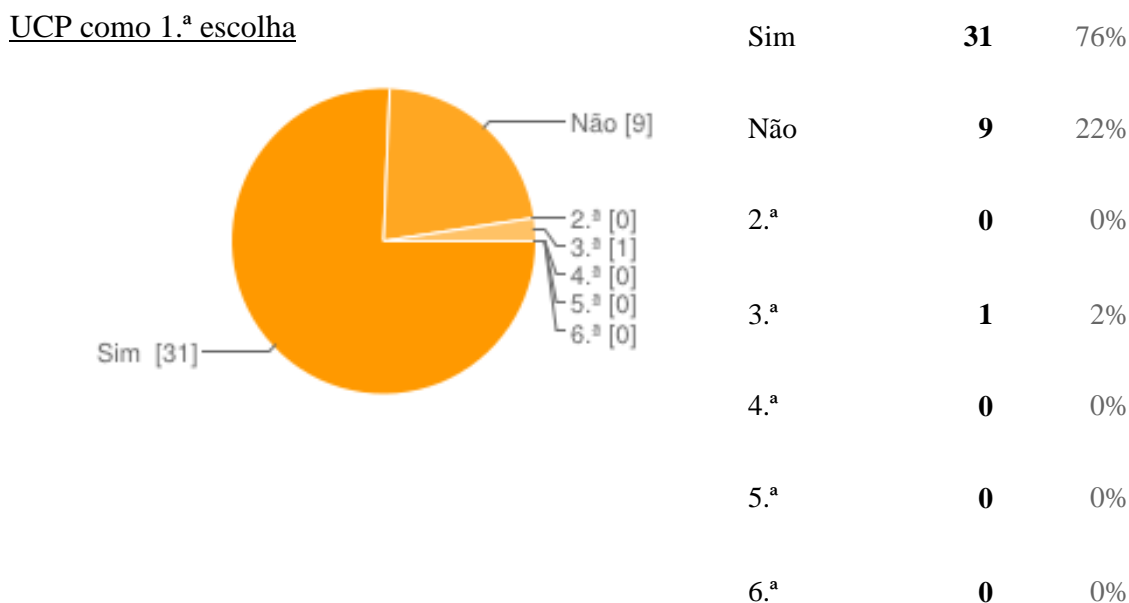
*«No ano em questão não havia faculdades públicas e a católica é uma faculdade com notoriedade.» (Q - 36 – F)*

Os alunos referem o facto de não existirem faculdades públicas com o curso de SS, no ato da inscrição ou a não entrada no ensino público. O grupo de alunos de 2000-2001, também faz menção a estas mesmas razões, (anexo J.2).

Como curiosidade, a investigadora apresenta os dados relativos aos alunos de 2012-2013, sobre o questionamento aos alunos sobre se a UCP foi a sua 1.<sup>a</sup> escolha, e se sim, quais as outras instituições que foram consideradas como opções.

Ainda, em relação aos alunos de 2012-2013, conseguimos apurar se a UCP foi a 1.<sup>a</sup> escolha dos alunos, e se não foi, então quais foram as outras escolhas a par da UCP. (anexo J.2)

### Distribuição dos alunos que selecionaram a UCP como 1.ª escolha



**Gráfico n.º 14** Distribuição dos alunos relativamente à escolha da UCP, 1.ª opção (2012-2013)

A UCP foi a 1.ª escolha de 31 alunos, 9 responderam que não foi e 1 aluno respondeu que foi a sua 3.ª escolha.

## **10.2 A representação sobre o Serviço Social, dos discentes da Licenciatura em Serviço Social, no ano letivo de 2000-2001 e de 2012-2013**

### **10.2.1 A representação sobre o Serviço Social, discentes do ano letivo de 2000-2001**

A pergunta remete-nos para a representação que os alunos têm, sobre o Serviço Social, quando o seu ingresso na Licenciatura.

#### Pergunta 1- Ficha 1- Porque escolheu o curso de Serviço social?

**Conceito:** a *representação* sobre o Serviço Social

As dimensões identificadas pelos alunos referem *o contato anterior com um profissional e com a profissão; a representação do Serviço Social integrado num quadro de valores como a ética de ajuda; sentir o Serviço Social como vocação/realização pessoal; ter tido uma experiência anterior de voluntariado; ter interesse pela área de*

*conhecimento e a ação, bem como interesse e gosto pela profissão e ainda ver o Serviço Social como ação política.*

a) Contato com um profissional e com a profissão

O facto de os alunos terem conhecido um ideal-tipo<sup>37</sup> de Assistente Social, tido como de referência, ou o contacto com o trabalho desempenhado pelo Assistente Social e com a área profissional do Serviço Social levou à construção de uma representação positiva e motivadora.

*«A escolha do curso de Serviço Social foi devido aos exemplos de trabalho que tenho visto por parte de assistentes sociais, as quais me aliciaram para esta área.»*

*«Escolhi o curso de Serviço Social, porque futuramente quero exercer a profissão de Assistente Social.»*

*«Devido ao contacto tido com uma assistente social do Hospital de TN.»*

Estas representações são construídas através da inserção num contexto social, que podem ter um critério quantitativo, pois é partilhado por um conjunto de indivíduos, como demonstra, a primeira resposta, bem como um critério de funcionalidade pois é construído através de uma prática social, da observação de determinados processos do quotidiano profissional do Assistente Social. (cf. Vala, Jorge e Monteiro, Benedicta, 2006)

Confirma-se a hipótese formulada anteriormente pela investigadora, em que conhecer um profissional visto como ideal-tipo de Assistente Social pode influenciar a escolha pela Licenciatura em Serviço Social.

b) SS como relação de ajuda

O facto do Serviço Social ter uma representação associada aos princípios e valores cristãos e humanistas, da assistência e da dádiva, aqui traduzidos na ajuda ao outro, influencia esta escolha e condiciona a representação dos indivíduos, reproduzindo novas

---

<sup>37</sup> «Ideal-tipo, modelos conceptuais ou analíticos que podem ser usados para compreender o mundo. Na vida real, é raro existirem, se é que existem, tipos ideias -muitas vezes existem apenas algumas das sus características.» (Giddens, 2007: 14)

representações num perspectiva de um critério genético, (cf. Vala, Jorge e Monteiro, Benedicta, 2006).

*«Escolhi este curso, porque trata essencialmente de trabalhar com pessoas, pessoas em risco que precisam de ajuda. Além disso há um vasto campo em que as podemos ajudar.»*

*«Escolhi o curso de Serviço Social, porque num mundo de Seres Humanos, o Homem é para mim o fator mais importante. E há tantos Homens que precisam de ajuda!»*

*«Porque acho que o curso em si é interessante, e dá-me oportunidade de vir a ajudar pessoas.»*

*«Porque vai de encontro aquilo que eu sinto, que pretendo fazer na minha vida futura que é basicamente ajudar os outros.»*

*«Devido ao meu interesse por questões sociais, e a necessidade de poder ajudar algum que necessite.»*

Estes alunos têm uma perceção do Serviço Social ligada à origem da profissão, em que o profissional encarava como sujeito de intervenção o pobre, numa visão caracterizada por um humanismo social, com orientação socioeconómica. Posteriormente, conjuga-se uma fase de ajuda, na qual se relacionam as relações humanas, num contexto psicossociológico. (cf. Marcel Bolle de Ball, 2000)

c) SS como vocação/realização pessoal

Os alunos identificam uma vocação – um sentimento de vocação, na ajuda ao outro, ao próximo, referem ainda uma paixão pela profissão de Assistente Social, mencionando o contato direto com pessoas que precisam da intervenção do Assistente Social e ainda uma vocação relacionada com sentimentos e convicções religiosas.

*«Escolhi o curso de Serviço Social, porque me sinto vocacionada para ajudar os outros.»*

*«Porque o gosto de encaminhar e ajudar as outras pessoas é maior do que qualquer paixão por outra profissão.»*

*«Porque acho que é um curso de que eu irei gostar, em que também posso ajudar, de certo modo, o próximo.»*

*«Escolhi Serviço Social, porque pelo que tinha ouvido falar e pelo plano de curso seria um curso que eu gostaria e em princípio tinha vocação.»*

*«Escolhi o curso de Serviço Social, porque gosto, interessa-me estar em contacto direto com as pessoas e em particular com os mais necessitados.»*

*«Porque fiz um dia uma opção vocacional e a congregação a que pertença, ofereceu-me esta possibilidade e, como é uma área que, eu gosto muito e a qual estou ligada, aceitei.»*

*«Tenho alguma experiência nessa área e porque gosto e sinto-me realizada neste ramo.»*

O processo vocacional na vida dos indivíduos é bastante importante, pois permite o conhecimento das motivações interiores que marcam a individualidades de cada um. A *individualidade* refere-se ao sujeito que se conhece e tem um projeto de si para si próprio. Assim, este momento proporciona a abertura à previsão dos resultados e de acontecimentos relacionados com o futuro profissional – a carreira. (cf. Armstrong & Rounds, 2008 cit in Saavedra, Luísa Maria e tal, 2008). Concluindo, que os alunos que identificam a sua vocação conhecem a sua individualidade, identificando o curso de SS como a concretização da sua realização pessoal social e profissional.

d) Experiência anterior de voluntariado social

De acordo com o Conselho Nacional para a promoção do voluntariado (2002), o voluntariado designa-se pela disponibilidade de estar ao serviço dos indivíduos, de forma gratuita, com o intuito de fazer o possível para a melhoria das condições da sua qualidade de vida. Caracterizado pelo desempenho de atividades de interesse social, associadas e integradas em contexto institucional (entidades promotoras).

«Porque estive a trabalhar num lar, como voluntária, e adorei estar em contacto com idosos. Também porque gosto muito de crianças e ajudar os mais que posso a resolver os problemas de outrem.»

«Estou num grupo de Jovens, onde muitas vezes ajudarmos os sem-abrigo.

«Já fiz voluntariado no CECD (Centro de educação de crianças deficientes)»

O voluntario toma uma decisão através de uma liberdade de escolha, que pode ter influência própria do indivíduo, bem como, as motivações que o caracterizam. Este compromisso tem a particularidade de ter um objetivo desinteressado, sendo uma prestação de serviços não remunerados, mas que pressupõem responsabilidade. A atuação do voluntário é «ter um ideal por bem fazer, que assenta numa relação de solidariedade», (Conselho Nacional para a promoção do voluntariado, 2002: 15)

e) Interesse pela área de conhecimento e campo de ação

Estes alunos falam de uma escolha associada à ajuda planeada, como uma forma de agir da profissão que se identifica com a forma de agir do aluno enquanto indivíduo. O conhecimento sobre o curso e a profissão leva ao encontro de coisas em comum com as suas próprias características, apetências e personalidade, e ainda a referência de um papel importante do Assistente Social na ação interventiva para com o utente e a sociedade.

*«Escolhi o curso de Serviço Social, porque penso que se identifica com a minha maneira de agir e pensar; também porque ser assistente social é conviver e trabalhar com pessoas muito diferentes.»*

*«Escolhi devido ao facto de ser um curso que acho que tem mais a ver comigo, na medida em que gosto de poder ajudar os outros de forma simples e planeada.»*

*«Eu escolhi o curso de Serviço Social, porque foi realmente o curso que mais interesse me despertou. E é o que tem a ver comigo.»*

*«Porque é um curso que tem muito a ver com a minha personalidade, e porque o meu país é um país cheio de conflitos e muitas pessoas necessitadas e precisa de muito apoio.»*

*«É um curso inovador, interessante e tem um papel fundamental na vida de certas pessoas.»*

*«Porque, acho que o curso de Serviço Social é interessante e me vai ajudar.»*

Denota-se uma consciência sobre uma identidade profissional, da relação entre teoria e prática fundamentada, tornando possível a produção de conhecimento específicos, contribuindo para uma ação reflexiva e para um agir profissional, cada vez mais articulados, (cf. Clara Cruz Santos, 2011). Já explícito, anteriormente neste trabalho, no capítulo sobre Profissão, Profissionalização e Identidade Profissional dos Assistentes Sociais, Boaventura (2001) informa-nos que o campo profissional do Serviço Social é composto por duas vertentes, um objeto teórico e um objeto de intervenção.

f) Interesse e gosto pela profissão

Helena Nunes (2010) diz-nos que a profissão de Serviço Social possui uma prática metódica, com uma intervenção com indivíduos, grupos e organizações, que interfere em diferentes dimensões, mobilizando-as numa dimensão política, científica e técnica, com uma perspetiva reflexiva, baseada no conhecimento da prática, conseguida através da experiência e do conhecimento científico, através da teoria. Os alunos indicam uma definição do que consideram ser a profissão de Assistente Social em que o objetivo é ajudar o outro, através da ajuda e da comunicação interpessoal, e falam da necessidade da existência desta profissão e do seu gosto pelo desempenho destas funções.

*«O curso de Serviço Social é uma profissão muito humana e necessária, cada vez mais para o nosso País. Escolhi este curso, porque um dos objetivos desse curso é ajudar os outros. Acho também que este curso ainda tem alguma saída profissional.»*

*«Eu escolhi o curso de Serviço Social, porque vai ser o curso que me dará acesso à profissão que eu ambiciono desempenhar – Assistente Social.»*

*Porque ainda tem saída profissional, pela profissão que depois vou poder exercer e porque gosto das disciplinas que compõem o curso.*

*«Porque era o curso que mais me agradava, e como é num curso que está o meu futuro, mais vale que se siga um que realmente se goste.»*

*«Escolhi este curso, porque estive três anos em Direito, onde encontrei inúmeras dificuldades. Apercebi-me finalmente de que não estava a fazer algum de que gostasse verdadeiramente. Assim, o curso de Serviço Social, pareceu-me ter mais a ver comigo.»*

*«Porque gostava de ser Assistente Social.»*

*«Porque acho importante que se faça alguma coisa pelas desigualdades, pela pobreza e por todas as pessoas que têm problemas e que por isso precisam de ajuda.»*

g) SS como ação política<sup>38</sup>

*«Porque acho que é interessante trabalhar para a sociedade e é motivante contribuir para o bem-estar de todos.»*

*«Porque acho que é importante na sociedade. Gosto de pessoas e ajudá-las.»*

*«Porque gostaria de aprofundar melhor o meu estudo sobre a sociedade.»*

*«Escolhi este curso principalmente, porque gosto de ajudar, porque a profissão de Assistente Social é uma das mais importantes a nível de sociedade e cada vez mais necessária.»*

*«Desde nova que tenho interesse por esta área, porque tenho uma certa necessidade de dar uma “palavra” na sociedade atual, marcada por discrepâncias sociais.»*

*«Atrai-me o facto de poder conhecer mais a sociedade aliando ao desejo de poder fazer algo por ela.»*

*«O curso de Serviço Social foi escolhido por mim pela intensidade das relações que eu penso que estabelece com sociedade em geral.»*

*«Para de certa forma poder prestar um serviço à comunidade, e poder ajudar os mais carenciados.»*

Reconhecimento da importância da profissão na transformação da sociedade. O conhecimento aliado ao saber-fazer e a uma intervenção dentro da sociedade. Fala-se de uma ação política relacionada com o poder que a profissão tem ao contribuir para a resolução de problemas identificados nos indivíduos mas que têm a sua origem na sociedade e na forma como esta se organiza e funciona.

Podemos inferir que as representações dos alunos sobre o Serviço Social, e as razões que orientam a sua escolha para este curso estão associadas a: contacto prévio com um assistente social e a sua prática profissional, ou com uma experiência de voluntariado social; ao princípio moral da “dádiva e ajuda ao Outro”; a uma vocação que os completa como pessoas; ao interesse pela área disciplinar e campos de atuação do SS; ao gosto pela prática profissional e sua capacidade de intervenção na sociedade.

---

<sup>38</sup> Segundo Giddens (2007), a política traduz-se nos «meios pelos quais o poder é empregue de modo a influenciar a natureza e os conteúdos das atividades governamentais.», (ibidem, 2007: 699)

## 10.2.2 A representação sobre o Serviço Social, discentes do ano letivo de 2012-2013

Relativamente ao grupo de alunos, de 2012-2013, as dimensões sobre a representação do SS, foram obtidos pelas respostas à questão n.º 3.4, sendo estas as seguintes:

### Pergunta 3.4 Porque razão optou pelo Serviço Social?

**Conceito:** a representação do Serviço Social

a) SS como relação de ajuda

*«Porque serviço social é muito mais do que escutar o indivíduo. Olha o indivíduo como um todo.» (Q - 1 – F)*

*«Porque gosto de trabalhar fundamentalmente com pessoas e porque gosto de ajudar a resolver as situações problema.» (Q - 24 – F)*

*«Porque gosto de ajudar os outros.» (Q - 19 – F)*

Os alunos referem que SS é mais do que ouvir o outro, é ter uma visão holística do sujeito, ajudando-o a ultrapassar a situação-problema em que se possa encontrar, não esquecendo o gosto na relação de ajuda entre o profissional e o utente.

b) Ter vocação – sentir-se vocacionado para a profissão/realização pessoal e profissional

*«Pela paixão pelo outro e pela vontade de mudar o mundo.» (Q - 7 – F)*

*«Vontade de ajudar; perceber que sou chamada a isso.» (Q - 11 – F)*

*«Nem todas as pessoas estão dispostas a dedicar parte de si, da sua vida, aos outros e aos seus problemas/necessidades. Eu quis, quero e espero provocar mudanças nos outros, ajudá-los a encontrar um rumo positivo na sua vida, embora nem sempre seja fácil ou ainda que possível. Eu optei por Serviço Social porque quero fazer a diferença.» (Q - 16 – F)*

*«Porque me sinto totalmente realizada, em contribuir para uma vida com maior dignidade, para com os indivíduos mais vulneráveis da sociedade.» (Q - 17 – M)*

*«Acredito na mudança e na justiça social. Acredito que todos temos uma missão e que no meu caso é o trabalho em prol do bem-estar das pessoas e na promoção da igualdade e da sua qualidade de vida.» (Q - 25 – F)*

*«Por me sentir vocacionada para ajudar os indivíduos a promover uma melhoria das suas qualidades de vida.» (Q - 26 – F)*

Os alunos mencionam uma paixão pelo próximo com uma vontade em ‘mudar o mundo’, um chamamento na prestação de ajuda ao outro, uma dedicação dando algo de si, da sua vida na resolução dos problemas de quem necessita, visando uma mudança positiva para situações vulneráveis que possam encontrar, fazendo a diferença. A realização pessoal/profissional no contributo para a dignidade de indivíduos em situação vulnerável. Visão do SS ligado à justiça social, tendo por missão o bem-estar e a promoção da igualdade e qualidade de vida de todo o Ser Humano. Identificação de uma vocação, um sentimento de vocação na ajuda ao outro.

c) Interesse e gosto por esta profissão

*Identificação com os ideais da profissão e o que poderei exercer futuramente enquanto Assistente Social. (Q - 22 – F)*

*Amor à Profissão. (Q - 31 – F)*

*Interessada nas áreas sociais. (Q - 30 – F)*

*Desejo de mudança profissional conciliada com o interesse pela profissão. (Q - 32 – F)*

*Porque gosto e tem a ver com a minha pessoa. (Q - 18 – F)*

*Por gostar da profissão e querer saber mais sobre a mesma. (Q - 39 – F)*

*Porque me pareceu um curso interessante. (Q - 34 – F)*

*Pela necessidade de ter uma profissão com grande contacto humano e tipos de trabalho diversos. (Q - 27 – F)*

*Foi desde sempre o curso que se identificava com os meus objetivos futuros. (Q - 23 – F)*

*Por ter o curso de técnico de apoio psicossocial e necessitar de uma formação que alague o campo profissional. E através de uma orientação por parte de colegas de trabalho foi apoiado nesse sentido. (Q - 10 – M)*

Os alunos identificam o interesse pela profissão justificando que se identificam com os seus ideais, o interesse pela área social, o amor à profissão, ter curiosidade sobre a profissão e desejo por conhecê-la, pertencer a uma profissão que consideram proporcionar grande contacto humano, e pela diversidade dos trabalhos que se pode vir a desenvolver, identificação da possibilidade do projeto profissional pertencer ao seu projeto de vida futuro. O facto de possuir um curso profissional da área social, de nível secundário, fez

surgir a necessidade de adquirir mais competências profissionais com formação de nível superior.

d) Experiência anterior de voluntariado

*«Escolhi Serviço Social devido aos voluntariados que tive oportunidade de frequentar e também porque gostava de trabalhar com pessoas com deficiências.» Q - 38 - F*

O contacto com o voluntariado proporcionou uma experiência positiva, que possibilitou o trabalho em áreas de intervenção com populações específicas.

Estas quatro dimensões também foram encontradas anteriormente, no grupo de alunos de 2000-2001, tendo sido também analisadas.

e) Por sugestão de familiares para o SS

*Por vários fatores, para além de alguns já mencionados no questionário também fatores familiares. Q - 14 - F*

*Sugestão da minha mãe sobre a qual me informei e decidi seguir. Q - 21 - F*

As representações positivas de outros condicionaram as representações dos alunos, ou seja, as boas referências de familiares proporcionaram condições para terem influências direta nas suas atitudes e escolhas.

Esta dimensão não foi significativa, no grupo de alunos de 2000-2001, para ter destaque.

As representações são «imagens de produção coletiva que orientam as condutas individuais face aos atores e ao contexto»; são quadros de significação e representação coletiva que informam os comportamentos individuais e têm uma função simbólica, (cf. Jorge Vala, 2006). Que podem influenciar outras conceções de imagens contribuindo e influenciando escolhas através dessas reproduções coletivas de representações.

Podemos então resumir que tanto para os alunos de 2000-2001 como para os de 2012-2013, são comuns as seguintes razões para escolher o curso de Serviço Social: criar e construir uma relação de ajuda; sentir-se realizado como pessoa e como profissional; ter uma vocação para exercer a profissão; ter gosto pela área de atuação e pelo campo profissional; ter tido uma experiência de voluntariado no contacto com pessoas ou situações de sofrimento necessidade ou vulnerabilidade.

### **10.3 O que os alunos pensam sobre o que é Serviço Social no início e no final do primeiro ano da Licenciatura em Serviço Social, no ano letivo de 2000-2001**

Estas duas questões só são passíveis de análise e comparação entre si, em relação aos alunos de 2000-2001, pois a investigadora não questionou o mesmo, ao grupo de alunos de 2012-2013.

De acordo com, a Federação Internacional de Assistentes Sociais – FIAS (IFSW, 2005),

*«o exercício da profissão de assistente social ou trabalhador social promove a mudança social, a resolução de problemas no contexto das relações humanas e a capacidade e empenhamento das pessoas na melhoria do "bem-estar". Aplicando teorias de comportamento humano e dos sistemas sociais, o trabalho social focaliza a sua intervenção no relacionamento das pessoas com o meio que as rodeia. Os princípios de direitos humanos e justiça social são elementos fundamentais para o trabalho social.»*

Comparando as respostas com a definição da FIAS, tal como já foi referido anteriormente, vemos que os alunos identificam o Serviço Social, como uma prática profissional que atua no âmbito das relações humanas e na promoção do bem-estar. Falam mais da ajuda ao outro e da resolução de problemas e menos de justiça social e dos direitos humanos. Identificamos nas respostas dos alunos cinco dimensões para a definição do Serviço Social, tais como: um saber disciplinar; uma prestação de serviços; uma relação de ajuda a outros, uma vocação, uma relação de mediação e uma ação política para a intervenção coletiva.

#### **10.3.1 O que os alunos de 2000-2001 pensam sobre o que é Serviço Social, no início do ano letivo**

##### Pergunta 4 – Ficha 1 -O que é para si Serviço Social?

**Conceito:** significado e definição de Serviço Social

- a) Um saber disciplinar

O Serviço Social é um saber disciplinas pois, «o trabalho social não produz teoria, nem produz conhecimentos, no sentido de constituir um corpo teórico ou formular generalizações empíricas», (Ander-Egg., 1995: 157), mas produz conhecimentos específicos, construindo, um saber socialmente útil, (cf. Isabel Passarinho, 2008).

*«Um curso que prepara alunos para a formação de assistentes sociais.»*

*«Serviço Social é uma cadeira que ensina a lidar com a sociedade de hoje em dia, através de uma série de exemplos práticos ou teóricos, pelos alunos testados.»*

*«Serviço Social é uma ciência social que se foi desenvolvendo, cada vez mais, com o avanço da sociedade e dos seus problemas.»*

Os alunos consideram que o curso de Licenciatura em SS os prepara para um futuro profissional enquanto Assistente Social. A representação que têm da cadeira de Serviço Social é definida pelo conhecimento da sociedade, tanto de conhecimentos teóricos como práticos. Os alunos referem ainda uma evolução do SS com o passar do tempo, e definem-no como uma ciência social. O SS não é uma ciência, é um saber disciplinar que abarca diferentes conhecimentos de outras ciências sociais e humanas, como a psicologia, a sociologia, a antropologia, entre outras. O SS evoluiu desde o seu surgimento, enquanto profissão, sendo desafiado constantemente a adaptar-se aos contextos das épocas, e dos problemas sociais que delas emergem.

b) Uma prestação de serviços e c) Uma relação de ajuda a outros

*b)*

*«Como o próprio nome diz estamos ou iremos estar no serviço da sociedade.»*

*«É um serviço prestado à sociedade de maneira a solucionar alguns dos problemas neles encontrados.»*

*«Penso que, tal como o nome indica, o Serviço Social é colocar-se a si próprio e a sua disponibilidade em favor da sociedade que, de algum modo, demonstra carência.»*

*c)*

*«É ajudar aqueles que precisam de ajuda física, moral ou psicológica, não tendo em conta as origens das pessoas que ajuda.»*

*«Para mim o Serviço social tem como finalidade ajudar o ser humano a todos os níveis.»*

*«Tal como o nome indicar é um serviço que tem como objetivo “ajudar” a sociedade, ou quem precisa.»*

*«É acima de tudo ajudar as pessoas nos seus problemas tanto económicos, como psicológicos...é tentar humanizar as pessoas, orientando-as para uma vida equilibrada.»*

Estas duas dimensões podem ser apresentadas em simultâneo, pois a prestação de serviços e a relação de ajuda encontram-se em consonância. Ambas são referidas pelos alunos, como uma disponibilidade na prestação e no auxílio ao outro, resolvendo os problemas que apresentam. Denota-se nestas respostas uma representação da profissão com tendência numa base mais doutrinária e ideológica, do que propriamente uma formação com conceções teórico-metodológicas (Ferreira, 2009:166).

Nesta dimensão, os alunos definem o SS como uma disponibilidade para a prestação de serviço em prol da sociedade. Ainda, a ajuda a todo o indivíduo que apresente problemas de diferentes níveis, como económicos, psicológicos, etc.

d) Uma relação de mediação

O Assistente Social pode assumir diferentes papéis de acordo, com a população-alvo, a sua problemática, os contextos de práticas e a sua envolvência organizacional. Os estudantes associam o Serviço Social a uma profissão de mediação e articulação entre o Estado e o cidadão, entre as pessoas e as organizações.

*«Para mim o Serviço Social tem como objetivo ser intermediário entre os beneficiários e o estado. É informar as pessoas dos seus direitos.»*

*«O Serviço Social é, para mim, um meio de ligação entre certas pessoas e informações, serviços a que sem uma assistente social não teriam acesso.»*

*«Serviço Social para mim é, ação entre o meio “debilitado”, carente a nível social.»*

Para além de resolver problemas individuais o Assistente Social tem consciência da origem social dos problemas e atua a diferentes níveis, na articulação entre sistemas, entre pessoas, organizações e recursos.

Estas abordagens incluem uma correlação de forças entre as mediações económicas, políticas e ideológicas, em que se articulam entre si com o objetivo de originar efeitos, como pressionar os poderes instituídos e as políticas vigentes, (cf. Faleiros, 2002).

e) Ação política, intervenção coletiva

Uma ação profissional que visa uma intervenção na comunidade, que engloba a sociedade, uma intervenção mais próxima do terreno. O Assistente Social no seu agir profissional tem de conseguir dinamizar a relação entre a prática do SS e o contexto social,

económico, político do país. Atualmente, o exigido ao profissional baseia-se em competências a nível do empreendedorismo, criatividade, inovação, autocontrole, empatia, e ainda ter capacidade para lidar com situações-problema adversas. (cf. Ângelo Silva et al., 2006).

*«É o que o próprio nome indica, ou seja, trabalhar para e com a sociedade.»*

*«É um curso interessante e englobado na sociedade, em várias partes da sociedade.»*

*«Serviço Social para mim é ajudar os que mais necessitam, por diversas ordens de trabalho, e no que mais precisam (habitação, saúde, reinserção, etc.)»*

*«Tentar dar condições a uma pessoa para a sua sobrevivência e bem-estar na vida. Encarar a realidade como ela é e tentar mudá-la.»*

*«Julgo que seja um recurso, ao qual várias instituições e até o próprio estado recorre para resolver problemas que afetem a nossa sociedade. Julgo que serve ainda para indicar, a várias pessoas, a resolução para certas situações.»*

*«O Serviço Social é para mim uma forma de dar ajuda a uma área carenciada, quer a nível social, material, psicológico, etc..»*

*«Serviço Social para mim é poder lidar mais de perto e tentar fazer alguma coisa por esta sociedade e pelos seus problemas sociais.»*

*«Para mim o Serviço Social é o estar mais próximo dos problemas da nossa sociedade e colaborar na sua solução.»*

### **10.3.2 O que os alunos de 2000-2001 pensam sobre o que é Serviço Social, no final do ano letivo**

Na Ficha n.º 2 correspondente ao final do 2.º semestre, os alunos são novamente questionados sobre o que significa para eles o SS. Esta questão foi colocada aos alunos no início do 1.º ano e voltou a ser colocada no final do ano, num segundo questionário aplicado na disciplina de SSII, tendo encontrado as dimensões a seguir analisadas.

#### Pergunta 1 – Ficha 2 - O que pensa que é o Serviço Social?

**Conceito:** a representação sobre o Serviço Social (no final do 1.º semestre)

- a) SS como profissão

Os alunos identificam o Serviço Social não só como um conhecimento específico operacionalizado pelos Assistentes Sociais na sua prática, mas também como um corpo profissional que realiza um trabalho especializado.

*«Uma profissão muito exigente que visa ajudar as pessoas com dificuldades a resolver os seus problemas.»*

*«Não é uma profissão isolada: intercala-se com muitas outras, fazendo um trabalho conjunto com o indivíduo, grupo e/ou comunidade.»*

*«O Serviço Social, na minha perspetiva, é uma profissão que tem como objetivo garantir a estabilidade dos seres humanos. A estabilidade, que aqui se pretende garantir, não é apenas ao nível económico, mas também ao nível emocional e pessoal.»*

Maria de Lurdes Rodrigues (2012) coloca uma questão-alvo, em torno do que é tido como profissão e quais as suas características, do seu perfil e das razões que a levam a se constituir como tal e diz-nos como nasce e se constitui uma profissão. Sendo a constituição de uma profissão construída através do passar do tempo, com a especialização da sua organização e do seu funcionamento e a progressiva satisfação dos clientes. Com esta afirmação podemos identificar a relação que os alunos fazem do SS enquanto profissão, pois refere a satisfação dos utentes através da resolução dos seus problemas ou dificuldades, com o objetivo de proporcionar o bem-estar necessário aos utentes, em diversas vertentes do seu quotidiano, tornando assim o SS como uma disciplina das ciências sociais especializada no seu saber fazer.

#### b) SS como saber disciplinar

*«Antes de entrar para este curso pensava que o Serviço Social era a ajuda a pessoas necessitadas e com graves problemáticas de vida, após este ano penso que o Serviço Social, é bem mais abrangente e completo, e os novos conhecimentos de Serviço Social que adquiri fizeram-me apreciar ainda mais o curso escolhido.»*

*«O Serviço Social é uma cadeira muito interessante, porque ajuda-nos a compreender a maneira como lidamos com os vários tipos de pessoas.»*

*«O Serviço Social é, acima de tudo, um curso no qual uma das palavras-chaves é ouvir; saber ouvir e tentar compreender não julgando são características vindas do Serviço Social.»*

*«O Serviço Social é uma “disciplina” cujo principal objetivo é “resolver” os problemas a nível social que existem na sociedade. Para tal existem técnicas e meios.»*

É altura de os profissionais de Serviço Social assumirem o desafio e a responsabilidade de exercer uma profissão que produza conhecimento, deixando o preconceito ou o medo em reconhecer que o Serviço Social é uma profissão voltada para prática, mas ao mesmo tempo estar ciente que essa prática em nada se parece com o senso comum, pois é aplicada através de metodologias específicas, (Rodrigues, 1995: 154). Tornando-se uma saber disciplinar e não uma ciência, mas conferindo um grau de conhecimento científico fundamenta para o seu agir profissional.

c) SS como técnica

*«O Serviço Social é todo um conjunto dinâmico de técnicas e meios com vários objetivos: promover o bem-estar social, precaver situações de risco.»*

*«Tenho uma perspectiva diferente do Serviço Social e nomeadamente da figura de Assistente Social e do lugar que ocupa na sociedade. Não vejo mais o Serviço Social como um trabalho de caridade, embora este esteja diferente, mas sim como um trabalho que exige um método, uma aquisição de normas e valores que exige que olhemos a situação sob outra perspectiva que não a do senso comum.»*

*«No entanto, podemos dizer que o Serviço Social é uma “ajuda” a vários níveis (social, financeiro e pessoal) proporcionada por um técnico competente, neste caso um Assistente Social. Recorrendo aos mais diversos serviços.»*

*«Este serviço é prestado por um técnico, que está habilitado, para ajudar os outros a resolverem o seu próprio problema, a valorizarem as suas potencialidades e possibilidades. Um técnico de Serviço Social é alguém que valoriza, respeita o outro e o ajuda, a ajudar-se a si próprio.»*

Helena Nunes (2010) diz-nos que a profissão de Serviço Social possui uma prática metódica, com uma intervenção com indivíduos, grupos e organizações, que interfere em diferentes dimensões, mobilizando-as numa dimensão política, científica e técnica, com uma perspectiva reflexiva, baseada no conhecimento da prática, conseguida através da experiência e do conhecimento científico, através da teoria. Reconhecimento dos alunos de uma intervenção por parte do profissional com uma prática metódica.

d) SS como vocação

*«O Serviço Social é um trabalho interessante e bonito, é os nós esquecermos muitas vezes as nossas dificuldades para poder ajudar o outro que vem até junto de nós.»*

*«Acho a área de Serviço Social uma área muito bonita, que me dá muita motivação e penso que seja esta cadeira que me faça gostar tanto deste curso. No entanto o Serviço Social é uma área que precisa de muita dedicação.»*

*«O Serviço Social em termos de profissão futura, exige muita dedicação e uma abertura muito grande às pessoas, temos sobretudo de ser compreensivos e saber ouvir respeitando os outros e a sua liberdade de decisão. Se é uma arte ou não, ainda não posso dizer. Só sei que exige muita “paixão” e um esforço muito grande para nos dedicarmos aos outros e nos educarmos a nós próprios.»*

*«Contudo devo afirmar que o gosto por serviço social veio a crescer cada vez mais. Penso que agora não desistiria do curso por nada.»*

Uma vez mais, os alunos referem o Serviço Social como a concretização de uma vocação profissional.

e) SS como ética de ajuda

*«O Serviço Social para além de amar o próximo e ajudá-lo, é também respeitar o ser humano, ouvi-lo com paciência e sem criticar os seus pedidos.»*

*«O Serviço Social visa ajudar e apoiar as pessoas carenciadas da melhor forma possível.»*

*«O Serviço Social não é somente ajudar o próximo, mas também compreendê-la da melhor forma possível.»*

*«Aprendemos, assim, que o Serviço Social não é apenas caridade, é antes uma maneira organizada de ajudar as pessoas a qualquer nível e de qualquer nível.»*

*«O curso serve ou tem muita utilidade social. E converge valores humanos muito importantes.»*

A profissão pressupõe uma «qualidade de serviço que exige um controlo científico da formação e um controlo ético da prática profissional, os quais são assegurados pelo coletivo de pares, uma vez que apenas os pares, através de associações que reúnem todos os membros, podem constituir-se como garante da qualidade da formação e do valor das prestações profissionais», (ibidem: 14).

Uma vez mais, os alunos referem o Serviço Social como a ajuda ao outro.

f) SS como ação política

*«Tentativa de resolver ou/e ajudar a resolver os problemas sociais existentes nas sociedades de forma a que esta funcione melhor.»*

*«Neste momento, o Serviço Social, para mim é uma forma de ajudar a resolver problemas sociais existentes na realidade à nossa volta.»*

*«Serviço Social pretende a estabilidade e ajudar aqueles que por algum motivo têm um problema, o qual poderá ter solução através do Serviço Social.»*

*»Serviço Social é uma intervenção a nível social para tentar ajudar as pessoas e a melhorar a sua situação. Mas principalmente é uma área em que tem que saber muito bem lidar com as pessoas e as frustrações do dia a dia.»*

*«O Serviço Social atua nas suas mais diversas áreas, no sentido de ajudar a resolver os problemas e dificuldades, não só de um caso particular, como da sociedade em geral.»*

Uma vez mais, os alunos referem o Serviço Social como uma ação cívico-política, referida por Simões (2007).

g) SS mais que assistência: serviço, área de ação, tarefa, de relação com pessoas

*«Serviço Social é uma área que abrange diversificadas situações. Serviço Social é um trabalho elaborado pelo assistente social que em conjunto com o cliente, e o próprio serviço, tentam resolver os problemas apresentado.»*

*«A minha definição atual de Serviço Social é bem diferente daquela que tinha quando iniciei o curso. No final do primeiro ano, considero que o Serviço Social é algo mais abrangente do que uma ajuda aos mais pobres e necessitados.»*

*«Serviço Social é um serviço a que as pessoas com algum género de problemas (económicos; integração...) recorrem com o intuito de quem está à frente desse serviço lhe dar algum tipo de ajuda.»*

*«O Serviço Social é uma área de intervenção pois, os assistentes sociais intervêm nos problemas sociais com o intuito de os resolver e ajudar os outros (utentes) a resolvê-los também. É um trabalho conjunto entre assistente social e utente.»*

O que se pretende ressaltar é a o interesse na construção sólida da relação que o Assistente tem com o utente, que diferencia o nosso trabalho dos restantes profissionais e faz da nossa identidade uma constante mudança e reajuste face as sucessivas alterações das nossas sociedades ao longo dos anos. Mas isso não faz da nossa identidade menos consistente, apenas esta nunca será transversal no tempo. Logo, compete ao Assistente

Social fazer estes reajustes sem perder a sua essência, prestando uma intervenção menos redutora. Realizar a rutura com o assistencialismo predominante, moldar o agir para uma população-alvo de acordo com a época e o contexto em que estamos inseridos, um alargamento e adaptação do nosso campo de ação, ressaltando a relação de interajuda entre o Assistente Social e o beneficiário.

Comparativamente, entre os dois semestres, no mesmo grupo de alunos verifica-se uma evolução, para uma definição mais especificada do que é o SS, corroborado pelas dimensões encontradas, no segundo momento, sendo estas mais concretas e abarcando inúmeras áreas da profissão e do agir profissional, e ainda a rutura com a visão de um SS assistencialista, ou só ligado a intervenção com os ‘pobres’.

### **10.3.3 Expectativas dos alunos sobre o curso de Licenciatura em Serviço Social, no ano letivo de 2000-2001**

Relativamente aos alunos de 2000-2001, é-lhes pedido que enunciam as expectativas relacionadas com as aprendizagens que esperam adquirir através da frequência da Licenciatura em SS.

#### Pergunta 3 – Ficha 1 - O que espera aprender no curso de SS

**Conceito:** *expectativas* face ao curso

A expectativa é uma possibilidade consciente de satisfazer alguma necessidade sentida por um indivíduo, tendo em consideração a sua experiência do passado, assim podemos considerar a expectativa sentida e a probabilidade de ser satisfeita ou não, (cf. Hersey, 1986 cit in Aida Simões, 2008).

De acordo com as respostas, as expectativas dos alunos face ao curso estão associadas, como seria de esperar, às suas representações sobre o Serviço Social e a profissão. Os alunos esperam que as suas aprendizagens possibilitem: um melhor conhecimento da realidade social; estar mais próximo das situações e dos problemas e treinar competências práticas; ter conhecimentos para vir a trabalhar com pessoas e poder ajudá-las; ter uma intervenção na sociedade e poder resolver alguns problemas sociais; ter uma profissão que complete a sua realização pessoal.

a) Melhorar o conhecimento da realidade social

*«Espero aprender a lidar com uma sociedade que ainda tem problemas sociais diversos.»*

*«A compreender melhor a sociedade.»*

*«Espero aprender a saber lidar da melhor forma com os problemas e flagelos da sociedade.»*

*«Espero aprender algo, que me possa ajudar a compreender mais certos problemas da sociedade.»*

*«Espero aprender a saber funcionar numa sociedade, aprender a lidar com os problemas que esta nos apresenta.»*

Os alunos afirmaram querer ter um conhecimento sobre a realidade social mais profundo como forma de desempenhar as funções de intervenção da profissão da melhor maneira, de saber agir de acordo com os problemas surgidos na sociedade. Sendo relevante mencionar o lugar do Serviço Social, onde este possui um papel central no campo da intervenção sobre a realidade, assumindo uma profissionalização ligada ao agir. (cf. Amaro, 2009).

b) Poder ajudar pessoas (ética de ajuda)

*«Espero vir a saber trabalhar e evitar melhor a sociedade tal como ela é, sabendo melhor a situação que decorre à minha volta, fosse assim ajudar a resolver alguns problemas que a atingem.»*

*«Algo muito útil para conseguir tratar as pessoas como pessoas ajudando-as acima de tudo.»*

*«Espero aprender melhor como lidar com as pessoas, como ajudá-las.»*

*«Espero que me preparem não só intelectualmente como a nível pessoal.»*

Esta dimensão já foi encontrada e analisada anteriormente, sendo que uma das identificações dos alunos com o curso e a profissão se liga à ética de ajuda e ao facto de esta ser uma profissão de proximidade e de relação com indivíduos, famílias, grupos e comunidades e organizações.

c) Obter conhecimentos teóricos para ajudar outros

*«Espero aprender a lidar com as dificuldades dos outros, e ajudar a melhorá-las.»*

*«A entender melhor as pessoas.»*

*«Espero aprender formas de ajudar quem precisa.»*

*«Espero aprender a lidar com as pessoas. Aprender a conhecer os seus pensamentos.»*

*«Espero aprender e compreender, ajudar melhor os outros. Nos pontos em que cada um necessita.»*

*«Eu espero aprender tudo o que for necessário para trabalhar em qualquer dos ramos de Serviço Social: toxicodependentes; idosos; crianças problemáticas.»*

*«Métodos de trabalho, pesquisa, organização...Novas maneiras de compreender e analisar os problemas sociais do dia a dia e projetar novas perspectivas no campo humanitário.»*

*«Muita coisa, como por exemplo relacionar melhor com os outros.»*

Reconhecimento por parte dos alunos, de que a ajuda a outros e a intervenção social necessita da aquisição de conhecimento teóricos, conhecimento do Ser Humano, metodologias, métodos e técnicas para saber fazer e responder às adversidades surgidas enquanto profissional. É uma profissão voltada para a prática, mas ao mesmo tempo deve estar ciente que essa prática em nada se parece com o senso comum, pois é aplicada através de teorias e metodologias específicas, (Rodrigues, 1995: 154).

d) Exercício prático e contacto com situações

*«Tudo o que me possa ajudar para poder, mais tarde, pôr em prática.»*

*«Espero aprender a ajudar aqueles que mais precisam de mim; aprender a agir de uma maneira o mais normal possível perante situações complicadas.»*

*«Espero aprender a atitude a tomar perante as diferentes situações com, que no futuro me possa deparar.»*

*«Espero aprender a lidar com os vários problemas da sociedade, poder ficar preparada para intervir e ajudar os outros.»*

*«Como se deve atuar sobre as várias situações prováveis de aparecer na sociedade enquanto Assistente Social e quais as formas como se devem tratar e abordar as várias pessoas.»*

Os alunos referem o saber fazer, como expectativa de aprendizagem, que esperam adquirir com a frequência no curso, mas importa clarificar que a relação entre a teoria e a prática fundamentada, torna possível a produção de conhecimento específicos, contribuindo para uma ação reflexiva e para um agir profissional cada vez mais articulados, sendo ainda de ressaltar a necessidade destas interações para a intervenção

e) Melhorar a competência profissional

*«Não sei, tudo o que for preciso para ser boa assistente social.»*

*Espero poder conseguir alguma prática de exercer aquela que virá a ser um dia a minha profissão, de modo a poder adaptar-me a qualquer situação que eventualmente apareça.»*

*«Tudo o que me venha a ser útil para exercer a minha profissão futuramente.»*

*«Espera vir a ser uma Assistente Social competente, aprender o que fazer para ajudar as pessoas.»*

As expectativas dos alunos manifestam que estes confiam na universidade e na qualidade do seu ensino para formar bons assistentes sociais. Amaro (2009) afirma que a intervenção em Serviço Social é específica e própria, pautada por instrumentos de pesquisa específicos, orientados para a finalidade de obter resultados. Por isso, os alunos esperam adquirir esses instrumentos para uma melhor competência profissional.

f) Experiência de vida e realização pessoal

*«Espero conseguir ser uma pessoa melhor e ajudar a melhorar a vida das outras pessoas.»*

*«Espero aprender muito e o preciso para ser uma assistente social. E também com isto espero ter mais experiência na vida.»*

*«Espero aprender a trabalhar com grupos de pessoas de todos os níveis, a ter mais consciência da realidade da vida.»*

*«Algo sobre a vida que possa facilitar o contacto com pessoas problemáticas e espero ter formação para poder ajudá-las.»*

*«Espero aprender a descobrir o que são os outros, a não pensar só em mim, a ser mais humana e solidária. Penso que até pela sociedade em que hoje vivemos, estes são valores que se estão a aprender.»*

As respostas dos alunos revelam que estes esperam que a sua formação durante o curso os faça também melhorar enquanto pessoas. Parece haver uma noção de que para além dos conhecimentos e competências especializadas, a profissão também molda as maneiras de ser e as próprias condutas. A realização pessoal através da ajuda prestado ao outro, o conhecimento da realidade social que nos rodeia, adquirindo também uma experiência de vida. Estes são alguns dos aspetos identificados pelos alunos.

g) Ação política – resolução de situações coletivas

*«No curso de Serviço social espero aprender a saber lidar com os problemas sociais.»*

*«Espero aprender a lidar melhor com as pessoas e com os seus problemas, por vezes, bastante complexos.»*

*«Espero aprender a lidar com todo o tipo de problemas que neste momento devastam a nossa sociedade.»*

*«Espero aprender a lidar com os problemas da sociedade, e espero poder ajudar cada vez melhor. »*

*«Lidar com as outras pessoas, com os seus problemas e por conseguinte tentar ajuda-los a resolve-los.»*

*«Como poder ajudar as pessoas carenciadas através de apoio social. Uma boa orientação e formação superior.»*

As respostas dos alunos situam-se para além da ajuda individualizada e denotam a esperança de adquirir conhecimento para saber lidar com pessoas, resolver problemas e atuar na sociedade. Consideram o Serviço Social como uma profissão que preenche a sua realização pessoal e especialização profissional. Segundo, Simões (2007) os alunos que escolhem SS são caracterizados por uma forte participação cívico-política. Ainda é de ressaltar que estes alunos têm na sua essência um espírito cooperativo e concebem a resolução de problemas também a nível coletivo.

#### **10.3.4 O que os alunos de 2000-2001 adquiriram com o curso de Serviço Social**

Na ficha n.º 2, na questão 2, é colocada a seguinte questão: O que é que a frequência do Curso de SS lhe trouxe de novo a nível pessoal, conhecimentos, das relações interpessoais, compreensão da realidade social? Como curiosidade, os alunos identificam o curso com a nova aquisição de competências e reconhecem outros contributos da aprendizagem e da vida académica.

Pergunta 2- Ficha 2 - O que é que a frequência do Curso de SS lhe trouxe de novo a nível pessoal?

**Conceitos:** *aquisição de competências e contributos da aprendizagem e da vida académica ao nível dos conhecimentos, das relações interpessoais, compreensão da realidade social*

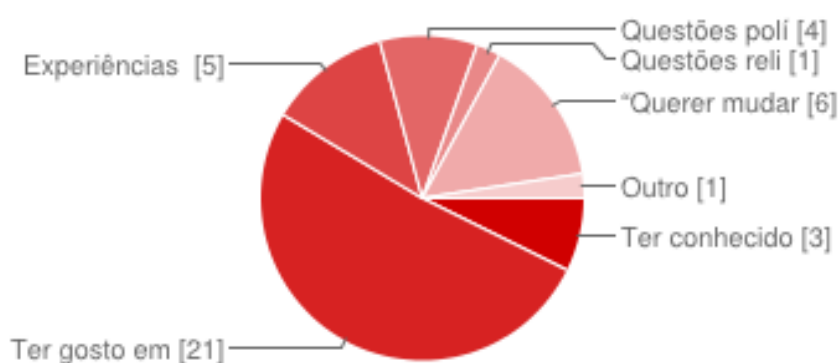
- a) Competências de identificação e realização pessoal
- b) Competências cognitivas e operativas, aquisição de novos conhecimentos
- c) Competências relacionais, comunicação e relações interpessoais
- d) Nova perceção da realidade social

Os alunos referiram a aquisição de diversas competências, no final do 1.º ano da Licenciatura em Serviço Social, através das aprendizagens lecionadas e experiências vivenciadas, dentro da vida académica. As aquisições caracterizam-se como, competências de identificação e realização pessoal; competências cognitivas e operativas, aquisição de novos conhecimentos; competências relacionais, através da comunicação e relação interpessoal e ainda uma nova perceção da realidade social.

#### 10.4 Identificação quantitativa das motivações impulsionadoras para a opção da Licenciatura em SS, dos alunos do ano letivo de 2012-2013

As opções associadas às motivações foram colocadas da seguinte forma, tendo em conta as hipóteses construídas anteriormente pela investigadora, já enunciadas na Parte III. As principais razões observadas estão relacionadas com a vontade de poder ajudar outros, querer mudar o mundo e ter tido uma experiência positiva de voluntariado social.

##### As motivações dos alunos para a escolha do curso de Serviço Social



Ter conhecido um ideal tipo/pessoa de referência como Assistente Social	3	7%
Ter gosto em ajudar o outro, vocação para o auxílio aos outros	21	51%
Experiências positivas de voluntariado	5	12%
Questões políticas (filiação partidária, simpatia ideológica, convicções pessoais, entre outras)	4	10%
Questões religiosas (estar ligado a grupos ou ações duma Igreja)	1	2%
“Querer mudar o mundo”	6	15%
Outro	1	2%

**Gráfico n.º 15 Distribuição** dos alunos relativamente às motivações para a escolha do curso de Serviço Social (2012-2013)

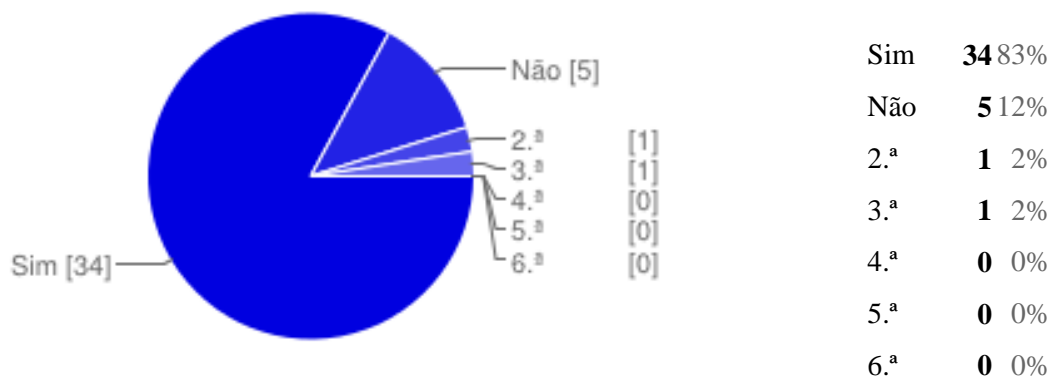
Responderam a esta questão os 41 indivíduos que participaram no questionário.

Como motivações que levaram à escolha do curso Serviço Social temos a seguinte distribuição: mais de metade, 21 alunos (51%), justificam esta escolha por *ter gosto em ajudar o outro*, ou *vocação para o auxílio aos outros*; a escolha de *querer mudar o mundo* é identificada por 6 alunos (12%); 5 alunos (12%) referiram as *experiências positivas de voluntariado*; a opção *questões políticas* (filiação partidária, simpatia ideológica, convicções pessoais, entre outras) foi escolhidas por 4 alunos (10%); 3 alunos (7%) indicam como motivação *ter conhecido uma pessoa de referência* ou ideal/tipo de Assistente Social; 1 aluno (1%) escolhe outra opção – alargamento da área profissional.

Dos 41 alunos que responderam ao questionário, metade mais um, ou seja, 21 alunos, escolhem o curso de Serviço Social por *ter o gosto em ajudar o outro*, *vocação para o auxílio aos outros*. Se associarmos a experiência positiva de voluntariado, temos 26 alunos que identificam o Serviço Social como uma profissão de relação.

Como curiosidade expomos a questão, em que os alunos identificaram se o SS foi a sua 1.<sup>a</sup> escolha, e se não o sendo, quais as outras escolhas a par do SS.

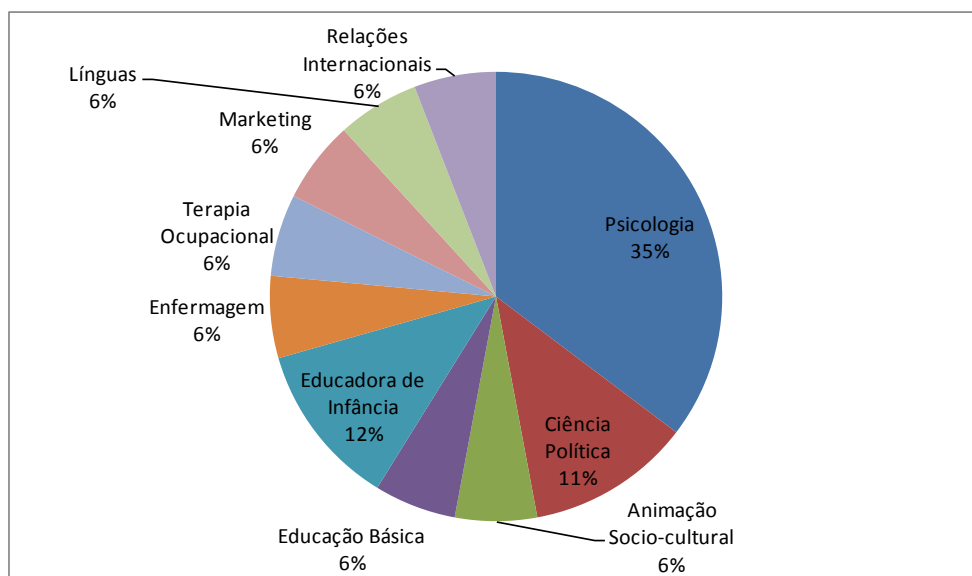
#### Distribuição dos alunos que indicam Serviço Social como 1.<sup>a</sup> opção



**Gráfico n.º 16** Distribuição dos alunos relativamente à escolha de Serviço Social como 1.<sup>a</sup> opção\_(2012-2013)

A maioria dos alunos inquiridos, 34 alunos (83%), optou pelo Serviço Social como 1.<sup>a</sup> escolha. Entre os inquiridos, 5 alunos (12%) não escolheram em 1.<sup>o</sup> opção o SS; e 2 alunos (2%) referem que optaram pelo Serviço Social como 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> escolha.

#### Distribuição dos alunos por outras áreas disciplinares de interesse



**Gráfico n.º 17** Distribuição dos alunos relativamente à escolha de outra área sem ser SS (2012-2013)

A maioria dos alunos inquiridos, 34 alunos (83%), optou pelo Serviço Social como 1.<sup>a</sup> escolha. As outras opções dos alunos além de Serviço Social, foram a Psicologia obtendo o maior número de alunos: 6 (35%); Educadora de Infância 2 (12%) e Ciência Política 2 alunos (11%); as restantes só foram colocadas como opção por 1 aluno (6%), sendo estas: Relações Internacionais, Línguas, Marketing, Terapia Ocupacional, Educação Básica e Animação Sociocultural.

## **CAPÍTULO 11 Perfil dos alunos de serviço social através do olhar dos docentes de SS da FCH-UCP**

Consideramos os professores da Licenciatura em Serviço Social como informantes e participantes privilegiados, capazes de fornecer informações fundamentadas pela sua experiência e conhecimentos particulares sobre os temas aqui estudados. A presença destes na construção da investigação é também importante, não só pelos seus conhecimentos específicos sobre as questões a abordar, como configuram um papel pertinente na neutralização das possíveis tendências pré-concebidas da pesquisadora social, possibilitando a triangulação da investigadora.

### **11.1 Motivações pessoais dos docentes, para a sua própria escolha da Licenciatura em Serviço Social**

**Questão** - Que motivações o (a) levaram a escolher o curso de Serviço Social/profissão de Assistente Social?

**Conceito:** as *motivações* que levam à escolha do SS

a) Referências de amigos/familiares

*«A mim, Serviço Social surge-me no 12.º ano, era uma área que eu desconhecia. Quer dizer, eu até tinha Assistentes Sociais na família, como amigas, mas nunca me tinha interessado por aprofundar mais, surge em família, sempre discutimos muito algumas questões sociais, os problemas que vinham. E surge dessas discussões sociais, portanto, que eu começo a perceber que eu gostava de discutir estas questões, e gostava de mudar algumas destas questões, e surge nesse sentido de perceber que a profissão corresponde que estas minhas inquietudes era o Serviço Social, surge assim.» PSS2*

O docente informa-nos que o seu processo de escolha teve influência da família, que ao discutir questões sociais, que suscitam o interesse pelo Serviço Social enquanto profissão. Assim, podemos dizer que a representação dos familiares/colegas influencia de forma direta na representação do aluno sobre o SS, dado que também ocorreu com alunos da licenciatura de 2012-13. A representação constrói-se e estrutura-se a partir da realidade social que é formulada e conseqüentemente partilhada, culminando numa conceção de uma realidade comum, através de um conjunto social. (cf. Jodelet, 2001).

b) Estar ao serviço/vocação - Questões religiosas (estar ligado a grupos ou ações numa Igreja)

*«Acima de tudo o querer pôr... o querer estar ao serviço, mas o querer estar ao serviço de uma forma também profissionalizada, para mim a profissão não é só uma dimensão técnica, mas também existe uma dimensão de desenvolvimento pessoal. Portanto foi sentir essa vocação, sentir essa motivação, mas depois ir à procura dos instrumentos e da estruturação digamos técnico-profissional para poder ter uma ação profissionalizada, também.» PSSI*

O docente refere a questão da disponibilidade para estar ao serviço, um serviço de forma profissionalizada, com uma dimensão técnica e de desenvolvimento pessoal, o sentir a vocação, e depois responder à mesma, através da instrumentação e estruturação, de um resposta técnico profissional, de um agir profissional específico, realizando totalmente esse sentir vocacional. Esta mesma dimensão é citada tanto pelos alunos de 2001, como pelos de 2013. Assim, podemos dizer que a profissão de AS possui qualidades morais, como a vocação. (cf. Ana Silva, 2003).

*«Tenho também um percurso pessoal católico. Portanto, sempre ligado a ações e a jovens, e a jovens adultos na altura já. Portanto, já tinha 25 anos, também essa experiência e contacto, sempre muito próximos com a realidade social, e nomeadamente muito com realidades de problemas sociais. Se calhar por aí, demorou algum tempo a despertar a vocação. Mas despertou e graças a Deus em boa hora.» PSSI*

Uma das opções mencionadas está relacionada com questões religiosas, que levou à ligação com grupos de jovens, levando ao contacto de ações nesse âmbito que permitiram a proximidade da realidade social. Uma cultura profissional do SS que tem uma componente intrínseca e forte da prática profissional marcada pelo catolicismo. (cf. Ana Silva, 2003)

c) Realização profissional e pessoal

*«Foi uma descoberta mais tardia, mas foi uma descoberta boa e claramente a mais acertada. Porque hoje é aquela que mais me realiza» PSS*

Apesar, da afirmação do docente em referir que se tratou de uma descoberta tardia, isso proporcionou-lhe ter a certeza que foi a escolha que mais o realiza.

d) 'Mudar o mundo'

*«Quando eu decidi, na minha vida, que queria ser Assistente Social já foi há muito tempo. Eu lembro-me que andava no 9.º ano e que já sabia que queria ser assistente social. E a minha principal motivação era ter possibilidade e a oportunidade de mudar o mundo. No fundo era a grande motivação de estar ligada a uma área profissional que me possibilitasse ter ações que originassem uma mudança na ordem das coisas. Uma resolução de problemas, uma ajuda ao outro, foram por aí as motivações. E sempre me mantive depois com esse horizonte.» PSS4*

A docente menciona, que a vontade de 'mudar o mundo', de fazer a diferença, provocando a mudança na esfera social, com a resolução de problemas dos indivíduos, com a prestação de ajuda ao outro. Esta mesma escolha é identificada quer pelos alunos de 2001, quer pelos de 2013. Como diz Ana Silva (2003) o agir profissional do AS está ligado ao serviço e gosto pela ajuda ao próximo, em que isso se torna uma das características de marca da profissão.

e) Contacto com a prática – experiência de voluntariado

*«Apaixonei-me pela prática e pela teoria, ou seja, nisso o Instituto foi muito importante para mim, porque os professores eram fantásticos, aliás uma das professoras ainda é a Professora Margarida Abreu foi minha professora, na altura até era sub-diretora, acho eu, já não me lembro. (...) O que me apaixonou foram as pessoas e as práticas, porque é onde estão as pessoas, (...)» PSS3*

A docente expõe o facto de se ter apaixonado pela profissão através da prática, ao permitir o contacto direto com as pessoas. Esta dimensão é também identificada quer pelos alunos de 2001, quer pelos de 2013. O Serviço Social é uma profissão voltada para a prática, (cf. Rodrigues, 1995) e para a o contacto com as pessoas na prestação de um serviço de ajuda, (cf. Ana Silva, 2003).

*«Voluntariado formal não, mais... portanto eu fui escuteira e de alguma forma tem uma proximidade com esta área e tive, desde pequena, um envolvimento grande numa associação desportiva da minha área de residência, como atleta, como ginasta, mas que depois... enfim fui colaborando em várias coisas, em várias atividades. Há altura organizavam-se festivais internacionais de ginástica e eu voluntariamente trabalhava nessa organização, acompanhamento às equipas dos outros países, no desenvolvimento do esforço logístico. Depois sempre tive... enquanto fui estudante da licenciatura pertenci sempre à associação de estudantes, estive sempre envolvida em organizações várias, a título voluntário, embora nunca tenha tido uma experiência de ser voluntária num determinado projeto: um hospital ou uma associação ou a fazer um determinado trabalho. Mas ao longo da minha vida sempre fiz muitas coisas de carácter voluntário.» PSS4*

A participação em ações de voluntariado e a pertença a grupos de jovens, como o escutismo, ou o envolvimento com uma associação desportista, são identificados quer pelos alunos de 2001, quer pelos de 2013. Estas são características associadas ao perfil dos alunos de SS, (cf. Simões, 2007).

## 11.2 Perfil dos alunos da Licenciatura em Serviço Social, na opinião dos docentes

**Questão** - Como define o perfil dos alunos de Serviço Social, quanto às suas experiências anteriores, expectativas e interesses que se manifestam ao longo do percurso académico?

**Conceito:** o perfil dos alunos de SS – características e traços específicos

Os docentes referem um perfil de aluno de SS, de acordo com características que pensam ser necessárias, para o desempenho profissional. Identificam a capacidade de comunicação, a empatia e facilidade de criar relações, dominar conhecimentos específicos e ter facilidade de expressão escrita e oral.

Fazem ainda referência de um perfil de entrada e saída dos alunos, em que é verificável uma evolução na postura e domínio de conhecimentos e denotam como isso pode ser gratificante, para o professor, por acompanhar esse processo de transformação dos alunos.

### a) Ideal-tipo de aluno em SS – competências específicas

*«Nós estamos a fazer a apresentação dos projetos, mas eu estou a fazer, a dar, a treiná-los a saber comunicar em público, a saber preparar uma comunicação, saber ter uma atitude empática com o público, a tentar perceber as reações do público, a saber identificar as suas muletas verbais, a saber estar, a saber ter uma posição, uma postura correta, que prende as pessoas, e não estar encolhida ou atrás da mesa, e em cada cadeira foi definida trabalhar as questões de escrita, saber fazer relatórios, a expressão escrita e isso tem vindo a ser necessidades que foram sendo identificadas, e que depois tentamos encontrar uma resposta». PSS1*

Um docente refere como características do perfil do aluno de SS, a capacidade de comunicação em público e tudo o que lhe está inerente, o desenvolvimento de uma relação empática, uma capacitação do saber estar, trabalhando ainda a expressão escrita.

*«Tem de ser uma pessoa que goste de pessoas, que não tenha uma matriz muito rígida, ou seja, seja flexível na forma de olhar as pessoas. Porque uma das coisas que mudou imenso, desde que eu fiz o curso até agora, é de facto o perfil dos nossos utentes.» PSS3*

Outro docente refere para o perfil de alunos de SS, alguém que goste do trabalho com pessoas, que seja flexível na forma de ver as pessoas, adaptando-se ao perfil dos utentes que possam recorrer ao serviço social.

b) Caracterização dos alunos de SS – proveniência social

*«Eu acho que se tem mantido, se eu falar do meu grupo de alunos deste ano, acho que tenho um grupo de alunos de um estrato social alto, que eu acho que é diferente dos anos anteriores, muito ligado a projetos da Igreja e de Colégios Católicos, portanto, muito marcado por isso. (...).» PSS2*

Faz referência a um grupo de alunos de um estrato social alto, que difere das características dos alunos, de cursos anteriores na Licenciatura de SS, na FCH-UCP. Alunos ligados a projetos da Igreja Católica.

c) Vocação – gostar de estar com pessoas

*«Hoje os alunos vêm muito mais orientados sabem ao que vêm. É evidente que tirar o curso de Serviço Social não significa que se vá ser Assistente Social. Eu digo-lhes sempre isso, tem de ter o mínimo. Nós temos de ter a certeza que aquela pessoa, se quiser ser Assistente Social e se arranjar emprego, pode fazer bem. Agora muita gente tem feito o Serviço Social e depois faz outras coisas, mas eu acho que é sempre uma mais-valia. Eu tenho alunos que vêm muito focalizados já para o Serviço Social. E tenho outros que são como eu, nunca na vida tinham pensado naquilo, vieram cá parar, uns que se deslumbram e outros que não, quer dizer... A questão da vocação, eu acho que pode haver um interesse, e penso que a questão fundamental é gostar de estar com pessoas, e uma educação, um espírito suficientemente democrática, para não rotular as pessoas de início. (...) Eu tinha sempre imensas perguntas para fazer, parvas com certeza, eu tinha 7/8/9/12 anos, mas de qualquer maneira. Acho que esse perfil tem de ser, das pessoas gostarem das pessoas, não é de algum tipo de pessoas.» PSS3*

Hoje os alunos vêm mais orientados para aquilo que é o SS, com características relacionais, uma educação para a disponibilidade de lidar com diferentes pessoas, gostando de efetuar esse trabalho.

d) Perfil de entrada vs perfil de saída

*«(...) Acho que há uma grande transformação dos estudantes desde o início até ao fim, mas mais uma vez não identifico grupos. (...) Às vezes há coisas que surpreendem, estou a pensar numa estudante, aqui nossa, que eu até tinha uma imagem dela um bocado “betinha”, que a via a fazer um trabalho num Centro Social Paroquial... mais de atendimento... e que acabou por comprar um bilhete de ida para a Argentina, para andar lá nas associações, para ver como é, e fazer algum trabalho de voluntariado.» PSS4*

A docente refere uma transformação do aluno à entrada e à saída, fala da mudança da imagem e da representação que se pode alterar, no decurso da Licenciatura em SS. Talvez o curso possibilite a mudança de atitudes e perspetivas por se estar face a determinadas situações, provocar a mudança até na escolha de áreas dentro do campo do agir profissional.

*«Eu penso que uma coisa são os alunos à entrada (...) lembro-me de haver grupos, a turma que entrava, de ter 70%, 80% de alunos que já tinham tido experiência de voluntariado ou outro tipo de experiências, de escuteiros, grupos de participação em associações. E haver anos que essa experiência (...), em 40 ou 50 tinham tido essa experiência ou tinham tido essa experiência de uma forma regular... «Eu tive, eu fui...», mas era uma vez ou duas na vida, é diferente daquele que: «Eu sou voluntário numa associação, ou eu faço isto todas as semanas, ou faço isso todos os meses, até», muito oscilante esse perfil. (...) é quase impossível a pessoa não ter expectativas mas noto muita dificuldade em expressá-las. (...) ter questionado duas alunas, porque é que tinham vindo para o Serviço Social, e elas não me terem respondido, mas vocês não têm um sonho, e elas olharam uma para a outra e disseram: não! Isto, quando eu vim para cá há dez anos, isto raramente acontecia, nem que dissesse: «queria mudar o mundo», porque queria ser bonzinho. (...) agora o trabalho, agora é diferente, parece que as pessoas vêm para Serviço Social, para esta área... não sei poderiam ir para outra, outras antes de virem para aqui não sabem muito bem porque é que vieram... é tentar despertar nelas a vontade de fazer, e de fazer bem, mas também de sonhar um bocado. (...) Esta conversa foi no 1.º semestre quando fui professor delas, depois no 2.º semestre já notei alguma diferença. E eu noto que os alunos que vão sair agora no 4.º ano, foram meus alunos no 1.º... eu fiz tutoria a algum deles... e eles estão completamente diferentes, são outras pessoas, com outras visões. São pessoas com outra vontade, com outras perspetivas, (...) É bom ver pessoas... eu tenho muito medo dos diagnósticos, que são feitos à entrada, com uma perspetiva... era tão caladinho(a) parecia que tinha tantas dúvidas e tantas angústias e agora o que é estava aqui dentro, que despontou... não é? E isso é um percurso muito interessante.» PSS2*

Os docentes evidenciam a transformação dos alunos à saída, e falam da importância do papel dos professores em tentar despertar neles a vontade de fazer, e de fazer bem, mas

também de sonhar um bocado, quando se nota ser necessário para a evolução do aluno, potenciando ao máximo o que ele pode vir a ser enquanto profissional.

e) Motivações dos alunos de SS

*«As grandes motivações que os alunos trazem, são as suas preocupações com grandes temáticas, e as preocupações em ajudar, transformar o mundo, melhorar, sempre numa perspectiva de aumentar o bem-estar das pessoas, a maior parte das motivações que os alunos trazem, são estas, não são outras.» PSS2*

Os docentes referem como motivações, as preocupações que os alunos sentem por grandes temáticas, como a prestação de ajuda, a promoção da qualidade de vida e bem-estar dos indivíduos e a vontade de transformar o mundo. Como podemos verificar, estas mesmas razões são apontadas pelos alunos de 2001 e de 2013, havendo uma grande concordância entre a opinião dos alunos e a imagem que os professores têm sobre estes.

f) Desconhecimento da profissão

*«Se calhar nestas entrevistas não dá muito para perceber, mas quando se aborda que o Serviço Social intervém em áreas tão diversificadas como empresas, saúde, pronto, áreas que eles não conhecem, percebem que é uma área muito mais abrangente e isso denota aí desconhecimento do que é isto, Serviço Social. Veem sempre muito o serviço Social ligado à exclusão social, à pobreza, a pessoas com grandes fragilidades.» PSS2*

A visão que os alunos trazem sobre o SS denota uma representação redutora deste, ligado apenas à exclusão social, à pobreza, a pessoas com grandes fragilidades. Os alunos não citam a variedade dos públicos-alvo da intervenção social e a diversidade das áreas de intervenção.

g) Experiências de voluntariado ou prática profissional

*«Por um lado conhecem problemáticas diferentes, por outro lado, têm contacto com o terreno que é importante. Por outro lado acho que abrem os horizontes, a nível das intervenções que se fazem e do trabalho que se vai fazendo, e também da forma como eles se vão posicionando, por diferentes problemáticas como pessoa e como ser humano, mesmo. Nesse sentido, as questões de voluntariado e o contacto que vão tendo com estas questões sociais, sejam elas quais forem, os sem-abrigo, a sala de estudo, tudo isso, eu acho que os faz amadurecer, enquanto, futuros profissionais e futuros alunos de serviço social. E ter contacto com o terreno é fundamental para eles.» PSS2*

A experiência do voluntariado permite um contato prévio à realidade social, a problemáticas, e pode proporcionar um amadurecimento como futuros profissionais, esse contacto com o terreno, que considera ser fundamental.

*«Normalmente, os alunos de Serviço Social tem experiências de voluntariado, normalmente. Se não participam em grupos de voluntariado são alunos que pertencem, de alguma forma, a grupos de jovens, a grupos de escuteiros. Para mim, há um tipo de alunos muito claro que aparece, que é o aluno ligado a instituições da Igreja, ou que participa de alguma forma a grupos ligados à Igreja, isso é uma grande fatia de alunos que nos chega. E eu acho que é daquele grupo que nós percebemos logo às motivações deles. O tipo de sítio de onde vêm é muito característico da motivação que trazem, e muitos destes jovens são voluntários e participam, em grupos da Igreja, escuteiros, ou pertencem a um colégio que pertence a alguma Ordem da Igreja e portanto promove o voluntariado. Depois, eu penso que há os alunos que nem participam em grupos de voluntariado, mas têm algumas preocupações sociais, por terem experiências próprias, e isto é outro tipo de alunos.» PSS2*

Os alunos de SS que experienciam o voluntariado, a pertença a grupos de jovens ou a um grupo ligado a instituições da Igreja, denotam que estas ações de voluntariado são bastante marcantes. Essas experiências fazem que esses alunos tenham uma maior predisposição para as preocupações sociais. Simões (2007) refere que a participação em voluntariado está muito mais relacionada com a participação religiosa do que propriamente a participação cívico-política. Ainda é de ressaltar que estes alunos têm na sua essência um espírito cooperativo.

*«(...) tiveram alguém na família, ou alguma experiência de voluntariado, em que contataram com um profissional, ou com uma profissional e ficaram inquietos a partir daí, ou aqueles, ainda continuam a aparecer aqueles, que genuinamente têm um sonho de mudar o mundo, usando essa expressão, que é a expressão que é típica e a uso cada vez mais. Já tenho saudades, que haja mais alunos a dizer isso, na altura se calhar riamos-nos um bocadinho e agora... esses pelo menos tinham um horizonte. Há, assim, vários perfis. Eu, neste momento, preocupa-me mais aqueles que não conseguem sequer expressar um horizonte, um bocadinho mais a médio/longo prazo.» PSS1*

A experiência com algum profissional de Serviço Social e o contato com grupos de população, através do voluntariado, marca algumas das escolhas dos alunos, conforme confirmam os professores. Outra característica comum identifica aqueles que têm genuinamente um sonho de ‘mudar o mundo’.

«Acho que se nota nos estudantes que vêm para SS um traço muito característico que é terem sempre, ou experiências formais de voluntariado, ou experiências do tipo da minha... foram escuteiros, andavam ali, participavam nisto... pessoas ativas, mobilizadas para fazer coisas na sociedade. Normalmente muito voltada para a questão de querer construir um mundo melhor. Acho que isto está sempre na cabeça do estudante de SS. Daquele estudante de SS que quer ser estudante de SS, depois há os outros que vêm cá parar não sabem como e aí há outras motivações, do estilo: quererem ter um diploma do ensino superior, em qualquer área que seja, e esta foi aquela em que entraram, ou que o vizinho disse que era interessante e vieram. Há estas situações também, mas acho que é muito característico querer construir um mundo melhor e ser pessoas que gostam de agir. Uma coisa está ligada à outra. No seu percurso têm experiências, mesmo que não sejam muito formais, mas têm... aqui, por exemplo, na Católica, encontra-se muitas catequistas, pessoas muito ativas nos grupos de jovens... Mas eu penso que mesmo sem ser pela característica confessional, há muito esta lógica. (...) nós somos.» PSS4

Uma das características ou traço vincado dos alunos de SS são as experiências de voluntariado formais, ou a pertença a grupos de jovens, tornando-os pessoas ativas na sociedade, com a perspectiva de contribuir para um mundo melhor.

A docente refere uma outra característica dos alunos de SS, um grupo de alunos de classe baixa, média-baixa e outro grupo de alunos que provêm da classe alta, «aquele estereótipo da menina bem que depois vem para SS». Apesar de a docente referir estes dois tipos de alunos, esta afirma que esta generalização, nos dias atuais já não se aplica.

### **11.3 A Vocação em SS e os alunos da Licenciatura da FCH-UCP**

A identidade profissional dos Assistentes Sociais é associada pelos alunos à existência de uma apetência para ajudar outros e melhorar o mundo, esta escolha traz subjacente a necessidade de treinar competências específicas que transformam o que é primariamente vocação em uma profissão. Sendo referenciado por alguns autores que a maior capacidade do Assistente Social é a reflexão teórica sobre si próprio, bem como, sobre o campo da atuação em que trabalha, transformando o assistencialismo e a caridade em ferramentas de intervenção social.

Ouvimos a opinião dos docentes sobre estas questões.

**Questão - Como relaciona vocação e o curso/profissão de Serviço Social?**

**Conceito:** a *vocação* para o SS

- a) Vocação subjetiva e vocação objetiva

*«(...) eu diria que a vocação tem duas dimensões, ver se eu consigo definir... numa dimensão mais subjetiva, e outra numa dimensão mais objetiva. Há uma parte subjetiva, em que às vezes não conseguimos explicar, mas é como uma intuição muito forte, usando uma expressão: é um chamamento a fazer algo, uma predisposição interior para uma determinada área de ação, de intervenção, para uma determinada maneira de ser, que depois tem de ser complementada com uma dimensão mais objetiva, «mas então como é que eu concretizo isto?», tem de ter aqui um equilíbrio entre o sonho, a utopia do que eu gostaria de ser, aquilo que sonho ser, com o outro lado da balança, «e agora como é que eu concretizo isto, como é que expresso isso?» Para mim, a vocação tem muito isto, a profissão não é só um saber fazer, é também um saber pensar, mais do que o saber fazer é um saber agir, porque implica um saber pensar e um saber estar, e isto tudo enquadrado num saber ser pessoa e um saber ser profissional. Para mim a vocação tem estas duas dimensões, uma mais subjetiva e outra mais objetiva, porque ser um mero executor, um mero técnico dito pela negativa. Eu acho que deve ser uma grande frustração, felizmente, não sinto isso, e já exerci a profissão em diferentes papéis. (...). Não é gestão de empresas, mas alguma delas têm de ser adaptadas àquele contexto. Eu no fundo, também tenho tido esta preocupação de estar na profissão e olhar para aquilo que são os desafios que se vão colocando e não lhes virar a cara, mas mais uma vez, para mim, isso vem enquadrado naquilo que eu intuí como vocação, que é estar neste terreno ao serviço. E ao serviço não é estar fechado numa especialização, mas é indo respondendo aos desafios que vão se colocando, sempre com a preocupação de não tendo a formação ir à procura (...). Há um núcleo duro da vocação que é esta dimensão mais subjetiva, mais inicial, que... eu, no meu caso, mantêm-se este à-vontade de estar ao serviço e de... agora há uma outra parte que sim. Eu dou-lhe razão, que se vai construindo e se vai desenvolvendo, que é esta parte flexível de saber estar. Eu acho que não é tanto construindo a vocação, eu acho que a vocação se vai consolidando, o que vai alterando são as diferentes maneiras de as expressar. E aí eu como pessoa é que vou construindo, não sei se me faço entender?» PSS1*

A existência de duas perspetivas de vocação, uma subjetiva e outra objetiva. A subjetiva em que o sentir vocacional surge como uma intuição, um chamamento para fazer algo. Uma perspetiva objetiva de se orientar para o agir profissional, um saber fazer, saber pensar e um saber estar. A vocação não se constrói sozinha mas ela vai-se consolidando e mudando à medida que podemos expressá-la. No início da profissão esta é marcada por uma matriz da religião católica embebida de qualidades morais tais como, o dom de si, e a vocação, (cf. Ana Silva, 2003).

*«Acho que não é muito fácil responder, ou nada fácil, porque isto da vocação, implica aqui várias variáveis Desde a pessoa identificar-se, e aqui vocação com Serviço Social, uma área de trabalho, o sentir que tem a dar algo de si, pode ser útil para os outros e portanto que pode ser um bom contributo para alguém. A vocação também se construi quando nós nos percebemos, quando nós podemos ser a diferença dentro de um todo. Não sei responder muito bem o que é vocação, mas não digo que seja parecido com missão, porque acho que não é. Mas acho que é uma coisa intrínseca com que nós nos identificamos com uma área e que temos um caminho a fazer naquele campo, que podemos ser uma mais-valia. (...) Até porque há muitos alunos que têm vocação para trabalharem com crianças e jovens, porque se identificam com a área, porque gostam, e depois quando experimentam a área dizem, que não é isto. Até outra área. (...) eu acho que um profissional com vocação é um profissional que vai ter sucesso, futuramente. E até porque um profissional com vocação acredita naquilo que faz e que gosta daquilo que faz. Porque se não tiver vocação, acho que não vai lá.» PSS2*

A vocação pode-se construir quando se sente que “se tem a dar algo de si, para ser útil aos outros”; quando sentimos que podemos ser a diferença num todo, algo intrínseco. A vocação ligada a grupos de população que se pode a vir trabalhar. Ter vocação é acreditar naquilo que se faz, enquanto profissional.

*«Eu acho que as vocações se constroem. É evidente quando uma pessoa nasce, e aos 5/6 anos diz que quer ser médico, se calhar que ser Assistente Social. Mas eu tenho a minha própria história (...) Portanto, eu acho que não é uma questão de vocação. Vocação pode haver, não estou a dizer que não. O que é que eu no fundo teria, como património, para chegar aqui era a questão de ter lidado com pessoas diferentes, no fundo ter sido educada para isso, para o respeito que se tem de ter, para toda a gente, seja a pessoa que é, pela diversidade, até porque a minha família em África vinha cá passar férias, e tinham outras formas de olhar a realidade. Acho, que vocação é uma coisa que raramente existe objetivamente, e quando existe deve ser avassaladora, quando uma pessoa nasce para ser pianista, ou Chopin, é uma coisa absolutamente avassaladora. A maioria de nós tem umas potencialidades que depois podem se reforçar ou não reforçar. Não sei, se a questão da vocação tem muito sentido nos tempos que correm, antes de perguntar a vocação, o que quer ser?» PSS3*

As vocações constroem-se. A vocação percebida como o respeito pelos diferentes. Reconhecimento da existência de uma vocação, mas reticências em falar e definir vocação e da importância desta para a escolha ou desempenho de um bom agir profissional.

b) Vocação, missão e religião

*«É assim, nós temos alguns que, embora a percentagem não seja grande, que são padres, que pertencem a alguma congregação, a algum cargo da congregação, por isso quando vêm para Serviço social é para ser uma mais-valia para a instituição. Por tanto vêm, no sentido de... claro que têm a sua vocação enquanto congregação, mas vêm no sentido de responder a problemáticas que a instituição trabalha ou tem. Depois temos outros alunos que vêm com uma vocação muito de missão, se calhar estes que pertencem a uma congregação também, mas aqui já vêm porque trabalham na instituição e têm de responder. Depois, há muitos alunos que vêm numa vocação mesmo de missão, de ajudar o próximo, de ajudar o outro, de quem está ao nosso lado, a melhorar o mundo, muito ligados a grupos de jovens da Igreja, e há muitos alunos que vêm com a vocação que querem Serviço social, mas querem abrir novos caminhos no Serviço Social. No sentido, de novas áreas de intervenção, de novas áreas, no sentido de inovação, de empreendedorismo, novas formas intervir, de mudar, de fazer coisas diferentes, porque trazem, por exemplo, experiências de voluntariado e querem mudar, experimentando coisas novas.» PSS2*

A vocação enquanto congregação, realizar-se ao fazer o melhor para a instituição. Vocação do tipo missão, para a ajuda ao próximo, com a perspetiva de novas áreas de intervenção. Vocação como o empreendedorismo, a vocação embebida no fazer diferente, no fazer melhor, ligada a diferentes tipos de intervenção na área social.

*«Eu acho que vocação é uma palavra muito forte... Embora para mim, pessoalmente, o SS seja uma forma de vida, acho que profissionalmente a área não se deve colocar assim. Acho que não é uma forma de vida. Acho que tem parâmetros e que é importante tudo aquilo que estivemos a falar, a maturação interior, e dos valores... mas acho que não tem de ser uma forma de vida. E acho que cabem aqui dentro pessoas diferentes e até com quadros valorativos diferentes e com ideologias diferentes. (...) Acho que não tenho assim grande ideia sobre isso. Acho que não lhe consigo dizer nada sobre*

Vocação como uma palavra forte, a docente refere que o SS não pode ser uma forma de vida, mas refere como importância maior a maturação interior e os valores.

Os docentes referem que existem diferentes significados para o conceito de vocação. Uma interpretação subjetiva fala da vocação como realização pessoal através da maturação interior dos valores. Esta pode ser identificada tanto com a vocação profissional, como a confessional. Uma vocação objetiva que se refere ao agir, ao ser parte de um todo e cumprir a missão da instituição e ser congregação. Enquanto uns falam de “chamamento”

outros dizem que “as vocações constroem-se”. As questões vocacionais têm de ter em conta uma perspectiva holística do Ser Humano, considerando as variáveis, individuais relacionais e contextuais, individuais relacionais e contextuais que se relacionam, (cf. Alexandra Barros, 2010).

## **CAPÍTULO 12 O lugar do serviço social no processo de orientação vocacional**

Para conhecermos os processos de Orientação Vocacional entrevistámos Técnicos de Orientação Vocacional. Escolhemos entrevistar os Técnicos de Orientação Vocacional em Escolas Secundárias, por sabermos que estes desempenham um importante papel na orientação dos jovens do ensino secundário, podendo orientar as escolhas dos alunos para o Serviço Social. Na seleção deste grupo estiveram presentes diferentes objetivos: compreender melhor a realidade escolar na etapa da orientação vocacional; conhecer a trajetória e o caminho que os alunos fazem até à chegada ao ensino superior; identificar diferentes experiências de orientação vocacional; identificar elementos privilegiados nas escolhas e motivações dos jovens; situar a relação orientador-aluno.

### **12.1 O Processo de Orientação Vocacional dos Jovens**

**Questão - Qual é o processo/etapas da orientação vocacional que efetua?**

**Conceito:** *Orientação vocacional* nos jovens

A orientação vocacional está ligada à avaliação psicológica, ou seja, ao estudo da personalidade através de uma análise estrutural (estruturas da personalidade), como Wagner estudou, identificando dois campos fundamentais como o comportamento vocacional e a construção da carreira. Assim, torna-se necessário evocar o *eu-vocacional* e o *eu de carreira*, analisando a relação que estabelecem entre si e com o mercado de trabalho, tendo como enfoque a avaliação da carreira através da «Pessoa» e do «Problema», relação orientada entre os «EU» (de carreira e vocacional) e o mundo do trabalho, (Leitão, 2004: 11).

a) Sessões de orientação vocacional

*«Basicamente trabalho com os alunos do 9.º ano, começo por tentar motivá-los para virem a fazer um processo de orientação e depois faço esse processo com eles. Processo que é mais curto ou mais longo consoante as necessidades dos alunos e a disponibilidade. Também trabalho com... o ensino secundário é mais pontual, é mais quando um diretor de turma sente que a turma está muito a pôr problemas e pede para eu ir lá falar ou quando vêm cá os alunos e recomenda: «olha, eu acho que estes alunos estão a precisar de ir aí» e os alunos vêm cá e fazem o processo, portanto é mais pontual. Depois há os casos dos 10.ºs anos dos alunos que querem mudar, que estão mal e que querem mudar de agrupamento, muitas vezes porque tiveram bastante insucesso, são alunos que até gostariam e até estão bem do ponto de vista das motivações e do que é que queriam e até estariam bem naquela área, mas depois não aguentam o ritmo de trabalho de algumas disciplinas, sobretudo em ciências, que são a Matemática e a Físico-química. Portanto, há esses processos dos que querem mudar porque estão a sentir muito insucesso ou dos que mesmo sem sentir muito insucesso não estão a gostar, estão a achar aquilo muito árido. Eu sinto que há muito à procura: «do que é que eu posso fazer com as minhas notas?» porque aí já estão numa fase realista: «eu estou neste agrupamento, eu tenho estas notas, onde é que eu consigo entrar, o que é que há?» São alunos que já sabem que não vale a pena porem as primeiras escolhas deles porque as notas são muito elevadas, as notas dos últimos colocados são tão elevadas que eles não iriam conseguir entrar e portanto procuram outras coisas, procuram outros cursos.» TOVI*

Os motivos para se chegar à orientação vocacional podem ser propostos pelo diretor de turma, pelo professor ou por iniciativa do próprio aluno. Nas sessões de orientação vocacional o TOV procura motivar os alunos para a importância da frequência do processo de orientação vocacional, que pode ser mais longo, ou de curta duração, tendo em conta as necessidades do aluno. O trabalho entre as suas pretensões e as médias que os alunos têm, para o processo de escolha de uma profissão. Assim, é importante esclarecer que existe uma relação direta e indireta entre a orientação para aquela ou outra vocação e a oferta existente no momento da escolha e tomada de decisão face à profissão. (cf. Cristina Silva, 1999).

*«No 10.º, 11.º e 12.º, fazemos um trabalho que nós chamamos de reorientação vocacional, ou continuidade daquilo que foi feito, que já é para eles decidirem que licenciatura querem fazer, por isso fazem, dentro de uma disciplina de educação humana, imensas coisas. Primeiro juntam-se por grupos e definem áreas que gostariam de procurar em termos profissionais, vão buscar informação que apresentam uns aos outros, ou que organizam em forma de folheto, ou de apresentação Powerpoint. Vêm profissionais, às próprias aulas, de várias áreas falar sobre a vivência na faculdade de determinado curso, ou a experiência profissional, o que é que se faz, prós, contras, gratificações, problemas e vêm partilhar isso nas várias turmas. Também vão todos os anos à Futurália, recolher imensa informação sobre as várias saídas profissionais. E depois no 10.º ao 12.º é uma coisa muito individual, todos são obrigados a fazer uma coisa no 11.º e depois novamente no 12.º, elencar 6 licenciaturas/faculdades que querem vir a escolher, que simula um bocadinho o boletim de candidatura, mas isto porque já há um trabalho feito no 10.º, portanto, no 11.º fazem isto, no 12.º voltam a fazer, porque já há um realismo maior da média que eles têm e portanto se adequa com aquilo que querem fazer. Sempre a par disso, eles podem procurar-nos individualmente para imensas coisas. TOV3*

Em relação, ao trabalho feito nesta escola, pelas diferentes TOV, o processo denomina-se de reorientação vocacional, dividem-se os alunos por áreas profissionais de interesse, com o intuito de obter informação, é realizado um trabalho em grupo com os alunos; são convidados profissionais, de várias áreas, para transmitirem a sua experiência e fazem visitas de estudo.

*«Há uma primeira sessão que é obrigatória. No sentido em que eu vou à aula e vou à turma e aí é obrigatório, para quem estiver na aula, para lhes dar a informação. Depois já têm sessões que fazemos ao longo do 2.º e do 3.º período, essas não têm carácter obrigatório, mas eu tenho as turmas quase em peso. Há um ou outro aluno, por turma que não vem, porque já tem o seu processo definido, ou porque já fez lá fora, ou porque é repetente e já fez, ou porque não se interessa, mas são muito poucos. A maior parte dos alunos... ainda esta manhã uma professora, uma diretora de turma me perguntou, e da turma dela há um aluno que não está a ir agora, mas que foi a duas sessões. Tenho os alunos quase todos.» TOV2*

A obrigatoriedade de uma 1.ª sessão, valorizando a importância para a frequência deste processo, evidenciando a participação dos alunos neste processo. As restantes sessões são de adesão voluntária, mas há uma grande adesão por parte dos jovens.

*«Na primeira sessão mostro-lhes e digo-lhes onde poderão ir ver como é constituído, em termos de disciplinas, os agrupamentos, que já não se chamam agrupamentos, mas cursos. O mais importante é saber nestes cursos qual é a saída deles, em termos profissionais, em termos escolares... até onde é que os levam.» TOV2*

Importância do trabalho com os alunos falando sobre as diferentes opções que têm na escolha do curso/agrupamento para o secundário e sobre as formas de aceder à informação.

*«Nós temos 30 turmas de secundário, enquanto no básico teremos 4/5. Há sempre um ano que tem 5, este ano é o 8.º ano, para o ano o 9.º ano terá 5. Nos outros anos têm 4. Aí é mais fácil também fazer esse tipo de trabalho. No secundário não vou às turmas... eu acabo por ir, agora com estas sessões de esclarecimento do ensino superior vou às turmas... TOV2*

Apesar de haver muitas turmas, há uma aproximação do TOV aos alunos, apostando numa relação de contacto direto com as turmas.

*«No 11.º também fazemos sessões de esclarecimento de exames, mas não tanto de orientação, embora também tenha... Antes de vir, tive aqui três alunos do 12.º ano que estão a trabalhar comigo no seu processo vocacional, mas é mais pontual e já são mais os alunos ou os encarregados de educação que solicitam, já não sou eu que vou às turmas iniciar esses processos.» TOV2*

Trabalhar com os alunos o seu processo vocacional, deste modo, Jordaan, 1963, cit inTaveira & Königstedt, 2010, revela-nos que a «exploração vocacional» estimula uma relação recíproca do EU e do mundo, permitindo o conhecimento de si próprio, permitindo um espaço de consciência da realidade, de como a experiência e uma autorreflexão do sujeito, que promove o desenvolvimento do que quer e do que faz.

#### b) Preocupações dos alunos

*«A preocupação é o emprego, a grande preocupação... Coisa que nós dantes não ouvíamos muito, o desemprego, mas agora é a grande preocupação... Sempre houve a preocupação do curso cujo o ordenado fosse bom e era muito por aí, agora não. Agora a grande preocupação é se este curso tem ou não tem saídas profissionais.» TOV2*

*«Ainda pior. Isso é uma preocupação que eu noto que é geral. Se há emprego, se não há emprego. Depois, há miúdos que chegam aqui e já sabem praticamente que querem ir para Ciências e depois querem fazer o Mestrado e a seguir o Doutoramento. Conhecem já, relativamente bem o sistema de ensino.» TOV1*

*«É difícil de generalizar porque chegam aqui miúdos com maturidades e conhecimentos das profissões bastante diferente. Agora, nesta altura, há uma preocupação que é quase geral para todos, é: «e há emprego nessa área, esse curso tem emprego?» Porque eles ouvem falar no desemprego, há essa... isso é quase geral, eles querem... coisa que há 10 anos eles não pensavam, se aquilo dá emprego, se não dá emprego, era eu que que dizia: «mas vê lá, nessa área já começa a ser um pouco difícil e esse curso já está um bocado sobrelotado», História já não é de agora, há cursos que há muito tempo que é muito difícil arranjar emprego. Na área de Serviço Social já há bastante tempo, não é?» TOV1*

As preocupações que os alunos trazem com as questões de emprego tornam-se a maioria das suas inquietações, ressalvando que anteriormente não era uma preocupação sentida pelos alunos, e agora é verbalizada pela maioria, e a escolha profissional deles é ponderada também com as saídas profissionais das profissões.

c) Testes Psicotécnicos

*«Nessas sessões, para além dos testes psicotécnicos... A tal primeira sessão eu explico-lhes, mostro-lhes quais são as alternativas que têm depois do 9.º ano. Falamos nos cursos científico-humanísticos, nos cursos profissionais, os artísticos especialidades, para eles perceberem o que é que há. Nessas sessões para além dos testes, vamos perceber então como é que funciona os vários cursos, quais são as saídas profissionais, escolares... tentando conhecer-se a si próprio, perceber quais são as suas características e se se adaptam ou não aos cursos e porque não. Mesmo em termos de aptidões, o que é que poderão fazer, se há alguma coisa a mudar, um bocadinho por aí.» TOV2*

Os técnicos de orientação vocacional, nas sessões também transmitem informações aos alunos sobre os vários cursos, as saídas profissionais ou escolares, e um espaço reflexão sobre si próprios (autoimagem), características lhes inerentes e aptidões. Então, torna-se importante que os jovens não escolham uma profissão para cujo exercício não tenham aptidões e onde encontrarão diversidades constantes, mas que também não escolham o caminho dos outros, por ser o mais óbvio, como por exemplo, o caminho das escolhas profissionais dos pais, (Marden, 1943: 24).

*«Os testes psicotécnicos: fazemos testes de interesses e testes de aptidões. Para perceber quais são as áreas que gostam mais, mas aquelas em que têm mais facilidade.» TOV2*

Realização de testes psicotécnicos, testes de interesse e aptidão, como instrumentos no auxílio, como expectativa de um resultado relacionado, com o perfil do aluno, como futuro profissional.

*«Um teste de interesses pelo menos e alguns testes de raciocínio, mas o foco não era isso. Há medida que os horários dos alunos foram ficando mais direitinhos, eles praticamente não têm nenhum tempo livre na Escola, a não ser a hora do almoço, estão muito sobrecarregados e a partir do momento em que passou a haver aulas de substituição eles já não têm paciência para estar aqui muito tempo, eles querem fazer os testes e irem-se embora com um resultado, de preferência. (...) Nessas sessões trabalho os valores deles, as aspirações, as motivações para... o que é que os faz mexerem, o que é que eles querem, o que é que eles sonham.» TOVI*

O técnico faz testes de interesse e de raciocínio Neste processo de avaliação, os psicólogos têm uma panóplia de ferramentas que auxiliam na recolha de dados, como inventários psicométricos. A orientação vocacional vai ao encontro da autoavaliação, ou seja, das capacidades e inclinação do indivíduo para determinado papel de trabalho, proveniente da relação da informação ocupacional e ajustamento entre as mesmas. As capacidades traduzem-se naquilo que o indivíduo «pode fazer» e a inclinação do mesmo traduzem os seus interesses debruçando-se pelo que este «gosta de fazer», (cf. Jordaan, 1963, cit in Taveira & Königstedt, 2010). Nas sessões, o técnico, ainda se trabalha as aspirações, valores e as motivações, sendo importante abordar duas vertentes gerais, em que se avaliam os interesses ou preferências vocacionais dos indivíduos. A primeira elabora-se através dos interesses em papéis genéricos de trabalho, como mecânica, ciência, literatura, serviço social, entre outras. A segunda foca-se na correspondência entre traços do eu vocacional com os papéis específicos ocupacionais, através da avaliação do grau de características semelhantes com os trabalhadores empregados em questão. (cf. Jordaan, 1963, cit in Taveira & Königstedt, 2010)

*«Ou porque mudaram completamente de ideia e pode fazer sentido voltar a fazer algum tipo de teste, ou uma entrevista em profundidade. Nós podemos orientá-los dando informação que temos ou dar pistas e construir com eles sobre o conjunto de coisas que têm de fazer para se informarem melhor sobre o que querem. Depois no 12.º ano eles fazem uma coisa, já no final de março, em que se pretende que eles sejam sombra de um profissional, não é bem sombra que nem sempre isso é possível, e porque eles são cento e tal, e isto já é uma coisa louca que já envolve 30 ou 40 empresas.» TOV3*

Há a realização de testes ou entrevistas, quando os alunos mudam de ideias perante as escolhas que já efetuaram. Há também a experiência de passarem um dia com um profissional, para observarem o desempenho profissional diretamente.

## 12.2 Perfil de um jovem que escolhe Serviço Social, pelo olhar dos TOV

Como será definido o Assistente Social por quem não é de Serviço Social? Tentámos, então conhecer qual é a imagem da profissão e do profissional, para os TOV.

**Questão** - Se tiver que traçar um perfil para um futuro Assistente Social que características tem este de ter?

**Conceito:** o perfil dos jovens que escolhem SS

a) Característica do jovem que quer escolher o SS

*«Conheço. Sim, pelo menos tem que ter um interesse pelos outros, por ajudar os outros, que é comum a algumas profissões, como a Psicologia, a Medicina um bocado, embora a motivação para ir para Medicina me pareça muitas vezes que não é bem a mesma, mas enfim... Sim, acho que tem que ver com esse gosto de ajudar as outras pessoas e por ser sensível às carências das outras pessoas. É que muitas vezes há pessoas que querem trabalhar com as pessoas e que gostam de trabalhar com as pessoas mas mais numa relação, por exemplo, de Relações Públicas, de Publicidade, toda essa parte. Penso que o Serviço Social tem a ver mais com essa vontade de ajudar, a preocupação com os problemas sociais.» TOV1*

*«Há alunos que querem seguir, alunos que gostam de ajudar os outros, o que valorizam é exatamente o trabalho com os outros e o apoio aos outros. O Serviço Social surge muito relacionado com a Psicologia e sobretudo em alunos de línguas e humanidades, não tanto em alunos do científico-humanístico, embora também possa surgir, mas é sobretudo em alunos de línguas e humanidades. Há mais alunos interessados no Serviço Social no 9.º ano do que depois no 12.º. Ou seja, a ideia que têm do curso e do que se pode fazer é melhor no 9.º ano do que depois no 12.º ano. Embora ultimamente também não tenha facilitado muito a questão das oportunidades de trabalho. Eu já estou nesta escola há cinco anos, já saíram daqui da escola alunos que eu “apanhei” no 9.º ano, há mais, alunos no 9.º ano a referir o Serviço Social do que depois no 12.º a escolher efetivamente o Serviço Social. Sim, podem ser dentro da área da Psicologia, aquela que é a mais próxima. Reabilitação, Terapia, o apoio ao outro, a enfermagem, no caso das ciências.» TOV2*

O técnico de orientação vocacional identifica, características inerentes ao aluno que escolhe SS, tais como

- gosto de ajudar as outras pessoas;
- ser sensível às carências das outras pessoas;
- ter vontade de ajudar;
- a preocupação com os problemas sociais;
- o trabalho com os outros ;
- o apoio aos outros;

Existem um conhecimento prévio do que é o SS, ou do que é necessário para desempenhar as funções de Assistente Social. Confirmando, as representações que os alunos identificaram sobre o SS, no Capítulo 9 deste trabalho, bem como a referência de características que os professores de SS evidenciaram como sendo necessárias para alguém que escolhe SS.

### 12.3 A existência de vocação para o Serviço Social, na visão dos TOV

**Questão** - Pensa que a escolha do curso de Serviço Social exige ter uma vocação específica?

**Conceito:** a vocação para o SS

**Dimensões:**

Existência de uma vocação em SS

*«Como uma vocação? Acho que não existe propriamente uma vocação, existe uma pessoa com uma personalidade que tem potencialidades para muitas profissões e que depois é um bocado o acaso. O acaso dos encontros que tem, das oportunidades que tem, que fazem com que essa pessoa vá por um caminho e não vá por outro.» TOV1*

O técnico não refere a existência de uma vocação, mas sim um aluno com uma determinada personalidade, com potencialidades para diversas profissões, e que depois é uma escolha que pode ter ou não oportunidades para se afirmar.

*«Pessoas que gostam de ajudar os outros, que gostam de estar com os outros, que gostam de se relacionar com os outros que têm boas competências a nível linguístico...» TOV2*

A vocação relacional associada à ajuda ao outro, de alunos que revelam ter competência a nível linguístico, também.

*«Este ano temos uma aluna que vai estar com uma colega vossa, da área do SS, e vai estar também um dia na maternidade Alfredo da Costa com uma psicóloga, um bocadinho para ela perceber a diferença das duas áreas e poder ter a oportunidade de falar com elas, sair fora da escola e ouvir novas vozes. Com base naquilo que fazem, eles recolhem informação nas empresas e elaboram um poster onde falam quer da profissão, quer da licenciatura que dá acesso a essa profissão.» TOV3*

A TOV faz referência a uma aluna que se encontrava indecisa entre o SS e a Psicologia, tendo um dia para experienciar com um profissional de cada área e verificar se a prática que vai observar se adequa com aquilo que são os seus objetivos futuros.

### **12.3 Orientação vocacional como experiência pessoal dos docentes, enquanto antigos alunos, no processo de escolha de um curso/profissão**

**Questão** – Teve alguma experiência de Orientação Vocacional?

**Conceito:** *Orientação Vocacional* dos docentes enquanto antigos alunos

a) Orientação vocacional e SS – Diferentes perspetivas do percurso pessoal

*«(...) Tive, mas não deu para nada disto, dava-me para coisas como piloto de aviões e engenheira mecânica. Portanto, nada para esta área.» PSS2*

Existe a necessidade de um processo de orientação a nível das escolhas e opções ou a preferência pelo prolongamento da vida escolar, (cf. Marden, 1943), apesar de o processo de orientação vocacional da docente não ter surgido o SS como uma possibilidade, este pode ter contribuído para uma reflexão sobre o conhecimento das suas própria individualidade, (cf. Armstrong & Rounds, 2008 cit in Saavedra, Luísa Maria e tal, 2008).

*«(...) lembro-me de no final do 12.º fazer, mas não foi na escola, foi num gabinete privado. Na altura foi uma amiga que me propôs, e eu achei que não trouxe nada de interessante, mas ela disse: «se estás indeciso e não sabes bem o que queres seguir, se calhar não perdes nada» e foi um bocadinho por aí. E graças a Deus que fui fazer, e ainda guardo esse relatório, e lembro-me que no relatório... fiz os psicotécnicos todos, depois fiz uma entrevista. E foi onde surgiu a hipótese de Serviço Social, e nunca me tinha passado pela cabeça, tendo em conta as características que apareciam no relatório, quer aquelas mais fortes, quer aquelas mais fracas, e depois o perfil que ele me traçou, eu identifiquei-me claramente, e disse: «que se calhar é disto que eu ando à procura», e não sabia o que era, no fundo foi como arrumar uma maneira, foi focar a fotografia, que se calhar andava ali um bocado desfocada. A pessoa tem vontades, tem intuições, tem desejos, mas, aquilo não está bem, e há alguém de repente lhe diz: «olhe isso não é nada do outro mundo, isso é... se calhar é isto». Fui à procura, lembro-me desse relatório, fiquei muito contente, e fui, e comecei a pesquisar, os curricula dos cursos na altura.» PSS2*

O processo vocacional do docente não foi em contexto escolar, foi num gabinete privado, e desse processo surgiu como resultado o SS, e uma correspondência com as expectativas profissionais futuras. Este momento proporciona a abertura à previsão dos resultados e de acontecimentos relacionados com o futuro profissional – a carreira. (cf. Armstrong & Rounds, 2008 cit in Saavedra, Luísa Maria e tal, 2008).

*«Na altura eu frequentei a orientação vocacional aquela, não sei se ainda é, que era oferecida nas escolas no ensino básico até ao 9.º ano. Eu andei lá no gabinete da orientação vocacional e depois mais tarde, acho que foi no 12.º ano que voltei a fazer, já fora da escola, os teste de orientação vocacional e depois uma entrevista. A minha orientação sempre dava para as áreas científicas, e depois era lida por quem interpretava os resultados, se eram áreas científicas então eu devia ir para a parte das ciências naturais, como se não existissem ciências sociais, e era realmente a área da relação interpessoal, da ajuda, etc.» PSS4*

A docente refere o seu processo de orientação no 9.º ano, em contexto escolar, e mais tarde no 12.º, já fora da escola. O resultado foi direcionado para a área das ciências científicas, realçando a área para a relação interpessoal e da ajuda. As questões vocacionais têm de ter em conta uma perspetiva holística do Ser Humano, considerando as variáveis,

individuais relacionais e contextuais, individuais relacionais e contextuais que se relacionam, (cf. Alexandra Barros, 2010)

*«Olhe, na minha altura não houve nada de muito concreto, na altura nós queríamos dispensar os exames para entrar na faculdade. Eu tinha notas e dispensei e depois a minha área era a História e a Filosofia, era o que eu gostava bastante, mas depois já não sei bem como é que foi, já não me lembro, falaram-me na questão do Serviço Social e eu achei que era um trabalho que eu iria gostar de fazer e realmente sempre gostei. Se me perguntar se eu achava que tinha vocação, eu tinha 18 anos, não tinha ideia do que era a vocação. Portanto, o que me entusiasmou na hipótese de ir para o Serviço Social, na altura era privado, não havia escolas públicas, era eu poder trabalhar com pessoas diretamente, para além de aprender teoricamente, mas trabalhar com pessoas. (...) era um Liceu muito exigente e de topo digamos, e tinha lá um professor que fazia orientação profissional, não com os modelos que há agora, se calhar, mas tinha sempre uma conversa com os alunos, para perceber. E na altura quando foi falar com ele, tínhamos de ir todos falar com ele, a não ser aqueles que já sabiam de certeza se iam para Direito, de certeza, ou para Línguas, e os que estavam no limbo que era um bocadinho o meu caso, falei com ele e foi ele que me falou do Instituto de Serviço Social, e depois fui.» PSS3*

Foi num processo de orientação que a docente encontrou a identificação com a possibilidade de vir a trabalhar com pessoas e poder ajudar; surge assim a possibilidade para a escolha de uma profissão, o Serviço Social, a par de outros gostos, como a Filosofia e a História.

Dos quatro docentes entrevistados, todos eles tiveram uma experiência de orientação vocacional. Para dois deles a orientação recaiu sobre o Serviço Social, para os outros só mais tarde fizeram esta escolha.

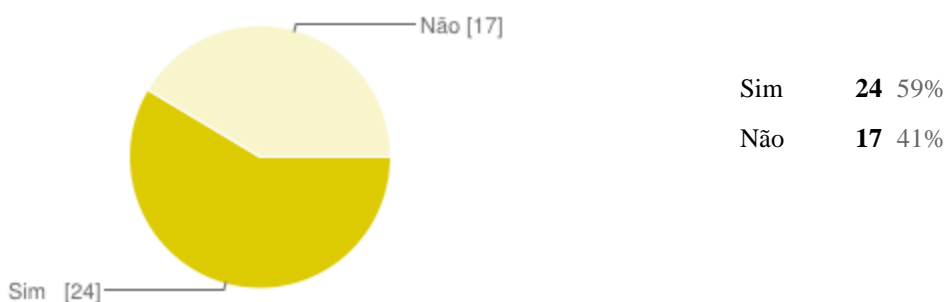
#### **12.4 O processo de Orientação vocacional dos alunos da Licenciatura em Serviço Social, no ano letivo de 2012-2013**

A orientação vocacional refere-se a

*«O apoio no desenvolvimento psicológico dos alunos e à sua orientação escolar e profissional, bem como o apoio psicopedagógico às atividades educativas e ao sistema de relações da comunidade escolar, são realizados por serviços de psicologia e orientação escolar profissional inseridos em estruturas regionais escolares.» LEI DE BASES DO SISTEMA EDUCATIVO – Versão nova Consolidada – 30/08/2005, Lei n.º 49/2005 de 30 de agosto, Capítulo I, Âmbito e princípios, Artigo 29.º – Apoio psicológico e orientação escolar e profissional.*

Pensando que a orientação vocacional dos jovens no ensino secundário pode influenciar a sua escolha por Serviço Social, questionámos os alunos, do ano letivo 2012-2013 quanto a este facto.

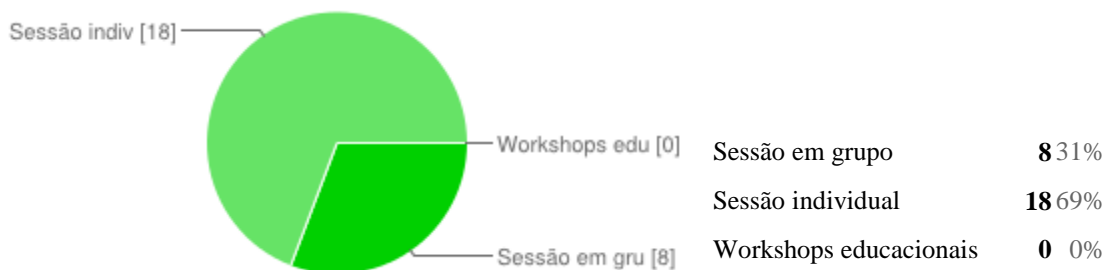
### Testes de Orientação Vocacional



**Gráfico n.º 18** Distribuição dos alunos relativamente à realização de testes de orientação vocacional (dos alunos de 2012-2013)

Todos os 41 alunos responderam a esta questão. Na distribuição dos inquiridos, 24 alunos (59%) dizem que realizaram testes de orientação vocacional e 17 alunos (41%) que não o fizeram.

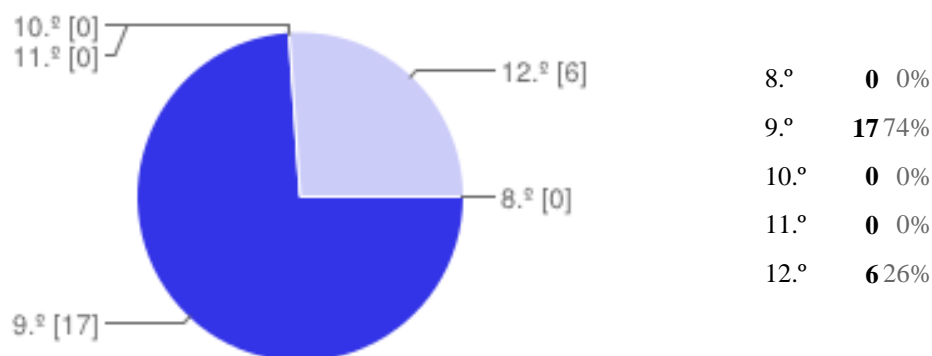
### Sessões de Orientação Vocacional



**Gráfico n.º 19** Distribuição dos alunos relativamente à participação em sessões de orientação vocacional (2012-2013)

Responderam a esta questão 26 alunos. Os 26 dizem ter tido Orientação Vocacional; 18 alunos (69%) dizem que participaram em sessões individuais; realizaram sessão em grupo apenas 8 alunos (31%). Nenhum dos alunos frequentou workshops vocacionais.

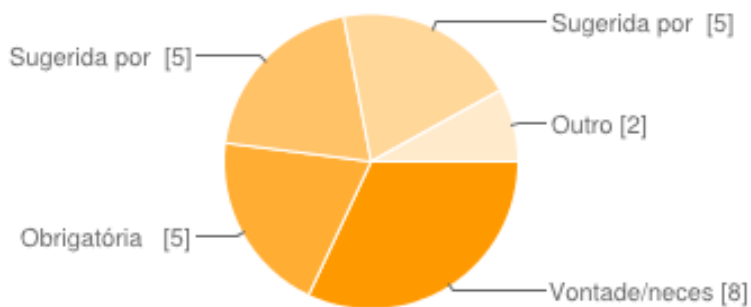
#### Em que ciclo teve Orientação Vocacional



**Gráfico n.º 20** Distribuição dos alunos por ciclo de escolaridade em que tiveram orientação vocacional (2012-2013)

Responderam a esta questão 23 alunos. A maioria dos alunos que tiveram Orientação Vocacional, 17 alunos (74%), frequentou estas sessões no 9.º ano, os restantes 6 alunos (26%) tiveram orientação no 12.º ano.

#### Acesso à Orientação Vocacional

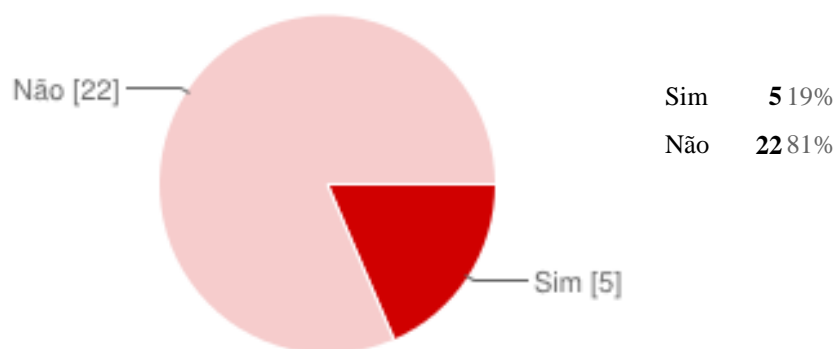


Vontade/necessidade própria	<b>8</b>	32%
Obrigatória	<b>5</b>	20%
Sugerida por familiares ou amigos	<b>5</b>	20%
Sugerida por professor	<b>5</b>	20%
Outro	<b>2</b>	8%

**Gráfico n.º 21** Distribuição dos alunos relativamente ao acesso à orientação vocacional (2012-2013)

Responderam a esta questão 25 alunos. O acesso à orientação vocacional teve, na sua maioria, origem na vontade e necessidade própria, para 8 alunos (32%); para 5 alunos (20%), esta foi uma frequência obrigatória, sugerida por familiares ou amigos, ou sugerida pelo professor. Duas outras formas de acesso foram indicadas por 2 alunos (8%), para estes a orientação foi sugerida pela psicóloga da escola.

#### Serviço Social e Orientação Vocacional



**Gráfico n.º 21** Distribuição dos alunos ao conhecimento do SS no seu processo de orientação vocacional (2012-2013)

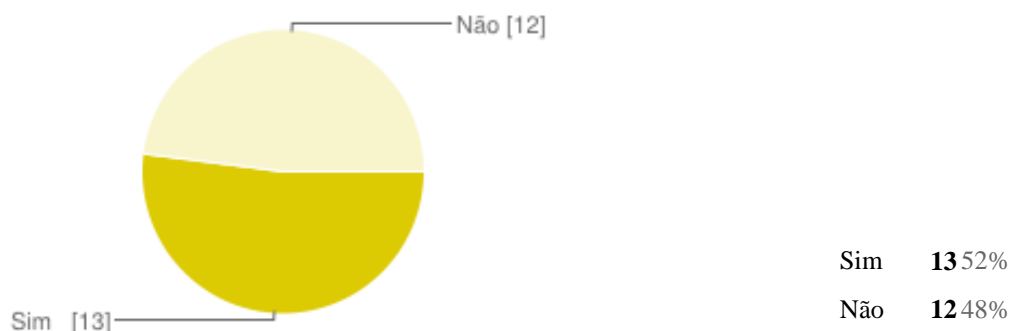
Perguntámos como é identificado ou sugerido o curso de Serviço Social durante o processo de Orientação Vocacional. Responderam a esta questão 27 alunos. Nesta pergunta, verifica-se que dos alunos inquiridos, na sua maioria, 22 alunos (81%), não

tiveram conhecimento do curso de Serviço Social, no processo de orientação, e apenas 5 alunos (19%) o tiveram.

Esta questão é também por nós colocada nas entrevistas realizadas aos Técnicos de Orientação Vocacional.

#### Processo final de Orientação Vocacional

Questionámos os alunos quanto ao facto de a sua vocação ou apetência pelo Serviço Social ter sido identificada na Orientação Vocacional.

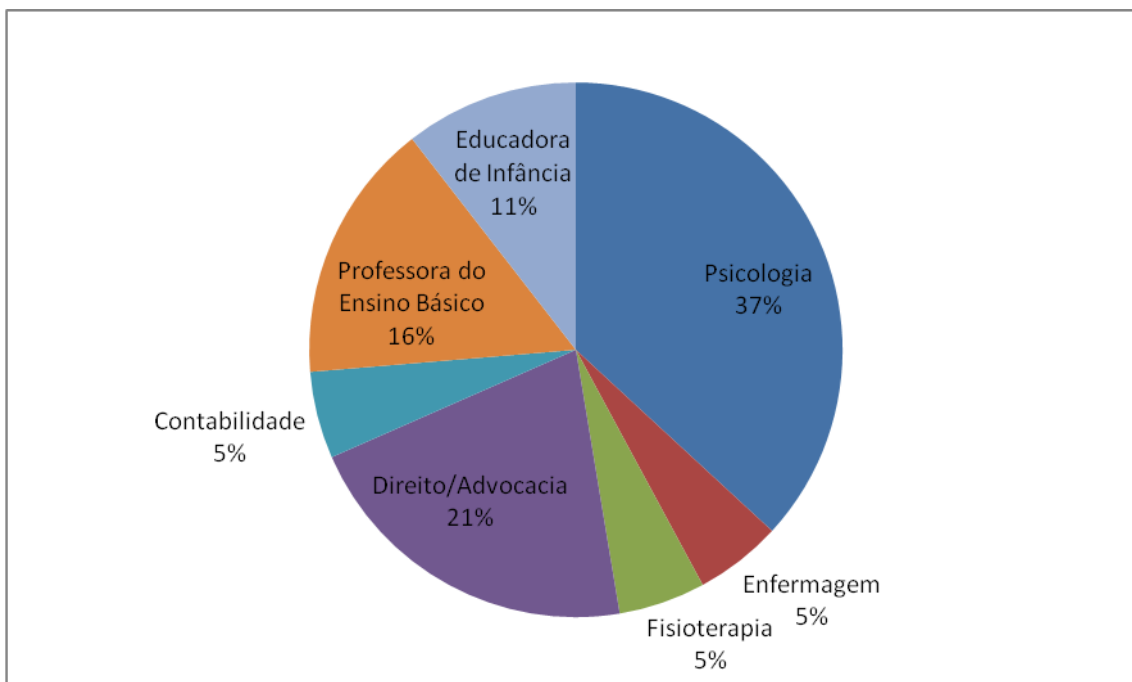


**Gráfico n.º 22** Distribuição dos alunos relativamente ao SS, como resultado no seu processo de orientação vocacional (2012-2013)

O processo de orientação vocacional dos alunos inquiridos revelou a opção profissional do Serviço Social em 13 alunos (52%), não tendo acontecido o mesmo com 12 alunos (48%).

#### Outras áreas profissionais escolhidas

3.3.2 Se sim, que outras profissões surgiram para si como **opção de escolha**, a par do serviço social?



**Gráfico n.º 23** Distribuição dos alunos relativamente ao surgimento de outra opção a par do SS (2012-2013)

As escolhas ou opções possíveis, surgidas conjuntamente com o Serviço Social foram Psicologia, a 7 alunos (37%); Direito/Advocacia, a 4 alunas (21%); Professora do Ensino Básico, a 3 alunos (16%); Educadora de Infância, a 2 alunos (11%) e a 1 aluno (5%) apenas, surgiu enfermagem, fisioterapia e contabilidade, cada uma destas áreas.

## PARTE V – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E RECOMENDAÇÕES

Com a Parte V, deste trabalho, a investigadora pretende responder às questões de investigação, que foram formuladas, no início deste trabalho. Que representações e motivações os alunos têm para a escolha da Licenciatura de Serviço Social? Que expectativas têm os alunos da Licenciatura de Serviço Social, em relação ao curso e à profissão? Que tipos de abordagem estes jovens tiveram sobre o que é o curso de Serviço Social? Existem especificidades na identidade da profissão de Serviço Social?

### CAPITULO 13 Resultados Esperados/ Resultados obtidos

#### 13.1 Que representações e motivações os alunos têm para a escolha da Licenciatura de Serviço Social?

Com esta questão, a investigadora, pretendia apurar as motivações que levam os jovens a escolher SS e identificar como as suas próprias representações do SS influenciam as suas escolhas.

De acordo com Mucchielli (1980), ao falar-se da motivação, torna-se pertinente referir-se também o comportamento do indivíduo. Se o ser humano age de forma condicionada e o seu comportamento tem uma influência exterior, falamos de uma motivação de concepção *situacionista*. Fala-se de uma concepção *empirista* quando o indivíduo é moldado pelo meio, tanto nas suas necessidades como nas suas tendências. É a vivência e a experimentação da vida que torna o indivíduo diferente. Mas existem também condicionantes internos do indivíduo, inerentes a este desde o seu nascimento; como motivações inatas temos: a admiração, o amor, ódio, a alegria e a tristeza, numa concepção *inatista*. No entanto a motivação depende tanto de condicionantes internas como externas, da ligação entre pessoa e meio, sujeito e objeto, esta é a concepção *interaccionista*.

Todas estas interpretações aparecem identificadas nas escolhas dos alunos de Serviço Social.

As dimensões encontradas, para resgatar as diferentes concepções foram várias, como a visão do SS como ética de ajuda; a visão de uma vocação – sentir-se vocacionado para a profissão/realização profissional, na escolha por SS; o interesse e gosto pela profissão,

pelas funções e práticas da mesma; as experiências positivas de voluntariado, as referências de familiares para o SS, influenciaram de forma direta as próprias concepções dos alunos para o SS e conseqüentemente pela escolha do mesmo; um saber disciplinar; uma prestação de serviços; uma relação de ajuda a outros, uma relação de mediação, ação política, intervenção coletiva; SS como profissão; SS como saber disciplinar; SS como técnica; SS como vocação; SS como ética de ajuda; SS como ação política; SS mais que assistência: serviço, área de ação, tarefa, de relação com pessoas

As motivações foram diversas, ressaltando que foram de encontro com as hipóteses formuladas anteriormente e explicadas pela investigadora. A ressaltar que estas motivações englobam a diversidade dos grupos de alunos, que optaram por SS, tanto no ano letivo de 2000-2001, bem como no ano letivo de 2012-2013. Os professores de SS entrevistados também corroboraram estas motivações para a escolha da Licenciatura em SS, tendo em conta a sua experiência enquanto antigos alunos e o seu processo de escolha. As motivações comuns foram, as seguintes: ter conhecido um ideal tipo/pessoa de referência como Assistente Social; ter gosto em ajudar o outro, sentir vocação para o auxílio aos outros; experiências positivas de voluntariado; opções políticas (filiação partidária, simpatia ideológica, convicções pessoais, entre outras); questões religiosas (estar ligado a grupos ou ações duma Igreja) e ainda a vontade/oportunidade de resolver problemas e “querer mudar o mundo”.

13.2 Que expectativas têm os alunos da licenciatura de Serviço Social, em relação ao curso e à profissão de Serviço Social e de que modo estas são correspondidas ou não no final do curso?

A profissão pressupõe uma «qualidade de serviço que exige um controlo científico da formação e um controlo ético da prática profissional, os quais são assegurados pelo coletivo de pares, uma vez que apenas os pares, através de associações que reúnem todos os membros, podem constituir-se como garante da qualidade da formação e do valor das prestações profissionais», (Rodrigues, 2012 14). A profissão distingue-se por existir um corpo profissional que domina um conjunto de saberes especializados, por ter competências técnicas, por defender um código deontológico e por ocupar um lugar de reconhecimento face ao Estado, face à sociedade e face aos seus pares.

Esta questão só foi possível de tratar, no grupo de alunos de SS do ano letivo de 2000-2001. Estes alunos associam as expectativas face ao curso, a melhorar o conhecimento da

realidade social, a poder ajudar pessoas (ética), à obtenção de conhecimentos teóricos para ajudar outros, ao exercício prático e contacto com situações, às experiências de vida e realização pessoal, ao melhoramento da competência profissional, a uma ação política para resolução de situações coletivas, e por último, a uma realização pessoal e profissional que se identifica com o seu próprio projeto de vida.

13.3. Que tipos de abordagem, estes jovens tiveram sobre o que é o curso de Serviço Social, em que consiste e que saídas profissionais faculta?

No processo de orientação vocacional é explicado anteriormente o trabalho desenvolvido pelo TOV, nas escolas com os jovens, de modo a encontrar o seu perfil e a levá-los a conhecer esta e outras saídas profissionais. Denotou-se um conhecimento do que é o SS, apesar de redutor, o fundamental e a essência do que é a profissão de Assistente Social, é de conhecimento geral, identificando-se a profissão com uma profissão de intervenção social e construção da relação. As características encontradas nos jovens que escolhem SS, pelos TOV, foram: gosto de ajudar as outras pessoas; ser sensível às carências das outras pessoas; ter vontade de ajudar; a preocupação com os problemas sociais; o desejo de trabalhar com os outros e o apoiar os outros.

A vocação foi uma temática bastante difícil de conceptualizar e juntá-la ao SS, nem sempre foi pacífico. Os alunos referem a palavra vocação na escolha para o SS, inúmeras vezes e esta tem um peso grande para estes atores, tanto os do ano letivo de 2000-2001 como os de 2012-2013. A vocação aparece associada tanto a razões subjetivas quanto objetivas. Os comportamentos dos alunos indicam quer escolhas pessoais, ligadas a convicções e crenças, associadas à ajuda e à dádiva; quer o desejo e a vontade de resolver problemas, adquirir conhecimentos e competências para intervir e realizar mudanças na sociedade. A vocação mais referida, era uma vocação construída, ou consolidada com a experiência, com a teoria e a prática que envolvem a profissão.

Não foi consensual a existência de uma vocação para ser AS, mas todos referiram que o perfil de aluno de SS tem de ter determinadas características, como relacionais, comunicacionais, empáticas, o gosto pelo trabalho com pessoas e o empreendedorismo. Percebe-se que deve haver diferentes tipos de vocação e que estes dizem respeito às diferentes áreas de intervenção que o trabalho social permite.

No que diz respeito aos TOV também não foi consensual saber se o SS requer uma vocação, pois falou-se em apetências e no desenvolvimento das potencialidades que cada aluno traz consigo, tendo em conta a sua personalidade mas também o meio envolvente e a diversidade de oportunidades.

### **13.3 Especificidades duma escolha por Serviço Social**

De acordo com a transversalidade de todas as questões que se referem ao Serviço Social podemos sintetizar algumas particularidades.

a. O Serviço Social é percebido como: disciplina e área de saber; profissão e corpo de profissionais; prestação de serviços; missão ética e política,

b. Os alunos escolhem serviço social porque: querem ter conhecimentos e treinar competências para ajudar outros e estar mais próximo das situações e dos problemas; ter uma profissão que os realiza pessoalmente e profissionalmente porque faculta a relação com indivíduos, grupos e comunidades, a resolução de problemas sociais e a intervenção na sociedade.

### **13.4 As limitações da investigação**

A investigadora encontrou diversas limitações ao longo do trabalho. Primeiramente a definição do que pretendia investigar foi difícil, pois havia diferentes temas que gostaria de desenvolver. Por exemplo, descobrir a relação de benefício/prejuízo dos alunos que frequentam cursos profissionais e tecnológicos, e cursos pós-secundários – os CET. Que contributos pode trazer para estes alunos a experiência teórica e prática adquirida nestes cursos? Estarão estes cursos desfasados dos conteúdos adquiridos na Licenciatura em SS?

Outro tema de interesse prendeu-se com a questão dos *curricula* nas várias Licenciaturas em Serviço Social serem tão díspares, não só nos conteúdos programáticos, mas também na sua duração. Será que essa diferença nos curricula pode interferir na definição das identidades dos Assistentes Social? Ou abriremos uma discussão em torno da formulação de identidades verdadeiras vs identidades falsas? Qual será o critério?

Então, esta dificuldade tornou-se na delimitação do tema e do seu afunilamento. De seguida encontraram-se hesitações no procedimento de pesquisa e revisão da literatura. O processo tornou-se numa tarefa árdua, com o objetivo de incluir autores relevantes na

temática abordada e com a necessidade de realizar uma seleção de informação pertinente para o quadro teórico (nem muito abrangente, nem deficitária).

Outro momento de reflexão deu-se quando da identificação da população-alvo. Não seria possível entrevistar todos os alunos de todos os cursos de SS da cidade de Lisboa. Escolhemos então os alunos da Licenciatura UCP. Uma das fragilidades sentidas foi a pouca participação dos alunos no preenchimento do questionário (49,2%), apesar da sensibilização ter sido feita através do contacto direto, da investigadora, com os alunos que constituíam a população-alvo.

Relativamente aos informantes-chave, o contacto com os Orientadores Vocacionais de algumas escolas não teve o sucesso esperado. Além da demora, houve respostas que impossibilitaram a realização de entrevistas. Porém com aqueles que responderam afirmativamente apenas surgiram dificuldades na conjugação das disponibilidades de horários entre a investigadora e os entrevistados.

No que diz respeito ao acervo documental, constituído pelos questionários de 2000-2001, a investigadora não colocou a hipótese da transcrição e análise dos dados ser tão morosa, dificultando o processo de gestão do tempo para a conclusão doutros procedimentos desta investigação.

Por fim a escrita dos resultados levou-nos a reformular a disposição dos dados e a forma como os transcrevemos e interpretamos.

## **Conclusão**

O tema deste trabalho define-se pelas escolhas, motivações e representações dos alunos da Licenciatura em Serviço Social. Por isso, sentiu-se a necessidade de construir uma primeira parte sobre o percurso académico de SS em Portugal, descrever o seu percurso histórico a nível académico, em geral. Em particular falamos do surgimento do percurso da Licenciatura em SS na FCH-UCP, a evolução dos *curricula* desde o seu início em 1996-1997 até 2012-2013, tendo em conta o processo de Bolonha. Referindo ainda, o perfil dos novos alunos da FCH-UCP, afunilando para o perfil dos alunos da Licenciatura em SS, da FCH-UCP, tendo em conta a caracterização dos mesmos, do ano letivo de 2012-2013.

O Serviço Social tem hoje uma expressão ao nível do ensino superior, quer através do politécnico, quer do universitário. Existem à data 22 licenciaturas de Serviço Social em todo o país e em 5 Universidades da cidade de Lisboa, são ministrados os três ciclos de ensino. Não foi possível apurar sobre o número efetivo de alunos a frequentar os três ciclos em Lisboa. O reconhecimento do grau académico com a atribuição da Licenciatura em 1990 evidenciou o reconhecimento da profissão através da criação da carreira de técnico superior de Serviço Social.

A Universidade Católica Portuguesa é pioneira na criação da primeira licenciatura de Serviço Social numa Universidade, em 1996. É também pioneira na abertura do 2.º e 3.º ciclos do ensino superior, funcionando o Mestrado e o Doutoramento em Serviço Social, desde 2003.

Há um decréscimo de alunos na Universidade, verificando-se que no ano letivo 2000-2001 frequentam o curso de Licenciatura em Serviço Social 321 alunos, sendo 292 do género feminino e 29 do género masculino. No ano em que se efetua esta pesquisa, em 2013, frequentam esta licenciatura 83 alunos, sendo 76 do género feminino e 7 do masculino. Há a considerar que a primeira licenciatura tinha cinco anos curriculares (10 semestres) e a atual apenas 7 semestres.

Os motivos que levam os alunos a escolher o curso de Serviço Social na Universidade Católica estão relacionados com, o apoio socioeconómico que é facultado através do GAPPA, a diversidade de disciplinas que constituem os *curricula*, a qualidade dos docentes e do ensino, a imagem de excelência que a UCP tem no exterior e junto do mercado de

trabalho por criar uma relação com as entidades empregadoras, e também a sua localização na cidade e a facilidade de acessos.

A Parte II diz respeito ao quadro teórico de referência que se constitui após revisão da literatura. Um primeiro marco teórico versa sobre as culturas juvenis; o conceito de juventude; os seus marcadores de passagem; a relação que os jovens estabelecem com a escola, não esquecendo as questões de género, e da empregabilidade jovem e os novos públicos do ensino superior em Portugal.

Cruzando este referencial com os dados apurámos que a maioria dos alunos tem como “marcador” cultural e identitário uma experiência de contato e proximidade com os grupos-alvo da intervenção do serviço social. As narrativas falam de vivências anteriores em voluntariado ou em contato com Assistentes Sociais que despertaram para a necessidade de ajudar a resolver os problemas e a ter uma intervenção na sociedade.

Quanto à relação com a escola, a maioria dos alunos frequentou a área de ciências linguísticas e humanidades. Podemos interligar as disciplinas estruturais com as competências tidas como necessárias para o Serviço Social, fluência de linguagem escrita e oral, capacidade de relacionamento e comunicação, disponibilidade e vontade para ajudar outros, etc. Tanto os professores entrevistados, como metade dos alunos participantes em 2013, dizem ter tido Orientação Vocacional durante a frequência do ensino secundário.

Quanto à identidade, escolhas académicas e profissionais dos jovens; os atuais desafios dos jovens recém-licenciados na inserção da vida ativa, os jovens identificam o Serviço Social como uma profissão de realização pessoal e concretização dos seus desejos de trabalhar com pessoas e intervir na sociedade, através da prática da intervenção

Relativamente à orientação vocacional, tendo em conta as escolhas dos jovens e as suas opções vocacionais, bem como a existência de uma possível vocação para a profissão de SS, a maioria dos entrevistados identifica que tem uma vocação e uma apetência especial para ser Assistente Social. Identificam esta escolha pela possibilidade de estarem mais próximo das pessoas e dos problemas sociais, por adquirirem conhecimentos e competências especializadas para criar relações sociais e através da ajuda a outros intervir na sociedade. Os docentes entrevistados vêm de modo diferente a questão da vocação. Estes associam a vocação a questões subjetivas, como a concretização de valores morais e éticos e o gosto de proximidade e contato com pessoas para poder ajudá-las. As dimensões objetivas da vocação aparecem ligadas à identificação com as maneiras de ser e agir do

grupo profissional, de Assistentes Sociais, vendo estes num lugar de mediação entre o Estado e a sociedade que pode ajudar a resolver problemas e a propiciar qualidade de serviços e bem-estar.

Referindo a conceptualização do conceito de profissão e de identidade profissional, situamos a polémica que se coloca face ao Serviço Social e à identidade profissional dos Assistentes Sociais, a partir dos discursos dos alunos. Estes identificam o SS como uma profissão que possui um corpo de saberes periciais, a que correspondem competências técnicas e profissionais especializadas, concretizadas na intervenção social, através da relação com os utentes e a mediação com os poderes instituídos. O Assistente Social é percecionado como o mediador entre o Estado, o mercado e a sociedade civil, mas também como o profissional da relação de proximidade.

No que concerne às motivações que fundamentaram as escolhas dos alunos da licenciatura em Serviço Social do curso da Licenciatura de Serviço Social da FCH-UCP, em 2000-2001 e em 2012-2013, estas são de conceção tanto situacionista, como empirista e interacionista; as imagens interiores e exteriores sobre a profissão estão ligadas a vivências próprias ou ao testemunho de familiares e amigos, a experiências de grande proximidade com as situações sociais, à procura da concretização de valores e projetos individuais e coletivos para proporcionar uma vida melhor e criar qualidade.

Falando dos objetivos específicos sobre a identificação das representações sobre o Serviço Social, os alunos reconhecem as suas diferentes dimensões: como disciplina das ciências sociais e humanas, com conhecimentos especializados; como profissão de intervenção junto de indivíduos, grupos e comunidades, e defender os seus direitos e resolver necessidades; como missão ética de ajuda ao outro, como ação política para realizar a mediação com o Estado e o mercado e empreender ações coletivas. Os alunos consideram também que o Serviço Social os realiza como pessoas por permitir concretizar os seus sonhos e desejos de “ajudar os outros” e atuar coletivamente na sociedade.

Tendo em conta o perfil destes jovens, os alunos de 2000-2001 identificam as características de caráter e personalidade ligadas a competências relacionais, facilidade de expressão e comunicação, flexibilidade para operacionalizar conhecimentos teóricos e práticos, gosto pela proximidade e pela atividade situada no terreno, o sonho e o desejo de “mudar o mundo”. Estes atributos e competências são também indicados pelos docentes e pelos TOV quando identificam os traços da identidade profissional do AS.

A investigadora espera que este trabalho de investigação possa contribuir para a implementação de novas estratégias na Orientação Vocacional bem como abrir pistas quanto ao recrutamento de novos alunos para o Serviço Social. Não foi possível, tal como desejávamos, apresentar recomendações de abordagem aos jovens, que sejam mais eficazes para o reconhecimento e captação de novos alunos para o Serviço Social.

## **Bibliografia**

- Amaro, Maria Inês (2009), «Identities, uncertainties and tasks of Social Work contemporary», *Locus SOCI@L*, 2, Lisboa: Universidade Católica de Lisboa, pp. 29-46
- Amaro, Maria Inês (2009), *Urgências e emergências do serviço social, contemporâneo: contributo para a discussão dos fundamentos da profissão*, tese de candidatura à obtenção ao grau de Doutor em Serviço Social da Universidade Católica de Lisboa, orientada pelo Professor Doutor Vicente de Paula Faleiros
- Ander-Egg, Ezequiel (1995), *Introdução ao Trabalho Social*, Petrópolis: Editora Vozes.
- Ball, Marcel Bolle De, (2000), *A Realização, desafio crucial para o trabalho social, Soulet, da Não Integração*, Coimbra: Quarteto.
- Barros, Alexandra (2010), «Desafios da Psicologia Vocacional: Modelos e intervenções na era da incerteza», *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 2, pp. 165-175
- Branco, Francisco (2009), «A profissão de assistente social em Portugal», *Locus SOCI@L*, n.º 3, Lisboa: Universidade Católica Portuguesa de Lisboa, da Faculdade Ciências Humanas, pp.61-89.
- Branco, Francisco; Fernandes, Ernesto (2005), «O Serviço Social em Portugal: Trajetória e Encruzilhada», Lisboa (original: Branco, Francisco e Fernandes, Ernesto. *Le service social au Portugal: trajectoire et enjeux*, in Jean-Pierre Deslauriers; Yves Hurtubise (dir.). *Le travail social International. Éléments de Comparaison*, Canadá, Les Presses de l'Université Laval), p.165-186.
- Cruz, Clara Santos, (2011) *Profissões e Identidades Profissionais*, Coimbra: Imprensa Universidade de Coimbra.
- Dayrell, Juarez (2003), «O jovem como sujeito social», *Revista Brasileira de Educação*, 24, Minas Gerais: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, p.40-52.
- Dubar, Claude, (1997), *A Socialização, Construção das Identidades Sociais e Profissionais*, Porto: Porto Editora.
- Faleiros, Vicente de Paula (2002), *Estratégias em Serviço Social*, São Paulo: Cortez.
- Fernandes, Ernesto; Marinho, Manuela; Portas, Manuela (2000), «O Serviço Social na Europa. A Experiência Portuguesa.» *Intervenção Social*, 22, Lisboa: ISSSL, pp.131-147.
- Ferreira, Jorge (2008), «O Papel do Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa- ISSSL», *Intervenção Social*, 32-34, Lisboa: Universidade Lusíada, pp.35-54

Ferreira, Maria (2009), «Serviço Social e Sociedade, Cumplicidades e Interações: contributos para uma análise da produção académica portuguesa no período de 1936 a 1972», Revista de Serviço Social e Política Social, 23, Rio de Janeiro: Faculdade de Serviço Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, pp. 161-190

Giddens, Anthony (2007), Sociologia, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Grácio, Sérgio (1998), «Ensino Privado em Portugal: Contributo para uma discussão» Sociologia - Problemas e práticas, 27, Lisboa: CIES-ISCTE / CELTA, pp. 129-153

Granja, Pereira Berta, (2008), Assistente Social – Identidade e Saber, Dissertação de Candidatura à obtenção ao grau de Doutor em Ciências do Serviço Social da Universidade do Porto, orientador Doutor Telmo Humberto Lapa Caria

Guerra, Isabel (2002), Fundamentos e Processos de Uma Sociologia de Ação. O Planeamento em Ciências Sociais, Cascais: Princípiã.

Jodelet, Denise (2001), As Representações Sociais, Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Kammerman, Sheila, (1984), Conhecimentos para a prática: ciências sociais no serviço social, in Kahn, Alfred, Reformulação do Serviço Social, São Paulo: Cortez

Kisnerman, Natálio, (1983), Ética Profissional e Serviço Social, Brasil: Vozes

Leitão, Ligia Mexia (2004), Avaliação Psicológica, em Orientação escolar e profissional, Coimbra : Quarteto Editora, 1.ª edição.

Magalhães, António (2003), «As transformações do mercado de trabalho e as novas identidades individuais e coletivas; a reconfiguração do papel do estado e da Cidadania», in João Alberto Correia e Manuel Matos (org.), Violência na e da escola, 1, Porto: Afrontamento, pp. 39-47.

Marden, Orison Swett (1943), A escolha da Profissão, Porto: A. Figueirinhas, Lda. Editores

Markowá, Ivana (2006), Dialogicidade e representações sociais: as dinâmicas da mente, Petrópolis: Editora Vozes.

Martins, Alcina & Tomé, Maria Rosa (2008), «O Estado Atual da Formação em Serviço Social em Portugal – problemas e desafios à organização profissional», 19ª Conferência Mundial de Serviço Social, IFSW e CFESS, Brasil, Salvador – Bahia

Martins, Alcina (2007). «O Processo de Bolonha e a Formação em Serviço Social – questões e problemas», Centro Português de Investigação em História e Trabalho Social, Coimbra: Centro Português de Investigação em História e Trabalho Social, pp. 1 – 2.

Max Weber (1919) A política como vocação, em H. H. Gerth e C. Wright Mills, orgs.

Morin, Edgar, (2001), O Desafio do Século XXI, Religar os conhecimentos, Lisboa: Instituto Piaget

Mouro, Helena (2004), «A Investigação no Serviço Social: Os Anátemas de uma Velha Questão», Interações, 7, Coimbra: ISMT, pp.100-109.

Nunes, Helena (2010), «Serviço Social em contexto: Política Social e Serviço Social», Revista de Investigaciones en Intervención Social, 1 (1), Espanha: ipatia publicações científicas, pp. 59-79

Oliveira, Mácio & Belo, Chantal da Fonte (2007), «Desenvolvimento Pessoal e Orientação vocacional», Diversidades à conquista da Igualdade de oportunidades, 16, Funchal: secretariado regional de educação e cultura da direção regional de educação especial e reabilitação, pp. 20-22.

Pais, José & Vítor Sérgio Ferreira, org. (2010), Tempos e transições de vida: Portugal ao espelho da Europa, Atitudes Sociais dos Portugueses, Lisboa: ICS.

Pais, José Machado, (1993), Culturas Juvenis, Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda.

Pappámikail, Lia (2010), «Juventude(s), Autonomia e Sociologia», Revista de Sociologia, Vol. XX, Lisboa: Departamento de Sociologia da FLUP, pp. 395-410

Passarinho, Isabel (2008). Assistente Social - Percursos e Construção Identitária, Sísifo. Revista de ciências da educação, 6, Lisboa: Universidade de Lisboa, pp. 21-34.

Poupart, j. et al. (2008), A pesquisa qualitativa – enfoques epistemológicos e metodológicos, Petrópolis: editora Vozes.

Robert, Stake, (2012), A Arte de Investigação com estudos de caso, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Rodrigues, Maria de Lurdes (1997), Sociologia das profissões, Oeiras: Celta

Rodrigues, Maria de Lurdes (2012), Profissões – Lições e Ensaios, Coimbra: Edições Almedina S.A.

Rodrigues, Maria Lúcia Org. (1995), O Serviço Social e Perspetiva Interdisciplinar, O Uno e O Múltiplo nas relações entre as Áreas do Saber, São Paulo:Cortez

Saavedra, Luísa Maria et all (2008), «Exploração e decisão de carreira numa transição escolar, Diferenças individuais», Revista Brasileira de Orientação Profissional, 9 (2), Braga: Universidade do Minho, pp. 17-30

Santos, Boaventura de Sousa (2002), Um Discurso Sobre as Ciências Porto: Afrontamento

Santos, Vanice & Candeloro, Rosana (2006), Trabalhos académicos, uma orientação para a pesquisa e normas técnicas, Porto Alegre: AGE.

Silva, Ana Maria Costa (2003), Formação, Percursos e Identidades, Coimbra: Quarteto Editora

Silva, Ângelo; Hirai, Wanda; Guimarães, Gleny; Anchieta, Viviane, (2006), «A prática profissional do Serviço Social português» Revista Virtual Textos & Contextos, 6, Brasil: NEPSTAS, pp. 1-17

Silva, Augusto Santos; Pinto, José Madureira Org. (2007), Metodologia das Ciências Sociais, Porto: Edições Afrontamento

Silva, Cristina Gomes (1999), Escolhas Escolares, Heranças Sociais, Oeiras: Celta Editora, 1.ª Edição.

Silva, José Tomás & Taveira, Maria do Céu, coord. (2008). Psicologia Vocacional: Perspetivas para a intervenção, Coimbra: imprensa da Universidade de Coimbra

Silva, Sofia (2010), Da casa da juventude aos confins do mundo: etnografia de fragilidades, medo e estratégias juvenis, Porto: Edições Afrontamento

Silva, Teresinha Maria Neli; Elias, Marisa Del Cioppo; & Abramowiz, Mere, (1987), A melhoria do ensino nas 1.ªs séries: enfrentando o desafio, coleção temas básicos de educação e ensino, São Paulo: editora Pedagógica e Universitária.

Simões, Pedro (2007), «Religião e política entre alunos de Serviço Social», Religião e Sociedade, 27 (1), Rio de Janeiro: , pp. 175-192

Stake, Robert, 2012, A Arte de Investigação com Estudos de Caso, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian

Strauss, Anselm & Corbin, Juliet. (2008) Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada, Porto Alegre: Artmed.

Taveira, Maria do Céu & Königstedt, Martina (2010), «Exploração vocacional em adolescente: avaliação de uma intervenção em classe», Paidéia, set-dez, vol. 20, 47, Braga: Universidade do Minho, pp. 303-312.

Vala, Jorge & Monteiro, Benedicta, (2006) *Psicologia Social*, Lisboa: Fundação Caloust Gulbenkian

Vala, Jorge, 2006, *Representações Sociais e Psicologia Social do Conhecimento no Quotidiano*, in *Psicologia Social*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Weber, Max (1982), *Ensaio de Sociologia*, Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos

## Webgrafia

<http://www.igf.min-financas.pt>

<http://p3.publico.pt/>

<http://www.dges.mctes.pt>

<http://www.dn.pt>

<http://www.dre.pt>

<http://www.fch.lisboa.ucp.pt>

<http://www.ine.pt>

<http://www.parlamento.pt>

<http://www.ucp.pt>